



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO
CAMPUS DIADEMA



PRISCILA BAPTISTELLA YAZBEK

**LEVANTAMENTO ETNOBOTÂNICO PARTICIPATIVO ENTRE OS
MORADORES DO QUILOMBO DA FAZENDA – NÚCLEO
PICINGUABA, UBATUBA, SP, BRASIL:
diálogos entre os conhecimentos tradicionais e acadêmicos**

Diadema

2018

PRISCILA BAPTISTELLA YAZBEK

**LEVANTAMENTO ETNOBOTÂNICO PARTICIPATIVO ENTRE OS
MORADORES DO QUILOMBO DA FAZENDA – NÚCLEO
PICINGUABA, UBATUBA, SP, BRASIL:
diálogos entre os conhecimentos tradicionais e acadêmicos**

Dissertação apresentada, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências, ao Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Biologia Química do Instituto de Ciências Ambientais, Químicas e Farmacêuticas da Universidade Federal de São Paulo – Campus Diadema.

Orientadora: Profa. Dra. Eliana Rodrigues

Coorientadora: Dra. Priscila Matta

Colaboração: Herbário Municipal (PMSP) -
Secretaria Municipal do Verde do Meio Ambiente –
SP

Este estudo faz parte de um projeto maior intitulado “Etnobotânica Participativa: conservação e desenvolvimento local no Parque Estadual Serra do Mar – Núcleo Picinguaba, Ubatuba, SP, Brasil”, coordenado pela pesquisadora Dra. Eliana Rodrigues e recebe apoio da FAPESP - Programa Biota (processo: 2015/12046-0), e do CNPq - Universal 2016 (400802/2016-3).

Diadema

2018

Yazbek, Priscila Baptistella

Levantamento etnobotânico participativo entre os moradores do Quilombo da Fazenda – Núcleo Picinguaba, Ubatuba, SP, Brasil: diálogos entre os conhecimentos tradicionais e acadêmicos / Priscila Baptistella Yazbek.

– – Diadema, 2018.

178 f.

Dissertação (Mestrado em Ciências - Programa de Pós-Graduação em Biologia Química) - Universidade Federal de São Paulo - Campus Diadema, 2018.

Orientadora: Profa. Dra. Eliana Rodrigues

Co-Orientadora: Dra. Priscila Matta

1. Etnobotânica participativa. 2. Potenciais bioativos. 3. Conhecimentos tradicionais. 4. Conhecimento científico acadêmico. 5. Valorização dos saberes locais.

CDD 581.63

Nome: Priscila Baptistella Yazbek

Título: Levantamento etnobotânico participativo
entre os moradores do Quilombo da Fazenda –
Núcleo Picinguaba, Ubatuba, SP, Brasil: diálogos
entre os conhecimentos tradicionais e acadêmicos.

Dissertação apresentada, como exigência parcial
para obtenção do título de Mestre em Ciências, ao
Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em
Biologia Química do Instituto de Ciências
Ambientais, Químicas e Farmacêuticas da
Universidade Federal de São Paulo – Campus
Diadema.

Aprovada em 25 de julho de 2018.

BANCA EXAMINADORA

Dra. Débora Cristina Castellani
Natura Inovação e Tecnologia de Produtos Ltda

Profa. Dra. Joana Cabral de Oliveira
Universidade Estadual de Campinas

Prof. Dr. Zysman Neiman
Universidade Federal de São Paulo

*Para os moradores do Quilombo da Fazenda
por me ensinaram a dar tempo ao tempo.*

*Para o meu pai, mãe e irmãs
por serem as minhas raízes.*

Agradecimentos

Aos moradores do Quilombo da Fazenda sem os quais nada disso teria sido possível e nem faria sentido. Agradeço por terem aberto as portas de suas vidas, dedicado seus tempos e terem me feito sentir em casa. Em especial, agradeço à Ginacil dos Santos, Silvestre Braga, Rosalina, Luciana Vieira, Sr. Zé Pedro, Luciano Assunção, Camila, Natalina Vieira, Vinturante Assunção, Cida, Dn. Onófria, Cirillio Braga, Dn. Maria, Dn. Carmen, Dn. Mariazinha, Tuta Leite, Conceição, Bruna e Júlia.

À Miriam Baptistella e Tércio Yazbek por sempre me apoiarem em todas as escolhas e por vibrarem em todas as conquistas. À Camila Yazbek e Débora Yazbek por compartilharem tantos ideais e sonhos, somos um pouco de cada uma.

À Eliana Rodrigues por ter me recebido de braços abertos, por ter me permitido participar dessa jornada de grande crescimento e por ter possibilitado tantos encontros. À Priscila Matta pelas ricas discussões e reflexões, pela compreensão e pelas deliciosas empanadas.

Aos queridos companheiros de campo, Stephanie Hoehne, Thamara Sauini, Fernanda Fragoso e Lucas Manfrim, por tantos momentos juntos, tantas trocas, desabafos, pelos melhores rangos e principalmente pela parceria. Agradeço também à Bruno Esteves, Sônia Aragaki, Fernando Cassas, Gabriel Hiotti, Sumiko Honda, Ricardo Garcia, Eduardo Hortal e Luara Granato pelas risadas, aprendizados e, aos botânicos e taxonomistas, pelo apoio ao projeto e pela receptividade de sempre.

À Marina Ghirotto por estar sempre ao meu lado durante essa caminhada. Por todas as conversas, ensinamentos, alegrias e tristezas compartilhadas. Aparentemente as (re) descobertas serão para sempre.

À Michelle Coelho, Laura Carvalho, Bia Vieira e Thays Ishikawa pelas ricas discussões, reflexões filosóficas e pelo caminho da arte. À Luciana Cardoso, Raiana Tossulino, Mariana Oliveira e Bruna Rodrigues pelas deliciosas “rachadas do coco” que me fizeram sentir tão viva e claro, ao Prof. Bruno Duarte.

À Naiana Fernandes e Ana Clara Squilanti pelas indagações e eternos questionamentos. Aos amigos que acompanharam todo esse caminho Marcos Mossi, Barbara Andrade, Antônio Neto, Kyle Kose, Alexandre Crispim, Daniel Yazbek, Wagnão Duarte, Carol Nina, Mariana Bertelli, Stella Fumagalli, Guilherme Julian, Isabella Vigevani, Rebeca Leal, Karolina Azarias, Alan Laudino, Barbara Castoldi e Mariana Burjato.

À Diga Rios por ter despertado o meu interesse no assunto quando eu não fazia ideia dessa possibilidade e à Nathalia Botura por acreditar tanto em mim. Grande parte do que sou é graças a você.

À Selma Yazbek por todo apoio quando eu mais precisei e à Lilian Baptistella pelo interesse de sempre.

À Jimmy Bro por ter mergulhado fundo na realização do filme e à Danilo Pimenta pelas lindas imagens. Deu certo!

Aos queridos companheiros de profissão Thiago Alves, Thiago Braz e Pedro Carlessi pelas conversas sem fim.

À Só Caqui, minha segunda família. Agradecimento especial à Renata Fuga, Christiane Sato, Thamires Marson, Juliana Vicentin e Marcella Sanchez pela confiança e interesse de sempre.

À André Ornelas por ser tão parceiro, por me acalmar e ajudar nos momentos de maior desespero e pela segurança de sempre.

À Zysman Neiman por sempre estar disposto a ajudar. À Eliane Simões e Viviane Kruel pelas contribuições.

Ao Programa de Pós-Graduação em Biologia Química da Universidade Federal de São Paulo por receber essa pesquisa, à Capes e à FAPESP pelo apoio financeiro.

Esse trabalho carrega as reflexões e ensinamentos trazidos por cada um de vocês. Obrigada pelo companheirismo na busca por todas as formas de olhar.

“Ando devagar porque já tive pressa,
E levo esse sorriso, porque já chorei de mais,
Hoje me sinto mais forte, mais feliz quem sabe,
Só levo a certeza de que muito pouco eu sei, ou
Nada sei, conhecer as manhas e as manhãs,
O sabor das massas e das maçãs.
È preciso amor pra poder pussar, é preciso paz
Pra poder sorrir, é preciso a chuva para florir.

Penso que cumprir a vida, seja simplesmente
Compreender a marcha, ir tocando em frente,
Como um velho boiadeiro, levando a boiada
Eu vou tocando os dias pela longa estrada, eu vou,
Estrada eu sou, conhecer as manhas e as manhãs,
O sabor das massas e das maçãs,
È preciso amor pra poder pussar, é preciso paz
Pra poder sorrir, é preciso a chuva para florir

Todo mundo ama um dia, todo mundo chora,
Um dia a gente chega, no outro vai embora,
Cada um de nos compõe a sua historia, cada ser em si
Carrega o dom de ser capaz, e ser feliz,
conhecer as manhas e as manhãs,
O sabor das massas e das maçãs,
È preciso amor pra poder pussar, é preciso paz
Pra poder sorrir, é preciso a chuva para florir

Ando devagar porque já tive pressa,
E levo esse sorriso, porque já chorei de mais,
Cada um de nos compõe a sua historia, cada ser em si
Carrega o dom de ser capaz, e ser feliz esteja”

(Almir Sater)

Resumo

Essa dissertação tem como foco o levantamento de possíveis compostos bioativos, assim como as concepções das doenças e dos tratamentos que envolvem o uso das plantas medicinais, a partir das indicações de uso pelos moradores do Quilombo da Fazenda, localizado no Parque Estadual Serra do Mar – Núcleo Picinguaba, Ubatuba, Brasil. As atividades foram realizadas em conjunto pelos pesquisadores e moradores da comunidade, intitulados colaboradores locais, permitindo a análise das conexões e desconexões entre os conhecimentos científicos acadêmicos e tradicionais, contribuindo para o fortalecimento dos saberes locais e enumerando os potenciais bioativos de acordo com o contexto no qual estão inseridos. O projeto contou com treinamentos oferecidos aos colaboradores sobre a coleta das plantas e dos dados etnobotânicos. Juntamente à equipe técnica, e utilizando métodos e técnicas da etnobotânica, os colaboradores selecionaram e entrevistaram os moradores indicados como os maiores conhecedores dos usos das plantas. Os dados sobre os usos de cada espécie foram anotados em fichas especialmente elaboradas para este projeto e a respectiva planta foi coletada e depositada no Herbário Municipal-SP (PMSP). As entrevistas geraram 279 indicações terapêuticas de 112 plantas com possíveis compostos bioativos. Essas indicações foram agrupadas em 14 categorias éticas de uso, permitindo o aprofundamento dos temas, de acordo com as categorias mais indicadas, as partes de uso, as formas de preparo, a administração e o uso das espécies com outros componentes. As identificações botânicas propiciaram a análise das espécies e famílias mais presentes nos tratamentos e a distribuição das espécies. Os saberes quilombolas, as relações dos moradores do quilombo com as plantas, e as formas de identificação e classificação das espécies vegetais, observados por meio da etnografia, foram registrados em diário de campo e posteriormente sistematizados, analisados e discutidos. Além disso, para que os moradores atuais e as futuras gerações tenham parte desses conhecimentos documentados, como é a vontade deles, os dados foram utilizados na produção de um livro e de um documentário. O desenvolvimento deste estudo promoveu a participação dos moradores da comunidade, fortalecendo os conhecimentos e os modos de conhecer dos quilombolas, e demonstrou que as contribuições dos conhecimentos tradicionais para a ciência acadêmica vão muito além da utilidade das plantas.

Palavras-chave: etnobotânica participativa. Potenciais bioativos. Conhecimentos tradicionais. Conhecimento científico acadêmico. Valorização dos saberes locais.

Abstract

This dissertation focuses on the survey of possible bioactive compounds, as well as the conceptions of diseases and treatments that involve medicinal plants' use based on indications of use by residents of Quilombo da Fazenda, located in Serra do Mar State Park – Nucleus Picinguaba, Ubatuba, Brazil. The activities were carried out jointly by researchers and community residents, entitled local collaborators, allowing analysis of connections and disconnections between academic and traditional scientific knowledge, contributing to the strengthening of local knowledge and listing bioactive potentials according to the context in which they are inserted. The project counted with trainings that were offered to collaborators about collection of plants and ethnobotanical data. Together with technical team, and using ethnobotany methods and techniques, the collaborators selected and interviewed residents indicated as the greatest connoisseurs of plants' use. Data about uses of each species were recorded on sheets specially prepared for this project and the respective plant was collected and deposited at the Herbarium Municipal-SP (PMSP). Interviews generated 279 therapeutic indications of 112 plants with possible bioactive compounds. These indications were grouped into 14 ethical categories of use, allowing the deepening of themes according to the most indicated categories, parts of use, forms of preparation, administration and the use of species with other components. The botanical identifications allowed analysis of the species and families most present on treatments and species distribution. Quilombola knowledge, relations between quilombolas and plants, vegetal species forms of identification and classification, observed through ethnography, were recorded in a field diary and later systematized, analyzed and discussed. In addition, in order to have some of this knowledge documented for current residents and future generations, as they wish, such data were used in a book and a documentary production. This study development promoted participation of community residents, strengthening quilombolas' knowledge and ways of knowing, and it has demonstrated that contributions of traditional knowledge to academic science go far beyond the usefulness of plants.

Keywords: participatory ethnobotany. Bioactive potentials. Traditional knowledge. Academic scientific knowledge. Valorization of local knowledge.

Lista de ilustrações

Figura 1: Localização do Quilombo da Fazenda no Parque Estadual Serra do Mar – Picinguaba, Ubatuba, SP, Brasil.....	30
Figura 2 - Ilustração da inserção do local de estudo – Sertão da Fazenda (área de intersecção entre o Quilombo da Fazenda e a Zona Histórico-Cultural Antropológica no PESM).....	30
Fotografia 1 - Casa da Farinha (direita) e loja de artesanatos (esquerda).....	31
Fotografia 2 - Moradora do Quilombo preparando a farinha de mandioca.....	34
Fotografia 3 - Roda de jongo do grupo <i>Ó de casa</i>	35
Fotografia 4 - Colaborador local prensando uma planta no treinamento oferecido pelos botânicos do PMSP.....	41
Fotografia 5 – Silvestre Braga coletando uma das espécies indicadas pelos entrevistados.....	43
Fotografia 6 - Colaboradores locais entrevistando uma das moradoras da comunidade.....	44
Fotografia 7 - Luciano Assunção coletando uma das árvores altas.....	45
Figura 3 - Fichas ilustradas e utilizadas para checar os dados levantados durante o estudo e entender as possíveis classificações êmicas.....	46
Fotografia 8 - <i>Troca de Saberes</i> realizado na comunidade no final do trabalho.....	47
Fotografia 9 - Os colaboradores locais. Ginacil dos Santos à esquerda e Silvestre Braga à direita.....	54
Fotografia 10 - Dormideira (<i>Mimosa pudica</i> L.) dormindo.....	68
Quadro 1 - As 112 plantas citadas para 279 indicações divididas pelas seguintes categorias de uso: Cosméticos, Doenças da pele e do Tecido Subcutâneo, Doenças parasitárias, Doenças não reconhecidas pela Biomedicina, Processos Inflamatórios, Sistema Circulatório, Sistema Endócrino, Sistema Gastrointestinal, Sistema Genitourinário, Sistema Nervoso Central, Sistema Ocular, Sistema Osteomuscular, Sistema Respiratório e outros.....	71
Gráfico 1 - Número de indicações para cada uma das 14 categorias das 279 indicações citadas pelos entrevistados.....	102
Quadro 2 - As indicações consideradas dentro de cada uma das 14 categorias de uso.....	103
Gráfico 2 - Número de plantas indicadas para cada uma das 14 categorias, considerando as 279 indicações de espécies com possíveis compostos bioativos.....	107
Fotografia 11 - Melissa (<i>Lippia alba</i> (Mill.) N.E.Br. ex P.Wilson).....	112
Fotografia 12 - Picão (<i>Bidens pilosa</i> L.) indicado para <i>ictirícia</i> , <i>inímia</i> e <i>hepatite</i>	114
Fotografia 13 - Urtiga-roxa (<i>Urera bacífera</i> (L.) Gaudich. ex Wedd.).....	131
Fotografia 14 - Gondó (<i>Erechtites valerianifolius</i> (Wolf) DC.)	132

Fotografia 15 - folhas da laranja (<i>Citrus sinensis</i> (L.) Osbeck). <i>Remédio</i> mais <i>quente</i> de todos.....	137
Fotografia 16 - Sabugueiro (<i>Sambucus</i> cf. <i>canadenses</i>). Espécie reconhecida como <i>fria</i> por uns e como <i>quente</i> por outros.....	139
Fotografia 17 - Fruto da noz-moscada (<i>Cryptocarya mandioccana</i> Meisn).....	143
Fotografia 18 - Carobinha (<i>Jacaranda puberula</i> Cham.).....	148
Fotografia 19 - hortelã-de-bicha (<i>Mentha</i> sp.) indicada como <i>remédio</i> e comida.....	152
Fotografia 20 - Jatobá (<i>Hymenaea altissima</i> Ducke) indicado “ <i>pra tudo</i> ”.....	157

Lista de abreviaturas e siglas

CDB - Convenção sobre Diversidade Biológica

CEE - Centro de Estudos Etnobotânicos e Etnofarmacológicos

CEP - Comitê de Ética em Pesquisa

COTEC - Comissão Técnico-Científica do Instituto Florestal

EJA - Educação de Jovens e Adultos

EPM - Escola Paulista de Medicina

INCRA - Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

ITESP - Fundação Instituto de Terras do Estado de São Paulo

PAMPs - Padrões Moleculares Associados a Patógenos

PESM - Parque Estadual Serra do Mar

PMSP - Herbário Municipal

PRA - *participatory rural appraisal*

SISBIO - Sistema de Autorização e Informação em Biodiversidade

SisGen - Sistema Nacional de Gestão do Patrimônio Genético e do Conhecimento Tradicional Associado

SNUC - Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza

SPSF - Herbário Dom Bento Pickel

UC - Unidade de Conservação

UNIFESP - Universidade Federal de São Paulo

ZHCan - Zona Histórico-Cultural Antropológica

Sumário

1. Introdução	16
2. Objetivos	25
2.1 Objetivo geral	25
2.2 Objetivos específicos	25
3. Materiais e Métodos	25
3.1 Recorte do trabalho	25
3.2 Aprovações legais	28
3.3 Área de estudo	28
3.4 Caracterização do grupo humano e ambiente (comunidade)	33
3.5 Levantamento etnobotânico participativo. Qual a participação?	36
3.6 Métodos utilizados para o registro dos dados	38
3.7 Trabalho de campo	39
3.7.1 Escolha dos colaboradores locais	39
3.7.2 Seleção dos conhecedores de plantas: os entrevistados	40
3.7.3 Treinamentos	40
3.7.4 Entrevistas com os moradores do quilombos e coletas das espécies botânicas	42
3.7.5 Troca de saberes e checagem dos dados	46
3.8 Organização e análise dos dados qualitativos e quantitativos	48
3.9 Registro audiovisual e elaboração do material	51
4. Resultados e Discussão	53
4.1 Pesquisa participativa	53
4.1.1 Colaboradores locais, quem são?	54
4.1.2 Entrevistados	59
4.1.3 Trocas de experiências	64
4.2 Quantificações e classificações da etnobotânica	69
4.2.1 Indicações e frequências de uso	70
4.2.2 Identificação Botânica	108
4.2.3 Uso das espécies vegetais juntamente com outros componentes	112
4.3 Elementos relacionados ao uso e à eficácia	118
4.3.1 Entendendo as relações entre as enfermidades e os tratamentos	119
4.3.1.1 Tipos de sangue	130
4.3.1.2 Sistema de classificação <i>Quentes x Frias</i>	134
4.3.1.3 O <i>Resguardo</i>	142
4.3.2 A relevância do quanto e como usar	147

4.3.3	Melhor prevenir do que precisar tratar	151
4.3.4	A influência do sol, da lua e do sereno.....	154
5.	Conclusão	160
	Referências bibliográficas.....	161
	Anexos.....	170

1. Introdução

A etnobotânica é a ciência que estuda as interações entre as pessoas e as plantas (MARTIN, 2004). O prefixo etno-¹ é empregado para indicar a “forma como outras pessoas veem o mundo”; já a palavra botânica, refere-se ao estudo das plantas (BALICK; COX, 1999, p.4; MARTIN, 2004). Essa ciência acadêmica² preocupa-se com a forma com que as pessoas percebem, utilizam e se conectam às plantas. A análise dessas conexões nos possibilita “entender como as pessoas vêem o mundo e se relacionam a ele” (BALICK; COX, 1996, p.4, tradução da autora).

Já a etnofarmacologia, de acordo com a definição de Schultes (1962), é a ciência acadêmica que busca entender o universo dos recursos naturais, entre eles plantas e animais, utilizados como drogas sob a ótica de grupos humanos. Porém, esse termo não será utilizado nesse trabalho, já que o objetivo foi o estudo das plantas com potenciais compostos bioativos – de acordo com as indicações dos moradores –, e não foram analisados os usos de animais e outros recursos naturais utilizados como medicamentos.

Devido ao crescimento no número de pesquisas sobre a bioatividade dos compostos, a definição de compostos bioativos têm sido pauta de várias discussões que buscam encontrar um consenso para o uso do termo (GUAADAQUI et al. 2014). Alguns defendem que são os compostos com “atividade biológica” (COMMACK et al., 2006, p.74,75), outros dizem que são substâncias que promovem uma reação ou uma resposta em tecido vivo (MILLER-KEANE; O'TOOLE, 2003, p.62; MOSBY'S, 2013 apud GUAADAQUI et al. 2014). Ainda, há o debate sobre as diferenças entre nutrientes e compostos bioativos (GUAADAQUI et al. 2014). De acordo com Studdert, Gay e Blood (2011, p.79), os componentes alimentares bioativos podem estar presentes nos alimentos e suplementos alimentares, mas não são essenciais para satisfazer as necessidades nutricionais básicas dos humanos, ou seja, os polissacarídeos, proteínas e lipídios presentes nas plantas não são considerados compostos bioativos.

¹ De acordo com seu significado, o prefixo etno- pode ser empregado em qualquer tipo de estudo que envolva o conhecimento de um grupo. Embora ele seja mais usado para especificar povos indígenas e tradicionais, e apesar de esse prefixo ter sido usado nessa dissertação, vale ponderar como as etnociências o empregam, já que na maioria das vezes remete a uma “visão nós/eles, onde só o eles é marcado pelo etno- que carrega em seu sentido mais popularizado uma carga semântica diminuída” (CABRAL DE OLIVEIRA, 2012).

² A especificação “acadêmica” será usada nessa dissertação para se referir às ciências e conhecimentos que seguem as estruturas exigidas pela Academia. Esse termo foi escolhido, pois, como falaremos dos conhecimentos e saberes tradicionais, o emprego somente das palavras “ciência” e/ ou “conhecimento” poderiam remeter também às ciências e aos conhecimentos tradicionais. Dessa forma, para não serem confundidos, serão usados os termos “tradicionais/locais” e “acadêmicas”. No entanto, a qualificação “acadêmico” não foi acrescentada quando os autores citados não a empregaram.

Esses compostos podem ser sintéticos ou naturais (GUAADAoui et al. 2014); no caso das plantas, são geralmente gerados como metabólitos secundários e podem desencadear um efeito farmacológico ou toxicológico em animais e seres humanos (BERNHOFt, 2010). Por ser um termo com múltiplas interpretações, já que ainda não se chegou a um consenso, a definição aqui usada é: “um composto com capacidade e habilidade de interagir com um ou mais componentes do tecido vivo por apresentar uma ampla variedade de efeitos prováveis” (GUAADAoui et al. 2014, tradução da autora).

De acordo com estimativa realizada em 1985 pela Organização Mundial da Saúde (OMS), 65% da população do mundo utiliza plantas derivadas das medicinas tradicionais para tratamentos de saúde primários (FARNswORTH et al., 1985). Na mesma pesquisa identificou-se que de 122 compostos derivados de 94 espécies vegetais, 80% eram usados para as mesmas finalidades indicadas pelas comunidades tradicionais (FARNswORTH et al., 1985). Alguns exemplos foram listados por Cragg e Newman (2013) e incluem, entre outros: o composto khellin derivado da *Ammi visnaga* L., que foi utilizado para o desenvolvimento do broncodilatador cromolina; galegina, extraído da *Galega officinalis* L., que posteriormente serviu de modelo para a síntese do antidiabético metformina; *Papaver somniferum*, da qual extraiu-se a morfina, a codeína e a papaverina usadas para desenvolver o anti-hipertensivo verapamil; o antimalárico quinina, extraído de espécies no gênero *Cinchona* sp.; a reserpina isolada da *Rauwolfia serpentina*, utilizada para hipertensão; a efedrina, extraída da *Ephedra sinica* e usada como matéria-prima para a síntese de agonistas beta, como o salbutamol; o relaxante muscular tubocurarine, isolado de espécies de *Chondrodendron* sp. e *Curarea* sp.; os alcaloides da vinca (vincristina e vimblastina) utilizados no tratamento do câncer e extraídos da *Catharanthus roseus*.

Ainda que muitas espécies vegetais tenham contribuído para a descoberta de compostos bioativos que auxiliaram no desenvolvimento de medicamentos, estima-se que apenas 6% das 300.000 plantas superiores – Gimnospermas e Angiospermas – foram farmacologicamente investigadas, e que para 15% dessas plantas foram conduzidos estudos fitoquímicos (BALANDRIN; KINGHORN; FARNswORTH, 1993; FABRICANT; FARNswORTH, 2001; RASKIN et al., 2002). Contudo, na década de 2000 a 2010, o interesse das grandes indústrias farmacêuticas pelos produtos naturais diminuiu devido aos avanços de novas técnicas como a química combinatória, que possibilita a produção de bibliotecas moleculares, e o *high-throughput screening*, método de alta eficiência quando comparado ao tempo necessário para descoberta e desenvolvimento de produtos naturais (BEUTLER, 2009; CRAGG e NEWMAN, 2013). Outros fatores que colaboraram para

aumentar esse desinteresse incluem as ideias de que: as estruturas dos compostos naturais são muito difíceis, e portanto a síntese é muito complexa; o abastecimento com grandes quantidades do composto natural para estudos pré-clínicos pode ser complicado, pois o local onde a planta cresce pode ser remoto; a autorização para coleta e transporte desse material pode ser difícil de ser obtida; ou, ainda, as condições ambientais e ecológicas determinam as quantidades do composto desejado a ser produzido, não sendo uma fonte previsível e controlável (BEUTLER, 2009).

De qualquer forma, Beutler (2009) defende que a química dos produtos naturais permite a introdução de novas funcionalidades e esqueletos moleculares ainda não projetados pelos seres humanos. O avanço de novas tecnologias como a genômica, a metagenômica, a biologia sintética e as tecnologias de engenharia do genoma revelaram inúmeras moléculas químicas, que agora podem ser produzidas por meio da tradução do genoma de forma mais acessível e econômica (ZHANG et al., 2017).

De acordo com Kingston (2011), o interesse pela exploração em larga escala das moléculas naturais potencialmente úteis para a indústria cresceu com a adoção da Convenção sobre Diversidade Biológica (CDB), que entrou em vigor em 29 de dezembro de 1993. Os objetivos básicos da CDB incluem a preservação da biodiversidade e a proteção dos recursos genéticos do país de onde se originam esses materiais, visando à partilha dos benefícios da tecnologia e à transferência dessa tecnologia para o país de origem (KINGSTON, 2011). Por outro lado, a CDB teve como foco a proteção dos conhecimentos indígenas e tradicionais, como aparece principalmente no parágrafo *j* do artigo 8º:

Cada Parte Contratante deve, na medida do possível e conforme o caso: [...]

j) Em conformidade com sua legislação nacional, respeitar, preservar e manter o conhecimento, inovações e práticas das comunidades locais e populações indígenas com estilo de vida tradicionais relevantes à conservação e à utilização sustentável da diversidade biológica e incentivar sua mais ampla aplicação com a aprovação e a participação dos detentores desse conhecimento, inovações e práticas; e encorajar a repartição equitativa dos benefícios oriundos da utilização desse conhecimento, inovações e práticas. (MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE, 2000)

Contudo, como ressaltado por Carneiro da Cunha (2009, p. 322), “os direitos indígenas nunca estiveram no centro dos interesses dos países megadiversos: eram os interesses em seus recursos genéticos que levavam aos direitos indígenas”.

Por meio da instituição de leis, a CDB normatizou o acesso aos recursos naturais, estabelecendo regras, propiciando ética para o desenvolvimento das pesquisas de produtos naturais, cessando o abuso dos países desenvolvidos sobre os países provedores desses

recursos (KINGSTON, 2011), e preservando e respeitando os conhecimentos das populações indígenas e das comunidades locais (MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE, 2000).

No Brasil, a nova Lei nº 13.123, de maio de 2015,³ garante a repartição de benefícios, no caso do desenvolvimento de produtos, com as comunidades tradicionais que concederam seus conhecimentos e facilita o acesso ao patrimônio genético ou ao conhecimento tradicional associado, por meio do cadastro dos pesquisadores no Sistema Nacional de Gestão do Patrimônio Genético e do Conhecimento Tradicional Associado (SisGen) (BRASIL, 2015). Tal cadastro exige o consentimento das comunidades tradicionais para a realização de estudos que acessem seus conhecimentos e assegura a repartição dos benefícios de produtos desenvolvidos a partir do conhecimento acessado, mesmo quando não fornecidos diretamente por essas pessoas, e sim por meio de livros, artigos científicos e outros documentos (BRASIL, 2015; MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE, 2017). Contudo, o “Acesso a Recursos Genéticos e a Repartição Justa e Equitativa dos Benefícios Advindos de sua Utilização” por outros países não é assegurado, pois o Brasil ainda não ratificou o Protocolo de Nagoya, documento que estabelece os critérios para as relações comerciais entre o país que provem os recursos genéticos e aquele que vai utilizá-los (FIOCRUZ, 2017).

Entretanto, por mais que os usos tradicionais das espécies vegetais tenham desencadeado a produção de inúmeros medicamentos pela indústria farmacêutica, a eficácia dessas espécies para os povos tradicionais e indígenas não se dá apenas pelos compostos bioativos, mas também devido aos símbolos, significados e concepções, enfim, à cosmologia envolvida nos processos de cura. Em *A eficácia simbólica*, Lévi-Strauss (1991, p.215-236) demonstra que o desenlace de um parto difícil não se dá pelo uso das plantas medicinais, e sim pela ordenação que é dada à situação pelo xamã, permitindo assim um desfecho do caso. Tal ordenação forma um sistema coerente, fundamentado na concepção que os índios Cuna têm do universo (LÉVI-STRAUSS, 1991, p.228).

De acordo com Lévi-Strauss (1989, p.38), a ciência acadêmica e as tradicionais têm formas diferentes de atribuir estruturas às observações do mundo, assim como o *bricoleur* e o engenheiro. O autor discorre que, para o *bricoleur*, os fatos são criados por meio das estruturas observáveis e sentidas, enquanto o engenheiro cria estruturas a partir dos fatos (LÉVI-STRAUSS, 1989, p.38). No caso do engenheiro, as hipóteses e teorias representam os fatos, enquanto os métodos e resultados obtidos são os meios criados para representar as estruturas e comprovar as hipóteses (LÉVI-STRAUSS, 1989, p.37). Sendo assim, a

³ A Lei nº 13.123, de maio de 2015, substituiu a Medida Provisória nº 2.186-16, de 23 de agosto de 2001.

associação entre os elementos de uma cultura segue um princípio de organização que a justifica (LÉVI-STRAUSS, 1989, p.28). Apenas um “espírito verdadeiramente científico” fundamentado na dúvida, na investigação, na observação e na curiosidade “podia fornecer resultados práticos e imediatamente utilizáveis” (LÉVI-STRAUSS, 1989, p.30). Contudo, como observado pelo antropólogo, esse conhecimento sistemático não tem função apenas por sua ordem prática (LÉVI-STRAUSS, 1989, p.23), uma vez que sua intenção primeira é satisfazer as demandas intelectuais de um determinado povo (LÉVI-STRAUSS, 1989, p.24). Sendo assim, “as espécies animais e vegetais não são conhecidas porque são úteis; elas são consideradas úteis ou interessantes porque são primeiro conhecidas” (LÉVI-STRAUSS, 1989, p.24).

Dessa forma, embora as ciências tenham formas diferentes de se organizar e de produzir conhecimento, ambas são válidas, tratam o universo como “objeto de pensamento” (LÉVI-STRAUSS, 1989, p.17) e seguem o princípio da dúvida característico das ciências (LÉVI-STRAUSS, 1989, p.28). Sendo assim, a contribuição dos conhecimentos tradicionais para as ciências acadêmicas vai muito além das indicações de potenciais compostos bioativos, uma vez que o conjunto de saberes tradicionais e os conhecimentos acerca das doenças, dos tratamentos e dos elementos que contribuem para eles demonstram uma forma de organização e estruturação do pensamento, ou seja, outra maneira de se fazer ciência.

Contudo, como afirma Carneiro da Cunha (2007), o “conhecimento científico” tem um caráter universal, afirmando-se “como verdade absoluta até que outro paradigma o venha sobrepujar”, enquanto os saberes tradicionais frequentemente acolhem “explicações divergentes cuja validade entendem seja puramente local”. Além disso, por se tratar de um conhecimento universal, emprega-se no singular o termo “conhecimento científico”. Assim, para que seja gerado um conhecimento à imagem do científico, o termo tradicional também é empregado no singular, deixando de representar todos os “diferentes regimes históricos e sociais de conhecimento” (CARNEIRO DA CUNHA, 2009, p.328). Para retratar essa diversidade, o termo “tradicionais” – no plural – foi usado ao longo do texto.

Considerando todas as questões levantadas acima, observa-se que a etnobotânica possui um caráter interdisciplinar, já que para entender sobre os usos das plantas deve-se atentar ao universo do grupo humano estudado, formado por seus contextos político-sociais, suas relações com a natureza e suas concepções de mundo. Já em 1991, Prance defendia que um dos aspectos mais importantes da etnobotânica é criar um ambiente onde profissionais de diferentes áreas consigam trabalhar em conjunto. Contudo, de acordo com Reyes-García (2010), ainda é dada pouca atenção às possíveis contribuições das ciências sociais para a

etnofarmacologia, com maior ênfase na antropologia e no estudo dos sistemas de conhecimento tradicionais, definido no artigo como:

[...] conhecimento da dinâmica dos recursos e dos ecossistemas e das práticas de manejo associadas que existem entre as pessoas das comunidades que, diariamente e por longos períodos de tempo, interagem para seu benefício e meios de subsistência com os ecossistemas. O termo não se refere apenas a informações sobre usos humanos de plantas e animais. [...] inclui um sistema de classificações, um conjunto de observações empíricas sobre o ambiente local e um sistema de uso e manejo de recursos. Inclui também crenças em seres não humanos (ou seja, espíritos, antepassados, fantasmas, deuses) e sobre como se relacionam com a sociedade. (REYES-GARCÍA, 2010, tradução da autora).

Assim, por meio desse estudo, buscou-se discutir questões relacionadas ao modo de vida, às formas de transmissão e produção dos conhecimentos e aos sistemas de classificação. Acrescenta-se à interdisciplinaridade as vontades e os desejos dos moradores do Quilombo da Fazenda que fizeram também parte da construção desse trabalho. A palavra quilombo surgiu do termo *kilombo*, sociedade iniciática de jovens guerreiros mbundu adotada pelos invasores jaga (ou imbangala), formada por pessoas de diferentes grupos étnicos desenraizados de suas comunidades (REIS, 1996). No Brasil, houve a formação de vários quilombos constituídos principalmente por escravos fugidos das senzalas e também por índios perseguidos pela justiça e soldados desertores. Tais comunidades organizadas utilizavam a terra como fonte principal de recursos para a sobrevivência e resistiam ao regime escravocrata ao qual estavam submetidos (SILVA; REGIS; ALMEIDA, 2013).

Com a Constituição Federal de 1988, a palavra quilombo passa por uma ressignificação devido às lutas dos movimentos negros, que reivindicam direitos básicos como o direito à terra (SILVA; REGIS; ALMEIDA, 2013). Atualmente, os quilombolas são pessoas que se reconhecem como tais, que resistiram às adversidades do passado escravista configurado antes ou depois da abolição em 1888 (FIABANI, 2008 apud SILVA; REGIS; ALMEIDA, 2013).

A partir da reivindicação por direitos básicos, esses povos ressignificaram a ideia de cultura e passaram a admiti-la como argumento central não apenas na reivindicação de terras, mas também como arma de resistência (CARNEIRO DA CUNHA, 2009, p.312). De acordo com Carneiro da Cunha (2009, p.312), a “cultura” passou a ser exportada assim como as mercadorias durante a era pós-colonial. “Povos periféricos” passaram a adotar a “cultura para si” da mesma forma que foram levados a comprar as mercadorias manufaturadas (CARNEIRO DA CUNHA, 2009, p.312). Para a autora, “esquemas interiorizados que organizam a percepção e a ação das pessoas e que garantem um certo grau de comunicação

em grupos sociais” existem, mas são diferentes da “cultura”, pois “não pertencem ao mesmo universo de discurso” (CARNEIRO DA CUNHA, 2009, p.313). Nas palavras da autora:

[...] é como se eles já tivessem “cultura em si” ainda que não tivessem “cultura para si”. De todo modo, não resta dúvida de que a maioria deles adquiriu essa última espécie de “cultura”, a “cultura para si”, e pode agora exibi-la diante do mundo (CARNEIRO DA CUNHA, 2009, p.313).

Nesse contexto onde a “cultura” atua como argumento central na luta pelos direitos básicos de um povo, o *registro*⁴ do uso das espécies vegetais pelos moradores do Quilombo da Fazenda, torna-se importante para a comunidade como forma de resistência e perpetuação de tais usos. Os moradores mais velhos, acreditam que esse conhecimento está sendo *perdido*, já que as gerações mais novas não têm mais interesse em aprendê-los. Assim, ter as formas de uso das plantas, receitas e indicações, bem como as histórias da comunidade disponíveis em um livro e em um documentário são, para os quilombolas, formas de registrar parte desse conhecimento e de valorizar a cultura, mesmo que não impeçam sua transformação, uma vez que o conhecimento tradicional não é uma “obra inacabada” e está em constante mudança em razão de seu dinamismo (CARNEIRO DA CUNHA, 2007).

Ainda, o Quilombo em questão localiza-se em uma Unidade de Proteção Integral da Mata Atlântica, o Parque Estadual Serra do Mar (PESM). O Plano de Manejo do PESM (SÃO PAULO, 2006) indica que as áreas onde estão presentes as diversas comunidades tradicionais são classificadas como Zonas Histórico-Culturais Antropológicas (ZHCan). Nestas zonas é permitido o uso direto de recursos naturais, desde que seja estabelecido um plano de manejo sustentável específico para determinados recursos, acordado entre a comunidade e gestores da Unidade de Conservação (UC) (SIMÕES, 2015). Sendo assim, o desenvolvimento desse estudo foi uma forma de indicar quais plantas são utilizadas pelos moradores, a fim de criar um plano de manejo sustentável de algumas das espécies levantadas, como solicitado pelos moradores da comunidade, já que o levantamento etnobotânico irá permitir o desdobramento deste projeto em duas outras fases: o cálculo do status de conservação das plantas utilizadas pelos moradores e, posteriormente, a criação de um plano de manejo sustentável de uma dessas espécies.

Neste quadro, a pesquisa participativa surge como uma forma de reconhecer e respeitar o conhecimento tradicional (GILMORE; YOUNG, 2012). Essa metodologia passou a ser reconhecida pela Academia em 1970, mas apenas em 1990 começou a ser mais utilizada

⁴ Os termos em itálico estão destacados dessa forma ao longo do texto e nos quadros para indicar as palavras expressas pelos moradores do Quilombo da Fazenda, da forma como foram ditas.

na agricultura e na pesquisa e gestão de recursos naturais (ASHBY, 2003). Contudo, pouco é discutido sobre o que de fato se entende por “participação”.

A abordagem da pesquisa participativa tem sido utilizada em diversos contextos. Grande parte dos estudos tem a participação de membros da comunidade no mapeamento das terras por meio do *participatory rural appraisal* (PRA), método utilizado para estimular as comunidades a pensar e refletir sobre suas situações por meio de discussões abertas e interações entre as instituições locais e o meio-ambiente (GOEBEL, 1998; JARVIS; STEARMSN, 1995; KALIBO; MEDLEY, 2007; MEDLEY; KALIBO, 2005; POOLE, 1995). Contudo, quando nos referimos à etnobotânica, os pesquisadores raramente especificam o tipo de participação da comunidade e o grau de envolvimento dos colaboradores (ATHAYDE et al., 2006; CEBALLOS et al., 2012; SOUZA et al., 2011). Quando essas informações são fornecidas, os participantes estão envolvidos, na maioria das vezes, em apenas algumas das etapas do estudo, como entrevistas e grupos focais e/ou de checagem dos dados levantados (BARRROSO; REIS; HANAZAKI, 2010; BOULOGNE et al., 2011; COLLIER et al., 2015; DERAQ; CORTINA, 2014; LINS et al., 2011; SIEBER, 2009; SILLITOE; ALSHAWI; HASSAN, 2010).

Johnson et al. (2004) avaliaram a prática dessa metodologia, levando em consideração o tipo de pesquisa participativa, como foram selecionados os participantes e a quem são destinados os benefícios. Concluíram que o tipo de participação da comunidade ainda não é claramente endereçado, e que muitas pesquisas utilizam diferentes métodos para gerar informação, alguns mais e outros menos participativos. A seleção dos participantes estabelece o tipo de informação que será coletada e a robustez dos resultados; além disso, a forma de participação dos colaboradores determina a influência dos pesquisadores no estudo, ou seja, a forma como o cientista decide dividir a autoridade no estudo.

Mosse (2001) defende a ideia de que a participação dos moradores locais permite que acadêmicos e colaboradores do projeto vejam e julguem a pesquisa de outra forma, em grande parte porque as formas tradicionais de conhecimento são reconhecidas e priorizadas, garantindo que todos os dados levantados estejam conectados ao contexto tradicional e sejam entendidos dentro deste contexto (GILMORE; YOUNG, 2012).

De qualquer forma, o uso da metodologia participativa deve ser acompanhado de uma avaliação crítica, não apenas para garantir a qualidade e a credibilidade do conhecimento identificado e gerado durante o processo, mas também para não levantar suspeitas de que os colaboradores são levados a fazer o que queremos, sendo portanto um meio de fundamentar o conhecimento, o envolvimento dos conhecimentos tradicionais e científicos e, acima de tudo,

o respeito (GOEBEL, 1998). Ainda, quando se trata do conhecimento do outro é preciso atentar-se para que essa avaliação crítica não acabe sendo uma forma de o validar, mas sim uma ferramenta para questionar os impactos desse tipo de trabalho nas comunidades e a fidedignidade dos dados interpretados em relação aos observados em campo. Nesse contexto, serão discutidas e analisadas as formas de participação dos moradores do Quilombo da Fazenda com base nos pontos levantados acima.

No Brasil, o levantamento etnobotânico em quilombos têm buscado entender, na maioria das vezes, o uso das plantas medicinais (ALBUQUERQUE, 2001; BARBOZA DA SILVA et al., 2012; CAMARGO, 1988; 1998; FRANCO; BARROS, 2006; GOMES; BANDEIRA, 2012; MONTELES; PINHEIRO, 2007; SOUSA, 2010; VOEKS, 1997). O uso de recursos vegetais para outras finalidades, incluída a busca por outros tipos de compostos bioativos, ainda foi pouco discutido (CREPALDI, 2007; MADEIRA, 2005; PASA et al., 2015; VASCONCELLOS, 2004) e, até o momento, não foram identificados projetos de etnobotânica cujo levantamento tenha sido realizado pelos moradores da comunidade – ou seja, uma proposta de etnobotânica participativa que abranja todas as etapas do trabalho –, embora a participação conjunta de comunidades tradicionais na condução de estudos etnobotânicos (ATHAYDE et al., 2006; BARROSO; REIS; HANAZAKI; 2010; FREITAS et al., 2012; NASCIMENTO, 2010; SIEBER, 2009) e na elaboração de livros sobre conservação e plantas medicinais (APYKÁ; PACHECO, 2014) tenha ocorrido com maior frequência. Alguns levantamentos etnobotânicos foram previamente conduzidos no Núcleo Picinguaba, porém, esses tiveram como foco apenas as comunidades tradicionais caiçaras (HANAZAKI; LEITÃO-FILHO; BEGOSSI; 1996; HANAZAKI et al. 2000; MACÊDO, 2014).

Inúmeros estudos etnobotânicos com comunidades quilombolas na Mata Atlântica foram realizados (AZEVEDO, 2008; CREPALDI, 2007; FONSECA-KRUEL, 2011; SANTANA, 2015; VALLE, 2016), porém os projetos realizados no Quilombo da Fazenda até então tiveram ênfase nas áreas de ciências sociais (BENTO, 2014; QUEIROZ, 2015), educação (PEREZ, 2014), comunicação (PARAVATI, 2014), turismo (CASTRO, 2015) e apenas um discorreu sobre os aspectos sócio-ambientais (SAMPAIO, 2013), mas não se tratou de um estudo etnobotânico.

A necessidade da realização do presente estudo foi exposta pelos gestores do Parque e pelos pesquisadores que vêm desenvolvendo estudos na região durante o 2º Workshop de Pesquisa do Núcleo Picinguaba do PESH, Ubatuba, SP, realizado em março de 2015. Nesse sentido, o levantamento etnobotânico das plantas utilizadas pelos moradores do Quilombo, foco deste projeto, é uma demanda da comunidade local e pode ser realizado nessa zona. O

desenvolvimento deste estudo promoveu a participação dos próprios moradores no levantamento dos usos das plantas, promovendo o fortalecimento dos conhecimentos e dos modos de conhecer dos moradores da comunidade.

2. Objetivos

2.1 Objetivo geral

Realizar um levantamento etnobotânico juntamente com os moradores do Quilombo da Fazenda, situado no Núcleo Picinguaba, Ubatuba, SP, Brasil, a fim de inventariar o uso das espécies vegetais com potenciais bioativos e compreender as relações entre as concepções do universo dos quilombolas e os usos das plantas.

2.2 Objetivos específicos

- Possibilitar o intercâmbio dos conhecimentos científicos acadêmicos e tradicionais, por meio do encontro entre pesquisadores e colaboradores locais.
- Entender a inter-relação entre membros da comunidade e plantas usadas, por meio da observação dos modos de vida e do cotidiano dos moradores
- Entender as possíveis categorizações das espécies vegetais de acordo com seus usos, do ponto de vista dos moradores da comunidade e dos pesquisadores.
- Entender os significados das doenças para as quais plantas medicinais são indicadas e suas possíveis classificações.
- Produzir um livro com as plantas citadas durante as entrevistas e suas indicações.
- Produzir um documentário mostrando um pouco da história, dos costumes e do modo de vida da comunidade.

3. Materiais e Métodos

3.1 Recorte do trabalho

Esse trabalho é parte de um projeto maior intitulado *Etnobotânica Participativa: conservação e desenvolvimento local no Parque Estadual Serra do Mar – Núcleo*

Picinguaba, Ubatuba, SP, Brasil,⁵ coordenado pela pesquisadora Professora Doutora Eliana Rodrigues da Universidade Federal de São Paulo. Tal estudo foi dividido em três etapas: levantamento etnobotânico participativo, cálculo do *status* de conservação das plantas utilizadas pelos moradores e criação do plano de manejo sustentável de uma ou mais dessas espécies, à escolha dos moradores do Quilombo, permitindo seu uso econômico. Foram de responsabilidade da pesquisadora Priscila Yazbek a realização do levantamento etnobotânico participativo e a elaboração do documentário e do livro destinados à comunidade, também parte da primeira etapa do estudo.

Tendo em vista que a comunidade se insere em uma Unidade de Proteção Integral, PESM, em área classificada como ZHCan⁶ pelo Plano de Manejo do PESM, para fazer uso dos recursos naturais é necessário que haja um plano de manejo sustentável para cada espécie (SÃO PAULO, 2006). Tal plano de manejo deve ser definido pelo PESM em conjunto com a comunidade (SÃO PAULO, 2006). Assim, os moradores da comunidade sentiram a necessidade de desenvolver planos de manejo sustentáveis de determinadas espécies vegetais, para que possam utilizá-las na confecção de produtos, visando ao uso pessoal e à comercialização dos mesmos.

Dessa forma, o levantamento etnobotânico participativo surgiu como a primeira etapa da pesquisa, com o objetivo de identificar as plantas e seus usos de acordo com o conhecimento dos quilombolas, para depois serem elaborados os planos de manejo sustentáveis. Tal levantamento incluiu a identificação do uso das plantas para diversas finalidades, como artesanatos, comidas/temperos, construção, entre outros.

Sendo assim, o primeiro recorte desse trabalho envolveu a seleção das espécies com potenciais compostos bioativos, de acordo com a forma que foram indicadas pelos entrevistados e interlocutores⁷ (plantas utilizadas para a confecção de artesanatos, para a construção de casas e barcos, e para a produção de tinturas, remédios e alimentos); ou seja,

⁵ Financiadores: FAPESP – Programa Biota (processo: 2015/12046-0) e CNPq – Universal 2016 (400802/2016-3). Pesquisadores Associados: Dra. Glyn Mara Figueira (UNICAMP); Dr. Ricardo J.F. Garcia (PMSP); Prof. Dr. Sidnei Raimundo (EACH-USP); Dra. Sonia Aragaki (IBT); Prof. Dr. Luiz Felipe Domingues Passero – (UNESP); Dra. Viviane Kruel (Jardim Botânico do Rio de Janeiro); Prof. Dr. Ricardo Janini Sawaya (UNIFESP); Dra. Priscila Matta (USP); Dr. Bruno E. Conde (UNIFESP). Colaboração: Herbário Municipal (PMSP) – Secretaria Municipal do Verde do Meio Ambiente/SP. Demais membros da equipe: Fernanda Frago (UNIFESP); Fernando C.S. Machado (UNIFESP); Lucas Antal Cruz (UNESP); Stephanie Hoehne (ESALQ); Thamara Sauini (UNIFESP).

⁶ As questões relacionadas ao PESM e ao zoneamento das regiões estão descritas mais detalhadamente em “Área de estudo”.

⁷ As palavras entrevistado(a) e interlocutor(a) terão significados diferentes ao longo desse trabalho.

Entrevistado(a) será utilizado para referir-se aos moradores do quilombo que nos informaram os dados no contexto da entrevista realizada pelos colaboradores locais. Interlocutor(a) será empregado para se referir aos moradores nos contextos fora das entrevistas

foram incluídas nesse trabalho as indicações das plantas relacionadas a um efeito benéfico ou maléfico para o corpo humano. No caso das espécies indicadas como alimentos, selecionou-se apenas as que foram indicadas por possuírem algum efeito para o organismo além do benefício em resposta ao seu consumo como alimento. Por exemplo, não foi considerada nesse trabalho a indicação de uma espécie apenas como “*boa para comer*”, mas considerou-se a planta que “*é boa para comer*” e cujo consumo faz bem para os dentes. Tal recorte dialoga com a ideia trazida na *Introdução* deste trabalho, na qual os alimentos podem possuir componentes bioativos, que, contudo, não são essenciais (polissacarídeos, proteínas e lipídios) para satisfazer as necessidades nutricionais básicas dos humanos (STUDDERT; GAY; BLOOD, 2011, p.79). Sendo assim, a indicação de um efeito terapêutico específico – no caso acima, o efeito benéfico sobre o dente – guiou a seleção das espécies alimentares com possíveis compostos bioativos.

Posteriormente, houve a necessidade de escolha dos temas principais que seriam tratados. Inúmeros focos poderiam ter sido abordados, já que, como dito anteriormente, trata-se de um assunto de grande interdisciplinaridade. Como exemplo, poderia ter sido dada atenção específica: às formas de transmissão de conhecimento; às questões que envolvem o panorama político-ambiental provenientes das relações entre o PESM e o Quilombo da Fazenda; ao dinamismo cultural frente, entre outros elementos, ao maior contato com a cidade e à incorporação por parte da comunidade de outras visões de saúde e doença e de práticas religiosas; e à preservação ambiental marcada pela chegada do PESM. Ainda poderiam ter sido aprofundadas as discussões sobre os impactos da pesquisa participativa, os aspectos farmacológicos e toxicológicos das espécies já estudadas clinicamente, enfim, diversos assuntos que se interligam e têm uma ação sobre os temas que serão aqui discutidos. Tais elementos serão apontados ao longo do texto e abrem portas para futuros estudos a ser realizados.

Contudo, devido à minha formação em farmácia-bioquímica e por fazer parte de um programa de Biologia Química, trago nesse trabalho discussões mais diretamente ligadas à etnobotânica, como quantificações e classificações éticas,⁸ e aos elementos relacionados ao uso e à eficácia dos *remédios*, como dito pelos quilombolas, com o objetivo de contribuir para os estudos clínicos das espécies vegetais por meio de outras formas de perceber e se relacionar com essas plantas.

⁸ Elaborada pelos pesquisadores, de acordo com o conhecimento científico acadêmico.

Ainda, na tentativa de não deixar que o conhecimento científico acadêmico seja uma forma de validar o conhecimento dos moradores da comunidade, foram trazidos, quando possível, paralelos entre os dois tipos de conhecimento, com o intuito de mostrar que muitas vezes, por diferentes caminhos e formas de organizar o mundo, ambos os conhecimentos chegam a conclusões semelhantes.

3.2 Aprovações legais

O primeiro contato com a comunidade foi realizado pela Professora Doutora Eliana Rodrigues em maio de 2015, quando se verificou o interesse neste estudo. Foram discutidos junto aos representantes da comunidade os objetivos do trabalho e obtidas as seguintes autorizações necessárias para a realização do projeto:

- Para coleta e transporte de material biológico (plantas) no Parque Nacional da Serra da Bocaina – Sistema de Autorização e Informação em Biodiversidade (SISBIO) – feito em 22 de abril de 2015 (processo n. 51199-2, ANEXO A).
- Para coletar plantas e realizar pesquisa no PESM – Comissão Técnico-Científica do Instituto Florestal (COTEC) – (processo n. 260108 – 009.510/2015, ANEXOS B e C);
- Para a realização desta pesquisa na Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) – Comitê de Ética em Pesquisa da UNIFESP/EPM (CEP/EPM) (processo n. 0843/2016, ANEXO D).
- Para acessar o conhecimento tradicional associado aos recursos genéticos (plantas) – Sistema Nacional de Gestão do Patrimônio Genético e do Conhecimento Tradicional Associado (SisGen) – feito em 11 de dezembro de 2017 (cadastro nº A648D14, ANEXO E).

3.3 Área de estudo

De acordo com dados da Fundação SOS Mata Atlântica (2017), a Mata Atlântica ocupava uma extensão de 1.315.460 quilômetros², e hoje restam apenas 8,5% de remanescentes florestais, distribuídos em pequenas manchas desde o Rio Grande do Norte até o Rio Grande do Sul. Apesar de muito reduzida e fragmentada, a Mata Atlântica ainda abriga mais de 20 mil espécies de plantas, sendo que 8 mil são endêmicas. Este bioma é composto por formações florestais e ecossistemas associados como as florestas ombrófilas densa, aberta

e mista, as florestas estacionais decidual e semidecidual, e os campos de altitude, mangues e restingas.

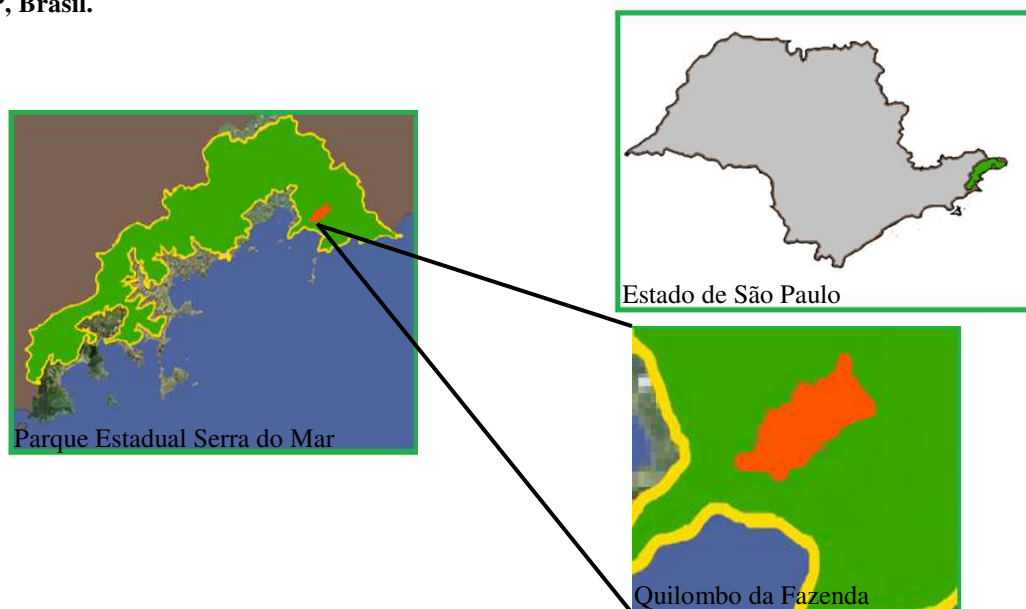
Ao longo da sua extensão, estão presentes Unidades de Conservação (UC), como o PESM, criado em 1977 na época da construção da Rodovia Rio-Santos (BR 101). O PESM cobre uma região de 332 mil hectares e estende-se a 25 municípios do Estado de São Paulo. É gerido pela Fundação Florestal, instituição vinculada à Secretaria de Estado do Meio Ambiente, e foi dividido em 10 núcleos – Bertiooga, Caraguatatuba, Cunha, Curucutu, Itariru, Itutinga Pilões, Padre Dória, Picinguaba, Santa Virgínia e São Sebastião –, a fim de facilitar sua administração. Nessas regiões já foram registradas cerca de 1.361 espécies de animais e aproximadamente 1200 espécies de plantas, dentre as quais se encontram animais em risco de extinção e espécies ameaçadas da flora nacional (IBAMA apud PARQUE ESTADUAL SERRA DO MAR, 2017a, b).

O Núcleo Picinguaba, do qual o Quilombo da Fazenda faz parte, foi criado em 1979 após a incorporação da Fazenda Picinguaba ao PESM, por meio do Decreto Estadual nº 13.313, de 6 de março de 1979 (PARQUE ESTADUAL SERRA DO MAR, 2017a, b). Conta com uma área de 47.000 hectares, que corresponde a 80% do território do município de Ubatuba (PARQUE ESTADUAL SERRA DO MAR, 2017a, b). Em sua larga extensão, estão presentes manguezais, restingas, cinco praias da região norte de Ubatuba, costões rochosos e, uma de suas principais características, comunidades indígenas, caiçaras e quilombolas (PARQUE ESTADUAL SERRA DO MAR, 2017a, b).

Uma delas é a comunidade do Quilombo da Fazenda, antiga fazenda de monocultura, inicialmente de cana e posteriormente de café, que contava com o trabalho dos escravos e se chamava Fazenda Picinguaba. De acordo com Fundação Instituto de Terras do Estado de São Paulo (ITESP), a área total reivindicada pelos moradores é estimada em 5 mil hectares (SÃO PAULO, 2007). Localiza-se a nordeste do município de Ubatuba, no meio do caminho entre os centros de Paraty e Ubatuba, pela Rodovia BR-101. É formado por cinco regiões nomeadas sertão do Cubatã, Ponta Baixa, Areia, Praia da Fazenda e sertão da Fazenda. Esse estudo foi conduzido na região do sertão da Fazenda, única área da fazenda categorizada como ZHCan pelo Plano de Manejo do PESM publicado em 2006, explicado adiante, além de ser a região com maior densidade populacional da antiga fazenda (SÃO PAULO, 2006). O sertão da Fazenda está localizado no sentido contrário à praia, a partir da BR-101, e se caracteriza por ser a região de mata cerrada presente entre as encostas da Serra do Mar e a orla marítima (SETTI, 1985). A figura 1 mostra a localização do Quilombo da Fazenda no Parque Estadual

Serra do Mar – Picinguaba, Ubatuba, SP, Brasil, e a figura 2 ilustra onde está inserido o Sertão da Fazenda.

Figura 1: Localização do Quilombo da Fazenda no Parque Estadual Serra do Mar - Picinguaba, Ubatuba, SP, Brasil.



Fonte: produção da autora

Figura 2 - Ilustração da inserção do local de estudo – Sertão da Fazenda (área de intersecção entre o Quilombo da Fazenda e a Zona Histórico-Cultural Antropológica no PESM).



Fonte: produção da autora

A antiga proprietária da terra, Maria Alves de Paiva, faleceu e deixou um testamento desejando que seus escravos fossem libertos e pudessem habitar algumas áreas da Fazenda, mas a propriedade foi vendida por um sobrinho seu para o Capitão Firmino. Nessa época foram construídos o engenho de aguardente de cana e um moinho de fubá, maquinário que se

encontra até os dias de hoje da Casa da Farinha (Fotografia 1). Com a abolição da escravidão em 1888, Capitão Firmino começou a trazer imigrantes italianos para trabalhar no engenho, que, juntamente com as famílias dos antigos escravos, começaram a formar algumas das famílias que habitam o Quilombo até os dias de hoje (REIS; ESTEVAN, 2016).

Fotografia 1 - Casa da Farinha (direita) e loja de artesanatos (esquerda).



Fotógrafa: Priscila Yazbek. Novembro de 2016.

No início do século XX, a fazenda passou por diversos donos e, em 1944, o proprietário Saint Claire nomeou Leopoldo Braga como administrador e responsável por cuidar das terras, permitindo que 12 novas famílias passassem a morar na Fazenda Picinguaba. Essas famílias tinham ligação com a história da escravidão da fazenda e de fazendas vizinhas. Os novos moradores começaram a cultivar roças para a própria subsistência, e o pouco que sobrava do cultivo era trocado com moradores das comunidades do entorno por produtos que não eram produzidos, como peixes, querosene e feijão. Viviam da caça, da pesca, da roça e das trocas com outros moradores do local ou outras comunidades; para isso, mantinham uma relação estreita com a floresta, que providenciava os materiais necessários para a construção de barcos, remos, casas, ferramentas de caça e pesca, as plantas medicinais para cuidarem da saúde, a madeira para acender o fogão a lenha, e dava conta de qualquer outra necessidade que os moradores pudessem ter (REIS; ESTEVAN, 2016).

A Fazenda foi hipotecada pela Caixa Econômica Estadual na década de 1950 e passou a ser conhecida como Fazenda da Caixa, nome que é utilizado por muitas pessoas até os dias de hoje (REIS; ESTEVAN, 2016). Nessa época, ainda não havia estrada, e quando era preciso ir até as cidades vizinhas para trocar os produtos, comprar tecidos ou encaminhar-se ao

hospital, os moradores percorriam os caminhos por trilhas fechadas ou em canoas pelos rios e pelo mar. Também não havia energia elétrica. O trabalho na roça era pesado e muitas vezes a plantação era devastada por formigas, pacas e veados. De acordo com uma das entrevistadas, viviam uma vida *simples*, porém tinham tudo o que precisavam, moradores um ajudava o outro e tudo era dividido entre todos.

A Rodovia Rio-Santos (BR 101) foi construída da década de 1970 (REIS; ESTEVAN, 2016), permitindo maior acesso turístico e imobiliário. Na mesma época, foi criado o Núcleo Picinguaba do PESM (REIS; ESTEVAN, 2016). Desde a chegada do PESM, os conflitos e a luta pela terra se estabeleceram. Algumas áreas foram desocupadas e muitas famílias foram removidas na busca da preservação integral das áreas do Parque. Os moradores resistem e reivindicam até os dias de hoje o direito às terras.

Em 2005, a comunidade obteve, junto à Fundação Cultural Palmares, a Certidão de Registro no Cadastro Geral de Remanescentes de Comunidades de Quilombos (FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES, 2015). Em 2006, foi concluída a elaboração do Relatório Técnico-Científico pelo ITESP,⁹ posteriormente encaminhado à Fundação Florestal (MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL – PROCURADORIA DA REPÚBLICA EM CARAGUATATUBA, 2013), mas alguns desacordos entre os postergaram o reconhecimento do Quilombo pelo ITESP. Segundo os próprios moradores da comunidade, no momento eles estão aguardando o reconhecimento estadual do Quilombo e de seus territórios para, na sequência, ser solicitada a titulação das terras pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA).

De acordo com o artigo 28 da Lei Federal 9.985/2000, que instituiu o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza (SNUC):

até que seja elaborado o Plano de Manejo, todas as atividades e obras desenvolvidas nas unidades de conservação de proteção integral devem se limitar àquelas destinadas a garantir a/ integridade dos recursos que a unidade objetiva proteger, assegurando-se às populações tradicionais porventura residentes na área as condições e os meios necessários para a satisfação de suas necessidades materiais, sociais e culturais. (BRASIL, 2000)

Dessa forma, o Plano de Manejo da Serra do Mar, aprovado no dia 19 de setembro de 2006, pela 227ª Reunião Ordinária do Plenário do Consema, estabeleceu o zoneamento da região, tendo os critérios e as zonas definidas no Roteiro Metodológico do IBAMA como

⁹ Órgão responsável pelo reconhecimento dos quilombos e de seus territórios no estado de São Paulo, por meio do Relatório Técnico-Científico, publicado no Diário Oficial do Estado (FUNDAÇÃO INSTITUTO DE TERRAS DO ESTADO DE SÃO PAULO “JOSÉ GOMES DA SILVA”, 2018).

ponto de partida (IBAMA, 2002 apud SÃO PAULO, 2006). Criou-se assim as ZHCan, que de acordo com Simões (2010):

[...] caracterizam-se por territórios geograficamente especializados ocupados predominantemente por residentes com estatuto jurídico de tradicionais, nos quais foi estabelecida a possibilidade de permanência dos mesmos, sob determinados regimes de uso do território e dos recursos, pois se tratam de quilombolas e caiçaras, compondo vilas consolidadas anteriormente à criação do PESM, apresentando peculiaridades socioculturais. (SIMÕES, 2010).

A mudança da categoria do manejo desta zona foi proposta a fim de possibilitar que os moradores dessas áreas continuem habitando a região; para isso, o uso direto de recursos naturais é permitido, desde que seja estabelecido um plano de manejo sustentável específico para determinados recursos, acordado entre a comunidade e os gestores da UC (SÃO PAULO, 2006; SIMÕES, 2015).

De acordo com os moradores, a chegada da Unidade de Conservação, na década de 1970, impossibilitou que as comunidades seguissem pescando, caçando e criando roças com a mesma liberdade de antes, fazendo com que 8 das 12 famílias que habitavam o Quilombo da Fazenda abandonassem a região e fossem viver na cidade, aumentando a população residente na periferia de Ubatuba. De acordo com Simões (2010), a mudança dos antigos residentes para outros bairros foi desencadeada não só pelos impedimentos legais relativos à Unidade de Proteção Integral, como também pela falta de infraestrutura adequada, como escola, luz elétrica, saneamento e comunicação.

3.4 Caracterização do grupo humano e ambiente (comunidade)

A comunidade onde foi realizado o estudo é considerada um Quilombo, pois os residentes se reconhecem como quilombolas. De acordo com os moradores, a comunidade é formada por aproximadamente 40 pessoas originárias das famílias que permaneceram na região após a chegada do PESM, mais os indivíduos que foram morar lá por terem se casado com alguns dos moradores do Quilombo. Somam-se aproximadamente 170 pessoas em uma área de 5.208,47 hectares (FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES, 2015). A agricultura de subsistência é a principal atividade desenvolvida na comunidade. Algumas famílias mantêm suas roças de subsistência, porém muitos moradores trabalham na cidade como garçons, pintores, pedreiros e outros. O turismo também é fonte de renda para muitos moradores que trabalham como guias do parque e monitores ambientais. Sendo assim, a comunidade recebe

muitos turistas, principalmente durante a alta temporada – desde a semana do Ano-novo até a semana do Carnaval –, que visitam trilhas, cachoeiras e a casa de farinha construída no século XIX, e frequentam a loja de artesanato e o restaurante da Dona Onófrea, típico na região e localizado no Quilombo.

A base alimentar da comunidade é composta por ingredientes extraídos das roças (mandioca, inhame, banana) e das hortas de temperos e hortaliças, e seus derivados como a farinha de mandioca (Fotografia 2), o biju, e os sucos e doces preparados a partir das frutas da região. Por terem fácil acesso à estrada, muitos ingredientes que eram produzidos nas roças, como o café e o açúcar de cana, por exemplo, hoje em dia são comprados na cidade. Também houve a introdução de outros alimentos industrializados como bolachas, carnes, arroz, manteiga, leite e queijos.

Fotografia 2 – Moradora do Quilombo preparando a farinha de mandioca.



Fotógrafa: Priscila Yazbek. Maio de 2017.

A comunidade possui uma escola municipal de ensino primário (1^a a 4^a série), porém, de acordo com os moradores, foi desativada por não haver muitos alunos matriculados. Sendo assim, as crianças tiveram que se matricular em outras escolas, e a maioria delas estuda na vila de pescadores de Picinguaba. A prefeitura não disponibiliza ônibus escolar para buscar as crianças, fazendo com que tenham que utilizar o transporte municipal. Durante a noite, a escola funcionava para a Educação de Jovens e Adultos (EJA), porém esse tipo de educação não está mais vigente na comunidade. Um posto de saúde começou a ser construído com dinheiro arrecadado de doações, porém a verba terminou e a obra não pôde ser finalizada. Portanto, consultam-se no posto de saúde de Picinguaba, a 10,6 quilômetros do Quilombo e,

quando necessário, frequentam o hospital público de Ubatuba, a 35 quilômetros da comunidade.

A Associação dos Remanescentes de Quilombo da Fazenda foi oficialmente criada em junho de 2005 e, desde então, tem buscado garantir os direitos dos moradores, a saúde, a educação, o transporte e a valorização da “cultura” por meio da participação dos membros em reuniões e demais encontros da comunidade. Uma das conquistas foi o Ponto de Cultura, projeto que parte das expressões culturais “para fazer a disputa simbólica e econômica na base da sociedade” (MINISTÉRIO DA CULTURA, 2015). Instituído em 2010, visa ao resgate do passado, à valorização da história, do modo de vida, dos conhecimentos da comunidade e da importância desses aspectos para o futuro (QUILOMBO DA FAZENDA, 2017). Devido ao Ponto de Cultura foi construída a casa do artesanato, feita de madeira e barro. Nesse estabelecimento, os artesãos expõem seus trabalhos e os vendem para os visitantes. Parte do dinheiro (10%) é fornecida à Associação dos Artesãos, responsável por gerir a casa, e o restante vai para os artesãos. Também por meio do Ponto de Cultura, formou-se o grupo de jovens músicos e dançarinos, *Ó de casa* (Fotografia 3), que realiza apresentações de jongo e maracatu em inúmeras regiões do estado de São Paulo.

Fotografia 3 – Roda de jongo do grupo *Ó de casa*.



Fotógrafa: Priscila Yazbek. Fevereiro de 2018.

Com a chegada da luz elétrica, em 2007, a Associação foi contemplada pelo programa de Telecentros BR do Ministério da Educação (QUILOMBO DA FAZENDA, 2017). O

Telecentro não está mais funcionando, pois alguns jovens da comunidade não respeitaram o espaço público e danificaram a infraestrutura, e ele acabou sendo fechado. O espaço possui uma biblioteca, uma sala de computadores e uma sala onde eram realizados os ensaios musicais (tambores e danças), e todas as áreas estão inutilizadas no momento. Muitos dos moradores não acham justo a comunidade inteira pagar pelo erro de alguns. Contudo, os moradores continuam tendo livre acesso à internet. Em relação ao saneamento, a comunidade conta com o tratamento primário do esgoto, por meio das fossas sépticas, e com água proveniente do rio da Fazenda. De acordo com um dos moradores do Quilombo, quando a construção das casas é aprovada pelo PESM, o mesmo fornece o material para a construção da fossa séptica que deve estar presente em todas as casas.

Os moradores são evangélicos ou católicos, e ainda se observam evidências da presença de religiões africanas. Existem três igrejas no local, uma igreja católica e duas igrejas evangélicas – a Assembleia de Deus e uma igreja evangélica vinda do bairro do Itaguá, Ubatuba. Os cultos acontecem às terças-feiras e sábados, e quartas-feiras e domingo, respectivamente. A missa católica ocorre apenas em um domingo por mês. Ao longo do trabalho de campo, uma terceira igreja evangélica foi instaurada na comunidade. Embora as religiões africanas sejam um assunto evitado na comunidade, foi possível observar que várias oferendas são deixadas na beira da cachoeira e nas encruzilhadas.

Alguns moradores comentam que a chegada da igreja evangélica impossibilitou que muitos moradores participassem das rodas de tambor, danças de roda e outras atividades que remetessem à “cultura” herdada dos escravos vindos da África e às religiões afrodescendentes.

3.5 Levantamento etnobotânico participativo. Qual a participação?

Embora muitos projetos classifiquem-se como participativos, raramente são detalhados o grau de envolvimento da comunidade nos objetivos, atividades e decisões dos estudos (JOHNSON et al., 2004). Tal equívoco ocorre em parte porque o termo “pesquisa participativa” é utilizado como sinônimo de “pesquisa qualitativa”. Nesse contexto, torna-se essencial a descrição específica das atividades conduzidas juntamente com os moradores, do nível de participação das atividades propostas e das reflexões acerca dessa participação para a comunidade e para a pesquisa.

A participação dos moradores do Quilombo permeia toda a realização desse trabalho, uma vez que foram estudados seus modos de viver e seus conhecimentos acerca das plantas.

Contudo, como esse trabalho teve o objetivo de envolver os colaboradores locais na condução das entrevistas, nas coletas e prensagens das plantas, na compilação e análise dos dados levantados por meio das entrevistas, na realização de filmagens e fotos, e suas decisões em relação à condução do estudo, foi atribuído o termo “participação ativa” para se referir a essas atividades.

Sendo assim, o intuito foi ter a participação ativa dos moradores em todas as suas etapas, a fim de valorizar seus conhecimentos e suas formas de conhecer, por meio do contato com outros moradores durante as coletas de dados e espécies vegetais. Porém, em algumas etapas, como o registro das imagens por fotos e vídeos, e a análise dos dados no software Microsoft Excel, os colaboradores locais não tiveram interesse em participar ativamente. Em todos esses momentos, o desinteresse esteve ligado ao desconforto gerado pela não familiaridade em usar os equipamentos, câmeras e computadores. Contudo, o grupo de pesquisadores teve o cuidado de pelo menos mostrar as atividades que estavam sendo conduzidas e explicar a importância de tais etapas para a finalização do projeto e o alcance dos objetivos estipulados.

Os moradores da comunidade tiveram participação, primeiramente, na escolha do tipo de material que seria produzido a partir dos resultados da pesquisa. Foram apresentados pela equipe técnica possíveis meios para documentar as espécies indicadas e os modos de vida da comunidade, e as escolhas foram o livro e o documentário. Posteriormente, foi exposta à comunidade a necessidade de pessoas interessadas participarem ativamente como colaboradores locais ao longo do desenvolvimento do estudo. Dois moradores decidiram que realizariam o projeto em parceria com a universidade.

As fichas de entrevista e coleta foram elaboradas pelos pesquisadores com base em outros estudos realizados pelo Centro de Estudos Etnobotânicos e Etnofarmacológicos (CEE). Tais fichas foram apresentadas aos colaboradores, que fizeram algumas sugestões de alterações. A partir dessas sugestões, foram reelaboradas as fichas de dados pessoais dos entrevistado (ANEXO F), dados etnobotânicos (ANEXO G), dados botânicos (ANEXO H) e plantas medicinais (ANEXO I), na versão apresentada nos anexos indicados.

Mais tarde, os colaboradores escolheram os entrevistados que, de acordo com eles, eram os maiores entendedores dos usos das plantas. Participaram ativamente na condução das entrevistas, da coleta das espécies e da confecção das prensas.¹⁰ Embora não tenham fotografado e filmado as espécies botânicas, tampouco as atividades realizadas, a escolha do

¹⁰ Forma de prensar as espécies vegetais para posterior secagem em estufa, a fim de conservar as estruturas botânicas das plantas, permitindo a identificação pelos botânicos e taxonomistas, e o depósito no PMSP.

conteúdo do livro e das perguntas que trilhariam a narrativa do documentário foram feitas conjuntamente por eles e pela pesquisadora responsável.

Apesar de já fazer parte da metodologia desse estudo a realização de um encontro, na forma de um *workshop*, para checagem de dados e para reunir a maior parte dos moradores em atividades práticas sobre os usos das plantas – sobretudo jovens que cotidianamente não têm mais tanto contato com as práticas tradicionais locais –, os colaboradores e os interlocutores sugeriram um título para ele: *Troca de Saberes*.

3.6 Métodos utilizados para o registro dos dados

A metodologia usada pela pesquisadora é a etnográfica, a qual conta com três fases distintas. Primeiramente, o embasamento teórico acerca dos estudos realizados previamente na comunidade em questão, sobre trabalho de campo e etnografia. Posteriormente, a realização do trabalho de campo, período em que a pesquisadora viveu no Quilombo da Fazenda e participou de inúmeras atividades junto aos moradores da comunidade; e, por último, a escrita (URIARTE, 2012).

Para o registro dos dados, foram realizadas entrevistas não estruturadas (BERNARD, 1988, p.210) pelos colaboradores locais, junto aos entrevistados e com acompanhamento da pesquisadora responsável. Os colaboradores foram responsáveis pelo preenchimento das fichas. Além de fornecer o suporte necessário – acompanhando os colaboradores durante todo o processo das entrevistas e coletas –, a pesquisadora responsável utilizou os métodos de observação participante e diário de campo (BERNARD, 1988, p.342; MALINOWSKI, 1990), para fazer os registros das percepções dos entrevistados, interlocutores e colaboradores locais sobre as concepções envolvidas nas doenças e tratamentos – os termos *êmicos*¹¹ –, suas explicações e outras observações que foram pertinentes para o entendimento das relações entre os moradores da comunidade e as plantas, dos modos de vida e de outros aspectos. Estas técnicas e métodos visam a complementar os dados coletados pelos colaboradores. Assim, a partir da observação participante, a pesquisadora interagiu com os hábitos dos moradores, ao acompanhar e participar de suas atividades cotidianas (BERNARD, 1988, p.344).

As anotações em diário de campo referem-se a observações e impressões pessoais da pesquisadora, baseadas em leituras bibliográficas e em relação às pessoas da comunidade, suas concepções e valores. Pelo fato de a etnografia ser uma metodologia que também é

¹¹ Tentativa de descrever o sistema comportamental de uma determinada cultura utilizando seus próprios termos.

intersubjetiva, tais observações afetaram diretamente a forma da pesquisadora ver o próprio mundo, refletir sobre sua sociedade e sua cultura (MALINOWSKI, 1990; PEIRANO, 2008). Portanto, as questões discutidas nesse trabalho, muitas vezes consideram as impressões pessoais da pesquisadora, embasadas pelo referencial teórico, e a sua sensibilidade em captar os confrontos entre as teorias acadêmicas e os pontos de vista dos moradores da comunidade, e entre as diferentes formas de ver o mundo e lidar com ele. Assim sendo, o trabalho em questão é o fruto do “estudo das experiências humanas a partir de uma experiência pessoal” (GOLDMAN, 2006, p.167).

3.7 Trabalho de campo

O trabalho de campo realizado foi conduzido de maio de 2016 a março de 2018. No total foram realizadas 18 viagens de campo, com duração total de 121 dias. Em 2016, foram realizadas 11 viagens, nos meses de maio a dezembro, isto é, no mínimo uma viagem por mês. Em 2017, realizou-se uma viagem entre janeiro e fevereiro, uma no mês de maio, uma em junho e outras três nos meses de setembro a novembro, sendo uma por mês. A última foi realizada entre fevereiro e março de 2018.

3.7.1 Escolha dos colaboradores locais

No momento inicial, quando foram feitas as primeiras reuniões com a comunidade para explicar os objetivos do projeto e suas implicações, bem como para se saber a demanda da comunidade, alguns moradores demonstraram-se interessados em participar como colaboradores locais. Estes foram os responsáveis por realizar o estudo etnobotânico, entrevistando os conhecedores de plantas (benzedeiros, artesãos, agricultores) e coletando as plantas por eles indicadas, possibilitando inventariar o uso das plantas.

No entanto, mais de um ano se passou até o início do projeto, devido à espera das autorizações necessárias. Ao iniciar o projeto, os moradores que atuariam como colaboradores não estavam mais disponíveis. Foi necessário buscar por outros moradores. Algumas pessoas foram consultadas e buscaram-se indicações de quem estaria interessado em participar. Nesse momento, após serem explicadas as atividades que seriam conduzidas e os detalhes do projeto, dois moradores no Quilombo da Fazenda demonstraram-se interessados em participar.

3.7.2 Seleção dos conhecedores de plantas: os entrevistados

A seleção dos conhecedores de plantas foi feita pelos próprios colaboradores locais, que já conheciam todos os moradores do Quilombo e, por esse motivo, souberam indicar os moradores “especialistas” em artesanato, construção, plantas medicinais, comidas e temperos, e qualquer outra atividade que fosse de interesse para o projeto e para o “registro” do conhecimento da comunidade. No início, os colaboradores indicaram os membros mais velhos, pois, de acordo com eles, estes detêm grande parte do conhecimento sobre as plantas, inclusive as que não são mais utilizadas pela comunidade, mas eram no passado. Após serem conduzidas as entrevistas com esses moradores, os colaboradores selecionaram alguns moradores mais jovens que ainda realizam muitas de suas atividades com uso de espécies vegetais.

3.7.3 Treinamentos

Inicialmente, o termo utilizado para as atividades que tiveram como objetivo ensinar os colaboradores locais a coletarem os dados solicitados nas fichas de entrevistas e as espécies indicadas pelos entrevistados, assim como a preparação do material botânico – a fim de propiciar a identificação pelos botânicos e taxonomistas do PMSP –, era “capacitação”. Contudo, para que o termo utilizado não remetesse à ideia de incapacidade dos “colaboradores”, a palavra “treinamento” foi utilizado ao invés de “capacitação”.

Ao discutir aspectos da cognoscibilidade humana, Ingold (2010) defende que o conceito de capacidade se enraíza na ideia de a psicologia humana ser “um conjunto de compartimentos modulares pré-constituídos ou ‘dispositivos de aquisição’, aguardando para serem preenchidos com informação cultural na forma de representações mentais”. Embora o autor não estivesse discutindo os conceitos de “capacitação” e “treinamento”, e sim cognoscibilidade, ele afirma que a noção de capacidade “sugere uma disposição intrínseca a aceitar certos tipos de regras e representações”. Sendo assim, como não poderíamos prever as respostas comportamentais diante das atividades desenvolvidas, ou seja, como não poderíamos prever se todos os saberes compartilhados com os colaboradores seriam assimilados e posteriormente executados da mesma forma realizada pelos “capacitadores”, optou-se pelo uso do termo “treinamento”.

Assim, o primeiro treinamento oferecido ocorreu no dia 30 de junho de 2016, e foi fornecido pela Professora Doutora Eliana Rodrigues. Nesse encontro, foi apresentado aos

colaboradores o motivo do treinamento, a Ficha de dados pessoais dos entrevistados (ANEXO F) e a Ficha de dados Etnobotânicos (ANEXO G). Explicou-se também a importância das perguntas das fichas e como deveriam ser preenchidas. Os colaboradores realizaram a entrevista uns com os outros para treinarem o preenchimento e familiarizarem-se com as perguntas. Ainda, foi nesse momento que as fichas foram testadas pelos colaboradores locais, e as alterações sugeridas por eles foram acatadas.

O segundo treinamento foi oferecido no dia 19 de agosto de 2017, pelos botânicos do Herbário Municipal (PMSP), Dr. Ricardo Garcia, Sumiko Honda e Eduardo Hortal Pereira (Fotografia 4). Os botânicos explicaram a necessidade de se ter o nome científico das plantas coletadas, para que uma mesma planta seja reconhecida em qualquer lugar do mundo (HONDA, 2010), para a confecção do acervo do herbário e para a elaboração das trilhas temáticas. Ginacil dos Santos, um dos colaboradores locais, mostrou os produtos artesanais vendidos na loja de artesanato, contou ao grupo sobre as plantas utilizadas na confecção dos mesmos e discorreu sobre outros usos de plantas na comunidade (medicinais, utilizadas na construção de casas, para alimentação, etc.) Foi explicada a importância de se coletar partes específicas das espécies para a identificação, assim como as informações necessárias para facilitar essa identificação. Também ensinaram ao grupo a prensar e secar em estufa o material coletado. A secagem não foi demonstrada na prática, pois a estufa não estava disponível no momento.

Fotografia 4 – Colaborador local prensando uma planta no treinamento oferecido pelos botânicos do PMSP



Fotógrafa: Priscila Yazbek. Agosto de 2016.

Para demonstrar as técnicas utilizadas, foram coletadas algumas espécies indicadas aleatoriamente pelos colaboradores locais e demonstrou-se como preparar o material na prensa e as identificações necessárias. Os colaboradores receberam um caderno azul para anotarem adequadamente os números dos materiais coletados e enviados ao herbário. O projeto *Etnobotânica Participativa: conservação e desenvolvimento local no Parque Estadual Serra do Mar – Núcleo Picinguaba, Ubatuba, SP, Brasil* ofereceu uma estufa caseira para a comunidade, para que pudessem desidratar as plantas.

A fim de praticar as técnicas ensinadas pelos botânicos, os colaboradores prepararam alguns materiais na prensa. Para a identificação de cada colaborador, ficaram decididas as seguintes iniciais: GDS, para Ginacil dos Santos, e SB, para Silvestre Braga. As demais, coletadas pela pesquisadora, seriam identificadas pelas iniciais PBY.

3.7.4 Entrevistas com os moradores do quilombos e coletas das espécies botânicas

Primeiramente, os colaboradores locais agendavam a data e a hora das visitas com os entrevistados. Juntamente com os pesquisadores, chegavam na casa do entrevistado e explicavam o projeto e a importância de sua realização para *registrar* parte do conhecimento¹² dos moradores da comunidade sobre as plantas.

Um dos colaboradores realizava a entrevista e o outro ficava responsável pela coleta da planta citada. Utilizou-se o método *walking in the woods* (ALEXIADES, 1996), no qual o grupo caminhava pelas matas, roças e hortas dos entrevistados e anotava as plantas indicadas durante o caminho. Ao passo que as plantas eram citadas, um dos colaboradores procedia com a coleta (Fotografia 5), o outro anotava a indicação, e a pesquisadora tirava fotos da espécie vegetal e fazia anotações em seu diário. As amostras de árvores que não puderam ser coletadas no momento da caminhada, por serem muito altas e exigirem o trabalho do escalador, eram marcadas com fita adequada para poderem ser coletadas depois. Após terminada a caminhada, o grupo voltava à casa do entrevistado, e o colaborador que tinha anotado as indicações iniciava as perguntas da ficha de entrevista para cada planta citada (Fotografia 6).

¹² O termo “parte do conhecimento” é usado aqui, pois as informações fornecidas durante as entrevistas não contemplam todo o conhecimento acerca do uso das plantas. Muitas das classificações usadas na comunidade e as influências de outros fatores para a eficácia do uso das espécies não foram tratadas durante as entrevistas e mesmo se tivessem sido, não teria sido possível formar um “registro” amplo e completo sobre esse conhecimento.

Para as plantas medicinais, foram utilizadas fichas especiais que continham perguntas referentes às posologias, contraindicações e formas de preparo. Enquanto o colaborador seguia os questionamentos da ficha e escrevia as respostas, a pesquisadora anotava observações em seu diário de campo sobre possíveis impressões e outros assuntos que acabavam sendo abordados no momento, como: a história do Quilombo; descrições do local e da infraestrutura; formas de escolha das plantas citadas pelos moradores; frases que remetiam ao conhecimento sobre a conservação das espécies; observações sobre outras formas de sistemas empregados no uso e na escolha das espécies; e qualquer outra informação relevante para compor o sistema simbólico presente. Ainda, quando necessário, a pesquisadora intervinha fazendo alguma pergunta que não tinha sido abordada pelo colaborador.

Fotografia 5 – Silvestre Braga coletando uma das espécies indicadas pelos entrevistados.



Fotógrafa: Priscila Yazbek. Outubro de 2016

Em todas as entrevistas os moradores ficaram à vontade para finalizar a atividade caso estivessem cansados ou tivessem outros compromissos. Nesses casos, o grupo voltou à casa dessas pessoas em outro momento para finalizar a entrevista, até que todas as plantas citadas durante a caminhada tivessem sido tratadas.

Em alguns casos, os entrevistados não foram capazes de levar o grupo para andar na floresta e mostrar as espécies utilizadas. Isso ocorreu com as pessoas mais velhas e/ou com dificuldade de locomoção. Prosseguiu-se, então, com a conversa no local onde o entrevistado estava. Os mesmos descreveram as plantas e onde possivelmente estariam. As plantas foram coletadas e levadas aos entrevistados para os mesmos confirmarem se era a espécie correta. De qualquer forma, todas as plantas foram fotografadas, e a pesquisadora, sem a participação dos colaboradores, foi à casa dos entrevistados para checar se as plantas coletadas se referiam às citadas durante as entrevistas.

Fotografia 6 - Colaboradores locais entrevistando uma das moradoras da comunidade.



Fotógrafa: Priscila Yazbek. Outubro de 2016.

Além disso, a responsável pela atividade voltou à casa desses moradores algumas vezes, para coletar informações que estavam faltando e tirar dúvidas que apareceram durante a organização dos dados. Em média, cada pessoa foi abordada seis vezes para que as informações ficassem completas, sendo que as entrevistas iniciais tiveram em média três horas e as demais conversas, uma hora.

Durante a coleta das plantas, também foi realizado o preenchimento da ficha de dados botânicos (ANEXO H), que guia a identificação taxonômica das amostras pela equipe do Herbário Municipal de São Paulo. O preparo do material foi realizado por meio do método seco, no qual as amostras são dispostas em jornais de forma que todas as partes possam ser bem visualizadas após a secagem. Entre os jornais, intercalam-se papelões para garantir a qualidade do material. As amostras são então prensadas e as prensas são colocadas na estufa, durante três dias, a 60°C, onde ocorre a secagem do material (MORI et al., 1985).

Após a coleta, os materiais foram levados ao Herbário Municipal. Para a identificação das amostras, a equipe do PMSP utilizou-se de chaves dicotômicas e consulta à literatura especializada de cada família botânica. Para confirmação das identificações, procedeu-se a comparação com amostras do acervo do PMSP e/ou dos herbários virtuais. Quando necessário, houve consulta a especialistas, como foi o caso das espécies da família *Asteraceae*. A nomenclatura e a classificação adotadas estão de acordo com a *Lista de Espécies da Flora do Brasil*,¹³ no caso de espécies brasileiras e, no caso de espécies exóticas, seguiu-se o site *The Plant List*.¹⁴ Pelo menos uma amostra de cada espécie foi incluída no acervo do Herbário PMSP e as demais serão encaminhadas ao Herbário Dom Bento José Pickel do Instituto Florestal (SPSF).

Algumas árvores não puderam ser coletadas pelos colaboradores locais e pela pesquisadora por serem muito altas. Tais árvores foram marcadas e coletadas por um escalador residente no Quilombo da Fazenda, Luciano Assunção (Fotografia 7). Além disso, algumas espécies só puderam ser coletadas em sua forma vegetativa (ou seja, sem flores ou frutos, apenas folhas). Quando possível, foram recoletadas férteis (com flores e/ou frutos). No entanto, algumas das plantas que não foram encontradas férteis não puderam ser identificadas até nível de espécie pelos botânicos e taxonomistas. Ainda, em alguns casos, as plantas foram citadas para alguma indicação, mas não foram encontradas para serem coletadas. Nesses casos, não puderam ser identificadas, mas as informações sobre seus usos e nomes populares foram descritos nessa dissertação.

Além das entrevistas e coletas, o contato com os usos das plantas, por parte da pesquisadora responsável, ocorreu durante a vivência na comunidade e a participação no cotidiano dos moradores. Nesses momentos, informações importantes que não tinham sido citadas nas entrevistas foram coletadas sobre os usos das espécies, assim como descrito em *Métodos utilizados para o registro dos dados*. Tais observações foram essenciais para compor os resultados e as análises desse trabalho.

Fotografia 7 - Luciano Assunção coletando uma das árvores altas.

¹³ Disponível em: <<http://floradobrasil.jbrj.gov.br/>>

¹⁴ Disponível em: <<http://www.theplantlist.org/>>



Fotógrafa: Priscila Yazbek. Fevereiro de 2017.

3.7.5 *Troca de saberes* e checagem dos dados

No final do estudo, um encontro intitulado *Troca de saberes* foi organizado pelos pesquisadores e colaboradores locais. Todos os moradores da comunidade foram convidados a participar. O objetivo foi checar se as plantas coletadas e seus usos associados tinham sido corretamente anotados pela equipe ao longo do projeto. Para isso, foram elaboradas fichas com as fotos de todas as plantas coletadas e suas indicações, assim como ilustrado na Figura 3.

Figura 3 - Fichas ilustradas utilizadas para checar os dados levantados durante o estudo e entender as possíveis classificações êmicas¹⁵.

¹⁵ Pela percepção dos moradores do Quilombo.



Fonte: produção da autora

Foi proposto aos moradores que as fichas fossem checadas e coladas em cartolinas de acordo com uma organização que fizesse sentido para eles. O propósito desta atividade foi entender as formas de classificação das plantas e suas indicações de acordo com os membros do Quilombo. Os participantes olharam todas as fichas, dividiram as espécies em categorias de acordo com suas indicações, e fizeram correções quando necessário. As novas indicações e as indicações não reconhecidas pelos participantes foram anotadas. A Fotografia 8 ilustra um pouco do que aconteceu nesse encontro.

Além da checagem de dados, no encontro foi discutido como os moradores queriam que todas essas informações estivessem dispostas no livro. Inicialmente, esse material seria chamado de cartilha, pois é como estava descrito no projeto inicial enviado à FAPESP; contudo, após esse dia, as pessoas presentes preferiram chamá-lo de livro. Também escolheram o nome: *O uso das plantas pelo Quilombo da Fazenda*,¹⁶ e pediram que no livro estivessem contidos os seguintes elementos: 1. observação enfatizando que o conhecimento pertence à comunidade; 2. fotos dos entrevistados; 3. apresentação dos entrevistados e colaboradores locais; 4. breve histórico do Quilombo; 5. mapa de como chegar ao local; 6. todas as plantas de todas as categorias; 7. as receitas das plantas medicinais; 8. letra grande para que todos consigam ler com facilidade.

Fotografia 8 – Troca de Saberes realizada na comunidade no final do trabalho.

¹⁶ Disponível no Issuu em: <https://issuu.com/pbyazbek/docs/livro_-_quilombo>



Fotógrafa: Thamara Sauini. Novembro de 2017

Após a atividade, a pesquisadora voltou à casa dos entrevistados que não estiveram presentes, para confirmar as indicações não reconhecidas durante o encontro. Também coletou informações adicionais sobre as novas indicações citadas e checkou com cada entrevistado as formas de uso e preparo das indicações previamente anotadas, para garantir que todos os dados estivessem corretos.

3.8 Organização e análise dos dados qualitativos e quantitativos

A análise dos dados se realizou por meio do compilamento das informações obtidas durante as entrevistas, coletas e atividades realizadas juntamente com os moradores da comunidade. Os dados das fichas preenchidas nas entrevistas e coletas foram dispostos em planilhas no software Microsoft Excel, de acordo com as seguintes colunas: código da espécie coletada; nome do entrevistado; nome da espécie indicada; local de coleta e coordenada do GPS; parte utilizada; finalidade; época de floração; número da foto correspondente; data da coleta; nome científico acadêmico; família; e distribuição. Já as anotações em diários de campo dos dados obtidos nas entrevistas e nas vivências durante a observação participante foram uma rica fonte para as análises qualitativas. Essas informações foram anotadas em relatórios de campo e posteriormente agrupadas de acordo com assuntos em comum, como percepções da pesquisadora, trocas de experiências dos conhecimentos científicos acadêmicos

e tradicionais, aspectos de segurança e conservação das plantas, possíveis sistemas classificatórios da doenças e de seus tratamentos, origens do conhecimento da comunidade, ditados e costumes, história do Quilombo e assim por diante, possibilitando a reflexão sobre temas provenientes de diversos momentos.

A exposição dos resultados dessa forma permitiu a percepção dos tópicos convergentes e divergentes, além de subsidiar o entendimento sobre o lugar estudado, as interações com o meio ambiente e as consequentes interpretações (SALGADO; GUIDO, 2006), resultando na análise qualitativa. Já a análise quantitativa seguiu a abordagem de "totalização de usos" (CUNNINGHAM, 2001; PHILLIPS, 1996), na qual foram calculadas, a partir dos dados constantes da Ficha de dados etnobotânicos e sobre as plantas medicinais, as frequências das diferentes categorias de uso, as frequências de uso dentro de cada categoria, as partes das plantas utilizadas e outros dados relevantes. Todos os dados condensados foram analisados, possibilitando uma reflexão sobre os resultados, permitindo inferências e interpretações.

De acordo com as categorizações apontadas pelos entrevistados, as plantas foram indicadas como medicinais, alimentares com possíveis benefícios para a saúde e “outros”, pois não se encaixavam nas categorias artesanato, combustão, comida/temperos, construção, medicinais e tintura, apresentadas na Ficha de entrevista etnobotânica (ANEXO H). Na categoria Outros estavam inclusas as espécies indicadas para: *benzimento*,¹⁷ *tirar mau-olhado*,¹⁷ *tirar energias ruins*,¹⁷ *varrer más energias*,¹⁷ *tirar o azar*,¹⁷ e resguardo;¹⁷ porém, após a *Troca de saberes*, os moradores da comunidade acharam melhor incluí-las como medicinais, pois o tratamento dessas condições também desencadeia um bem-estar para a saúde.

Com o intuito de categorizar as indicações e organizar as informações obtidas, o Quadro 1 foi criado contendo todas as espécies com possíveis compostos bioativos, seguindo uma classificação ética a partir das indicações êmicas. Sendo assim, as plantas indicadas como medicinais foram agrupadas dependendo da indicação de uso, sendo que, na coluna “indicação”, estão descritos os termos êmicos assim como expressados pelos entrevistados, e as categorias de divisão do Quadro 1¹⁸ foram estabelecidas de acordo com o conhecimento científico acadêmico, agrupando as indicações nas categorias mais apropriadas dentre:

¹⁷ Termos utilizados pelos moradores da comunidade durante as entrevistas e conversas informais. Explicados no capítulo “Entendendo as condições para as quais as plantas são indicadas”

¹⁸ Embora o Quadro 1 tenha sido citado nessa parte da dissertação, por sua elaboração fazer parte dos *Materiais e Métodos*, os dados apresentados cabem aos resultados desse trabalho. Assim, o Quadro 1 foi disposto em *Indicações e frequências de uso*, item que abordará mais detalhadamente os resultados apresentados no quadro.

Cosméticos; Doenças da pele e do Tecido Subcutâneo; Doenças parasitárias; Doenças não reconhecidas pela Biomedicina; Processos Inflamatórios; Sistema Circulatório; Sistema Endócrino; Sistema Gastrointestinal; Sistema Genitourinário; Sistema Nervoso Central; Sistema Ocular; Sistema Osteomuscular; Sistema Respiratório; e outros.

A classificação ética não levou em conta as identificações botânicas, e sim os usos terapêuticos de acordo com a forma como foram informados pelos entrevistados do Quilombo. Cada linha do quadro representa uma indicação terapêutica. Foram indicados os entrevistados para demonstrar que os conhecimentos acerca dos usos das plantas não são iguais para todos os moradores da comunidade, e que os conhecimentos tradicionais não são iguais para todos os membros do Quilombo. Ainda, foram usadas as iniciais de seus nomes para proteger a identidade dos entrevistados. Na terceira coluna, o uso do termo “Nome Científico Tradicional” foi empregado para reforçar a ideia de que os conhecimentos dos quilombolas também são uma ciência, assim como discorrido por Lévi-Strauss (1989), tema que será aprofundado em *Elementos relacionados ao uso e à eficácia*.

Em “Uso Terapêutico”, estão dispostas as indicações da forma como foram citadas pelos moradores e, por esse motivo, estão em itálico. Ainda dessa coluna, termos como *inzipe*, *energias ruins* e *benzimentos* serão explicados no capítulo *Elementos relacionados ao uso e à eficácia*. Na coluna “Receitas”, estão expressas as formas de preparo, vias de administração e posologia, de acordo com o que foi indicado pelos entrevistados. Tais informações não foram desmembradas, pois não foi possível “dividir” todos os detalhes fornecidos pelos quilombolas nessas especificações e, em muitos casos, não foi possível identificar o modo de preparo e/ou a via de administração e/ou a posologia a partir das indicações êmicas. Ainda, o termo “Receitas” foi utilizado, pois foi a forma usada para perguntar aos entrevistados. As quatro últimas colunas referem-se aos resultados da identificação das espécies e à distribuição, assuntos que serão mais detalhados em *Identificação Botânica*. O “número do voucher” representa o número de cada espécie depositada no herbário. Por último, os significados das siglas empregadas estão dispostos na legenda do quadro.

Embora a classificação ética tenha sido empregada para organizar os dados coletados, a distribuição dessa maneira permite a visualização das plantas e suas indicações da forma que foram feitas pelos moradores da comunidade.

Após a identificação dos nomes botânicos das espécies coletadas, consultou-se o banco de dados da Flora do Brasil 2020,¹⁹ para saber se as espécies em questão são nativas ou exóticas. Quando não encontradas nesse banco de dados, os bancos Tropicos²⁰ e U.S. National Plant Germplasm System²¹. As buscas foram realizadas em 07 e 08 de maio de 2018.

3.9 Registro audiovisual e elaboração do material

O registro audiovisual das atividades realizadas, treinamentos, entrevistas e coletas das plantas foi feito pela pesquisadora, pela sua irmã, Débora Yazbek, que é formada em Rádio e Televisão, por alguns de seus colegas de Faculdade, Fernanda Saraceni, Daniel Hafez, Danilo Pimenta, e auxiliada por alguns membros do projeto *Etnobotânica Participativa: conservação e desenvolvimento local no Parque Estadual Serra do Mar – Núcleo Picinguaba, Ubatuba, SP, Brasil*, Fernanda Fragoso, Thamara Sauini, Stephanie Hoehne, Fernando Cassas e Prof. Dr. Eliana Rodrigues. Ainda, no final do projeto, algumas imagens foram captadas pelo profissional da área, Jimmy Bro.

Durante as gravações, foram feitas perguntas aos interlocutores relacionadas ao uso das plantas, às histórias sobre o quilombo, à presença do Parque na área da comunidade, aos impactos na comunidade promovidos pela chegada da estrada, às questões ambientais e de conservação, e às expectativas dos moradores quanto ao que esperavam deixar para as gerações futuras. Ainda, foram registradas fotos da comunidade, de alguns momentos das atividades de campo e de todas as plantas coletadas para elaboração do livro.

A edição do documentário foi feita pelo profissional Jimmy Bro, que esteve presente no local por alguns dias para conhecer os moradores da comunidade e vivenciar o dia a dia do Quilombo. A experiência desse profissional em campo, aliada às informações compartilhadas com a pesquisadora responsável e às sugestões de temas e cenas propostos pelos moradores do Quilombo deram origem ao curta-metragem *Raízes de Resistência*.²²

Os entrevistados para essa atividade foram indicados pelos próprios colaboradores e um aviso foi deixado na comunidade, à vista de todos, informando sobre as gravações que estavam sendo realizadas, a fim de conversar com todas as pessoas que tivessem interesse em

¹⁹ Disponível em:

<<http://floradobrasil.jbrj.gov.br/reflora/listaBrasil/ConsultaPublicaUC/ResultadoDaConsultaNovaConsulta.do#CondicaoTaxonCP>>

²⁰ Disponível em: <<http://www.tropicos.org/>>

²¹ Disponível em: <<https://npgsweb.ars-grin.gov/gringlobal/taxon/taxonomysearch.aspx>>

²² Disponível no Youtube em: <<https://youtu.be/FDfq8xKSydl>>

aparecer no vídeo e contribuir para esse registro. O Termo de autorização do uso da imagem (ANEXO J) foi assinado por todos que foram filmados.

Por mais que o conteúdo presente no filme tenha sido elaborado em conjunto pelos pesquisadores e membros da comunidade, o resultado final não deixa de ser a visão dos pesquisadores sobre o modo de viver e conhecer da comunidade, já que a captação das imagens, entrevistas e a edição foram feitas pelos pesquisadores, e não pelos moradores da comunidade. Por mais que tenhamos tentado representar o que a comunidade queria, nossa visão sobre todo esse conteúdo não deixa de ser uma visão de alguém de fora, profissionais formados por outros contextos e embasamentos que diferem daqueles dos colaboradores locais e moradores da comunidade.

O livro também foi elaborado de acordo com sugestões feitas pelos colaboradores, a fim de conter todas as plantas citadas, suas indicações, formas de uso e preparo. Como dito anteriormente, o conteúdo final desse material foi discutido durante a *Troca de Saberes*, e as informações presentes, assim como o nome do livro, foram escolhidas pelos moradores da comunidade durante essa atividade. No entanto, tal material foi organizado e diagramado pela pesquisadora responsável e, dessa forma, o resultado remete à sua percepção e ao seu entendimento sobre o assunto.

4. Resultados e Discussão

4.1 Pesquisa participativa

“Um dia tava pegando fogo na floresta e um beija-flor tentava sozinho apagar o fogo. Ia no rio, pegava um pouco de água e levava até o fogo. Os outros bichos da floresta viam isso e falavam: ‘Olha só ele, até parece que sozinho ele vai dá conta’. O beija-flor dizia que pelo menos estava fazendo a parte dele. Nós somos que nem o beija-flor. A gente faz o que a gente pode, mas pelo menos fazemos nossa parte e tentamos passar isso adiante.”²³

Por ter se tratado de uma pesquisa participativa, esse trabalho envolveu as vontades e percepções de dois moradores do Quilombo que contribuíram ativamente para a coleta das plantas indicadas e dos dados anotados durante as entrevistas. Além da participação ativa desses moradores, os conhecimentos e práticas dos interlocutores e entrevistados também foram envolvidos na realização desse trabalho. Assim, esse capítulo tem o intuito de retratar quem são esses colaboradores locais e entrevistados, não apenas pelas respostas fornecidas durante as entrevistas, mas também pelas análises proporcionadas pela etnografia que permitiram, entre outros fatores, o entendimento sobre os modos de vida dos moradores da comunidade e as marcas deixadas por uma história de luta e resistência.

Vale ainda ressaltar os desafios de executar uma pesquisa participativa, já que, por mais que a vontade em realizar esse estudo tenha partido também desses moradores, o tempo que nós, pesquisadores, tivemos para realizá-lo difere-se claramente do tempo que eles têm disponível para participar. Sendo assim, entender esse tempo, entender suas vontades e disposições é uma forma de respeitar as limitações da pesquisa participativa. Nesse sentido, em alguns casos, como citado acima, principalmente durante as recoletas, as checagens de dados, e a elaboração do livro e do documentário, os moradores preferiram não opinar e disseram inúmeras vezes: “Pode fazer você, a gente confia em você.” Isso não deixa de ser um dado desse trabalho, pois revela que, na busca pelos objetivos colocados pelo pesquisador, nem sempre a participação ativa dos colaboradores estará presente, uma vez que o sentido desse trabalho não é o mesmo para nós (ciência acadêmica) e para eles, e por mais que tentemos incentivá-los, a meu ver, a vontade deve partir deles, ou seja, a participação ativa deve fazer sentido para eles.

²³ História contada por um dos moradores da comunidade em 20 de setembro de 2017.

De qualquer forma, a realização desse trabalho permitiu diversos encontros entre pesquisadores e moradores da comunidade, durante os treinamentos, as entrevistas e coletas de plantas, nas atividades conduzidas juntamente com os botânicos e, por fim, na *Troca de saberes*. Nesses momentos, algumas trocas de experiências foram bem evidentes e serão aqui descritas. Contudo, ocorreram ao longo de todo o desenvolvimento do trabalho e estão citadas, mesmo que indiretamente, no decorrer do texto, quando foi pertinente relacionar essas trocas com outras questões tratadas.

4.1.1 Colaboradores locais, quem são?

O projeto contou com dois colaboradores locais (Fotografia 9), ambos do sexo masculino, de 35 e 42 anos. Ambos têm o ensino fundamental incompleto e acreditam que o projeto é uma forma de valorizar a “cultura” deles, fazer os mais jovens se interessarem por sua história e “resgatar” parte do conhecimento sobre as plantas, que tem sido transformado ao longo do tempo devido ao acesso mais fácil à cidade, ao desinteresse dos mais novos e à diversos outros fatores que são inerentes à qualquer cultura em razão de seu caráter dinâmico.

Fotografia 9 – Os colaboradores locais. Ginacil dos Santos à esquerda e Silvestre Braga à direita.



Fotógrafa: Priscila Yazbek. Fevereiro de 2018.

Ginacil dos Santos é artesão e vende seus artesanatos na casa do artesanato, localizada ao lado da casa da farinha, dentro do Quilombo da Fazenda. Nasceu em Picinguaba e é descendente de negros escravizados. Casou-se aos 18 anos com uma moradora do Quilombo e para lá se mudou. Têm três filhos e dedica-se prioritariamente ao artesanato, mas também trabalha na roça quando necessário. Tem grande interesse em aprender com os mais velhos sobre os usos das plantas, seus conhecimentos e sua “cultura”.

[...] antigamente as pessoas tinham tempo para criar seus filhos. Por exemplo, as escolas eram muito importantes, mas as pessoas não tinham como ir pra escola. Poucos estudaram. Hoje tem escola, tem escola integral. Então o pai vai trabalhar pra um lado, a mãe pro outro, o filho passa o dia inteiro na escola e quando não tá na escola tá na rua. Realmente é muito difícil você educar seus filhos se você não passa a maior parte do tempo com eles. Então eles não vão aprender aquilo que você sabe, vão aprender com os outros. Então você vai perder a maioria dessas coisas que você aprendeu com seus pais, seus avós. Antes o filho ia pra roça com você, ia pra mata com você e os filhos iam aprendendo (...) hoje não tem mais isso e a gente tem que recuperar. Os pais ficam trabalhando o dia inteiro pra dar conforto pros filhos, mas eles não conhecem mais quem são seus filhos.²⁴

Silvestre Braga nasceu no Quilombo e lá viveu sua vida inteira. É neto do Sr. Leopoldo Braga, antigo administrador da Fazenda e grande entendedor das doenças e das plantas medicinais. Silvestre foi casado, tem quatro filhos e já é avô. Ajuda nas atividades do Quilombo e frequentemente trabalha em restaurantes e obras de construção na vila de Picinguaba e em Ubatuba. Aprendeu muito sobre o uso das plantas com sua mãe e avós, e por isso se denomina “homem da coleta”. Foi ele quem soube reconhecer a maior parte das plantas quando não conseguimos coletá-las com flor e/ou fruto durante as entrevistas.

Como comentado em *Escolha dos colaboradores locais*, quando foram feitas as primeiras reuniões com a comunidade, dois outros moradores se demonstraram interessados em realizar a pesquisa. Entretanto, mais de um ano se passou até o início do projeto, e os moradores que tinham se interessado em participar como colaboradores não estavam mais disponíveis. Foi necessário ver o interesse de outros moradores. A partir de então, Ginacil e Silvestre passaram a ser os colaboradores locais. A mudança dos colaboradores interessados em participar do estudo no início da pesquisa pode ser analisada de várias maneiras, e também modula o desenvolvimento do estudo de formas distintas, já que, pelo fato de o trabalho ter sido conduzido com a participação ativa dos moradores, seu resultado final traz as percepções de cada pessoa que participou de sua realização. Esse é um dos motivos que demonstram a importância de falar um pouco mais detalhadamente dos colaboradores, seus históricos, interesses e expectativas em relação ao trabalho.

Assim como a cultura não é estática, os membros da comunidade também vivem dinamicamente. Seus saberes, ocupações e interesses variam, estão sempre em movimento, sendo alterados, e, por mais que partam de uma base estrutural, dialogando com o momento presente. No início, dois moradores estavam interessados em participar do trabalho, mas no

²⁴ Depoimento dado por Ginacil dos Santos para gravação do documentário em 03 de fevereiro de 2017.

período de um ano as dinâmicas de suas vidas não eram as mesmas e a participação ativa no estudo já não fazia o mesmo sentido de um ano antes.

Ainda, a presença desses dois outros participantes eventualmente guiou a realização do estudo de outra forma, uma vez que as questões escolhidas para trilhar a narrativa do documentário, os entrevistados escolhidos como os maiores conhecedores das plantas e a própria condução das entrevistas foram possivelmente diferentes das que teriam sido escolhidas pelos colaboradores iniciais. Enfim, são outros pontos de vista, que teriam possivelmente levado a diferentes dados e análises. De qualquer forma, por se tratar de uma pesquisa qualitativa, que conta com um campo dinâmico, a flexibilidade faz parte da metodologia, e, por esse motivo, os desenhos de estudos qualitativos recebem o nome de *design flexibility* (MARSHALL; ROSSMAN, 2014, p.23).

Vale ressaltar que, por mais que alguns dados e decisões possivelmente fossem diferentes em virtude dos colaboradores locais, as informações coletadas por meio da etnografia e as estruturações provenientes dessa metodologia levariam às mesmas questões discutidas nesse trabalho, uma vez que se trata de um estudo em um quilombo e as pessoas entrevistadas fazem parte desse grupo.

Voltando ao caso específico de Ginacil e Silvestre, o interesse do estudo esteve mais voltado para as plantas medicinais. Silvestre é neto de um dos maiores entendedores sobre os *remédios* que o Quilombo já teve e que, embora tenha falecido há algum tempo, foi lembrado por todos os moradores inúmeras vezes. De acordo com as histórias contadas por esse colaborador, a presença de seu avô e a proximidade com as plantas medicinais foram importantes elementos que consolidaram seu interesse por essas plantas em especial. Já Ginacil foi um dos membros da comunidade que trabalhou de perto com a construção do Ponto de Cultura instaurado na comunidade. Pelos diálogos que foram estabelecidos ao longo do tempo, ele acredita que o Ponto de Cultura foi um instrumento de reafirmação da “cultura” quilombola por meio da música, da capoeira e dos artesanatos, expressões culturais que foram tratadas com mais afinho durante a consolidação do espaço. Uma das falas clássicas de Ginacil é: “Se não cuidar do seu passado, da sua história, não tem futuro.” Dessa forma, para eles, o estudo das plantas medicinais é uma forma de *resgatar* parte do conhecimento que foi e tem sido *perdido* e deve ser *registrado*, para as futuras gerações conhecerem seu passado e terem um futuro consciente.

Os termos *resgatar*, *perdido* e *registrado*, estão sendo usados aqui da forma que foram trazidos pelos colaboradores, entrevistados e interlocutores, e, embora não se adequem à ideia da cultura contestada por Carneiro da Cunha (2009, p.364), são as expressões utilizadas por

esses moradores e dialogam com a necessidade que a comunidade tem de se reafirmar como “cultura”, diante de um contexto de resistência frente à escravidão, à disputa pelas terras, à chegada do PESM e ao apagamento de seus conhecimentos.

De acordo com Bruno Latour (apud CARNEIRO DA CUNHA, 2007), inúmeras práticas constituem uma ciência e as mesmas “não se dão em um vácuo político e social”. Dessa forma, os elementos citados acima – escravidão, reivindicação das terras e chegada do Parque – foram alguns dos fatores político-sociais que desencadearam a necessidade de resistir. A “cultura” então “assumiu um novo papel como argumento políticos e serviu de ‘arma dos fracos’” (CARNEIRO DA CUNHA, 2009, p.312). Assim, a “cultura” passa a existir “como recurso e como arma para afirmar a identidade, dignidade e poder diante de Estados nacionais ou da comunidade internacional” (CARNEIRO DA CUNHA, 2009, p.373).

Contudo, em sua obra *Cosmologias do capitalismo*, Sahlins (apud LANNA, 2001) explora a ideia de que “a presente ordem global foi decisivamente moldada pelos povos periféricos”, ou seja, as comunidades não são vítimas do capitalismo, e sim autoras de suas próprias histórias. Nas colonizações da Polinésia e da China, por exemplo, o câmbio de materiais também implicou em uma troca de perspectivas. Já com os havaianos, as alianças criadas também foram políticas, econômicas e religiosas (SAHLINS apud LANNA, 2001).

Dessa forma, “os contatos entre o ‘ocidente e o resto’ (the West and the Rest) moldaram tanto a história dos povos colonizados, como a do capitalismo” (LANNA, 2001). Contudo, por mais que esses contatos exerçam uma ação de mão dupla, e mesmo que as comunidades tenham escolhido os seus próprios caminhos ao longo da história, tais caminhos não foram desencadeados pela opressão? A necessidade do quilombo se afirmar como “cultura” não se desencadeou pela necessidade de resistir? Para Lanna (2001), Sahlins deixa de lado, entre outras coisas, a questão da violência ocidental, ou seja, as formas de imposição dos ocidentais.

Assim, o maior contato do Quilombo da Fazenda com a cidade, com o PESM e com outras instâncias que representam os “ocidentais”, incitou o estabelecimento da “cultura” como forma de resistência, e a união entre os moradores surgiu como fator primordial para resgatar a força de resistência. Como dito por L.B. em depoimento para gravação do filme: “[...] esse é o resgate que eu gostaria de trazer para a comunidade. Ser unido, muito unido, porque antigamente era assim e a gente tinha uma força muito grande por causa da união.”

Sendo assim, as mudanças sugeridas por eles nas fichas de entrevista durante os treinamentos podem indicar algumas hipóteses que se vinculam ao contexto citado acima. Uma das alterações requeridas foi retirar as perguntas sobre dados socioeconômicos, o que

remete, entre outros fatores, à necessidade de união entre os moradores, já que a arrecadação financeira pode ser uma forma de fragmentação da comunidade, ou melhor, uma forma de alguns (que ganham mais) sobressaírem aos que ganham menos, tendo em conta os recursos econômicos. Embora a relação entre recursos econômicos e desunião não tenha sido explicitada pelos moradores, pode-se observar que essa questão permeia os vínculos afetivos entre os moradores, causando, de certa forma, uma fragmentação na comunidade.

Ainda, os colaboradores locais sugeriram que fossem incluídas perguntas mais detalhadas sobre o uso das plantas medicinais (posologia, modo de preparo e administração), o que está atrelado à vontade de fazer com que as futuras gerações saibam como tais plantas eram usadas no passado e possam reproduzir tais usos no futuro. Ademais, a introdução dessas questões foi importante para as análises que virão adiante, já que dialogam com o foco dessa pesquisa.

Muitas vezes, expressaram também o desejo por levarmos uma análise farmacológica e toxicológica sobre as plantas utilizadas como “remédio”. De acordo com o colaborador Ginacil dos Santos, queriam saber se as plantas que eles tomam fazem algum mal para saúde, o que de certa forma é incoerente, já que, assim como explicado por Carneiro da Cunha (2007), vivem há muitos anos usufruindo desses produtos, e o uso prolongado dessas substâncias fornece evidências de toxicidade, conferindo um caráter de pesquisa clínica fase IV. Além da curiosidade por essas informações ter sido desencadeado por dialogarem, durante a realização do trabalho, com pesquisadores da Academia, nota-se aqui o rastro da interferência e das formas de pensar das “ideias metropolitanas dominantes” (CARNEIRO DA CUNHA, 2009, p.327), já que tais ideias também levaram ao interesse deles pelo conhecimento científico acadêmico e à necessidade de validar seus conhecimentos. Assim sendo, o interesse deles pelo conhecimento científico acadêmico abarca inúmeras questões políticas e sociais, e não pode ser analisado apenas como um anseio por conhecimento.

As percepções citadas acima são algumas hipóteses levantadas ao longo da pesquisa qualitativa e poderiam ter sido estudadas com maior profundidade. Contudo, devido ao recorte do estudo, não serão aprofundadas. Estão aqui citadas, pois abrem margens para futuros estudos a ser conduzidos e demonstram que os resultados deste estudo podem ser analisados por outros pontos de vista, dependendo do objetivo do trabalho.

4.1.2 Entrevistados

No total, foram entrevistados oito moradores. Cinco mulheres (62,5%) e três homens (37,5%). As idades variaram de 43 a 81 anos, sendo que cinco deles têm mais de 60 anos. Isso se deve ao fato de os colaboradores locais terem escolhido propositalmente os mais velhos da comunidade. De acordo com os colaboradores, estes são os maiores conhecedores das plantas, já que viveram em uma época durante a qual as práticas de cura com uso das plantas eram mais presentes do que nos dias de hoje, uma vez que a necessidade pelo uso das plantas era maior, pois era mais difícil ir até a cidade comprar um remédio. A escolha inicial desses entrevistados também demonstra que, para os moradores da comunidade, o conhecimento está atrelado à idade, à experiência de vida. Ainda, o respeito pelos moradores mais velhos e por seus conhecimentos remete à questão de resistência. Para os colaboradores, os mais velhos acompanharam diversas etapas históricas da comunidade: a necessidade de usufruir das plantas, a força para manter a “cultura” viva e a disseminação desses conhecimentos, sendo assim a fonte da maior parte desses saberes.

Em relação à alfabetização, todos têm o ensino fundamental incompleto, exceto um que não frequentou a escola. As ocupações incluem artesãos, agricultores/lavradores, sendo uma das entrevistadas uma cozinheira que trabalha no restaurante da família. Dois dos entrevistados fazem *benzimentos*²⁵ para *tirar as energias ruins*,²⁵ *mau-olhado*²⁵ e doenças, e *para encontrar trabalho*.²⁵

Apesar de os moradores terem sido indicados por serem “especialistas” em determinado assunto – como artesãos, conhecedores das plantas medicinais, cozinheiros e outros –, percebeu-se, durante as entrevistas, que o conhecimento dessas pessoas ultrapassava as expectativas iniciais. Todos os entrevistados indicaram plantas para praticamente todas as categorias, contribuindo com informações que iam além das especialidades classificadas inicialmente. Isso mostra que, diferentemente do que busca o conhecimento científico acadêmico influenciado pelas ideias positivistas, a divisão dos conhecimentos e o enquadramento em especialidades, as habilidades dos moradores não se restringem a saberes singulares. Esses conhecimentos estão atrelados uns aos outros, somando-se e facilitando o entendimento de questões que também estão relacionadas.

Ainda, vale ressaltar que muitos outros moradores do Quilombo sabem sobre o uso das plantas medicinais. Uns menos, outros mais, mas esse conhecimento está disseminado pela

²⁵ Termos utilizados pelos moradores da comunidade durante as entrevistas e conversas informais. Explicados no capítulo *Entendendo as condições para as quais as plantas são indicadas*.

comunidade. Contudo, como foram realizadas entrevistas, buscou-se estar em contato com os maiores conhecedores das plantas que, como dito em *Seleção dos conhecedores de plantas: os entrevistados*, foram indicados pelos colaboradores locais.

Assim, chamo a atenção para uma característica do conhecimento científico acadêmico, que ainda hoje é marcado pelas ideias positivistas: a redução em partes para que se possa entender o todo (COMTE, 1978, p.22) – no caso, a divisão em especialidades buscando a compreensão total dos saberes. Para Lévi-Strauss (1989, p.39), o motivo de sempre buscarmos reduzir o objeto e diminuí-lo, procurando entendê-lo em sua totalidade, está relacionado, entre outros fatores, a quebrar a resistência imposta por ele. Ou seja, ao reduzir sua escala, estaríamos tornando-o menos temido para nós, visto que qualitativamente o objeto é simplificado (LÉVI-STRAUSS; 1989, p.39). Acrescento que as qualidades são simplificadas, pois os elos entre todos os “objetos” que compõem o todo deixam de ser analisados. Assim, por mais que certas partes da compreensão sejam facilitadas, o entendimento do todo torna-se falho, pois a visão sobre essas conexões é deixada de lado. Não à toa essa reflexão consiste em uma das características mais criticadas do positivismo.

Por outro lado, embora todos os entrevistados tenham contribuído com indicações para todas as categorias éticas²⁶ contempladas no projeto *Etnobotânica Participativa: conservação e desenvolvimento local no Parque Estadual Serra do Mar – Núcleo Picinguaba, Ubatuba, SP, Brasil*, notou-se que, de fato, alguns moradores souberam indicar mais espécies para construção e outros para alimentação, por exemplo. Várias análises poderiam ser retiradas dessa observação, mas trago aqui a discussão sobre o ato de tornar esses conhecimentos específicos pertencentes a toda a comunidade, ou seja, um conhecimento tradicional, patrimônio cultural de todos, como dito por Carneiro da Cunha (2009, p.371). A autora questiona se isso é ruptura ou descontinuidade (CARNEIRO DA CUNHA, 2009, p.371). Ruptura, por romper com a ideia de que esses conhecimentos são reservados a alguns especialistas e não ao grupo todo, e continuidade, por possibilitar que a “cultura” se insira em outros âmbitos além do Quilombo. Contudo, a autora supõe que ambas, ruptura e continuidade, coexistem no cenário atual, uma vez que “confrontada com a ‘cultura’, a cultura tem de lidar com ela, e ao fazê-lo será subvertida e reorganizada” (CARNEIRO DA CUNHA, 2009, p. 371). Sendo assim, por mais que haja uma ruptura, os moradores da comunidade são estimulados a lidar com esse conhecimento tradicional uno, fazendo com que a cultura seja remodelada. Logo, o esforço para fazer a cultura ser mantida, impedindo as

²⁶ Categorias determinadas inicialmente pelos pesquisadores: construção, combustão, comida e/ou temperos, tinturas, etc.

transformações inerentes à dinâmica cultural, faz com que a mudança se manifeste (CARNEIRO DA CUNHA, 2009, p.372).

De volta as respostas dadas à Ficha de dados pessoais dos entrevistados, os conhecimentos sobre as plantas foram adquiridos verbalmente e por meio da prática do fazer, por seus pais, sogros, avós, e pelos mais velhos da comunidade. Porém, observou-se que muitas vezes esses conhecimentos são adquiridos por meio dos sonhos, de indicações espirituais e da intuição, demonstrando que assim como nas sociedades amazônicas, essas fontes de conhecimento também são legítimas (CARNEIRO DA CUNHA, 2009, p.367).

Como exemplo, uma das entrevistadas contou a história de seu pai, que tinha um machucado interno e vomitava sangue. Um dia ele sonhou que tinha que tomar erva-de-passarinho (*Struthanthus marginatus* (Desr.) Blume) do pé da erva-doce. Durante o sonho, o pai dela pensou que não tinha essa espécie crescendo em um pé de erva-doce, e lhe foi dito que qualquer erva-doce era doce. No caso, ele tinha erva-de-passarinho que nascia no pé de laranjeira, então esse mesmo poderia ser usado, pois laranja é doce. Quando acordou, ele lembrou-se do sonho e tomou o chá que tinha aparecido em sonho. Ele suou a noite inteira e acordou bem. Passou a usar a erva indicada todos os dias e se curou do machucado interno. Concordantemente, o uso dessa planta foi indicado por A.B. para *machucado interno*.

De acordo com Descola (2011), Lévi-Strauss defende a ideia de que a natureza corporal do ser humano permite a apropriação de objetos da natureza observável para o desenvolvimento de signos. Em outras palavras, existem duas naturezas. A primeira é a natureza orgânica do ser humano, capaz de captar as informações recebidas pelos órgãos do sentido. A segunda natureza é um grandioso cenário repleto de propriedades observáveis. Esses inúmeros objetos passíveis da observação podem ser convertidos pelo espírito em signos, por meio da assimilação e do entendimento conferidos pela natureza orgânica (DESCOLA, 2011). Nas palavras do autor, “a natureza condiciona as operações intelectuais graças às quais a cultura recebe um conteúdo empírico” (DESCOLA, 2011). Contudo, assim como observado no exemplo acima, o espírito também tem a aptidão de dar sentido ao mundo, uma vez que “o espírito não cessa de trabalhar estruturalmente informações que ele recebe já estruturadas pela sensibilidade”. (DESCOLA, 2011). Sendo assim, a percepção da matéria bruta não se dá apenas pelo intelecto, mas também pelo espírito.

Dessa forma, não há como reduzir a transmissão desses conhecimentos ao caráter verbal e prático, já que diversas outras formas de adquirir conhecimento agem sobre os saberes.

Além disso, aceitar a ideia de que o conhecimento é transmitido de geração para geração implica em não questionar a concepção de que o conhecimento tradicional é como um “tesouro”, ou seja, como se as sabedorias formassem um bloco completo, preservado e acabado, transmitido por séculos de pai para filho, cujos detentores são as comunidades tradicionais (CARNEIRO DA CUNHA, 2009, p.364). Para essa ideia do bloco, cabem os termos *resgatar*, *perdido* e *registro*, utilizados pelos moradores e discutidos acima.

Nesse contexto, Ingold (2010) traz a ideia de que o conhecimento não é transmitido de geração em geração. O que é transmitido é a “educação da atenção” (INGOLD, 2010). Para entender do que se trata, o autor refuta a abordagem da ciência cognitiva, de que o conhecimento é um “conteúdo mental” passado através das gerações, e ultrapassa a dicotomia entre competências adquiridas e capacidades inatas (INGOLD, 2010). Ingold (2010) defende que aos seres humanos foram atribuídos mecanismos de cognição inatos, devido à nossa ancestralidade evolucionária, e, graças a esses aparatos, as pessoas são capazes de aprender suas tradições culturais. Contudo, negando a ideia de que as particularidades dos seres humanos se dão devido à interação entre causas genéticas endógenas (inatas) e ambientais exógenas (adquiridas), o autor explica que a replicação dos genes já ocorre em um contexto de interação entre organismo e ambiente, impossibilitando que o processo de desenvolvimento tenha sua causa repartida entre fatores genéticos e ambientais (INGOLD, 2010). Sendo assim, a forma como as bases neurológicas das competências humanas se empacota depende das particularidades da experiência ambiental (INGOLD, 2010).

De qualquer forma, as capacidades de percepção e ação são desenvolvidas por meio da prática e do treinamento, assim, o estabelecimento de ambientes para as próprias gerações e para gerações futuras contribui para que as capacidades humanas evoluam (INGOLD, 2010). Para Hutchins (1955 apud INGOLD, 2010), o processo de cultura se dá quando “humanos criam seus poderes cognitivos criando os ambientes nos quais eles exercem esses poderes”. Esses poderes poderiam ser exemplificados, no caso do Quilombo, pela observação das formas de se guiar na floresta por meio dos sentidos, seguindo aquilo as pessoas que sabem andar na mata fazem. Esse ato de copiar é chamado pelo autor de “redescobrimento dirigido” e não é entendido como um processo de transmissão de informação, baseia-se em mostrar algo para alguém (INGOLD, 2010). Ao mostrar o que deve ser reconhecido para encontrar um fruto na floresta, por exemplo, fazemos com que esse algo mostrado se torne presente na vida dessa pessoa; dessa maneira, essa pessoa é instruída a dar atenção aos aspectos que podem ser notados pelos sentidos, caracterizando assim a “educação da atenção” (INGOLD, 2010).

Deste modo, o que se denomina por tradicional não são esses conhecimentos, mas sim a forma como são construídos, ou seja, os diversos procedimentos que concebem o conhecimento (CARNEIRO DA CUNHA, 2009, p.365).

Ainda, como notado em campo, esse conhecimento dinâmico está constantemente integrando informações provenientes de livros e do contato com biomedicina, ou seja, está agregando elementos de outros saberes com base na sua estrutura. Como exemplo, um dia em busca de uma planta que não estávamos encontrando no Quilombo, quando fomos à casa de um dos moradores e ele disse que a tinha em seu quintal. Foi nos mostrar, mas antes de afirmar que era a espécie que procurávamos, pegou um livro de um estudo sobre plantas medicinais que tinha sido realizado na Mata Atlântica, abriu-o e certificou-se de que era a mesma espécie ilustrada no material. Quando o fechou, comentou que tinha aprendido muito sobre os nomes das espécies e seus usos com aquele livro.

Em relação aos conhecimentos adquiridos da biomedicina, estávamos conversando com uma das entrevistadas e ela falava sobre o inhame. Contou-nos que gostava muito de comer inhame e que há pouco tinha descoberto que o elixir no inhame era bom para bronquite e tosse. Falou que nunca tinha feito uso dessa espécie para tal finalidade, mas que sabia porque tinha visto esse produto, elixir de inhame, na farmácia. Nos exemplos acima, ressalto que o uso das espécies citadas no livro e do inhame para bronquite foram agregadas aos conhecimentos desses moradores, mas a incorporação desses novos saberes não fez com que os conhecimentos prévios fossem abandonados. No item *Uso das espécies vegetais juntamente com outros componentes*, outros exemplos serão tratados e discutidos, porém o conhecimento não deve ser tratado na forma de conteúdo, não sendo transmitido como um pacote. Pelo contrário, como visto a partir dos exemplos acima, está sempre em movimento, incluindo saberes de novas fontes, abandonando outras que faziam sentido no passado e ressignificando práticas antigas.

Outra observação importante é que, inicialmente, todos os entrevistados disseram que não entendiam muito sobre as plantas e que não sabiam indicar seus usos, porém, com o tempo, eles ficaram mais à vontade e descreveram inúmeros usos das plantas. Tal observação, além de evidenciar o desconforto frente à presença do pesquisador, pode remeter à insegurança que eles têm quanto ao conhecimento, ou melhor, pode demonstrar que não acham que esse conhecimento é relevante, o que também evidencia as questões políticas e sociais tratadas no item *Colaboradores locais, quem são?*. Porém ao passar do tempo, ao verem o interesse da equipe sobre as informações que poderiam ser escritas e, assim, transmitidas, passaram a se sentir mais seguros e a valorizar seus conhecimentos sobre as

espécies vegetais. Tal fato demonstra, entre outras possíveis, a ideia de validação da ciência acadêmica discutida acima.

Quanto à descendência, apenas um dos entrevistados nasceu no Quilombo da Fazenda; um nasceu em Piracaia (SP), dois em Cunha (SP) e quatro nasceram nas regiões vizinhas ao Quilombo da Fazenda – Quilombo do Campinho (Paraty – RJ), praia do Estaleiro, praia de Almada e bairro de Cambucá (Ubatuba – SP). Cinco deles são descendentes de escravos, sendo que os ascendentes de dois deles foram escravos na Fazenda. A maioria foi morar no Quilombo por causa de suas famílias, que foram convidadas pelo antigo administrador da Fazenda, Leopoldo Braga, caracterizando as 12 famílias que habitavam a região. Os demais se mudaram para a região por terem se casado com habitantes do Quilombo. Sendo assim, o conhecimento “vigente” no local formou-se a partir de diferentes grupos sociais que se emaranharam, afetaram e foram afetados, compondo o que encontramos atualmente no Quilombo. Assim como dito por Ginacil:

Aqui são várias famílias descendentes de quilombola que vieram morar aqui, com ideias e mentalidades diferentes, mas que se unem pra tentar sobreviver nesse lugar. O turista só faz parte disso pra poder nos ajudar, porque a gente fez com que isso acontecesse, porque eles vieram pra cá e mudaram completamente a vida das pessoas aqui.²⁷

Além dos entrevistados, os colaboradores locais Ginacil e Silvestre indicaram sete espécies para sete usos, durante as caminhadas e conversas informais. Por esse motivo, realizou-se uma entrevista com eles para coletar mais informações sobre as indicações. O mesmo ocorreu durante as coletas das árvores altas, nas quais o escalador Luciano indicou dois usos de duas espécies diferentes. Por último, 30 indicações foram provenientes de outros moradores do Quilombo durante a *Troca de saberes*. Essas indicações foram acrescentadas ao Quadro 1.

4.1.3 Trocas de experiências

No início, os entrevistados que não tinham tido muito contato com a pesquisadora ficaram muito tímidos e tinham dificuldade de falar sobre os temas questionados. Contudo, ao longo do tempo, a relação colaborador local x entrevistado x pesquisador passou a ser mais familiar, e os entrevistados ficaram mais à vontade para expressar seus pensamentos e

²⁷ Depoimento do colaborador local para o documentário em 03 de fevereiro de 2017.

saberes. Nas conversas seguintes, a relação pesquisador x interlocutor ocorreu de forma bem mais natural, sendo que muitas vezes a pesquisadora frequentou a casa dos moradores para tomar um café, bater um papo e brincar com as crianças da casa. A troca de experiência foi bem enriquecedora e, como a pesquisadora e os colaboradores locais não demonstraram conhecimento sobre as plantas indicadas, os entrevistados se sentiram muito mais desinibidos para falar dos usos e mostrar seus saberes.

A troca de experiência entre os botânicos e os colaboradores também foi proveitosa e enriquecedora. Os colaboradores apresentaram nomes populares e usos diferentes das plantas já conhecidas pelos botânicos, e os botânicos explicaram sobre os diferentes formatos de flores e outras curiosidades das plantas. Os colaboradores ficaram felizes em saber que a parte das palmeiras utilizada para confeccionar artesanatos é, pelo conhecimento científico acadêmico, a sua inflorescência. Um dos botânicos contou que o figo e a jaca são da mesma família botânica e que na botânica eles brincam que o figo é a jaca ao contrário, pois sua flor é a parte de dentro do fruto, por isso que nunca vimos uma figueira com fruto. O colaborador local ficou animado com a informação e contou o que seu vô falava: “Quando a figueira der flor o mundo vai acabar.” Tal exemplo demonstra como muitas vezes os conhecimentos tradicionais e científicos acadêmicos se assemelham, já que ambos buscam entender o mundo (CARNEIRO DA CUNHA, 2007). Outros serão vistos mais adiante.

Os colaboradores tiveram interesse em aprender a usar o podão levado pelos botânicos e que foi utilizado algumas vezes para coletar as árvores mais altas. Um dos colaboradores revelou que poderá usar as informações no seu trabalho como guia turístico e que sem dúvida irá usá-los. Como explicado acima, a comunidade nos dias de hoje se sustenta em grande parte pela presença do turismo na região. Assim, o interesse dos moradores do quilombo em ampliar seus conhecimentos por meio das trocas de saberes também está atrelado à questão do turismo, das informações que serão passadas aos visitantes da comunidade.

Voltando às observações das trocas de experiências, os botânicos também instruíram o acompanhamento de algumas plantas para aguardar as flores e explicaram que tipo de flor iria surgir, possibilitando-os de saber pelo que esperar. Em muitos casos, os colaboradores ficaram felizes em aprender como eram as flores de algumas plantas que eles pensavam não ter flor.

Outro fato interessante ocorreu com o empréstimo dos livros *Árvores do Brasil* ao colaborador responsável por coletar as árvores altas. Embora ele já conhecesse o livro, pois se formou em Gestão Ambiental e trabalha como monitor no PESM, muitas horas foram despendidas juntamente a ele, analisando as árvores indicadas durante o levantamento e suas

fenologias, para saber quando as árvores estariam com frutos e flores, época desejada para coleta, a fim de facilitar a identificação das espécies pelos botânicos e taxonomistas. O colaborador ficou encantado com a diversidade mostrada no livro, os diferentes tipos de cascas, frutos, folhas, e, principalmente, com o grande número de árvores com diferentes nomes científicos acadêmicos que têm o mesmo nome científico tradicional. Ele mostrou quais eram as árvores da região e demonstrou grande sensibilidade ao reconhecer quais eram as árvores da comunidade, sempre que existia mais de uma espécie com o mesmo nome científico tradicional utilizado pelos entrevistados. Muitas vezes durante as caminhadas pronunciou frases como: “Olha só, a árvore que a gente viu no livro.”

Um dia, durante a coleta de algumas árvores altas, foi comentado sobre a facilidade dos moradores da comunidade em identificar as folhas, frutos e flores pertencentes a uma determinada árvore alta, quando as folhas de suas copas se emaranham às de muitas outras árvores e espécies vegetais. Tal fato sempre foi observado com muito apreço, pois sem dúvida é notável a facilidade com que eles se guiam pela mata, por meio das cores das folhas e flores, das espécies presentes em um determinado local e de características que seguem uma lógica, como a presença de um animal que indica a existência de determinadas espécies vegetais ao redor. Nesse momento, Luciano comentou que aprendem isso desde pequenos e que são muito guiados por essas características. Também disse que várias vezes eles sabem se a planta está com fruto por causa do canto dos passarinhos, pois eles ouvem o canto, sabem que pássaro é e sabem se ele gosta desse fruto ou não. Sendo assim, os animais presentes em um determinado ponto indicam se há frutos na região. Contudo, para isso, é necessário conhecer os hábitos desses animais, como o canto de cada pássaro e os alimentos que eles ingerem.

Nesse exemplo, fica clara a “educação da atenção”, abordada por Ingold (2010), uma vez que o colaborador não sabe a época em que todas as árvores dão fruto ou flor, porém sabe reconhecer os elementos que indicam essa época. Assim como argumentado pelo autor, esse saber é guiado pela atenção dada às características sensíveis que podem ser percebidas ao se andar na mata (INGOLD, 2010).

Em outra situação, o mesmo colaborador explicou as diferenças entre o açazeiro (*Euterpe oleracea* Mart.), o patieiro (*Syagrus pseudococos* (Raddi) Glassman) e a juçara (*Euterpe edulis* Mart.). Falou que o açazeiro nasce em tosseiras de três. Já os outros dois nascem sozinhos. A juçara tem as folhas bem lineares e nascem só no topo. Também tem uma parte verde (meristema apical) bem marcante, onde está o palmito. Já o patieiro tem as folhas dispostas menos linearmente, e não nascem todas de um mesmo ponto na copa. Começam a nascer mais abaixo. Assim como na ciência botânica, o colaborador identifica as espécies

vegetais pelas características de suas folhas, cascas, flores e frutos. Estruturas que sempre foram observadas com cuidado durante as caminhadas na mata, nas hortas e nos quintais.

Contudo, diferente dos botânicos e taxonomistas, os moradores do quilombo contam com o contexto no qual aquela determinada espécie está inserida, as espécies vegetais que estão ao redor, as espécies animais que frequentam aquele ambiente e que são atraídas muitas vezes pela flora daquele espaço, as épocas do ano que determinam os tipos de espécies que irão crescer – principalmente no caso das herbáceas –, a quantidade de água naquele determinado local, que favorecerá o crescimento de certas plantas e não de outras, e a altitude. Enfim, todas as informações que foram questionadas na Ficha de dados Botânicos, com o intuito de facilitar a identificação pela equipe do PMSP, somadas às informações adicionais sobre o espaço, à relação das espécies vegetais com a fauna e à qualquer outra informação que lá no Quilombo são experienciadas por meio de todos os sentidos, visão, audição, paladar, olfato e tato.

Observamos então que, assim como apontado por Lévi-Strauss (1989, p.33), todos esses elementos sensíveis são reconhecidos e incorporados a um “banco de memórias”, um “inventário” que é acessado para pensar novos significados e conceituações. Como exemplo dos significados atribuídos, temos a dormideira (*Mimosa pudica* L. – Fotografia 10), planta que ao ser tocada fecha todas as suas folhas, como se estivesse dormindo, em acordo com o próprio nome dado a espécie. Logo, essa planta é utilizada pelos moradores do quilombo para fazer as crianças dormirem melhor. A folha é colocada embaixo do travesseiro, permitindo que as crianças tenham um sono mais profundo. Sendo assim, tal analogia surge, assim como muitas outras que veremos em *Tipos de sangue*, a partir da intensa observação e das ligações feitas com base no “inventário sistemático” criado, conferindo, conseqüentemente, um caráter científico embasado pela observação e pela ordenação do universo (LÉVI-STRAUSS, 1989, p.24-25). Assim como exposto por Carneiro da Cunha (2007): “A ciência moderna hegemônica usa conceitos, a ciência tradicional usa percepções. É a lógica do conceito em contraste com a lógica das qualidades sensíveis.”

Sendo assim, pode-se observar que os conhecimentos dos moradores do Quilombo são construídos por uma espécie de rede de símbolos e significados, onde um determinado saber contribui para o entendimento de outros. Nessa rede, a percepção de um elemento não ocorre individualmente. Todos estão entrelaçados e a compreensão de um facilita a percepção e concepção dos outros e vice-versa, já que a propagação ocorre em diversos sentidos e direções.

Fotografia 10 - Dormideira (*Mimosa pudica* L.) dormindo.



Fotógrafa: Priscila Yazbek. Setembro de 2016.

Outra análise conduzida diz respeito à receptividade da comunidade; vários moradores afirmaram inúmeras vezes que estavam muito felizes com o andamento do trabalho e com sua importância para a comunidade, uma vez que, provar que existe uma “cultura” é necessário para que sejam reconhecidos como Quilombo e tenham a titulação das terras. De acordo com Carneiro da Cunha (2009, p.312), a cultura sempre existiu, porque é o próprio modo de vida de cada grupo, porém a ideia de “cultura” não era presente, passou a sê-lo como forma de resistência, o que implicou na necessidade de demonstrá-la “para obter reparações por danos políticos”. Nas palavras da autora:

Na linguagem marxista, é como se eles já tivessem “cultura em si” ainda que não tivessem “cultura para si”. De todo modo, não resta dúvida de que a maioria deles adquiriu essa última espécie de “cultura”, a “cultura para si”, e pode agora exibi-la diante do mundo (CARNEIRO DA CUNHA, 2009, p. 313).

Outro momento interessante no qual ficou evidente a troca de experiências foi durante a *Troca de saberes*. Em busca de entender algumas das possíveis classificações utilizadas pelos moradores, vimos que, embora diversas caracterizações atribuídas às doenças e às plantas, como *tipos de sangue* que desencadeiam doenças específicas, doenças frias e quentes que devem ser tratadas por seus opostos e princípios que regem o “diagnóstico” de determinadas enfermidades – temas que serão tratados no capítulo *Elementos relacionados ao uso e a eficácia* –, muitas classificações êmicas assemelham-se às éticas utilizadas para elaborar o Quadro 1. Ao perguntar como deveríamos organizar todas as indicações das plantas medicinais, por exemplo, alguns sugeriram que fosse agrupado de acordo com a doença que é tratada por uma determinada planta. Assim, todas as espécies que são usadas

para *tosse* devem estar no mesmo lugar. Já as que são usadas para *dor de barriga* deveriam estar juntas. Desse modo, tal distinção foi semelhante a das classificações éticas, embora os termos usados não sejam os mesmos.

Ainda, seguindo as classificações sugeridas por eles, o número de categorias seria maior, pois não implicaria em colocar as indicações para *dor de barriga* e *dor de estômago* em uma mesma categoria. Contudo, em alguns casos, o elo entre o sintoma que a planta irá tratar e o local onde as mesmas agem é feito de forma distinta, como é o caso do boldo (*Gymnanthemum amygdalinum* (Delile) Sch.Bip. ex Walp.), que é usado para *dor de cabeça* e, de acordo com alguns entrevistados, “a dor de cabeça é causada pelo fígado”. Sendo assim, o tratamento não deve ser direcionado à cabeça: é o fígado que deve ser tratado para que a dor de cabeça melhore. Assim, observa-se que o tratamento de algumas doenças do Quilombo é estabelecido de forma mais integrativa, assim como ocorre na medicina chinesa e na homeopatia, já que o corpo do enfermo é analisado como um todo, e não por partes separadas, opostamente ao que acontece na biomedicina (TESSER; LUZ, 2008).

4.2 Quantificações e classificações da etnobotânica

“A racionalidade do pensamento impõe um limite na relação das pessoas com seus cosmos” (John Forbenash).

Esse capítulo visa a analisar mais diretamente os dados obtidos durante as entrevistas conduzidas pelos colaboradores locais: as plantas indicadas pelos entrevistados, as espécies identificadas pelos botânicos e taxonomistas e o uso conjunto das mesmas com outras substâncias.

Serão discutidas aqui as análises provenientes das classificações éticas seguindo a “totalização de usos” (CUNNINGHAM, 2001; PHILLIPS, 1996), a qual levou em consideração a quantificação das indicações e espécies vegetais de cada categoria ética, o número de plantas indicadas de acordo com o nome científico tradicional e com as espécies botânicas identificadas, assim como as famílias, as partes usadas, as formas de preparo, as vias de administração e a distribuição das espécies.

Ainda, serão traçados paralelos entre os conhecimentos tradicionais e os acadêmicos, em busca de levantar hipóteses que levem à contribuição desses saberes locais para as inovações da nossa ciência.

4.2.1 Indicações e frequências de uso

No total, foram feitas 279 indicações terapêuticas de 112 espécies com potenciais bioativos. As categorias de uso definidas e o número de indicações em cada uma delas foram as 14 seguintes: Cosméticos (2 indicações); Doenças da pele e do Tecido Subcutâneo (5); Doenças não reconhecidas pela Biomedicina (28); Doenças parasitárias (12); Processos Inflamatórios (24); Sistema Circulatório (48); Sistema Endócrino (11); Sistema Gastrointestinal (34); Sistema Genitourinário (22); Sistema Nervoso Central (29); Sistema Ocular (1); Sistema Osteomuscular (21); Sistema Respiratório (36); e Outros (6). O gráfico 1 demonstra o número de indicações para cada categoria.

Quadro 1 - As 112 plantas citadas para 279 indicações terapêuticas divididas pelas seguintes categorias de uso: Cosméticos, Doenças da pele e do Tecido Subcutâneo, Doenças parasitárias, Doenças não reconhecidas pela Biomedicina, Processos Inflamatórios, Sistema Circulatório, Sistema Endócrino, Sistema Gastrointestinal, Sistema Genitourinário, Sistema Nervoso Central, Sistema Ocular, Sistema Osteomuscular, Sistema Respiratório e outros.

ENTRE-VISTA-DO	NOME CIENTÍFICO TRADICIONAL	PARTE UTILIZADA	USO TERAPÊUTICO (termo êmico)	RECEITAS	FAMÍLIA BOTÂNICA	ESPÉCIE BOTÂNICA	NÚMERO DO VOUCHER	DISTRIBUIÇÃO*
Cosméticos								
TS*	banana-do-mato	fo	<i>crescer cabelo, deixar brilhante</i>	Cortar o talo e passar o líquido "gosmento" no cabelo, VT. Deixar um tempo e depois lavar.	Araceae	<i>Philodendron martianum</i> Engl.	SB30	nativa
OO	banana-do-mato	fo e ta	<i>fortificar cabelo</i>	o Colher a planta, passar o líquido "gosmento" no cabelo e depois lavar, VT	Araceae	<i>Philodendron martianum</i> Engl.	SB30	nativa
Doenças da pele e do Tecido Subcutâneo								
OO	banana-do-mato	fo e ta	<i>caspa</i>	Colher a planta, passar o líquido "gosmento" no cabelo e depois lavar, VT	Araceae	<i>Philodendron martianum</i> Engl.	SB30	nativa
OO	erva-fogo	fo	<i>queimadura</i>	Fazer decocção da folha (quanto mais melhor) e usar a água já fria para lavar o local queimado, VT, 2x ao dia até melhorar	Polygonaceae	<i>Polygonum</i> sp.	PBY79	IAG
CB	saião-branco	fo	<i>friera</i>	Macerar 5 a 6 folhas, esquentar e colocar sobre a frieira, VT, até melhorar	Crassulaceae	<i>Kalanchoe pinnata</i> (Lam.) Pers.	GDS35	exótica*
LV	saião-branco	fo	<i>para friera</i>	Esquentar no fogo 1 folha grande ou 3 pequenas, até murchar. Espremer sobre e a friera, VT, 2x ao dia, até secar.	Crassulaceae	<i>Kalanchoe pinnata</i> (Lam.) Pers.	GDS35	exótica*
TS*	taporava	fo	<i>manchas corpo, branco</i>	no Pagar algumas folhas (não especificado quantas), esfregar na própria mão para sair o líquido e colocar um pouco de sal. Passar sobre a mancha, VT. Pode ser usado várias vezes por dia, todos os dias, até melhorar.	Asteraceae	<i>Conyza canadensis</i> Cronquist	cf. (L.) GDS28	nativa

Doenças não reconhecidas pela Biomedicina

JV	alecrim	pt	<i>benzimento</i>	Usar a planta para pedir boas energias e espantar as ruins. Benzedor deve ter o corpo fechado para não absorver essas energias e dissipá-las para o universo. Não pode ter interesse pessoal do benzedor para que funcione.	Verbenaceae	<i>Aloysia gratissima</i> (Gillies & Hook.) Tronc.	PBY03	nativa
MB	alecrim-cruzeiro	fo	<i>tirar mau-olhado, energias ruins</i>	Esperar as plantas secarem, colocar fogo e a pessoa que será defumada deve passar por cima da fumaça, VI. Depois deve-se passar a fumaça em cruz pelo local a ser defumado. Pode ser usado juntamente com cambará-preto ou roxo, guiné e pimenta.	Verbenaceae	<i>Aloysia gratissima</i> (Gillies & Hook.) Tronc.	PBY03	nativa
TS*	alfavaca	pt	<i>benzimento</i>	Usar a planta para pedir boas energias e espantar as ruins.	Lamiaceae	<i>Ocimum campechianum</i> Mill.	GDS24/ PBY88	nativa
LV	algodão	fo	<i>resguardo</i>	Fazer decocção das folhas do algodão em aproximadamente 2L de água. Tomar banho com a água, ainda quente, entre o 39° e o 41° dia do resguardo, VT.	Malvaceae	<i>Gossypium</i> sp.	SB29/ PBY72	IAG
JV	arruda	pt	<i>benzimento, benzimento para espinheira caída e bucho virado</i>	Usar a planta para pedir boas energias e espantar as ruins. Benzedor deve ter o corpo fechado para não absorver essas energias e dissipá-las para o universo. Não pode ter interesse pessoal do benzedor para que funcione.	Rutaceae	<i>Ruta graveolens</i> L.	SB65	exótica
JV	arruda	pt	<i>espantar o mau, quebrar mandinga</i>	Fazer defumação, VI. Esperar as plantas secarem, pode-se acrescentar palha de alho e a pena do rabo de pato ou pintinho. Colocar fogo e passar a fumaça ao redor da pessoa para tirar mau olhado.	Rutaceae	<i>Ruta graveolens</i> L.	SB65	exótica
CB	arruda	pt	<i>tirar o azar</i>	Fazer defumação, VI. Esperar as plantas secarem, colocar fogo e a pessoa que será defumada deve passar por cima da fumaça. Depois deve-se passar a fumaça em cruz pelo local a ser defumado.	Rutaceae	<i>Ruta graveolens</i> L.	SB65	exótica

MB	cambará-preto ou roxo		<i>tirar mau-olhado, energias ruins</i>	Esperar as plantas secarem, colocar fogo e a pessoa que será defumada deve passar por cima da fumaça, VI. Depois deve-se passar a fumaça em cruz pelo local a ser defumado. Pode ser usado juntamente com alecrim-cruzeiro, guiné e pimenta.	Asteraceae	<i>Vernonanthura beyrichii</i> (Less.) H.Rob.	SB15/ SB73/ PBY47	nativa
JV	cambará-preto ou roxo	pt	<i>benzimento</i>	Usar a planta para pedir boas energias e espantar as ruínas. Benzedor deve ter o corpo fechado para não absorver essas energias e dissipá-las para o universo. Não pode ter interesse pessoal do benzedor para que funcione.	Asteraceae	<i>Vernonanthura beyrichii</i> (Less.) H.Rob.	SB15/ SB73/ PBY47	nativa
MB	carqueja	fo	<i>tirar mau-olhado, energias ruins</i>	Esperar as plantas secarem, colocar fogo e a pessoa que será defumada deve passar por cima da fumaça, VI. Depois deve-se passar a fumaça em cruz pelo local a ser defumado.	Asteraceae	<i>Baccharis</i> sp. [Sect. <i>Caulopterae</i> DC.]	PBY74	IAG
OO	erva-de-são-jão	fo	<i>tirar friagem durante o resguardo</i>	Fazer decocção de 10 a 12 folhas para 1 caneca d'água. Tomar quente, VO, 2 x ao dia (manhã e noite), principalmente à noite.	Asteraceae	<i>Ageratum conyzoides</i> L.	SB43	nativa
MB	espada-de-são-jorge	fo	<i>tirar mau-olhado, energias ruins</i>	Plantar na casa. Pode-se usar para fazer defumação, VI	Asparagaceae	<i>Sansevieria trifasciata</i> Prain	PBY42	exótica*
MB	espada-de-são-jorge	fo	<i>tirar mau-olhado, energias ruins</i>	Plantar na casa. Pode-se usar para fazer defumação, VI	Asparagaceae	<i>Sansevieria trifasciata</i> 'Laurentii'	PBY43	exótica*
JV	guiné	pt	<i>benzimento</i>	Usar a planta para pedir boas energias e espantar as ruínas. Benzedor deve ter o corpo fechado para não absorver essas energias e dissipá-las para o universo. Não pode ter interesse pessoal do benzedor para que funcione.	Phytolaccaceae	<i>Petiveria alliacea</i> L.	GDS12	exótica
JV	guiné	pt	<i>benzimento para espinheira caída e bucho virado</i>	Usar a planta para pedir boas energias e espantar as ruínas. Benzedor deve ter o corpo fechado para não absorver essas energias e dissipá-las para o universo. Não pode ter interesse pessoal do benzedor para que funcione.	Phytolaccaceae	<i>Petiveria alliacea</i> L.	GDS12	exótica

JV	guiné	pt	<i>espantar o mau, quebrar mandinga</i>	Fazer defumação, VI. Esperar as plantas secarem, pode-se acrescentar palha de alho e a pena do rabo de pato ou pintinho. Colocar fogo e passar a fumaça ao redor da pessoa para tirar mau olhado.	Phytolaccaceae	<i>Petiveria alliacea</i> L.	GDS12	exótica
MB	guiné	pt	<i>tirar mau-olhado, energias ruins</i>	Esperar as plantas secarem, colocar fogo e a pessoa que será defumada deve passar por cima da fumaça, VI. Depois deve-se passar a fumaça em cruz pelo local a ser defumado. Pode ser usado juntamente com alecrim cruzeiro, cambará-preto ou roxo e pimenta.	Phytolaccaceae	<i>Petiveria alliacea</i> L.	GDS12	exótica
LV	incenso	pt	<i>espantar más energias</i>	Plantar na casa. Pode-se usar para fazer benzimento e defumação, VI	Lamiaceae	<i>Tetradenia riparia</i> (Hochst.) Codd	SB38	exótica*
LV	noz-moscada	fr	<i>resguardo</i>	Queimar açúcar em uma panela até virar um caramelo. Adicionar picumã, 1 noz-moscada e pinga. Tomar VO, 1 copo, 1x, entre o 15° e o 20° dia do resguardo.	Lauraceae	<i>Cryptocarya mandioccana</i> Meisn.	PBY20/ PBY60	nativa
OO	noz-moscada	se	<i>tirar friagem</i>	Torrar o <i>carocinho</i> (semente) de dentro, moer e fazer decocção 3 a 4 <i>carocinhos</i> com água suficiente para 1 chá. Tomar VO, posologia indeterminada. Remédio quente.	Lauraceae	<i>Cryptocarya mandioccana</i> Meisn.	PBY20/ PBY60	nativa
JV	pau-d'alho	ca	<i>boca e mão tortas após derrame de ar</i>	Fazer defumação apenas uma vez em uma sexta-feira ou cozinhar o pau-d'alho e colocar o rosto em cima para esquentar, VI. Deve-se fazer por 3 dias, 1x por dia.	Phytolaccaceae	<i>Gallesia integrifolia</i> (Spreng.) Harms	PBY17/ PBY49	nativa
TS*	picão	fo	<i>resguardo</i>	Fazer decocção de várias folhas para quantidade suficiente de água para tomar banho. Tomar banho com o chá ainda quente, VT, quantas vezes quiser durante o resguardo.	Asteraceae	<i>Bidens pilosa</i> L.	SB02	exótica
MB	pimenta	fo	<i>tirar mau-olhado, energias ruins</i>	Esperar as plantas secarem, colocar fogo e a pessoa que será defumada deve passar por cima da fumaça, VI. Depois deve-se passar a fumaça em cruz pelo local a ser defumado. Pode ser usado juntamente com alecrim cruzeiro, cambará-preto ou roxo e guiné.	Solanaceae	<i>Capsicum sp.</i>	GDS17	IAG

GDS e SB	pita	pt	<i>espantar o mau</i>	Plantar em casa.	Asparagaceae	cf. <i>Furcraea foetida</i> (L.) Haw.	SB59	exótica
JV	sabugueiro	fo e ga	<i>benzimento</i>	Usar a planta para pedir boas energias e espantar as ruínas. Benzedor deve ter o corpo fechado para não absorver essas energias e dissipá-las para o universo. Não pode ter interesse pessoal do benzedor para que funcione.	Adoxaceae	<i>Sambucus canadensis</i>	cf. GDS55	exótica
GDS e SB	vassoura	pt	<i>espantar más energias, varrer</i>	Fazer uma vassoura com a planta e usar para varrer a casa.	Malvaceae	<i>Sida rhombifolia</i> L./ <i>Sida planicaulis</i> Cav.	GDS19/ PBY91	nativa/ nativa
JV	vassoura-guanxuma	pt	<i>benzimento</i>	Usar a planta para pedir boas energias e espantar as ruínas. Benzedor deve ter o corpo fechado para não absorver essas energias e dissipá-las para o universo. Não pode ter interesse pessoal do benzedor para que funcione.	Malvaceae	<i>Sida rhombifolia</i> L./ <i>Sida planicaulis</i> Cav.	GDS19/ PBY91	nativa/ nativa
JV	vassoura-rainha	pt	<i>benzimento</i>	Usar a planta para pedir boas energias e espantar as ruínas. Benzedor deve ter o corpo e fechado para não absorver essas energias e dissipá-las para o universo. Não pode ter interesse pessoal do benzedor para que funcione.	Plantaginacea	<i>Scoparia dulcis</i> L.	GDS42	nativa
Doenças parasitárias								
CB	barbatimão	ca	<i>sarna</i>	Fazer decocção de 3 pedaços da casca em água, na quantidade desejada. Lavar a área machucada, VT, 3 a 4 vezes por dia.	Fabaceae	<i>Swartzia oblata</i> R.S.Cowan	GDS06/ PBY16	nativa
OO	camomila	fo	<i>lumbrigueira</i>	Fazer decocção de 3 ou 4 folhas e um pouco de água (indeterminado). Tomar VO, várias vezes ao dia, até melhorar. Pode pôr com açúcar na mamadeira das crianças para elas tomarem.	Asteraceae	<i>Achillea millefolium</i> L.	GDS58/ PBY44	exótica
AB	camomila	pt	<i>dor de barriga, acalmar bicho</i>	Fazer decocção de 1 planta inteira e misturar com 9 pingos da banha de galinha derretida na panela. Dar para criança tomar VO.	Asteraceae	<i>Achillea millefolium</i> L.	GDS58/ PBY44	exótica

OO	cipó-chumbo	pt	<i>para sarna</i>	Fazer decocção do cipó e usar para tomar banho, VT. Também deve-se tomar um golinho VO toda vez que fizer o banho	Convolvulaceae	<i>Cuscuta obtusiflora</i> Kunth	SB42	nativa
JV	erva-de-santa-maria	fo	<i>para não ter vermes</i>	Macerar a folha com um pouco de água e misturar com leite para a criança tomar e não ter vermes. Tomar uma colher pequena, VO, por 3 dias.	Amaranthaceae	<i>Dysphania ambrosioides</i> (L.) Mosyakin & Clemants	SB10	exótica
LV	erva-de-santa-maria	fo	<i>vermífugo</i>	Macerar aproximadamente 8 folhas e misturar o sumo com 1 copo de leite. Tomar VO, 1 copo, 1x ao dia, até melhorar a dor de barriga	Amaranthaceae	<i>Dysphania ambrosioides</i> (L.) Mosyakin & Clemants	SB10	exótica
CB	guarana	ex	<i>berne</i>	Rasgar a folha e deixar o leite (exsudado) pingar em cima da parte branquinha, VT, até melhorar	Apocynaceae	<i>Tabernaemontana laeta</i> Mart.	SB54	nativa
OO	hortelã-de-bicha	fo	<i>para tirar o verme das crianças</i>	Fazer decocção de 10 a 12 folhas. Tomar VO, 2 a 3 x ao dia, por 2 a 3 dias, até melhorar	Lamiaceae	<i>Mentha</i> sp.	SB61	IAG
AB	hortelã-de-bicha	ta	<i>calmante, calmante para os vermes</i>	Fazer decocção de 3 talos por pessoa para 1 copo de água. Tomar VO, 1 copo ao dia	Lamiaceae	<i>Mentha</i> sp.	SB61	IAG
CB	melãozinho-do-mato	fo	<i>sarna</i>	Macerar algumas folhas e esfregar no cachorro, VT. Fazer isso de 4 em 4 dias até melhorar	Cucurbitaceae	<i>Momordica charantia</i> L.	GDS63/PBY108	exótica*
CB	pita	fo	<i>sarna de cachorro</i>	Macerar bem 1 folha e esfregar no cachorro, VT. Fazer isso de 4 em 4 dias até melhorar	Asparagaceae	cf. <i>Furcraea foetida</i> (L.) Haw.	SB59	exótica
OO	urtiga-roxa	fo	<i>sarna</i>	Fazer decocção das folhas e usar para tomar banho, VT. <i>Quando mais melhor</i> . Tomar um pouquinho VO toda vez que tomar o banho.	Urticaceae	<i>Urera baccifera</i> (L.) Gaudich. ex Wedd.	GDS07/GDS22	nativa
Processo inflamatório								
MB	abacate	fo	<i>dor de cadeira, rim</i>	Fazer decocção de 3 folhas para ½ L de água. Tomar VO, 3x ao dia (manhã, tarde e noite), até melhorar. Remédio frio	Lauraceae	<i>Persea americana</i> Mill.	GDS04	exótica
GDS e SB	abóbora	fl	<i>dor de ouvido</i>	Esquentar 1 flor no fogo e espremer até pingar no ouvido, VOt	Cucurbitaceae	<i>Cucurbita maxima</i> Duchesne	cf. SB41	exótica

LV	abóbora	se	<i>dor de ouvido</i>	Esquentar as sementes de dentro da flor no fogo e espremer no ouvido, VOt, 2 gotas, 1x ao dia, até melhorar	Cucurbitaceae	<i>Cucurbita maxima</i> Duchesne	cf. SB41	exótica
JV	arrebenta-cavalo	fr	<i>furúnco</i>	Cortar o fruto, tirar as sementes e usar a parte branca. Misturar a parte branca com banha (melhor de lagarto ou galinha), passar no <i>fúrunco</i> , VT, e amarrar um pano. Pode repassar no dia seguinte se necessário.	Solanaceae	<i>Solanum capsicoides</i> All.	GDS32	nativa
LV	barbatimão	ca	<i>antiinflamatório, infecção, feridas</i>	Fazer decocção de aproximadamente 100g da casca para 1L de água. Tomar frio, VO, ½ xícara de café de 6 em 6hrs ou passar no machucado, VT.	Fabaceae	<i>Swartzia oblata</i> R.S.Cowan	GDS06/PBY16	nativa
CB	barbatimão	ca	<i>antiinflamatório</i>	Fazer decocção da casca para 1L de água. Tomar VO, 3 x por dia, até melhorar.	Fabaceae	<i>Swartzia oblata</i> R.S.Cowan	GDS06/PBY16	nativa
MB	barbatimão	ca e fo	<i>infecções de mulher, inflamação</i>	Fazer decocção de 1 casca do tamanho de uma mão ou 1 punhado de folhas para quantidade de água indeterminada. Tomar VO, 3 x por dia, até melhorar. Também usar o mesmo preparo para fazer lavagem vaginal. Esperar o preparado esfriar e fazer lavagem ginecológica (com uso da pêra ginecológica), VV, 2 x ao dia. Até melhorar	Fabaceae	<i>Swartzia oblata</i> R.S.Cowan	GDS06/PBY16	nativa
CB	batata	fo	<i>dor de dente</i>	Cozinhar a batata e usar a água para bochechar, VB, 3x ao dia até melhorar o inchaço	Convolvulaceae	<i>Ipomoea batatas</i> (L.) Lam.	SB63	exótica
CB	batata	fo	<i>furúnco</i>	Esquentar 1 folha no fogo, passar um pouco de banha de galinha no <i>furúnco</i> e pôr um pequeno pedaço da folha em cima, VT. O tamanho da folha colocada será onde irá abrir para sair o pus. Fazer isso até estourar	Convolvulaceae	<i>Ipomoea batatas</i> (L.) Lam.	SB63	exótica
MB	dormideira	fo	<i>dor de garganta</i>	Fazer decocção de 1 punhado de folha para quantidade indeterminada de água. Usar para fazer gargarejo, VB, várias vezes por dia até melhorar	Fabaceae	<i>Mimosa pudica</i> L.	SB06	nativa
TS*	erva-de-passarinho	fo	<i>dor de garganta</i>	Macerar folhas com um pouco de sal e tomar 3 colheres de chá, VO, 3x ao dia (manhã, tarde e noite), até melhorar	Loranthaceae	<i>Struthanthus marginatus</i> (Desr.) Blume	SB04	nativa

JV	erva-lanceta	fo	<i>furúnco</i>	Esquentar a folha no fogo, passar um pouco de banha (melhor de galinha ou lagarto) no <i>furúnco</i> e pôr um pequeno pedaço da folha em cima, VT. O tamanho da folha colocada será o tamanho que irá abrir para sair o pus. Fazer isso até estourar	NC	NC	NC	NC
TS*	gelol	pt	<i>dor de dente</i>	Colocar a planta no álcool e deixar curtir. Molhar um algodão e deixar sobre o dente, VT. Até melhorar	Polygalaceae	<i>Polygala paniculata</i> L.	SB21	nativa
TS*	guaco	fo	<i>dor de garganta</i>	Fazer decocção de várias folhas e ir colocando açúcar até engrossar. Esperar esfriar e tomar, VO, 1x ao dia (à noite), 1 colher de sopa para adultos ou 1 colher menor para crianças, até melhorar. Pode-se fazer o chá juntamente com 3 folhas de pitanga, folhas de poejo e casca de limão.	Asteraceae	<i>Mikania laevigata</i> Sch.Bip. ex Baker	GDS05	nativa
TS*	limão	ca	<i>dor de garganta</i>	Fazer decocção da casca do limão junto com 3 folhas de guaco, 3 folhas de pitanga e folhas de poejo. Colocar açúcar até engrossar. Esperar esfriar e tomar, VO, 1x ao dia (à noite), 1 colher de 1 colher de sopa para adultos ou 1 colher menor para crianças, até melhorar.	Rutaceae	<i>Citrus x limon</i> (L.) Osbeck	GDS40	exótica
CB	maravilha	fo	<i>furúnco</i>	Esquentar a folha no fogo, passar um pouco de banha de galinha no <i>furúnco</i> e pôr um e pequeno pedaço da folha em cima, VT. O tamanho da folha colocada será onde irá abrir para sair o pus. Fazer isso até estourar	Nyctaginacea	<i>Mirabilis jalapa</i> L.	GDS25	nativa
AB	maravilha	fo	<i>furúnco</i>	Passar 3 gotas de banha de galinha ou óleo e colocar um pedaço da folha sobre o local, VT. e O tamanho do pedaço colocado será o tamanho que vai abrir. Colocar um papel por cima para não cair a folha. Usar o quanto for necessário	Nyctaginacea	<i>Mirabilis jalapa</i> L.	GDS25	nativa
OO	maravilha	fo	<i>furúnco</i>	Esquentar a folha, passar um pouco de banha de lagarto sobre o <i>furúnco</i> e colocar um e pedaço da folha em cima, VT. O tamanho da folha será o tamanho que irá abrir para sair o	Nyctaginacea	<i>Mirabilis jalapa</i> L.	GDS25	nativa

pus									
TS*	pitanga	fo	<i>dor de garganta</i>	Fazer decocção de várias folhas e ir colocando açúcar até engrossar. Esperar esfriar e tomar, VO, 1x ao dia (à noite), 1 colher de sopa para adultos ou 1 colher menor para crianças, até melhorar. Pode-se fazer o chá juntamente com 3 folhas de guaco, folhas de poejo e casca de limão.	Myrtaceae	<i>Eugenia</i> L.	<i>uniflora</i>	SB07/ PBY75	nativa
TS*	poejo	fo	<i>dor de garganta</i>	Fazer decocção de várias folhas e ir colocando açúcar até engrossar. Esperar esfriar e tomar, VO, 1x ao dia (à noite), 1 colher de 1 colher de sopa para adultos ou 1 colher menor para crianças, até melhorar. Pode-se fazer o chá juntamente com 3 folhas de pitanga, 3 folhas de guaco e casca de limão.	Lamiaceae	<i>Mentha</i> L.	<i>pulegium</i>	PBY107	exótica*
TS*	trançagem tanchagem	ou fo	<i>dor de garganta</i>	Fazer decocção de 3 a 4 folhas para 1 caneca d'água. Tomar VO, 2 a 3 x ao dia, até melhorar.	Plantaginacea e	<i>Plantago</i> Lam.	<i>australis</i>	SB09	nativa
TS*	urtiga-branca	fo	<i>dor de garganta</i>	Fazer decocção de 4 a 5 folhas para 1/2L de água. Fazer gargarejo, VT, 2 a 3x ao dia, até melhorar.	Urticaceae	<i>Urera</i> (Jacq.) Griseb./ <i>Boehmeria</i> Sw.	<i>caracasana</i>	SB44/ SB44B	nativa/ nativa
GDS e SB	urtiga-branca	fo	<i>inzipe,</i> <i>machucadura</i>	Fazer decocção e usar para lavar a perna, VT. Até melhorar.	Urticaceae	<i>Urera</i> (Jacq.) Griseb./ <i>Boehmeria</i> Sw.	<i>caracasana</i>	SB44/ SB44B	nativa/ nativa
CB	vassoura- guanxuma	fo	<i>furínco</i>	Esquentar a folha no fogo, passar um pouco de banha de galinha no <i>furínco</i> e pôr um pequeno pedaço da folha em cima, VT. O tamanho da folha colocada será o tamanho que irá abrir para sair o pus. Fazer isso até estourar	Malvaceae	<i>Sida</i> L./ <i>planicaulis</i> Cav.	<i>rhombifolia</i>	GDS19/ PBY91	nativa/ nativa
Sistema Circulatório									
JV	agrião-d'água	fo e tp	<i>depuração</i> <i>do sangue</i>	Comer como salada, à vontade. VO	NC	NC		NC	NC
VA	banana	ex	<i>parar</i> <i>sangrar</i>	Pegar a "cica" da banana e passar no corte, VT	Musaceae	<i>Musa</i> L.	x	PBY69	exótica

CB	barbatimão	ca	<i>ferida, inzipe</i>	Fazer decocção de 3 pedaços da casca em água, na quantidade desejada. Lavar a área machucada, VT, 3 a 4 vezes por dia.	Fabaceae	<i>Swartzia</i> R.S.Cowan	<i>oblata</i>	GDS06/ PBY16	nativa
LV	barbatimão	ca	<i>feridas</i>	Fazer decocção de aproximadamente 100g da casca para 1L de água. Tomar frio, VO, ½ xícara de café de 6 em 6hrs ou passar no machucado, VT.	Fabaceae	<i>Swartzia</i> R.S.Cowan	<i>oblata</i>	GDS06/ PBY16	nativa
TS*	cajueiro	ca	<i>para lavar a perna machucada</i>	Fazer decocção de 4 cascas grandes e usar para lavar a região, VT. Pode tomar um pequena dose VO toda vez que toma o banho, até melhorar	Anacardiaceae	<i>Anacardium</i> <i>occidentale</i> L.		GDS14/ PBY76	nativa
MB	cambará-preto ou roxo	mfo	<i>machucadura</i>	Fazer decocção de 9 brotos (meristema foliar) de cambará-roxo, acrescentar 2 noz-moscada macerada, ½ limão e água (quantidade indeterminada). Tomar VO, várias vezes por dia, até melhorar	Asteraceae	<i>Vernonanthura</i> <i>beyrichii</i> (Less.) H.Rob.		SB15/ SB73/ PBY47	nativa
CB	cana	br	<i>pressão alta</i>	Fazer decocção com 3 <i>brotos</i> (meristema foliar) dos mais novos e a quantidade de água depende se quer mais forte ou mais fraco. Tomar 1 xícara por dia, VO, por 3 a 4 dias, até chegar à pressão normal	Poaceae	<i>Saccharum</i> <i>officinarum</i> L.		SB70	exótica
CB	canela-sassafraze	ca	<i>bom pro sangue</i>	Pegar a casca da árvore, macerar e colocar na pinga. Deixar curtindo, quanto mais, melhor. Tomar VO.	Lauraceae	<i>Cryptocarya</i> <i>saligna</i> Mez		PBY24/ PBY59	nativa
JV	carobinha	fo	<i>coceira, ferida</i>	Fazer decocção das folhas e tomar banho, VT. Tomar também VO, 1x ao dia, por 3 dias e esperar para ver o resultado	Bignoniaceae	<i>Jacaranda</i> <i>puberula</i> Cham.		SB48	nativa
JV	cedro-rosa	ca	<i>ferida, machucadura</i>	Fazer decocção da casca e lavar o machucado, VT, até melhorar	Meliaceae	<i>Cedrela</i> Vell.	<i>fissilis</i>	SB34/ PBY19/ PBY50	nativa
CB	cipó-cravo	ci	<i>bom pro sangue</i>	Pegar aproximadamente 0,5m do cipó, raspar a casca, cortar em pedaços e fazer decocção. Tomar VO, 1 dose por dia. Pode tomar todos os dias	NC	NC		NC	NC
OO	erva-baleeira	fo	<i>machucadura</i>	Colocar bastante folha em 1L de álcool até o álcool ficar verde. Passar nos machucados, VT. Usar várias vezes até melhorar	Boraginaceae	<i>Varronia</i> <i>curassavica</i> Jacq.		GDS31	nativa

MB	erva-de-passarinho	fo	<i>cicatrização, dor</i>	Macerar as folhas com um pouco de água, colocar sal e tomar VO. Pode ser usado para colocar sobre feridas	Loranthaceae	<i>Struthanthus marginatus</i> (Desr.) Blume	SB04	nativa
MB	erva-de-santa-maria	fo	<i>feridas, inchaço</i>	Macerar a folha e colocá-la em uma garrafa com álcool, deixar por aproximadamente 4 hrs. Passar o álcool sobre feridas e inchaços, VT.	Amaranthaceae	<i>Dysphania ambrosioides</i> (L.) Mosyakin & Clemants	SB10	exótica
JV	erva-de-santa-maria	fo	<i>inchaço, machucadura</i>	Macerar as folhas com sal. Passar no local machucado e por uma faixa sobre o machucado, VT. Pode macerar com com mentruz e perta-ruão	Amaranthaceae	<i>Dysphania ambrosioides</i> (L.) Mosyakin & Clemants	SB10	exótica
CB	erva-de-são-joão	fo	<i>machucadura</i>	Macerar as folhas, pode por sal e fumo, e colocar em cima do machucado, VT, 1 x ao dia de manhã. Até melhorar. Usar a quantidade de folhas suficiente para pôr em cima do machucado	Asteraceae	<i>Ageratum conyzoides</i> L.	SB43	nativa
CB	gervão	fo	<i>machucadura</i>	Macerar 3 ou 4 folhas e por sobre o machucado, VT, todo dia até melhorar	Verbenaceae	<i>Stachytarpheta cayennensis</i> (Rich.) Vahl	GDS57	nativa
AB	gondó	fo	<i>bom pra inímia</i>	Comer refogado, VO	Asteraceae	<i>Erechtites valerianifolius</i> (Wolf) DC.	GDS08	nativa
JV	gondó	fo e tp	<i>inímia</i>	Comer como salada ou fazer refogado e temperar, VO	Asteraceae	<i>Erechtites valerianifolius</i> (Wolf) DC.	GDS08	nativa
TS*	gondó	pt	<i>bom pro sangue, desnutrição</i>	Comer como salada ou cozido, VO	Asteraceae	<i>Erechtites valerianifolius</i> (Wolf) DC.	GDS08	nativa
CB	inhame	ra	<i>inímia, sangue fraco</i>	Comer o inhame à vontade, VO	Araceae	<i>Colocasia esculenta</i> (L.) Schott	SB11	exótica
MV	inhame	tu	<i>bom pro sangue</i>	Cozinhar o tubérculo e comer à vontade, VO	Araceae	<i>Colocasia esculenta</i> (L.) Schott	SB11	exótica

CB	ipê-roxo	ca	<i>bom sangue, fraqueza</i>	<i>pro</i>	Fazer decocção de 1 ou 2 cascas de aproximadamente 0,5m. Tomar VO, 1 xícara, 2 x ao dia (manhã e antes de dormir). Uso contínuo	Bignoniaceae	<i>Handroanthus impetiginosus</i> (Mart. ex DC.) Mattos	PBY63	nativa
JV	ipê-roxo	ca	<i>depuração sangue</i>	<i>do</i>	Retirar a casca do lado que o sol nasce, fazer decocção e tomar VO, 2 colheres de sopa, 2 x ao dia (manhã e tarde), por 3 dias	Bignoniaceae	<i>Handroanthus impetiginosus</i> (Mart. ex DC.) Mattos	PBY63	nativa
TS*	jatobá ou jataí	ca	<i>curar ferida</i>		Fazer decocção de 1 pedaço da casca até ficar cor de vinho. Usar para lavar a ferida, VT, e para tomar, VO, ao longo do dia ao invés de tomar água.	Fabaceae	<i>Hymenaea altissima</i> Ducke	SB49	nativa
AB	jatobá ou jataí	ca e ex	<i>vitamina boa</i>		Fazer decocção de ½ Kg de casca para 1L de água, mistura com 1 gema de ovo de pata, açúcar e ½ copo do vinho. Tomar VO, 1x ao dia, ½ copo, preferencialmente antes de dormir. Pode-se também ferver o vinho, coar para tirar a sujeira e tomar VO, ½ copo, 2 x ao dia (manhã e tarde). O vinho só pode ser retirado na lua cheia de janeiro	Fabaceae	<i>Hymenaea altissima</i> Ducke	SB49	nativa
VA	jatobá ou jataí	ex	<i>fraqueza, inímia</i>		Misturar 1L de <i>vinho</i> com 3 gemas de ovo e 3 ou 4 colheres de sopa de açúcar. Tomar VO, 1 dose por dia, todos os dias	Fabaceae	<i>Hymenaea altissima</i> Ducke	SB49	nativa
JV	jatobá ou jataí	ex	<i>inímia, desnutrição</i>		Misturar 1L do <i>vinho</i> com leite de vaca ou <i>vinho bom</i> ou misturar o <i>vinho</i> com 1 caneca de leite e uma gema de ovo. Tomar VO, por 3 dias e <i>ver o que acontece</i>	Fabaceae	<i>Hymenaea altissima</i> Ducke	SB49	nativa
CB	jatobá ou jataí	ex	<i>inímia, fraqueza</i>		Ferver 1 xícara do <i>vinho</i> e colocar em uma garrafa, misturar com 1 ovo de pata. Tomar VO, 1 x ao dia em jejum	Fabaceae	<i>Hymenaea altissima</i> Ducke	SB49	nativa
JV	mamica-de-porca	ca	<i>depuração sangue</i>	<i>do</i>	Colher a casca, deixar secar e fazer decocção. Tomar VO, 2 colheres de sopa por dia (manhã e tarde), tomar por 3 dias e <i>esperar para ver o resultado</i>	Rutaceae	<i>Zanthoxylum rhoifolium</i> Lam.	GDS54	nativa
AB	massaranduba	ex	<i>vitamina boa</i>		Ferver 5 colheres de sopa do <i>vinho</i> para uma garrafa de 1L de água. Tomar VO, 1 copo pequeno, 3x ao dia (manhã, tarde e noite)	Sapotaceae	sp.1	THS133	IAF

OO	melissa	fo	<i>pressão alta</i>	Fazer o chá com as folhas (quantidade indeterminada) e tomar todo dia, VO	Verbenaceae	<i>Lippia alba</i> (Mill.) N.E.Br. ex P.Wilson	GDS37	nativa
LV	melissa ou ponta-livre	fo	<i>pressão alta</i>	Fazer decocção de 2 a 5 folhas. Tomar VO, 3 colheres de chá aos poucos, 2x ao dia (manhã e tarde). Tomar todos os dias	Verbenaceae	<i>Lippia alba</i> (Mill.) N.E.Br. ex P.Wilson	GDS37	nativa
CB	noz-moscada	fr	<i>bom pro sangue</i>	Pegar 1 punhado de semente, macerar e colocar na pinga. Deixar curtindo, quanto mais, melhor. Tomar VO	Lauraceae	<i>Cryptocarya mandioccana</i> Meisn.	PBY20/ PBY60	nativa
MB	noz-moscada	fr	<i>machucadura</i>	Fazer decocção de 9 brotos (meristema foliar) de cambará-roxo, acrescentar 2 noz-moscada macerada, ½ limão e água (quantidade indeterminada). Tomar VO, várias vezes por dia, até melhorar	Lauraceae	<i>Cryptocarya mandioccana</i> Meisn.	PBY20/ PBY60	nativa
CB	perta-ruão	fo	<i>corte</i>	Macerar 2 a 3 folhas com sal e colocar em cima do machucado, VT. Amarrar com um pano para não sair. Até melhorar	Piperaceae	<i>Piper mollicomum</i> Kunth	GDS10/ PBY95	nativa
VA	perta-ruão	fo	<i>corte</i>	Macerar 2 a 3 folhas com sal e colocar em cima do machucado, VT. Amarrar com um pano para não sair. Até melhorar.	Piperaceae	<i>Piper mollicomum</i> Kunth	GDS10/ PBY95	nativa
OO	perta-ruão	fo	<i>cortes</i>	Macerar poucas folhas com sal e passar o sumo no machucado, VT, ou tomar VO, para machucado interno	Piperaceae	<i>Piper mollicomum</i> Kunth	GDS10/ PBY95	nativa
TS*	picão	pt	<i>anemia, fígado</i>	Fazer decocção da planta inteira e tomar o chá, VO, ao invés de água, durante o dia todo. Pode-se misturar com leite para tirar o amargo.	Asteraceae	<i>Bidens pilosa</i> L.	SB02	exótica
TS*	picova	se	<i>bom coração</i>	<i>pro</i> Macerar 1 semente e usar para fazer infusão com quantidade suficiente para 3 chás. Tomar VO, 3x ao dia, <i>por 1 dia e já melhora.</i>	Zingiberaceae	<i>Renealmia petasites</i> Gagnep.	SB46	nativa
CB	rama da mandioca-doce	fo	<i>vitamina</i>	Pegar as folhas (quantidade indeterminada), secá-las, pulverizá-las e colocar na comida, VO	Euphorbiaceae	<i>Manihot esculenta</i> Crantz	GDS16	nativa
AB	rama da mandioca-doce	fo	<i>vitamina para crianças</i>	Lavar as folhas, secá-las, assá-las no forno em uma forma e pulverizá-las. Colocar 1 colher de chá do pó na comida das crianças,	Euphorbiaceae	<i>Manihot esculenta</i> Crantz	GDS16	nativa

VO. Usar quantas vezes quiser

OO	sete-sangria	pt	<i>bom pro rim, depurativo do sangue</i>	Fazer decocção da planta toda em 1L de água. Tomar VO, 1 x ao dia, até melhorar	Lythraceae	<i>Cuphea carthagenensis</i> (Jacq.) J.F.Macbr.	SB03	nativa
CB	sete-sangria	pt	<i>pressão alta</i>	Fazer decocção com 3 plantas inteiras. Tomar VO, durante o dia, até a pressão baixar.	Lythraceae	<i>Cuphea carthagenensis</i> (Jacq.) J.F.Macbr.	SB03	nativa
TS*	sete-sangria	pt	<i>bom pro coração, pressão alta</i>	Fazer decocção de 1 pé (pt) para quantidade indeterminada de água. Tomar VO, várias vezes por dia.	Lythraceae	<i>Cuphea carthagenensis</i> (Jacq.) J.F.Macbr.	SB03	nativa
OO	trançagem tanchagem	ou fo	<i>cicatrizante</i>	Macerar a folha e passar o sumo no local machucado, VT, 1 x ao dia, até melhorar	Plantaginaceae	<i>Plantago australis</i> Lam.	SB09	nativa
LV	urtiga-roxa	fo	<i>feridas na perna, inzipe</i>	Fazer decocção de 4 folhas para 1 garrafa de água, esperar esfriar e usar para lavar a perna, VT. Lavar quantas vezes quiser até secar a ferida.	Urticaceae	<i>Urtica baccifera</i> (L.) Gaudich. ex Wedd.	GDS07/ GDS22	nativa
TS*	urtiga-roxa	fo	<i>sangue fraco, anemia</i>	Colher as folhas, lavar, tirar os espinhos e comer como salada, VO.	Urticaceae	<i>Urtica baccifera</i> (L.) Gaudich. ex Wedd.	GDS07/ GDS22	nativa
Sistema Endócrino								
MB	cebolinha-do-mato	bul	<i>diabetes</i>	Fazer decocção de 3 batatinhas (bulbos) para 1 copo d'água. Tomar VO ao longo do dia	Hypoxidaceae	<i>Hypoxis decumbens</i> L.	SB08	nativa
MB	chapéu-de-couro	fo	<i>diabetes</i>	Fazer decocção de 1 folha para ½ L de água. Tomar VO, 3x ao dia, 2x por semana (para não abaixar tanto a diabetes)	Alismataceae	<i>Echinodorus grandiflorus</i> (Cham. & Schltdl.) Micheli	GDS13/ SB22	nativa
OO	chapéu-de-couro	fo	<i>diabetes</i>	Fazer decocção de 1 ou 2 folhas e tomar no lugar da água. Se a diabetes for muito alta - tomar VO, 2 a 3 x por semana. Se a diabetes não for tão alta - tomar VO, 1 a 2 x por semana	Alismataceae	<i>Echinodorus grandiflorus</i> (Cham. & Schltdl.) Micheli	GDS13/ SB22	nativa
OO	erva-de-são-joão	fo	<i>cólica menstrual descer a menstruação</i>	Fazer decocção de 10 a 12 folhas para 1 caneca d'água. Tomar quente, VO, 2 x ao dia (manhã noite), principalmente à noite.	Asteraceae	<i>Ageratum conyzoides</i> L.	SB43	nativa

TS*	erva-de-são-joão	fo	<i>usada para fazer menstuação descer</i>	Fazer decocção de 4 folhas com uma pitada de sal para 1 leiteira de água. Tomar, VO, bem quente, à noite. Se for friagem desce, se não descer provavelmente é gravidez. Tomar quente. É abortivo.	Asteraceae	<i>Ageratum conyzoides</i> L.	SB43	nativa
CB	graviola	fo	<i>diabetes</i>	Fazer decocção de 4 a 5 folhas em água. Tomar continuamente, durante o dia, VO, todos os dias	Annonaceae	<i>Annona muricata</i> L.	GDS52	exótica
VA	jambo ou jambolão	fo	<i>diabetes</i>	Fazer decocção de 4 a 5 folhas e e coar em pano. Tomar VO, ½ <i>copinho</i> por dia, todos os dias ou fazer o chá com mais folhas e tomar uma caneca grande ao longo do dia. Quanto mais folha, mais forte. Só pode tomar quem tem diabetes.	Myrtaceae	<i>Syzygium jambos</i> (L.) Alston	GDS01	exótica
JV	jatobá ou jataí	ca	<i>diabetes</i>	Fazer decocção da casca. Tomar VO, 1 colher, 2 x ao dia (manhã e tarde), por 3 dias e <i>ver o que acontece</i>	Fabaceae	<i>Hymenaea altissima</i> Ducke	SB49	nativa
JV	mamica-de-porca	ca	<i>diabetes</i>	Colher a casca, deixar secar e fazer decocção. Tomar VO, 2 colheres de sopa por dia (manhã e tarde), tomar por 3 dias e <i>esperar para ver o resultado</i>	Rutaceae	<i>Zanthoxylum rhoifolium</i> Lam.	GDS54	nativa
CB	mamica-de-porca ou manataru	ca	<i>diabetes</i>	Fazer decocção de 2 a 3 pedaços de casca de 0,5m em água e tomar VO, 2 x ao dia, todos os dias	Rutaceae	<i>Zanthoxylum rhoifolium</i> Lam.	GDS54	nativa
GDS e SB	pata-de-vaca	fo	<i>diabetes</i>	Fazer decocção da folha e tomar VO, ao longo do dia como se fosse água	Fabaceae	<i>Bauhinia forficata</i> Link	GDS62	nativa
Sistema Gastrointestinal								
JV	agrião-d'água	fo e tp	<i>estômago</i>	Comer como salada, à vontade. VO	NC	NC	NC	NC
TS*	araçá	fo	<i>diarreia</i>	Fazer decocção de 5 folhas juntamente com 5 folhas de goiaba-branca para ½ caneca de água. Tomar VO, 1 caneca pela manhã e ver se melhorar. Tomar até melhorar.	Myrtaceae	<i>Psidium cattleianum</i> Sabine	SB47	nativa
MB	araçá	mfo	<i>diarreia, dor de barriga</i>	Fazer decocção de 3 “brotos” (meristema foliar) para 1 copo de água, esperar o chá esfriar. Tomar VO, de hora em hora, até melhorar	Myrtaceae	<i>Psidium cattleianum</i> Sabine	PBY29	nativa

VA	bacupari	ca	<i>bom estômago, gastritis</i>	<i>pro</i>	Fazer decocção de mais ou menos 1 punhado da casca. Tomar VO, 1 copo todo dia antes do café da manhã ou 1/3 copo, 2x por dia (manhã e noite), até melhorar	Clusiaceae	<i>Garcinia gardneriana</i> (Planch. & Triana) Zappi	PBY21	nativa
MV	balsámo	fo	<i>ajuda digestão, azia</i>	<i>na</i>	Colher a folha, lavar e mastigar, VO	Crassulaceae	<i>Sedum dendroideum</i> Moc. & Sessé ex DC.	cf. SB72	exótica
LV	boldo-com-pelo	fo	<i>enxaqueca, ressaca</i>		Fazer decocção com 4 a 5 folhas picadas. Tomar VO, 2 copos ao dia (manhã e tarde), até melhorar	Lamiaceae	<i>Plectranthus barbatus</i> Andrews	SB37	exótica*
CB	boldo-sem-pelo	fo	<i>estômago</i>		Mastigar 2 folhas ou fazer decocção e tomar VO, até melhorar	Asteraceae	<i>Gymnanthemum amygdalinum</i> (Delile) Sch.Bip. ex Walp.	GDS66/ PBY71	exótica*
CB	cajueiro	ca	<i>hemorróida</i>		Fazer decocção de 4 cascas grandes e usar para lavar a região, VT. Pode tomar um e pequena dose VO toda vez que toma o banho, até melhorar	Anacardiaceae	<i>Anacardium occidentale</i> L.	GDS14/ PBY76	nativa
TS*	carqueja	fo	<i>bom estomago, esmagrecer</i>	<i>pro</i>	Fazer decocção das folhas (quantidades indeterminadas). Tomar VO, 1 copo, de manhã.	Asteraceae	<i>Baccharis</i> sp. [Sect. <i>Caulopterae</i> DC.]	PBY74	IAG
MB	carqueja	fo	<i>dor de barriga</i>		Colocar na pinga e tomar, VO. Quantidades não especificadas	Asteraceae	<i>Baccharis</i> sp. [Sect. <i>Caulopterae</i> DC.]	PBY74	IAG
CB	erva-de-bicho	pt	<i>hemorróida</i>		Fazer decocção de aproximadamente 3 plantas e usar para tomar banho, VT. Tomar 1 dose VO toda vez que toma o banho	NC	NC	NC	NC
TS*	erva-de-passarinho	fo	<i>estômago</i>		Macerar folhas com um pouco de sal e tomar 3 colheres de chá, VO, 3x ao dia (manhã, tarde e noite), até melhorar	Loranthaceae	<i>Struthanthus marginatus</i> (Desr.) Blume	SB04	nativa
AB	espinheira-santa	fo	<i>dor estômago</i>	<i>de</i>	Fazer decocção de 5 folhas para 1 xícara de água. Tomar VO, 2x ao dia (manhã e noite). Remédio frio	Celastraceae	<i>Maytenus ilicifolia</i> Mart. ex Reissek	GDS18/ PBY78	nativa
CB	flor-de-maio	fo	<i>úlça</i>		Fazer decocção com 2 ou 3 folhas e água suficiente para 1 chá. Tomar VO, 1x ao dia (de manhã cedo), até melhorar	Asteraceae	<i>Montanoa bipinnatifida</i> (Kunth) K.Koch	GDS65/ PBY35	exótica

TS*	goiaba-branca	fo	<i>diarreia</i>		Fazer decocção de 5 folhas juntamente com 5 folhas de araçá para ½ caneca d'água. Tomar VO, 1 caneca pela manhã e ver se melhorar. Tomar até melhorar.	Myrtaceae	<i>Psidium</i> L.	<i>guajava</i>	GDS34	exótica
AB	goiaba-branca	fo	<i>dor de barriga</i>		Fazer decocção de mais de 10 folhas para 1 copo grande de água. Esperar esfriar e tomar VO ao longo do dia, até melhorar	Myrtaceae	<i>Psidium</i> L.	<i>guajava</i>	GDS34	exótica
JV	ipê-roxo	ca	<i>virose</i>		Retirar a casca do lado que o sol nasce, fazer decocção e tomar VO, 2 colheres de sopa, 2 x ao dia (manhã e tarde), por 3 dias	Bignoniaceae	<i>Handroanthus impetiginosus</i> (Mart. ex DC.) Mattos		PBY63	nativa
JV	jatobá ou jataí	ca	<i>estômago</i>		Fazer decocção da casca. Tomar VO, 1 colher, 2 x ao dia (manhã e tarde), por 3 dias e <i>ver o que acontece</i>	Fabaceae	<i>Hymenaea altissima</i> Ducke		SB49	nativa
OO	macelinha	pt	<i>constipação, intestino preso</i>		Fazer decocção de 1 planta inteira para 1L de água. Colocar dentro de um regador de alumínio e esguichar no ânus para limpar o intestino, VR	Asteraceae	<i>Gamochaeta</i> sp.		PBY87	IAG
CB	melãozinho-do-mato	fo	<i>úlça</i>		Fazer decocção de 2 punhados de folha ou fazer a garrafada. Tomar VO, 1 dose ao dia ou 2 x ao dia (manhã e noite), até se sentir melhor	Cucurbitaceae	<i>Momordica charantia</i> L.		GDS63/ PBY108	exótica*
AB	melissa, cidrão ou ponta-livre	fo	<i>bom estômago</i>	<i>pro</i>	Fazer decocção ou infusão de 5 folhas para ½ copo de água. Tomar VO, 3x ao dia	Verbenaceae	<i>Lippia alba</i> (Mill.) N.E.Br. ex P.Wilson		SB16	nativa
TS*	mentruz	fo	<i>dor estômago</i>	<i>de</i>	Bater no liquidificador 15 a 20 folhas com 1/2L de leite. Tomar VO, ½ copo, todos os dias, até melhorar.	NC	NC		NC	NC
TS*	noz-moscada	se	<i>para dor estômago</i>	<i>no</i>	Fazer decocção de 1 semente para 3 canecas de água. Tomar VO, 1 copo e o remédio já faz efeito.	Lauraceae	<i>Cryptocarya mandioccana</i> Meisn.		PBY20/ PBY60	nativa
MB	picão	pt	<i>ictírcia, inímia, hepatite</i>		Fazer decocção de 1 planta toda para ½ L de água. Tomar VO, o dia todo, até melhorar. Também é bom tomar, VO, uma cerveja preta (Malzenbier) no dia do tratamento	Asteraceae	<i>Bidens pilosa</i> L.		SB02	exótica
CB	picão	pt e ra	<i>ictírcia</i>		Fazer decocção de 3 plantas inteiras ou 3 raízes para quantidade de água suficiente para 3 chás. Tomar VO, 1 xícara, 2 x ao dia, até o	Asteraceae	<i>Bidens pilosa</i> L.		SB02	exótica

olho e a urina não estarem mais amarelos

OO	picão-do-preto	pt	<i>ictíria</i>	Fazer decocção da planta inteira e tomar o chá, VO, ao invés de água, durante o dia todo. Deve-se tomar durante o dia uma garrafinha da "cervejinha preta", podendo dividi-la em 1 ou 2x ao dia.	Asteraceae	<i>Bidens pilosa</i> L.	SB02	exótica
AB	pitanga	fo	<i>dor de barriga</i>	Fazer decocção de 10 folhas para 1 canecão grande de água. Esperar esfriar e ir tomando ao longo do dia, VO. Até melhorar	Myrtaceae	<i>Eugenia uniflora</i> L.	SB07/PBY75	nativa
CB	pitanga	fo	<i>dor de barriga</i>	Fazer decocção de 1 punhado de folha e a quantidade de água desejada. Tomar VO, 1 xícara, 2 ou 3 x ao dia, até melhorar.	Myrtaceae	<i>Eugenia uniflora</i> L.	SB07/PBY75	nativa
MB	pitanga	fo e fr	<i>diarreia, dor de barriga</i>	Fazer decocção de 1 punhado de folha ou fruto para ½ L de água. Tomar VO, o dia todo de hora em hora, até melhorar. Pode misturar com trançagem	Myrtaceae	<i>Eugenia uniflora</i> L.	SB07/PBY75	nativa
CB	saião-roxo	fo	<i>úlça</i>	Macerar as folhas, misturar com leite (quantia para 1 chá) e deixar no sereno de um dia para o outro. Tomar VO, 1 xícara de chá, 1 x ao dia, até melhorar	Crassulaceae	<i>Kalanchoe pinnata</i> (Lam.) Pers.	GDS35	exótica*
JV	serralha	fo	<i>estômago, gastritis</i>	Comer como salada, VO	Asteraceae	<i>Emilia sonchifolia</i> (L.) DC.	PBY105	exótica
MB	sete-sangria	pt	<i>hepatite</i>	Fazer decocção de 1 pé (pt) para quantidade indeterminada de água. Tomar VO, várias vezes por dia.	Lythraceae	<i>Cuphea carthagenensis</i> (Jacq.) J.F.Macbr.	SB03	nativa
OO	trançagem tanchagem	ou fo	<i>disintiria, dor de barriga</i>	Fazer decocção de 3 a 4 folhas para 1 caneca d'água. Tomar VO, 2 a 3 x ao dia, até melhorar. Pode-se comer a folha que faz o mesmo efeito.	Plantaginacea e	<i>Plantago australis</i> Lam.	SB09	nativa
MB	trançagem tanchagem	ou pt	<i>diarreia, dor de barriga</i>	Fazer decocção de 3 folhas para quantidade indeterminada de água. Tomar VO, 3 x ao dia, até melhorar. Pode misturar com pitanga.	Plantaginacea e	<i>Plantago australis</i> Lam.	SB09	nativa

Sistema Genitourinário

MB	abacate	fo	<i>dor de cadeira, rim</i>	Fazer decocção de 3 folhas para ½ L de água. Tomar VO, 3x ao dia (manhã, tarde e noite), até melhorar. Remédio frio	Lauraceae	<i>Persea americana</i> Mill.	GDS04	exótica
CB	abacate-roxo	fo	<i>inflamação, pedra no rim, rim</i>	Fazer decocção de 3 a 4 folhas para 1 xícara de água. Tomar VO, 1 ou 2x ao dia, por quanto tempo quiser. Pode fazer "chazão" com caninha-do-brejo, trançagem e quebra-pedra.	Lauraceae	<i>Persea americana</i> Mill.	GDS59	exótica
JV	abacate-roxo	fo	<i>rim</i>	Fazer decocção de 5 folhas para 1L de água. Tomar VO como se fosse água, por 1 ou 2 semanas	Lauraceae	<i>Persea americana</i> Mill.	GDS59	exótica
OO	açafrão	ra	<i>problema de útero</i>	Macerar a raiz e usar o sumo para passar no local da dor, VT, depois do banho. Usar 1 x ao dia	Zingiberaceae	<i>Curcuma longa</i> L.	PBY67	exótica
MB	barbatimão	ca e fo	<i>infecções de mulher, inflamação</i>	Fazer decocção de 1 casca do tamanho de uma mão ou 1 punhado de folhas para quantidade de água indeterminada. Tomar VO, 3 x por dia, até melhorar. Também usar o mesmo preparo para fazer lavagem vaginal. Esperar o preparado esfriar e fazer lavagem ginecológica (com uso da pêra ginecológica), VV, 2 x ao dia. Até melhorar	Fabaceae	<i>Swartzia oblata</i> R.S.Cowan	GDS06/ PBY16	nativa
MB	caninha-do-brejo	fo	<i>bexiga, urina, rim, quando não consegue urinar</i>	Fazer decocção com 3 folhas para ½ litro de água. Tomar VO, 2 x ao dia, até melhorar	Costaceae	<i>Costus arabicus</i> L.	SB12	nativa
LV	caninha-do-brejo	pt	<i>infecção de urina, rim</i>	Fazer decocção de 4 a 5 folhas. Tomar VO, ½ copo, 2 x ao dia (manhã e tarde), até melhorar	Costaceae	<i>Costus arabicus</i> L.	SB12	nativa
CB	caninha-do-brejo	pt	<i>pedra no rim, rim</i>	Macerar e fazer decocção de 1 planta toda para a quantidade de 1 leiteira de água. Também pode-se bater no liquidificador, pegar o líquido, deixar no sereno durante a noite e tomar no outro dia de manhã. Tomar VO 1 xícara, uso contínuo. Pode fazer <i>chazão</i> com folha de abacate, trançagem e quebra-pedra.	Costaceae	<i>Costus arabicus</i> L.	SB12	nativa

OO	chapéu-de-couro	fo	<i>bom pro rim</i>	Fazer decocção de 1 ou 2 folhas e tomar no lugar da água, VO.	Alismataceae	Echinodorus grandiflorus (Cham. & Schltdl.) Micheli	GDS13/SB22	nativa
MB	chapéu-de-couro	fo	<i>esmagrecer, para o rim, urina</i>	Fazer decocção de 1 folha para ½ L de água. Tomar VO, 3x ao dia, 2x por semana (para não abaixar tanto a diabetes)	Alismataceae	Echinodorus grandiflorus (Cham. & Schltdl.) Micheli	GDS13/SB22	nativa
CB	cipó-prata	fo	<i>pedra no rim, rim</i>	Fazer decocção de 5 a 6 folhas em água (quantidade desejada). Tomar VO, 4 a 5 x por dia. Pode tomar todo dia	Malpighiaceae	não identificada	SB60	NI
OO	erva-baleeira	fo	<i>problema de útero</i>	Fazer decocção das folhas (quantidade indeterminada). Tomar, VO, até 3 x ao dia (manhã, tarde e noite). Tomar por no máximo 2 dias e esperar no mínimo 10 dias para tomar de novo.	Boraginaceae	Varronia curassavica Jacq.	GDS31	nativa
OO	quebra-pedra-branco	pt	<i>bom pro rim</i>	Fazer decocção da planta inteira. Tomar VO, até melhorar. Quanto mais forte o chá, melhor.	Phyllanthaceae	Phyllanthus niruri L.	SB28	nativa
CB	quebra-pedra-branco	pt	<i>bom pro rim</i>	Fazer decocção de 3 pés (pt) para quantidade indeterminada de água. Esperar esfriar e tomar VO, ao longo do dia e sempre a noite. Pode-se fazer um chazão com folha de abacate, trançagem e caninha-do-brejo.	Phyllanthaceae	Phyllanthus niruri L.	SB28	nativa
CB	quebra-pedra-roxo	pt	<i>bom pro rim</i>	Fazer decocção de 3 pés (pt) para quantidade indeterminada de água. Esperar esfriar e tomar VO, ao longo do dia e sempre a noite. Pode-se fazer um chazão com folha de abacate, trançagem e caninha-do-brejo.	Euphorbiaceae	Euphorbia thymifolia L.	SB36	nativa
OO	quebra-pedra-roxo	pt	<i>bom pro rim</i>	Fazer decocção da planta inteira. Tomar VO, até melhorar. Quanto mais forte o chá, melhor.	Euphorbiaceae	Euphorbia thymifolia L.	SB36	nativa
LV	quebra-pedra-roxo	pt	<i>bom pro rim</i>	Fazer decocção de 3 pés inteiros (pt) para ½ garrafa de água. Tomar VO, 3x ao dia (manhã, meio-dia e final da tarde), até melhorar	Euphorbiaceae	Euphorbia thymifolia L.	SB36	nativa
MB	quebra-pedra-roxo	pt	<i>rim</i>	Fazer decocção de 4 plantas inteiras para ½ L de água. Tomar VO, o dia todo, até melhorar. Remédio frio	Euphorbiaceae	Euphorbia thymifolia L.	SB36	nativa

OO	sete-sangria	pt	<i>bom pro rim, depurativo do sangue</i>	Fazer decocção com a planta toda para 1L de água. Tomar VO, 1 x ao dia, até melhorar	Lythraceae	<i>Cuphea carthagenensis</i> (Jacq.) J.F.Macbr.	SB03	nativa
TS*	terramicina	fo	<i>dor de urina</i>	Fazer decocção de 6 folhas para 1 caneca d'água. Tomar VO, 2x ao dia, até melhorar.	Amaranthaceae	<i>Alternanthera brasiliensis</i> (L.) Kuntze	PBY61	nativa
CB	trançagem tanchagem	ou pt	<i>bixiga inflamada, inflamação, pedra no rim, rim, urina presa</i>	Fazer decocção com 2 ou 3 pés (pt). Tomar VO, 1 xícara de chá por dia, por 4 ou 5 dias. Pode fazer <i>chazão</i> com caninha-do-brejo, folha de abacate e quebra-pedra.	Plantaginaceae	<i>Plantago australis</i> Lam.	SB09	nativa
CB	urtiga-roxa	ra	<i>câncer de próstata</i>	Fazer decocção de 9 pedaços de 1 polegada da raiz para 1 ou 2 litros de água. Tomar durante o dia, VO, como se fosse água, por 9 dias.	Urticaceae	<i>Urera baccifera</i> (L.) Gaudich. ex Wedd.	GDS07/ GDS22	nativa
Sistema Nervoso Central								
GDS e SB	abóbora	fl	<i>dor de ouvido</i>	Esquentar 1 flor no fogo e espremer até pingar no ouvido, VOt	Cucurbitaceae	<i>Cucurbita maxima</i> Duchesne	cf. SB41	exótica
LV	abóbora	se	<i>dor de ouvido</i>	Esquentar as sementes de dentro da flor no fogo e espremer no ouvido, VOt, 2 gotas, 1x ao dia, até melhorar	Cucurbitaceae	<i>Cucurbita maxima</i> Duchesne	cf. SB41	exótica
MB	açafrão	ra	<i>para ajudar a falar após AVC</i>	Colher a raiz, ralar, secar no sol e macerar. Colocar o pó na comida como tempero, VO	Zingiberaceae	<i>Curcuma longa</i> L.	PBY67	exótica
JV	anestesia	fl	<i>para anestésias</i>	Macerar 20 flores e passar o sumo na parte que deve ser anestesiada (antes de cortar ou dar pontos), VT. O número de flores depende do tamanho do local que será anestesiado	Asteraceae	<i>Acmella ciliata</i> (Kunth) Cass.	GDS43	nativa
CB	angélica	fo	<i>dor de cabeça, febre</i>	Fazer decocção de 3 a 4 folhas para 1 xícara de água. Tomar VO, 1 ou 2x dia, por quanto tempo quiser	Zingiberaceae	<i>Hedychium coronarium</i> J.Koenig	SB71	exótica
CB	batata	fo	<i>dor de dente</i>	Cozinhar a batata e usar a água para bochechar, VB, 3x ao dia até melhorar o inchaço	Convolvulaceae	<i>Ipomoea batatas</i> (L.) Lam.	SB63	exótica
OO	doril	pt	<i>dor de cabeça</i>	Fazer decocção com 2 ou 3 pés da planta para 1 caneca de água. Tomar VO, por 2 a 3 dias, até melhorar.	Acanthaceae	<i>Justicia pectoralis</i> Jacq.	PBY65/ PBY77	exótica

MB	dormideira	fo	<i>dor de garganta</i>	Fazer decocção de 1 punhado de folha para quantidade indeterminada de água. Usar para fazer gargarejo, VT, várias vezes por dia até melhorar	Fabaceae	<i>Mimosa pudica</i> L.	SB06	nativa
GDS e SB	dormideira	fo	<i>dormir melhor</i>	Colocar no travesseiro das crianças para dormirem melhor.	Fabaceae	<i>Mimosa pudica</i> L.	SB06	nativa
TS*	erva-de-passarinho	fo	<i>dor de garganta</i>	Macerar folhas com um pouco de sal e tomar 3 colheres de chá, VO, 3x ao dia (manhã, tarde e noite), até melhorar	Loranthaceae	<i>Struthanthus marginatus</i> (Desr.) Blume	SB04	nativa
TS*	erva-doce	pt	<i>calmante</i>	Fazer decocção com as folhas (quantidade indeterminada) e tomar VO, antes de dormir.	Apiaceae	<i>Foeniculum vulgare</i> Mill.	CC25	exótica*
OO	erva-doce	pt	<i>pra dormir melhor</i>	Fazer decocção com as folhas (quantidade indeterminada) e tomar VO, antes de dormir.	Apiaceae	<i>Foeniculum vulgare</i> Mill.	CC25	exótica*
TS*	gelol	pt	<i>dor de dente</i>	Colocar a planta no álcool e deixar curtir. Molhar um algodão e deixar sobre o dente, VT. Até melhorar	Polygalaceae	<i>Polygala paniculata</i> L.	SB21	nativa
GDS e SB	gelol	pt e ra	<i>dor de cabeça</i>	Colocar a raíz ou a planta toda dentro de uma garrafa com álcool e deixar curtir até o álcool ficar verde. Inalar o ar que evapora , VI.	Polygalaceae	<i>Polygala paniculata</i> L.	SB21	nativa
TS*	guaco	fo	<i>dor de garganta</i>	Fazer decocção de várias folhas e ir colocando açúcar até engrossar. Esperar esfriar e tomar, VO, 1x ao dia (à noite), 1 colher de sopa para adultos ou 1 colher menor para crianças, até melhorar. Pode-se fazer o chá juntamente com 3 folhas de pitanga, folhas de poejo e casca de limão.	Asteraceae	<i>Mikania laevigata</i> Sch.Bip. ex Baker	GDS05	nativa
AB	hortelã-de-bicha	ta	<i>calmante</i>	Fazer decocção de 3 <i>talos</i> por pessoa para 1 copo de água. Tomar VO, 1 copo ao dia	Lamiaceae	<i>Mentha</i> sp.	SB61	IAG
JV	ipê-roxo	ca	<i>dor de cabeça</i>	Retirar a casca do lado que o sol nasce, fazer decocção e tomar VO, 2 colheres de sopa, 2 x ao dia (manhã e tarde), por 3 dias	Bignoniaceae	<i>Handroanthus impetiginosus</i> (Mart. ex DC.) Mattos	PBY63	nativa

LA	jaborandi	ra	<i>anestesia</i>	Macerar a raiz em uma vasilha e usar o líquido para passar no local a ser anestesiado, VT. A quantidade depende do tamanho a ser anestesiado.	Piperaceae	<i>Piper scutifolium</i> Yunk	GDS49/ PBY28	nativa
TS*	limão	ca	<i>dor de garganta</i>	Fazer decocção da casca do limão junto com 3 folhas de guaco, 3 folhas de pitanga e folhas de poejo. Colocar açúcar até engrossar. Esperar esfriar e tomar, VO, 1x ao dia (à noite), 1 colher de 1 colher de sopa para adultos ou 1 colher menor para crianças, até melhorar.	Rutaceae	<i>Citrus x limon</i> (L.) Osbeck	GDS40	exótica
CB	melissa	fo	<i>calmante</i>	Fazer decocção da folha e tomar VO, 1 xícara	Verbenaceae	<i>Lippia alba</i> (Mill.) N.E.Br. ex P.Wilson	GDS37	nativa
AB	melissa, cidrão ou ponta-livre	fo	<i>calmante</i>	Fazer decocção ou infusão de 5 folhas para ½ copo de água. Tomar VO, 3x ao dia	Verbenaceae	<i>Lippia alba</i> (Mill.) N.E.Br. ex P.Wilson	SB16	nativa
OO	novalgina	fo	<i>dor de cabeça, dor no corpo</i>	Fazer decocção de 6 a 7 folhas para uma 1 leiteira de água. Tomar VO, 1 xícara, 1 ou 2 x ao dia até melhorar. Quando mais forte o chá mais rápido cura. Também pode-se tomar quente com um Doril® ou Cibalena®	Amaranthaceae	<i>Pfaffia glomerata</i> (Spreng.) Pedersen	SB01	nativa
MB	novalgina	fo	<i>febre</i>	Fazer decocção de 1 punhado de folha para 3 a 4 copos de água. Tomar VO, quantas vezes quiser. Remédio quente.	Amaranthaceae	<i>Pfaffia glomerata</i> (Spreng.) Pedersen	SB01	nativa
TS*	pitanga	fo	<i>dor de garganta</i>	Fazer decocção de várias folhas e ir colocando açúcar até engrossar. Esperar esfriar e tomar, VO, 1x ao dia (à noite), 1 colher de sopa para adultos ou 1 colher menor para crianças, até melhorar. Pode-se fazer o chá juntamente com 3 folhas de guaco, folhas de poejo e casca de limão.	Myrtaceae	<i>Eugenia uniflora</i> L.	SB07/ PBY75	nativa
TS*	poejo	fo	<i>dor de garganta</i>	Fazer decocção de várias folhas e ir colocando açúcar até engrossar. Esperar esfriar e tomar, VO, 1x ao dia (à noite), 1 colher de 1 colher de sopa para adultos ou 1 colher menor para crianças, até melhorar. Pode-se fazer o chá juntamente com 3 folhas de pitanga, 3 folhas	Lamiaceae	<i>Mentha pulegium</i> L.	PBY107	exótica*

				de guaco e casca de limão.				
TS*	sabugueiro	fo	<i>febre</i>	Fazer decocção das folhas (quantidades indeterminadas). Tomar VO, ½ copo, quando estiver com febre.	Adoxaceae	<i>Sambucus canadensis</i>	cf. GDS55	exótica
OO	terramicina	fo	<i>dor de cabeça, dor no corpo</i>	Fazer decocção de 5 a 6 folhas para 1 leiteira de água. Tomar VO, 1 xícara, 1 ou 2x ao dia, até melhorar	Amaranthaceae	<i>Alternanthera brasiliana</i> Kuntze (L.)	PBY61	nativa
TS*	trançagem tanchagem	ou fo	<i>dor de garganta</i>	Fazer decocção de 3 a 4 folhas para 1 caneca d'água. Tomar VO, 2 a 3 x ao dia, até melhorar.	Plantaginaceae	<i>Plantago australis</i> Lam.	SB09	nativa
TS*	urtiga-branca	fo	<i>dor de garganta</i>	Fazer decocção de 4 a 5 folhas para 1/2L de água. Fazer gargarejo, VB, 2 a 3x ao dia, até melhorar.	Urticaceae	<i>Urera caracasana</i> (Jacq.) Griseb./ <i>Boehmeria caudata</i> Sw.	SB44/ SB44B	nativa/ nativa
Sistema Ocular								
LA	cipó-caboclo	ex	<i>catarrata cachorro</i>	de Cortar um pedaço do cipó, apontar um lado para o olho da pessoa e assoprar do outro lado para pingar o líquido no olho, Vof. 1 gota, 1x por dia, até melhorar.	Dilleniaceae	<i>Davilla rugosa</i> Poir.	PBY53	nativa
Sistema Osteomuscular								
OO	açafrão	ra	<i>dor reumática, dor na coluna</i>	Macerar a raiz e usar o sumo para passar no local da dor, VT, depois do banho. Usar 1 x ao dia	Zingiberaceae	<i>Curcuma longa</i> L.	PBY67	exótica
OO	barbatimão	ca	<i>dor na coluna, machucadura</i>	Fazer decocção da casca, quantidade indeterminada. Tomar VO, o dia inteiro no lugar da água, até melhorar.	Fabaceae	<i>Swartzia oblata</i> R.S.Cowan	GDS06/ PBY16	nativa
TS*	cajueiro	ca	<i>para lavar a perna machucada</i>	Fazer decocção de 4 cascas grandes e usar para lavar a região, VT. Pode tomar uma pequena dose VO toda vez que toma o banho, até melhorar	Anacardiaceae	<i>Anacardium occidentale</i> L.	GDS14/ PBY76	nativa
TS*	cambará-preto roxo	ou fo	<i>machucado interno</i>	Fazer decocção das folhas (quantidades indeterminadas). Tomar VO, até melhorar.	Asteraceae	<i>Vernonanthura beyrichii</i> (Less.) H.Rob.	SB15/ SB73/ PBY47	nativa

MB	cambará-preto ou roxo	mfo	<i>machucadura</i>	Fazer decocção de 9 brotos (meristema foliar) de cambará-roxo, acrescentar 2 noz-moscada macerada, ½ limão e água (quantidade indeterminada). Tomar VO, várias vezes por dia, até melhorar	Asteraceae	<i>Vernonanthura beyrichii</i> (Less.) H.Rob.	SB15/ SB73/ PBY47	nativa
OO	erva-baleeira	fo	<i>dor reumática, dor na coluna</i>	Fazer decocção das folhas (quantidade indeterminada). Tomar, VO, até 3 x ao dia (manhã, tarde e noite). Tomar por no máximo 2 dias e esperar no mínimo 10 dias para tomar de novo	Boraginaceae	<i>Varronia curassavica</i> Jacq.	GDS31	nativa
OO	erva-baleeira	fo	<i>machucadura</i>	Colocar bastante folha em 1L de álcool até o álcool ficar verde. Passar nos machucados, VT. Usar várias vezes até melhorar	Boraginaceae	<i>Varronia curassavica</i> Jacq.	GDS31	nativa
AB	erva-de-passarinho	fo	<i>machucadura interna</i>	Macerar folhas com um pouco de sal e tomar 3 colheres de chá, VO, 3x ao dia (manhã, tarde e noite), até melhorar	Loranthaceae	<i>Struthanthus marginatus</i> (Desr.) Blume	GDS23	nativa
CB	erva-de-passarinho	fo	<i>machucadura interna</i>	Macerar 1 punhado de folha e um pouquinho de água. Tomar 1 dose do sumo com um pouco a mais de água, VO, 1 x ao dia (noite), até ficar bem.	Loranthaceae	<i>Struthanthus marginatus</i> (Desr.) Blume	SB04	nativa
JV	erva-de-santa-maria	fo	<i>inchaço, machucadura</i>	Macerar as folhas com sal. Passar no local machucado e por uma faixa sobre o machucado, VT. Pode macerar com mentruz e perta-ruão	Amaranthaceae	<i>Dysphania ambrosioides</i> (L.) Mosyakin & Clemants	SB10	exótica
CB	erva-de-são-joão	fo	<i>machucadura</i>	Macerar as folhas, pode por sal e fumo, e colocar em cima do machucado, VT, 1 x ao dia de manhã. Até melhorar. Usar a quantidade de folhas suficiente para pôr em cima do machucado	Asteraceae	<i>Ageratum conyzoides</i> L.	SB43	nativa
GDS e SB	gelol	pt e ra	<i>dor muscular</i>	Colocar a raiz ou a planta toda dentro de uma garrafa com álcool e deixar curtir até o álcool ficar verde. Usar o álcool para fazer massagens no local machucado, VT.	Polygalaceae	<i>Polygala paniculata</i> L.	SB21	nativa
CB	gervão	fo	<i>machucadura</i>	Macerar 3 ou 4 folhas e por sobre o machucado, VT, todo dia até melhorar	Verbenaceae	<i>Stachytarpheta cayennensis</i> (Rich.) Vahl	GDS57	nativa

LV	mentruz	fo	<i>cicatrizante interno, dor no osso</i>	Macerar aproximadamente 10 folhas e misturar o sumo com 2 copos de leite. Tomar VO, 1 copo pequeno, 1x ao dia, até melhorar	NC	NC	NC	NC
JV	mentruz	fo	<i>machucadura interna e externa (torção, mal jeito)</i>	Macerar as folhas com sal. Passar no local machucado, VT, ou tomar o sumo, VO, 1 colher, 2x ao dia por 3 dias. Pode macerar com erva-de-santa-maria e perta-ruão	NC	NC	NC	NC
MB	noz-moscada	fr	<i>machucadura</i>	Fazer decocção de 9 brotos (meristema foliar) de cambará-roxo, acrescentar 2 noz-moscada macerada, ½ limão e água (quantidade indeterminada). Tomar VO, várias vezes por dia, até melhorar	Lauraceae	<i>Cryptocarya mandioccana</i> Meisn.	PBY20/ PBY60	nativa
VA	noz-moscada	se	<i>reumatismo</i>	Colocar semente na pinga ou no álcool com água (não tem quantidade certa). Tomar VO, 1 x ao dia, de vez em quando	Lauraceae	<i>Cryptocarya mandioccana</i> Meisn.	PBY20/ PBY60	nativa
JV	perta-ruão	fo	<i>machucadura interna (tombo) e externa (inchaço, torção)</i>	Macerar as folhas com sal e passar no local machucado, VT, ou tomar o sumo, VO, 1 colher, 2 x ao dia por 3 dias. Pode macerar junto com folhas de erva-de-santa-maria e mentruz	Piperaceae	<i>Piper mollicomum</i> Kunth	GDS10/ PBY95	nativa
OO	perta-ruão	fo	<i>quebradura</i>	Macerar poucas folhas com sal e passar o sumo no machucado, VT, ou tomar VO, para machucado interno	Piperaceae	<i>Piper mollicomum</i> Kunth	GDS10/ PBY95	nativa
OO	trançagem ou tanchagem	fo	<i>cicatrizante</i>	Macerar a folha e passar o sumo no local machucado, VT, 1 x ao dia, até melhorar	Plantaginaceae	<i>Plantago australis</i> Lam.	SB09	nativa
JV	urtiga-roxa	fo	<i>reumatismo</i>	Fazer decocção de 4 folhas para aproximadamente 1 litro de água. Usar para tomar o banho, VT e tomar, VO, 1 ou 2 colheres do chá, 3x por dia. Fazer o banho e tomar VO por 3 dias. <i>Esperar para ver o que acontece.</i>	Urticaceae	<i>Urera baccifera</i> (L.) Gaudich. ex Wedd.	GDS07/ GDS22	nativa
Sistema Respiratório								
MB	cambará-preto ou roxo	mfo	<i>bronquite, tosse, pneumonia</i>	Fazer decocção de 9 brotos (meristema foliar) de cambará-roxo, acrescentar 2 noz-moscada macerada, ½ limão e água (quantidade indeterminada). Tomar VO, várias vezes por dia, até melhorar	Asteraceae	<i>Vernonanthura beyrichii</i> (Less.) H.Rob.	SB15/ SB73/ PBY47	nativa

AB	camomila	pt	<i>tirar catarro</i>	Fazer decocção de 1 planta inteira e misturar com 9 pingos da banha de galinha derretida na panela. Dar para criança tomar VO, até sair todo o catarro	Asteraceae	<i>Achillea millefolium</i> L.	GDS58/ PBY44	exótica
MB	caraguatá-de-gancho	fr	<i>bronquite, gripe, tosse</i>	Fazer xarope com 8 frutos, 2L de água, ½ Kg de açúcar e ½ copo de mel. Tomar quente, VO, 3 a 4 x por dia e sempre tomar antes de dormir. Pode misturar com guaco	Bromeliaceae	<i>Bromelia antiacantha</i> Bertol.	PBY31	nativa
OO	doril	pt	<i>gripe</i>	Fazer decocção com 2 ou 3 pés da planta para 1 caneca de água. Tomar VO, por 2 a 3 dias, até melhorar.	Acanthaceae	<i>Justicia pectoralis</i> Jacq.	PBY65/ PBY77	exótica
CB	embaúba	br	<i>tosse</i>	Derreter açúcar, misturar os "brotos" (meristema foliar) e a água (quantidade de água suficiente para fazer 3 chás). Tomar VO quando tiver tosse, por 3 dias	Urticaceae	<i>Cecropia pachystachya</i> Trécul/ <i>Cecropia glaziovii</i> Snethl.	PBY22/ PBY68	nativa/ nativa
TS*	embaúba	map	<i>bronquite</i>	Fazer decocção de 9 <i>brotos</i> (map) e colocar açúcar para engrossar. Tomar VO, 3x ao dia, até melhorar.	Urticaceae	<i>Cecropia pachystachya</i> Trécul/ <i>Cecropia glaziovii</i> Snethl.	PBY22/ PBY68	nativa/ nativa
VA	embaúba baubeira	ou br	<i>bronquite</i>	Pegar 1 <i>copinho de cima</i> (mfo), cortar bem pequeno e fazer decocção para 1 copo grande de água. Acrescentar 2 colheres de sopa de açúcar para fazer o xarope. Tomar VO, 1 colher de sopa, todos os dias pela manhã.	Urticaceae	<i>Cecropia pachystachya</i> Trécul/ <i>Cecropia glaziovii</i> Snethl.	PBY22/ PBY68	nativa/ nativa
OO	erva-de-são-joão	fo	<i>resfriado</i>	Fazer decocção de 10 a 12 folhas para 1 caneca d'água. Tomar quente, VO, 2 x ao dia (manhã e noite), principalmente à noite.	Asteraceae	<i>Ageratum conyzoides</i> L.	SB43	nativa
TS*	erva-doce	pt	<i>gripe, resfriado</i>	Fazer decocção com as folhas (quantidade indeterminada) e tomar VO, antes de dormir.	Apiaceae	<i>Foeniculum vulgare</i> Mill.	CC25	exótica*
OO	favacão	fo	<i>gripe</i>	Fazer decocção de 4 a 5 folhas e tomar VO, até melhorar. Pode acrescentar alho, limão, leite, manteiga e cebola	Lamiaceae	<i>Ocimum gratissimum</i> L.	SB31/ PBY81	exótica*
OO	favacão	fo	<i>tosse</i>	Derreter 3 a 4 colheres de sopa de açúcar, colocar 4 a 5 folhas e água. Tomar VO, até melhorar. Pode acrescentar alho, limão, leite, manteiga e cebola	Lamiaceae	<i>Ocimum gratissimum</i> L.	SB31/ PBY81	exótica*

LV	guaco	fo	<i>resfriado, tosse</i>	Picar aproximadamente 8 folhas e fazer decocção colocando açúcar até engrossar. Tomar VO, ½ caneca média, 1 x ao dia (noite), até melhorar. Pode-se também fazer decocção com 4 a 5 frutos de picova, 6 ou 7 folhas de guaco, 2 colheres de sopa de mel para 2 copos de água. Cozinhar até ficar mais grosso, deixar ferver e tomar, VO, ½ copo, 1 vez ao dia (noite), até melhorar.	Asteraceae	<i>Mikania laevigata</i> Sch.Bip. ex Baker	GDS05	nativa
TS*	guaco	fo	<i>tosse</i>	Fazer decocção de várias folhas e ir colocando açúcar até engrossar. Esperar esfriar e tomar, VO, 1x ao dia (à noite), 1 colher de sopa para adultos ou 1 colher menor para crianças, até melhorar. Pode-se fazer o chá juntamente com 3 folhas de pitanga, folhas de poejo e casca de limão.	Asteraceae	<i>Mikania laevigata</i> Sch.Bip. ex Baker	GDS05	nativa
MV	guaco	fo	<i>tosse</i>	Fazer decocção com aproximadamente 3 folhas, coar e acrescentar açúcar na panela até virar um xarope. Tomar morno, VO, 1 colher, 3 x ao dia. Quanto maior a pessoa, maior a colher. Tomar até melhorar a tosse	Asteraceae	<i>Mikania laevigata</i> Sch.Bip. ex Baker	GDS05	nativa
CB	guaco	fo	<i>tosse</i>	Fazer decocção de 4 a 5 folhas para 1 xícara de água. Colocar açúcar para engrossar e deixar curtindo. Tomar VO, 1 xícara, 1 x ao dia antes de dormir, até melhorar	Asteraceae	<i>Mikania laevigata</i> Sch.Bip. ex Baker	GDS05	nativa
MB	guaco	fo	<i>tosse</i>	Fazer decocção de 8 folhas, para ½ L de água e 250g de açúcar. Tomar VO, 3 a 4 x ao dia, até melhorar. Pode fazer chá junto com caraguatá-de-gancho e limão. Remédio quente	Asteraceae	<i>Mikania laevigata</i> Sch.Bip. ex Baker	GDS05	nativa
OO	hortelã-castelo ou hortelã-de-carne	fo	<i>gripe</i>	Fazer decocção de 10 a 12 folhas. Tomar VO, 2 a 3 x ao dia, por 2 a 3 dias	Lamiaceae	<i>Plectranthus amboinicus</i> (Lour.) Spreng.	SB32/PBY89	exótica*
OO	hortelã-de-bicha	fo	<i>gripe</i>	Fazer decocção de 10 a 12 folhas. Tomar VO, 2 a 3 x ao dia, por 2 a 3 dias, até melhorar	Lamiaceae	<i>Mentha</i> sp.	SB61	IAG
AB	laranja	fo	<i>gripe</i>	Fazer decocção de 9 folhas para 1 copo de água. Pode pôr um Melhoral® junto. Tomar o chá VO, embaixo da coberta. Não pode tomar friagem por 8 dias	Rutaceae	<i>Citrus sinensis</i> (L.) Osbeck	GDS03	exótica

MB	laranja	fo	<i>gripe, tosse</i>	Fazer decocção de 3 folhas para 2 copos de água. Tomar VO, só a noite. Remédio muito quente, o mais quente que tem. As pessoas têm medo de tomar, pois se tomarem <i>friagem</i> ou bebidas frias depois podem ficar muito roucas.	Rutaceae	<i>Citrus sinensis</i> (L.) Osbeck	GDS03	exótica
CB	laranja-mixirica	fo	<i>gripe</i>	Fazer decocção de 6 folhas, misturar com 1 comprimido de Doril® e tomar VO, 2 x por dia, até melhorar	Rutaceae	<i>Citrus reticulata</i> Blanco	GDS69	exótica
TS*	limão	ca	<i>tosse</i>	Fazer decocção da casca do limão junto com 3 folhas de guaco, 3 folhas de pitanga e folhas de poejo. Colocar açúcar até engrossar. Esperar esfriar e tomar, VO, 1x ao dia (à noite), 1 colher de 1 colher de sopa para adultos ou 1 colher menor para crianças, até melhorar.	Rutaceae	<i>Citrus x limon</i> (L.) Osbeck	GDS40	exótica
MB	mamão	fl	<i>gripe, tosse</i>	Fazer decocção de 1 punhado de flor, com 4 copos de água e 1 copo de açúcar. Tomar VO, 4 a 5 x ao dia, até melhorar. Remédio frio.	Caricaceae	<i>Carica papaya</i> L.	SB05	exótica
CB	mamão	fl	<i>tosse</i>	Fazer decocção de 1 punhado de flor em água e misturar com um pouco de açúcar até engrossar. Tomar VO, 1 xícara, 2 x ao dia (manhã e noite), até melhorar	Caricaceae	<i>Carica papaya</i> L.	SB05	exótica
MB	novalgina	fo	<i>gripe</i>	Fazer decocção de 1 punhado de folha para 3 a 4 copos d'água. Tomar VO, quantas vezes quiser. Remédio quente.	Amaranthaceae	<i>Pfaffia glomerata</i> (Spreng.) Pedersen	SB01	nativa
OO	novalgina	fo	<i>gripe</i>	Fazer decocção de 6 a 7 folhas para uma 1 leiteira de água. Tomar VO, 1 xícara, 1 ou 2 x ao dia até melhorar. Quando mais forte o chá mais rápido cura. Também pode-se tomar quente com um Doril® ou Cibalena®	Amaranthaceae	<i>Pfaffia glomerata</i> (Spreng.) Pedersen	SB01	nativa
MB	noz-moscada	fr	<i>bronquite, tosse, pneumonia</i>	Fazer decocção de 9 brotos (mfo) de cambará-roxo, acrescentar 2 nós morcada macerada, colocar ½ limão e água (quantidade indeterminada). Tomar VO, várias vezes por dia, até melhorar.	Lauraceae	<i>Cryptocarya mandioccana</i> Meisn.	PBY20/ PBY60	nativa

TS*	noz-moscada	se	<i>pneumonia</i>	Fazer decocção de 1 semente para 3 canecas de água. Tomar VO, 1 copo e o remédio já faz efeito.	Lauraceae	<i>Cryptocarya mandioccana</i> Meisn.	PBY20/ PBY60	nativa
LV	picova-amarelo ou caraguatá-de-gancho	fr	<i>gripe, tosse</i>	Fazer decocção de 4 a 5 frutos para 2 copos de água, acrescentar 6 ou 7 folhas de guaco e 2 colheres de sopa de mel ou 2 colheres de açúcar. Cozinhar até ficar mais grosso, deixar ferver e tomar, VO, 1 copo, 1 x ao dia (noite), até melhorar. Não tomar friagem.	Bromeliaceae	<i>Bromelia antiacantha</i> Bertol.	PBY31	nativa
TS*	pitanga	fo	<i>tosse</i>	Fazer decocção de várias folhas e ir colocando açúcar até engrossar. Esperar esfriar e tomar, VO, 1x ao dia (à noite), 1 colher de sopa para adultos ou 1 colher menor para crianças, até melhorar. Pode-se fazer o chá juntamente com 3 folhas de guaco, folhas de poejo e casca de limão.	Myrtaceae	<i>Eugenia uniflora</i> L.	SB07/ PBY75	nativa
JV	poalha	ra	<i>bronquite, catarro no peito</i>	Fazer decocção da raiz e colocar açúcar até ficar mais grossinho e virar um mel. Tomar VO, 1 colhere de chá, 3x ao dia, por 2 a 3 dias	NC	NC	NC	NC
TS*	poejo	fo	<i>tosse</i>	Fazer decocção de várias folhas e ir colocando açúcar até engrossar. Esperar esfriar e tomar, VO, 1x ao dia (à noite), 1 colher de 1 colher de sopa para adultos ou 1 colher menor para crianças, até melhorar. Pode-se fazer o chá juntamente com 3 folhas de pitanga, 3 folhas de guaco e casca de limão.	Lamiaceae	<i>Mentha pulegium</i> L.	PBY107	exótica*
MV	poejo	fo	<i>expectorante para catarro no peito</i>	Fazer decocção das folhas, coar e acrescentar açúcar. Tomar morno, VO, 1 colher, 3 x ao dia, até melhorar. <i>Quanto maior a pessoa, maior a colher</i>	Lamiaceae	<i>Mentha pulegium</i> L.	SB13	exótica*
LV	poejo	fo	<i>expectorante, tosse</i>	Fazer decocção das folhas com 3 gotas de banha de galinha, esperar esfriar. Tomar frio, VO, 2 colheres de chá, 1x ao dia, até melhorar	Lamiaceae	<i>Mentha pulegium</i> L.	SB13	exótica*
CB	poejo	fo	<i>tosse</i>	Derreter açúcar, acrescentar as folhas e água. Tomar VO, 1 ou 2x ao dia (manhã e noite), até melhorar	Lamiaceae	<i>Mentha pulegium</i> L.	SB13	exótica*

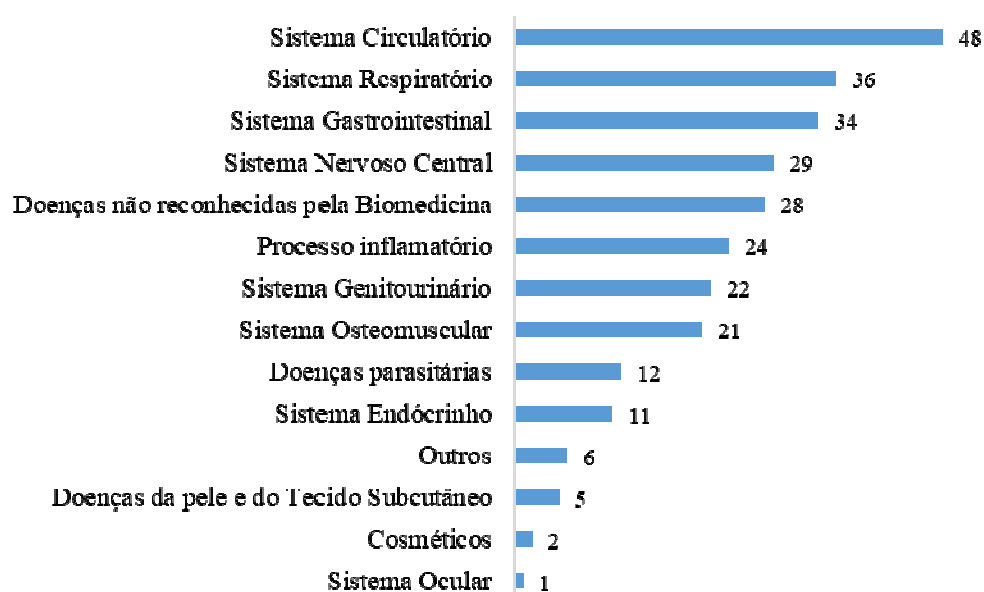
OO	terramicina	fo	<i>gripe forte</i>	Fazer decocção de 5 a 6 folhas para 1 leiteira de água. Tomar VO, 1 xícara, 1 ou 2x ao dia, até melhorar	Amaranthaceae	<i>Alternanthera brasiliana</i> (L.) Kuntze	PBY61	nativa
Outros					Outros			
TS*	canela-sassafrãze	ca	<i>bom para sarampo</i>	Fazer decocção com 1 pedaço da casca para quantidade não determinada de água. Tomar VO, 1 copo antes de dormir. Remédio quente.	Lauraceae	<i>Cryptocarya saligna</i> Mez	PBY24/ PBY59	nativa
AB	capiá	fo	<i>para mulher ganhar nenê</i>	Fazer decocção de um punhado de folha e tomar banho quente, VT. Era usado quando o bebê estava prestes a nascer e não nascia. O banho desperta a dor e faz o bebê nascer	Poaceae	<i>Coix lacryma-jobi</i> L.	PBY39	exótica
CB	citronela	fo	<i>contra borrachudo</i>	Macerar as folhas e deixar em uma vasilha com álcool e um pouco de óleo de cozinha (quantidades suficientes para o quanto for produzir). Passar na pele, VT	Poaceae	<i>Cymbopogon nardus</i> (L.) Rendle	SB68/ PBY33	exótica*
CB	coentro-natural	pt	<i>picada de cobra</i>	Fazer decocção de 2 ou 3 plantas em água e tomar, VO, 1 dose, várias vezes por dia, até melhorar. Pode misturar com a banha do lagarto	Apiaceae	<i>Eryngium foetidum</i> L.	GDS30	nativa
CB	sabugueiro	fl	<i>sarampo</i>	Derreter o açúcar, acrescentar a flor e a água. Tomar VO, 1 dose, 2x ao dia, até melhorar.	Adoxaceae	<i>Sambucus canadensis</i>	cf. GDS55	exótica
OO	trançagem tanchagem	ou fo	<i>para esmagrecer</i>	Fazer decocção de 3 a 4 folhas para 1 caneca d'água. Tomar VO, 2 a 3 x ao dia, até e melhorar. Pode-se comer a folha que faz o mesmo efeito.	Plantaginaceae	<i>Plantago australis</i> Lam.	SB09	nativa

Legenda: Casca – ca; Distribuição* – Foram consideradas nativas apenas as espécies que são nativas da região estudada; Exótica* – Nativa da África e outros continentes; Exsudado – ex; Folha – fo; Flor – fl; Fruto – fr; identificado até família botânica – IAF; identificado até gênero botânico – IAG; Meristema foliar – mfo; não coletado – NC; não identificado – NI; Planta toda – pt; Raiz – ra; Sementes – se; Talos pequenos – tp; Indicado durante a *Troca de Saberes* – TS*; Via Bucal – VB; Via inalatória – VI; Via Oral – VO; Via Oftálmica – VOf; Via Otológica – VOt; Via Retal – VR; Via Transdémica – VT; Via Vaginal – VV.

Fonte: produção da autora

Cada categoria abrange diversas indicações que estão dispostas no Quadro 2. As indicações foram escritas da mesma maneira em que foram indicadas pelos entrevistados e interlocutores,²⁸ sendo que os termos não foram separados quando foram reportados juntos. Por exemplo, na categoria Sistema Nervoso Central, foram indicadas plantas para *dor* – *dor de cabeça*; *dor de cabeça* e *dor no corpo* (o termo *dor de cabeça* foi indicado duas vezes, pois algumas vezes foi indicado separadamente e em outras foi relacionado a *dor no corpo*). Outras situações como essas podem ser vistas no Quadro 2. A categoria Outros abrange as indicações que, embora reconhecidas pela biomedicina, não se adequaram especificamente a nenhuma das categorias anteriores, podendo assim ter sua ação sobre distintos sistemas.

Gráfico 1 - Número de indicações para cada uma das 14 categorias das 279 indicações citadas pelos entrevistados.



Fonte: produção da autora

A divisão nas categorias acima foi uma forma de aproximar a classificação ética das indicações êmicas, porém, em alguns casos, diversas classes poderiam ter sido atribuídas às indicações, como é o caso da gripe, que compromete diversos Sistemas do corpo humano, como o Respiratório, o Imunológico e o Nervoso Central. Outro exemplo é a tosse, que pode ser causada por um problema respiratório ou até uma desregulação do Sistema Nervoso Central. Sendo assim, a divisão abordada nesse trabalho foi uma tentativa de organizar a maneira com que as indicações foram feitas. A gripe, por exemplo, foi considerada no Sistema Respiratório, pois todos os entrevistados referiram-se mais aos sintomas relacionados

²⁸ Por esse motivo encontram-se em *itálico*, assim como indicado na *Introdução*.

a esse sistema, como tosse e catarro no peito. Nos casos em que a planta foi indicada para *gripe*, *febre*, tendo como exemplo, a indicação foi desmembrada em duas. A gripe foi considerada no Sistema Respiratório e a febre, no Sistema Nervoso Central. Contudo, em alguns casos, a indicação para mais de um sintoma foi uma forma de exemplificar a indicação, como foi o caso da *dor de cadeira*, *rim*, na qual a palavra “rim” explica o motivo da *dor de cadeira*; nesse caso a indicação não foi desmembrada e foi considerada na categoria Sistema Genitourinário. O mesmo ocorreu com *dor reumática*, *dor na coluna*, indicação na qual ambas as dores foram descritas como sinônimos e consideradas dentro do Sistema Osteomuscular. No caso específico da indicação para *enxaqueca*, *ressaca*, considerou-se dentro do Sistema Gastrointestinal, pois os entrevistados disseram que a dor de cabeça da ressaca é causada pelo fígado e, assim sendo, esse é o órgão que deve ser tratado. As espécies indicadas como *vitamina*, *vitamina boa* e *vitamina para crianças* foram inseridas em Sistema Circulatório, pois foram relacionadas ao *engrossamento do sangue*²⁹.

Quadro 2: As indicações consideradas dentro de cada uma das 14 categorias de uso.

Nome da Categoria	Indicações contidas
Cosméticos	<i>crescer cabelo, deixar brilhante; fortificar o cabelo.</i>
Doenças da pele e do Tecido Subcutâneo	<i>caspa; friera; manchas no corpo, pano branco; queimadura; para frieira.</i>
Doenças não reconhecidas pela Biomedicina	<i>benzimento; benzimento para espinheira caída e bucho virado; boca e mão tortas após derrame de ar; espantar más energias; espantar más energias, varrer; espantar o mau; espantar o mau, quebrar mandinga; resguardo; tirar friagem; tirar friagem durante o resguardo; tirar mau-olhado, energias ruins; tirar o azar.</i>
Doenças parasitárias	<i>berne; calmante, calmante para os vermes; dor de barriga, acalmar bicho; lumbrigueira; para não ter vermes; para sarna; para tirar o verme das crianças; sarna; sarna de cachorro; vermífugo</i>
outros	<i>bom para sarampo; contra borrachudo; para ajudar a falar após AVC; para esmagrecer; para mulher ganhar nenê; picada de cobra; sarampo.</i>
Processos Inflamatórios	<i>antiinflamatório, infecção, feridas; dor de dente; dor de garganta; dor de ouvido; furúnculo; infecções de mulher, inflamação; inziipe, machucadura</i>
Sistema Circulatório	<i>anemia, fígado; bom pra inímia; bom pro coração; bom pro coração, pressão alta; bom pro rim, depurativo do sangue; bom pro sangue; bom pro sangue, desnutrição; bom pro sangue, fraqueza; cicatrização, dor; cicatrizante; coceira, ferida; corte; curar ferida; depuração do sangue; ferida, inziipe; ferida machucadura; feridas; feridas na perna, inziipe; feridas, inchaço; fraqueza, inímia; inchaço, machucadura; inímia; inímia, desnutrição; inímia, fraqueza; inímia, sangue fraco; machucadura; para lavar a perna machucada; parar de sangrar; pressão alta; sangue fraco, inímia; vitamina; vitamina boa;</i>

²⁹ Esse termo será discutido em *Tipos de sangue*.

	<i>vitamina para crianças.</i>
Sistema Endócrino	<i>diabetes; cólica pré menstrual (faz descer a menstruação); usada para fazer a menstruação descer.</i>
Sistema Gastrointestinal	<i>ajuda na digestão, azia; bom pro estômago; bom pro estômago, esmagrecer; bom pro estômago, gastritis; constipação, intestino preso; diarreia; diarreia, dor de barriga; disintéria, dor de barriga; dor de barriga; dor de estômago; enxaqueca, ressaca; estômago; estômago, gastritis; hemorróida; hepatite; ictíria; ictíria, inímia, hepatite; para dor no estômago; úlça; virose.</i>
Sistema Genitourinário	<i>bexiga, urina, rim, quando não consegue urinar; bexiga inflamada, inflamação, pedra no rim, rim, urina presa; bom pro rim; bom pro rim, depurativo do sangue; câncer de próstata; dor de cadeira, rim; dor de urina; esmagrecer, para o rim, urina; infecção de urina, rim; infecções de mulher, inflamação; inflamação, pedra no rim, rim; para o rim, urina; pedra no rim, rim; problema de útero; rim.</i>
Sistema Nervoso Central	<i>anestesia; boca torta (após AVC); calmante; dor de cabeça; dor de cabeça, dor no corpo; dor de cabeça, febre; dor de dente; dor de garganta; dor de ouvido; dormir melhor; febre; para ajudar a falar após AVC; para anestesiá; pra dormir melhor.</i>
Sistema Ocular	<i>catarata de cachorro.</i>
Sistema Osteomuscular	<i>cicatrizante; cicatrizante interno, dor no osso; dor muscular; dor na coluna, machucadura; dor na coluna, machucadura; dor reumática, dor na coluna; inchaço, machucadura; machucado interno; machucadura; machucadura interna; machucadura interna (tombo) e externa (inchaço, torção); machucadura interna e externa (torção, mal jeito); para lavar a perna machucada; quebra-dura; reumatismo.</i>
Sistema Respiratório	<i>bronquite; bronquite, catarro no peito; bronquite, gripe, tosse; bronquite, tosse, pneumonia; expectorante para catarro no peito; expectorante, tosse; gripe; gripe forte; gripe, tosse; pneumonia; resfriado; resfriado, tosse; tirar catarro; tosse.</i>

Fonte: produção da autora

Já no caso das plantas indicadas para *esmagrecer*, consideraram-se as indicações que foram relacionadas com o emagrecimento. Como exemplo, a indicação *esmagrecer, para o rim, urina* foi considerada em Sistema Genitourinário, pois a ação sobre esse sistema foi relacionada ao desencadeamento do emagrecimento. Quando o emagrecimento foi indicado sozinho, considerou-se em Outros, pois não foi relacionado a nenhuma outra função, podendo assim ter ação sobre a maior parte dos sistemas indicados nas categorias, Sistema Gastrointestinal, Genitourinário, Nervoso Central e Osteomuscular, por exemplo.

Ainda, a mesma indicação pode ter sido considerada em mais de uma categoria, como é o caso das dores de ouvido e garganta, consideradas nas categorias Processo Inflamatório, devido à possível inflamação presente, e Sistema Nervoso Central, em função da possível analgesia promovida pelo uso da espécie vegetal. As *feridas* foram classificadas dentro do Sistema Circulatório, pois as espécies com possíveis efeitos cicatrizantes podem agir na cascata de coagulação. Já as *machucaduras* foram inseridas nos Sistemas Osteomuscular e Circulatório, pois podem estar relacionadas a fraturas, cortes, feridas e outros traumas, e à

cicatrização, que depende da cascata de coagulação. De qualquer forma, o Quadro 1 apresentado contém as indicações dos entrevistados da maneira que foram citadas pelos moradores, possibilitando a visualização dos conhecimentos, científico acadêmico e tradicionais.

A categoria intitulada Doenças não reconhecidas pela Biomedicina, agrupou as indicações que foram diretamente relacionadas aos fatores espirituais (*mau-olhado, azar, mandinga, benzimentos*) e a práticas que envolvem diversas concepções locais, como a temperatura das plantas, inerentes à compreensão das causas das doenças e de seus respectivos tratamentos. Essas indicações foram as que mais se salientaram durante as atividades de campo. Contudo, todas as indicações fazem parte dessa cosmologia, e uma etnografia mais detalhada seria importante para aprofundar o entendimento; porém, devido ao limite do tempo do trabalho, não foi possível se atentar a cada uma delas, e optou-se por discutir mais detalhadamente as indicações organizadas nessa categoria no item *Entendendo as relações entre as enfermidades e os tratamentos*. Ainda, optou-se por criar uma nova categoria para essas indicações, pois os elementos espirituais não se encaixam nas classificações da biomedicina, já que o Sistema Médico Ocidental não se atenta a esses fatores.

Apesar de as indicações terem seguido as categorizações indicadas acima, muitas outras possíveis classificações se adequariam ao trabalho, o que demonstra a complexidade de se separar os sintomas e eventos clínicos por sistemas do corpo humano que interagem, afetando-se e dependendo uns dos outros.

O esforço para encontrar a classificação ética mais adequada também se deve à maneira com que as indicações foram feitas, apontando: o órgão para o qual o medicamento é usado, como rim, bexiga e estômago; fluidos corpóreos, como urina, sangue e catarro; o quadro clínico, gripe, resfriado, hepatite, icterícia e bronquite; o sintoma isoladamente, tosse, febre, dor; e o parasita no corpo humano, verme, berne, piolho. Nesse contexto, a não separação entre causas e consequências, sintomas e quadros clínicos, e condições fisiológicas e patológicas complicam a divisão das categorias, quando consideramos as classificações éticas.

Contudo, tais dados demonstram a riqueza dos saberes tradicionais em relação à não compartimentalização do conhecimento em classes e áreas preestabelecidas, apontando para a convergência entre todas essas causas e efeitos, e mostrando que esses elementos não são constituídos de forma linear. Todos estão conectados e agindo uns sobre os outros, o que será mais aprofundado no capítulo *Elementos relacionados ao uso e a eficácia*.

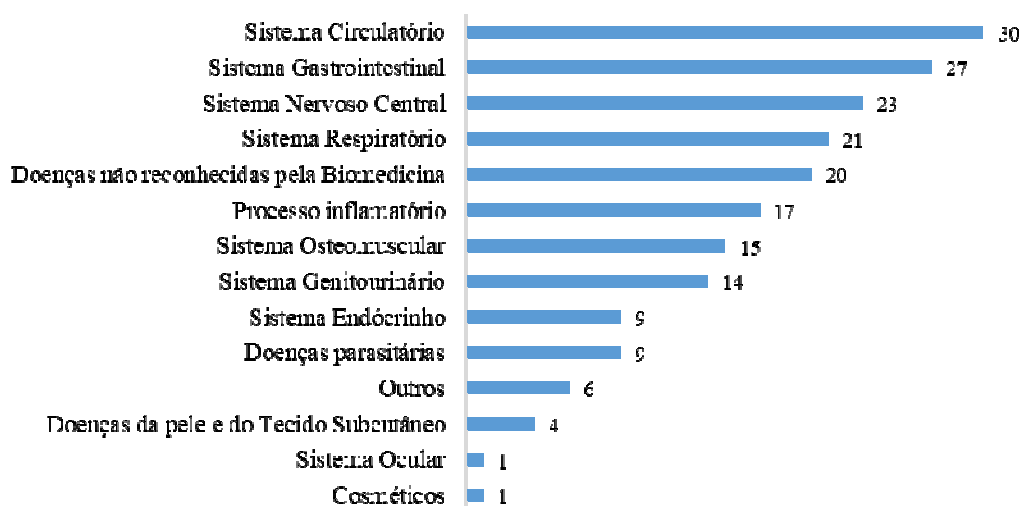
Considerando o número de plantas indicadas (Gráfico 2), de acordo com os nomes populares, para cada categoria tem-se: Cosméticos (1 planta); Doenças da pele e do Tecido Subcutâneo (4); Doenças não reconhecidas pela Biomedicina (20); Doenças parasitárias (9); Processos Inflamatórios (17); Sistema Circulatório (30); Sistema Endócrino (9); Sistema Gastrointestinal (27); Sistema Genitourinário (14); Sistema Nervoso Central (23); Sistema Ocular (1); Sistema Osteomuscular (15); Sistema Respiratório (21); e Outros (6). A mesma planta pode estar presente em mais de uma categoria, já que seu uso pode abranger mais de uma indicação. Por esse motivo, a soma das plantas em cada categoria não é igual 112.

Observa-se que as categorias com mais plantas indicadas são Sistema Circulatório, com 30 plantas, seguida por Sistema Gastrointestinal, com 27 plantas. Tendo em vista que a categoria do Sistema Circulatório envolve indicações para *feridas, fraqueza, inímia, cortes e cicatrizantes*, o grande número de plantas para esse sistema pode demonstrar a necessidade de espécies utilizadas para se ter força e disposição para as práticas realizadas na mata e na roça, já que a principal atividade da comunidade se baseava em trabalhos árduos nas roças e na colheita de materiais da floresta, além da carência por plantas cicatrizantes, já que essas atividades geralmente resultam em acidentes, como cortes e outros machucados. Já o alto número de plantas para o Sistema Gastrointestinal pode estar relacionado à ausência de saneamento básico no passado e, conseqüentemente, ao maior número de doenças adquiridas pela via orofecal, já que a maior parte das indicações dessa categoria se refere ao tratamento de dores de barriga e problemas estomacais. Contudo, essas inferências não têm o intuito de esclarecer o motivo de essas categorias terem o maior número de plantas indicadas, e sim de levantar hipóteses que estão relacionadas a outros fatores complementares, já que diversos aspectos estão interligados e contribuem para a formação de um saber. Sendo assim, uma explicação unilateral não contempla todos os elementos envolvidos, e para que essa rede de elementos seja composta, outras observações e análises devem ser tidas como foco.

Quando analisadas as partes das plantas usadas, observou-se que a mais utilizada, disparadamente, são as folhas, com 153 indicações (54,83%), seguida pelo uso da planta inteira (folhas, caules, raízes, cascas, sementes – todos juntos), com 50 indicações (17,92%). De acordo com a literatura consultada, o maior uso das folhas em relação a outras partes pode estar relacionado a diversos fatores, como: maior disponibilidade, já que as flores e frutos não estão presentes o ano inteiro; maior facilidade de coleta, quando não estão em árvores altas; e até mesmo com a conservação da espécie, já que a coleta das folhas não prejudica a vida da planta, diferentemente da coleta das raízes e cascas. De acordo com Stepp (2004 apud SILVA, 2007), para muitas espécies vegetais, os princípios ativos estão mais concentrados nas folhas,

devido às estratégias vegetais contra a herbivoria.³⁰ Contudo, não foi perguntado aos moradores da comunidade o motivo de usarem mais as folhas, impossibilitando maiores constatações sobre o assunto.

Gráfico 2 - Número de plantas indicadas para cada uma das 14 categorias, considerando as 279 indicações de espécies com possíveis compostos bioativos.



Fonte: produção da autora

Em relação à forma de preparo e a via de administração, 165 receitas envolvem a produção do chá por meio da decocção (59,14%) e 195 são administradas por via oral (69,9%). A maior prevalência do preparo de chás por decocção também ocorreu em um estudo realizado no Sertão do Ribeirão, Florianópolis, onde essa forma de preparo representou 66% das indicações (GIRALDI; HANAZAKI, 2010). No Quilombo de São José da Serra, também localizado na Mata Atlântica, o preparo do chá representou 60,7% das indicações, porém não houve distinção entre infusão e decocção (ROCHA, 2014).

Embora as vias de administração tenham sido analisadas da forma presente no Quadro 1, seguindo o *Vocabulário Controlado de Formas Farmacêuticas, Vias de Administração e Embalagens de Medicamentos* (BRASÍLIA, 2011), vale ressaltar que outras vias podem ser responsáveis pelos efeitos proporcionados pelos usos das plantas. No caso das *defumações*, por exemplo, a via de administração apontada no quadro foi a inalatória, porém não é sabido se o contato com a fumaça promove uma ação local, o que seria explicado por uma via de administração transdérmica. O mesmo ocorre com as plantas administradas por via oral. Será que o contato do preparo com a boca gera uma ação local, como no caso das plantas indicadas

³⁰ Relação ecológica entre animais e plantas, na qual os animais ingerem partes da planta viva para seu alimento e nutrição.

para *dor de garganta*? E no caso das plantas utilizadas para *benzimentos*, das que devem ser plantadas em casa ou da dormideira (*Mimosa pudica* L.) – que deve ser posta embaixo do travesseiro? Será que a eficácia apresentada pelo uso dessas plantas é somente simbólica ou há mais do que isso?

Alguns testes farmacológicos de espécies vegetais apontadas por outras comunidades tradicionais indicadas na literatura apresentam resultados positivos para a presença de princípios ativos, porém tais compostos demonstram atividades distintas das citadas pelas comunidades (GYLLENHAAL et al., 2012). Uma das razões que pode explicar a falta de efeitos esperados é a abordagem metodológica empregada nesses estudos, já que muitas vezes esses testes não consideram os contextos culturais nos quais as espécies medicinais são usadas, ou seja, não valorizam as práticas e concepções envolvidas no uso dessas plantas, ignorando o “significado” cultural das mesmas. Assim, mesmo que uma espécie possua princípios terapêuticos ativos, tais substâncias não agem sozinhas na cura das enfermidades, de modo que o “significado” cultural contribui para tal efeito (REYES-GARCÍA, 2010). Sendo assim, a condução dos testes farmacológicos deve levar em conta esse contexto cultural, evitando erros de interpretações de ineficácia por terem sido testados separadamente dessas práticas e concepções envolvidas em seus usos (MOERMAN, 2007; REYES-GARCÍA, 2010).

Dessa maneira, as informações referentes às formas de uso e preparo, podem contribuir para a reprodução dos ensaios clínicos que buscam reconhecer e empregar as práticas culturais envolvidas. As análises e dúvidas sobre as formas de administração guiam a realização de futuros estudos e questionam a participação de outras vias de administração nos efeitos resultantes. Assim como dito por Lévi-Strauss (apud CARNEIRO DA CUNHA, 2007), as descobertas da ciência *tout court* podem ser antecipadas pela ciência tradicional.

4.2.2 Identificação Botânica

Das 112 plantas indicadas (a partir do nome citado pelos moradores da comunidade), 106 foram coletadas. As outras seis não o foram,³¹ por não terem sido encontradas durante as atividades de campo. Dessas 106, duas foram identificadas até a família botânica (1,88%), seis até o gênero (5,66%) e 98 foram identificadas até a espécie (92,45%). Dessas 98, seis (6,12%) estão indicadas por cf., ou seja, provavelmente são as espécies e gêneros

³¹ As espécies não coletadas foram identificadas por NC no Quadro 1.

identificados, mas seria necessária uma nova coleta para confirmar a identificação, já que o material entregue aos botânicos e taxonomistas não trouxe as informações suficientes para a identificação segura da espécie.

O estudo realizado distinguiu 103 espécies (contabilizando as seis que foram identificadas até o gênero), distribuídas em 91 gêneros e 50 famílias botânicas, demonstrando a imensa diversidade de espécies, gêneros e famílias presentes na comunidade e a grande diversidade de uso da flora pelos moradores do Quilombo.

A família com maior número de indicações foi a *Asteraceae* com 39 (13,97%) das 279 indicações, seguida por 19 (6,81%) indicações de membros da família *Fabaceae*. Já as espécies mais indicadas foram a *Cryptocarya mandioccana* Meisn. (noz-moscada), com 9 (3,22%) indicações, e as espécies *Plantago australis* Lam. (trançagem ou tanchagem) e *Swartzia oblata* R.S.Cowan (barbatimão), com 8 (2,87%) indicações cada. Contudo, essa análise não se vincula apenas ao fato de essas espécies terem sido citadas por vários entrevistados, mas também por terem diversas finalidades, propiciando que fossem desmembradas em classificações éticas distintas. Assim, o número de categorias em que essas três espécies aparecem, das 14 categorias de uso, são cinco, sete e cinco, respectivamente. No caso da trançagem (*Plantago australis* Lam.), à qual foi atribuída o maior número de categorias, as indicações compreendem: *para esmagrecer; dor de garganta; cicatrizante; disintiria; dor de barriga; bixiga inflamada; inflamação; pedra no rim; rim; urina presa e diarreia; dor de barriga*.

Levando em consideração as espécies, e não as indicações, as famílias com maior número de espécies indicadas foram: *Asteraceae* (13 espécies), *Lamiaceae* (7), *Rutaceae* (5) e *Urticaceae* (5). A maior representatividade das famílias *Asteraceae* e *Lamiaceae* também ocorreu em estudos realizados na comunidade caiçara da Praia do Sono, Paraty, Rio de Janeiro, Brasil (DE BRITO; DE SENNA-VALLE, 2011), e em feiras abertas do estado do Rio de Janeiro (LEITÃO et al., 2014).

Das 97 plantas identificadas até a espécie, 39 são exóticas (40,2%) e 58 são nativas (59,8%). As plantas consideradas nativas são as que ocorrem naturalmente no local estudado, ou seja, na região da Mata Atlântica presente nos estados de São Paulo e do Rio de Janeiro, devido à proximidade do Quilombo da Fazenda a esse estado. Não foram consideradas nativas as espécies que ocorrem no Brasil, porém não especificamente nessa zona, assim como realizado por Stehmann et al. (2009 apud BRITO; SENNA-VALLE, 2011). Checou-se também a distribuição das plantas exóticas, buscando alguma relação com seus países de origem. Embora tenha-se observado que, dessas 58 plantas exóticas, 12 (20,68%) espécies são

nativas do continente africano, não foi traçada nenhuma relação com esse dado, já que a maioria não é nativa da África, e mesmo as que assim são não são exclusivas desse continente, podendo também ser nativas da América do Norte, América Central, Europa, Ásia, Oceania e de outras regiões da América do Sul, incluindo o Brasil. Mesmo que grande parte das espécies sejam exóticas, a maior parte das plantas usadas são nativas da região, diferentemente do caso de outros estudos realizados na Mata Atlântica (DE BRITO; DE SENNA-VALLE, 2011; FONSECA-KRUEL; PEIXOTO, 2004). Tais dados podem incitar a influência de saberes de diferentes continentes sobre a formação dos conhecimentos dos moradores da comunidade. No entanto, a prevalência das espécies nativas demonstra que esses conhecimentos estão associados às espécies vegetais da região, e resistiram às pressões provenientes das dinâmicas culturais.

Em alguns casos, uma planta identificada pelos moradores da comunidade foi identificada como mais de uma espécie botânica, como foi o caso da embaúba, identificada como *Cecropia pachystachya* Trécul e *Cecropia glaziovii* Snethl, da vassoura guamxuma (*Sida rhombifolia* L. e *Sida planicaulis* Cav) e da urtiga-branca (*Urera caracasana* (Jacq.) Griseb. e *Boehmeria caudata* Sw.). O contrário também ocorreu: plantas identificadas como espécies diferentes no Quilombo foram identificadas como sendo a mesma espécie pela equipe do PMSP, porém, nesses casos, os nomes populares identificados pelo mesmo nome botânico foram os de espécies com “qualidade” informada e não informada, como é o caso do alecrim cruzeiro e do alecrim, respectivamente, ambos reconhecidos pela botânica como *Aloysia gratissima* (Gillies & Hook.) Tronc. Outros exemplos são o picão e o picão-do-preto (*Bidens pilosa* L.), e o abacate e o abacate-roxo (*Persea americana* Mill.). No caso do saião, as espécies coletadas foram indicadas como saião-branco e saião-roxo, porém ambas foram identificadas como *Kalanchoe pinnata* (Lam.) Pers.

Tais dados evidenciam que há diferenças entre os critérios de identificação utilizados pelas ciências botânica e tradicionais, mas também podem ter ocorrido erros de seleção das espécies durante as coletas em campo, mesmo que as plantas coletadas tenham sido checadas com os entrevistados mais de uma vez. Berlin, Breedlove e Raven (1966) já discutiam as relações entre classificações *folk* e biológicas. Em estudo realizado pelos autores em Tenejapa, Chiapas, no México, foi observado que nem sempre as espécies indicadas pelos informantes correspondiam a uma espécie botânica. Assim como observado no presente estudo, algumas vezes uma espécie indicada pelos informantes correspondia a mais de uma identificada pela classificação biológica, e o inverso também ocorreu.

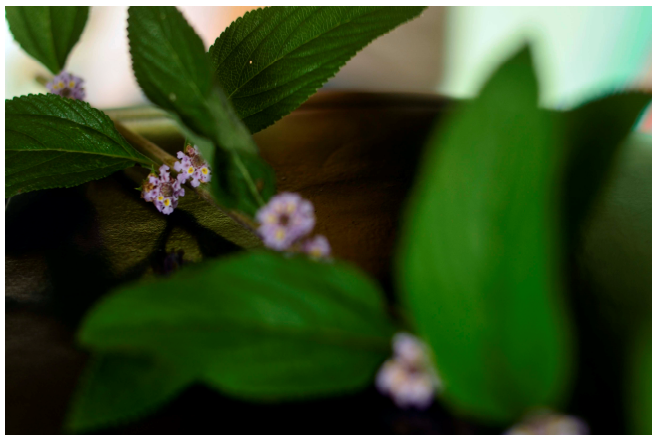
No caso da urtiga, por exemplo, duas “qualidades” foram citadas, a urtiga-roxa e a branca. Ambas fazem parte da família Urticaceae, demonstrando que assim como na ciência botânica, os nomes atribuídos às espécies vegetais dependem de suas características e atributos, o que fundamenta as classificações empregadas para as plantas (HONDA, 2010). Ainda que para a urtiga-branca a equipe do PMSP tenha identificado duas espécies e gêneros diferentes, *Urera caracasana* (Jacq.) Griseb. e *Boehmeria caudata* Sw., o fato de serem da mesma família segue respeitando a lógica de observação das características que acabam por nortear os nomes das plantas. O mesmo ocorreu com a embaúba, para a qual duas espécies do mesmo gênero foram identificadas, *Cecropia pachystachya* Trécul e *Cecropia glaziovii* Snethl., ambas correspondentes à mesma família, Urticaceae. No entanto, nem todas as espécies com “qualidades” diferentes foram identificadas como membros da mesma família botânica, como o caso do quebra-pedra-roxo (*Euphorbia thymifolia* L.) e do branco (*Phyllanthus niruri* L.), representantes das famílias Euphorbiaceae e Phyllanthaceae, respectivamente. Contudo, estudos mais focados nas nomenclaturas utilizadas pelos moradores da comunidade provavelmente seriam capazes de correlacionar os atributos levados em consideração na atribuição dos nomes.

Ainda, analisando os nomes das plantas indicadas, nota-se que o segundo termo é uma forma de qualificar o primeiro termo, diferenciando assim as espécies que possuem o primeiro nome comum, como é o caso das urtigas branca e roxa, representadas pelos nomes botânicos do mesmo gênero e espécies diferentes, *Urera caracasana* (Jacq.) Griseb e *Urera baccifera* (L.) Gaudich. ex Wedd, respectivamente. Esse formato do nome científico tradicional assemelha-se à lógica da botânica do binômio lineano (BERLIN; BREEDLOVE; RAVEN, 1966; HONDA, 2010), que está relacionado às qualidades sensíveis.

Além das questões levantadas acima, observando os nomes dados às plantas pelos comunitários, notou-se que nem todos dão os mesmos nomes às plantas. No caso do jambolão (*Syzygium jambos* (L.) Alston), por exemplo, alguns disseram que pode também ser chamado de jambo-roxo, já outros o chamam de jambo-amarelo. Outro exemplo é a melissa (*Lippia alba* (Mill.) N.E.Br. ex P.Wilson – Fotografia 11): alguns entrevistados a chamam de ponta-livre e outros de cidrão, porém, para outros entrevistados, cidrão é o capim-cheiroso (*Cymbopogon citratus* (DC.) Stapf) ou capim-limão. Esses exemplos demonstram que o conhecimento quilombola não é igual para todos, ou seja, cada morador conhece as plantas de um jeito, e esse conhecimento, assim como muitos outros, é o resultado de diferentes contatos, influências, percepções e elementos que os compuseram. Sendo assim, tratar os conhecimentos tradicionais como estáticos não condiz com as particularidades e

individualidades vistas em campo. Assim como defendido por Carneiro da Cunha (2007), o conhecimento tradicional não é uma obra inacabada, pelo contrário, existe em seus processos de investigação e modos de fazer.

Fotografia 11 - Melissa (*Lippia alba* (Mill.) N.E.Br. ex P.Wilson.



Fotógrafa: Priscila Yazbek. Novembro de 2016

4.2.3 Uso das espécies vegetais juntamente com outros componentes

Das 279 indicações feitas pelos moradores, 104 são ou podem ser preparadas juntamente com outros componentes. Nessa sessão, foram analisadas as receitas preparadas com o uso de mais de uma planta, mas também os preparos feitos com outras substâncias que também podem contribuir para o efeito resultante.

Dessas 104 receitas, 27 contam com o uso de açúcar e/ou mel com o objetivo principal de preparar xaropes – “fazer o lambedor”, como dito pelos entrevistados. Essas formas de preparo são utilizadas para *bronquite, catarro no peito, gripe, dor de garganta, tosse, sarampo, resfriado, lumbrigueira e cicatrização e limpeza do corpo durante resguardo*.

Durante uma das entrevistas, foi informado que o açúcar é colocado apenas nas preparações que são para dor de garganta, tosse e outros problemas respiratórios. No entanto, em algumas situações, o açúcar é utilizado para tornar o sabor do preparo mais atrativo, como dito por um dos entrevistados: “Pode pôr com açúcar na mamadeira das crianças para elas tomarem.” Em outro caso, foi indicado juntamente com a noz-moscada (*Cryptocarya mandioccana* Meisn.) e com *picumã*³², para *cicatrização e limpeza do corpo durante o resguardo*. Sendo assim, em todos os casos a ação do açúcar e do mel remete a uma ação

³² Cinzas da combustão da lenha que ficam presas nas teias de aranha do fogão a lenha.

expectorante, de limpeza, ou à mudança do sabor, tornando o remédio mais agradável para o paladar das crianças, assim como os xaropes comprados na farmácia.

O uso de açúcar e/ou mel na preparação de xaropes para tosse, asma, bronquite, resfriado e outras doenças respiratórias foi identificado em inúmeros estudos (DE-LA-CRUZ; VILCAPOMA; ZEVALLOS, 2007; GAZZANELO; LUCENA; ALBUQUERQUE, 2005; LEONTI; STICHER; HEINRICH, 2002; MONTEIRO et al., 2006). Também se notou que o uso do xarope está relacionado à conservação do preparo, por aumentar a osmolaridade da solução, e à melhor palatabilidade, por tornar o sabor mais agradável (GAZZANELO; LUCENA; ALBUQUERQUE, 2005). Contudo, o uso desses componentes com a finalidade de conservação não foi observado na comunidade estudada.

Dezesseis receitas contam com o acréscimo do sal, e todas elas são preparadas por meio da maceração das folhas, com exceção da erva-de-são-joão (*Ageratum conyzoides* L.), usada para fazer a menstruação descer, que é preparada na forma de chá (decoção), devendo ser adicionada uma pitada de sal. No caso do sal usado nas macerações, observou-se que tal uso é empregado a fim de facilitar a trituração das folhas e, por conseguinte, a extração do líquido, permitindo que as substâncias extraídas sejam passadas na pele ou tomadas por via oral. Ademais, assim como observado por Gollin (2004), o uso do sal está relacionado à ação cicatrizante – nos casos de cicatrização, dor (1 indicação); corte (3); dor de garganta (2); estômago (1); inchaço, machucadura (2); machucadura interna e externa (1) e manchas no corpo, pano branco (1). A única hipótese em que o uso do sal não está relacionado a um efeito cicatrizante é para fazer a menstruação descer (1 indicação). Nesse caso, esse componente é usado na forma quente, o que será discutido mais adiante em *Sistema de Classificação Quentes x Frias*. Ainda, para uso da erva-de-são-joão (*Ageratum conyzoides* L.) para machucadura, foi recomendado o acréscimo de fumo, tabaco, porém o estudo de uma possível relação não foi aprofundado.

Nove preparos utilizam-se do álcool: um, do álcool com óleo de cozinha; três, da pinga; e um, do álcool ou da pinga. Como informado por alguns dos entrevistados, para os preparos com álcool, as plantas devem ficar no álcool “até o álcool ficar verde”; já para os preparos que fazem uso da pinga foi dito algumas vezes “quanto mais curtir melhor”. Nesses casos, o uso do álcool, do óleo e da pinga estão relacionados à maior extração dos componentes das plantas, permitindo que a administração desses ingredientes (álcool, óleo e pinga) contenham as substâncias que estavam nas plantas, já que em todos os casos os elementos utilizados são os ingredientes adicionados e não diretamente as plantas, assim como observado por outros pesquisadores, como Sanz-Biset et al. (2009) e Volpato et al.

(2009). Em nove dos 12 casos, o uso desses componentes foi indicado para ferimentos, inchaços e dores.

Outras 11 indicações contam com o uso de *banhas de animais*, *lagarto* ou *galinha*, sendo que, em uma delas, foi citado que a *banha* pode ser substituída pelo *óleo de cozinha*. Os usos dessas combinações são indicados para *dor de barriga*, *acalmar bicho* (1 indicação); *expectorante*, *tosse* (1); *fúrunco* (7 indicações); *picada de cobra* (1) e *tirar catarro* (1). Como será discutido no capítulo *Sistema de classificação Quentes x Frias*, as banhas de animais são consideradas *remédios quentes*, e estão sempre relacionados à expulsão de um “corpo estranho” como secreções respiratórias, pus, *bichos* que causam a dor de barriga e venenos, no caso das picadas de cobra. Ainda, o possível uso do óleo de cozinha demonstra a substituição de elementos que normalmente eram encontrados na comunidade, por produtos industrializados que possuam as mesmas qualidades sensíveis. Ou seja, esses produtos da cidade passam a ser adotados, conforme as classificações empregadas pelos moradores.

O mesmo foi observado em duas indicações de picão (*Bidens pilosa* L. – Fotografia 12), para *ictirícia*, *inímia* e *hepatite*, nas quais o chá deve ser administrado durante o dia todo, e no mesmo dia deve ser consumida uma garrafa de “cervejinha preta”. Ambos os usos, do óleo de cozinha e da cerveja preta, demonstram que o contato com a cidade e com as terapias convencionais faz com que sejam incorporadas substâncias da cidade aos conhecimentos tradicionais. Tal observação também pôde ser notada em quatro receitas para *gripe* (3 indicações) e *dor de cabeça*, *dor no corpo* (1), que fazem uso das folhas de laranja (*Citrus reticulata* Blanco) e das folhas de novalgina (*Pfaffia glomerata* (Spreng.) Pedersen), juntamente com medicamentos comerciais, como Melhoral, Doril e Cibalena.

O uso dos medicamentos alopáticos juntamente com as plantas medicinais demonstra não só a coexistência das práticas tradicionais e da biomedicina, como observado em diversos estudos (CALVET-MIR; REYES-GARCÍA; TANNER, 2008; GIOVANNINI et al., 2011; ZANK; HANAZAKI, 2017), mas também a complementariedade entre as duas medicinas.

Fotografia 12 – Picão (*Bidens pilosa* L.) indicado para *ictirícia*, *inímia* e *hepatite*



Fotógrafa: Priscila Yazbek

No entanto, diferentemente do encontrado por Zank e Hanazaki (2017) em uma comunidade rural da Chapada do Araripe, Ceará, e em uma comunidade quilombola em Santa Catarina, o uso desses medicamentos no Quilombo da Fazenda é realizado para tratamento de doenças simples como: *gripe, dor de cabeça e dor no corpo*. No caso desse estudo, não foram listados os medicamentos alopáticos utilizados pelos moradores da comunidade, apenas os que foram indicados concomitantemente com as plantas medicinais, impossibilitando que seja feita uma análise das enfermidades mais tratadas por alopáticos e das mais tratadas por plantas medicinais. Entretanto, pode-se observar que em alguns casos os moradores não sabem do que se trata o medicamento comprado na farmácia. Uma situação ocorreu durante uma visita de campo à casa de uma das interlocutoras. Ao longo da conversa, a moradora contou que tinha muita dor nas costas, que tinha ido ao médico, e mostrou os medicamentos prescritos pelo profissional. Entre outros medicamentos, estava o Acheflan, composto pelo óleo essencial da *Varronia curassavica* Jacq., popularmente conhecida como *erva-baleeira*,³³ e indicada pelos entrevistados para *machucadura, problema de útero e dor reumática, dor na coluna*. A moradora ficou inconformada quando contamos que o medicamento se tratava da erva-baleeira disponível em seu quintal, e disse que não iria mais comprar o remédio na farmácia. O fato incitou duas possíveis hipóteses. Primeira: os pacientes acabam usando medicamentos sem saber o que são, e tal informação não é endereçada pelos prescritores. Segunda: os moradores passam a dar mais valor para os seus conhecimentos após terem esse conhecimento “validado” pela medicina convencional, o que remete à questão da dominação das ideias metropolitanas discutida no item *Colaboradores locais. Quem são?*.

³³ Todas as plantas, seus nomes científicos, indicações de uso e informações de coleta estão dispostas no Quadro 1.

De qualquer forma, o fácil acesso à cidade e à biomedicina não necessariamente substituiu o uso das plantas medicinais e das práticas tradicionais: a comunidade incorporou o uso desses medicamentos aos seus conhecimentos. Porém, o uso concomitante dos medicamentos alopáticos e das plantas medicinais pode não ser seguro, e possíveis interações medicamentosas devem ser levadas em consideração, tornando essencial que profissionais da saúde que trabalham nessas regiões estejam treinados para lidar com essas condições terapêuticas complementares e respeitar os conhecimentos tradicionais, a fim de promover maior qualidade dos cuidados da saúde (ZANK; HANAZAKI, 2017).

Ainda, as questões apresentadas mostram que o sistema local de saberes e as práticas culturais estão presentes na comunidade mesmo após o maior contato com a cidade. Assim como observado por Coelho-Ferreira (2009), o uso desses produtos pelas comunidades tradicionais é ressignificado de acordo com a ação dos remédios e dos conceitos locais de doença, configurando assim um processo que nem sempre é direto. Esse entendimento do contato com a cidade acontece lentamente, por abarcar a capacidade de reinventar dessas comunidades.

No total, quatro usos para *inimía*, *desnutrição*, *fraqueza* e como *vitamina boa* contam com a adição de *ovo de pata* (2 indicações), *ovo* (1) e *gema de ovo* (1). Já o uso do leite de vaca é empregado em oito indicações, dentre elas: *anemia*, *fígado* (1 indicação), *cicatrizante interno*, *dor no osso* (1), *dor de estômago* (1), *gripe* (1), *inimía e desnutrição* (1), *para não ter vermes* (1), *úlça* (1) e *vermífugo* (1). O uso para gripe refere-se ao chá de favacão (*Ocimum gratissimum* L.) que deve ser preparado juntamente com alho, limão, leite, manteiga, cebola e, opcionalmente, açúcar. Já os preparos *para não ter vermes* e como *vermífugo* tratam-se da erva-de-santa-maria (*Dysphania ambrosioides* (L.) Mosyakin & Clemants) que, de acordo com os entrevistados, apresenta um gosto muito amargo e, por isso, é adicionado leite para facilitar sua ingestão. O uso do leite para melhorar a palatabilidade também é empregado na administração do picão (*Bidens pilosa* L.), para *anemia*, *fígado*; do *mentruz* (não coletado), para *dor de estômago* e *cicatrizante interno*, *dor no osso*; e do *saião-roxo* (*Kalanchoe pinnata* (Lam.) Pers.); para *úlça*. Já as indicações como *vitamina boa* e para *inimía*, *fraqueza*; *inimía*, *desnutrição* e *fraqueza*, *inimía* referem-se ao uso do *vinho* (exsudado) do jatobá (*Hymenaea altissima* Ducke), juntamente com ovo (de pata ou não) e/ou leite e/ou com “vinho bom”. Nesse caso, o uso do ovo e do leite ocorre em função de suas *vitaminas*,³⁴ que, juntamente com o exsudato do jatobá, forma um preparo com muita “sustância” como indicado pelo

³⁴ Termo utilizado pelos moradores para se referirem a constituintes que asseguram a saúde. Presentes nas plantas e alimentos.

entrevistado. Já o açúcar, que pode ser adicionado a esses preparos, tem o intuito de tornar o sabor mais agradável.

O uso combinado de uma planta com outra é dado para 40 indicações em que todas as espécies vegetais das receitas são indicadas para a mesma finalidade; portanto, pressupõe-se que o uso de todas juntas fará um efeito maior do que o uso individual. Essas polirreceitas foram indicadas para os seguintes usos terapêuticos: *bixiga inflamada, inflamação, pedra no rim, rim, urina presa e bom pro rim* (folha de abacate-roxo, caninha-do-brejo, trançagem e quebra-pedra-roxo ou branco, respectivamente: *Persea americana* Mill., *Costus arabicus* L., *Plantago australis* Lam., *Euphorbia thymifolia* L. e *Phyllanthus niruri* L.) – indicada 5 vezes; *bronquite, tosse, pneumonia e machucadura* (cambará-preto ou roxo, noz-moscada e limão, respectivamente: *Vernonanthura beyrichii* (Less.) H.Rob., *Cryptocarya mandioccana* Meisn. e *Citrus x limon* (L.) Osbeck) – indicada 6 vezes; *diarreia* (folhas de araçá e goiaba-branca, respectivamente: *Psidium cattleianum* Sabine e *Psidium guajava* L.) – indicada 2 vezes; *diarreia e dor de barriga* (pitanga e trançagem, respectivamente: *Eugenia uniflora* L. e *Plantago australis* Lam.) – indicada 2 vezes; *gripe, resfriado e tosse* (fruto do picova-amarelo ou caraguatá-de-gancho, folhas de guaco e pode-se adicionar limão, respectivamente: *Bromelia antiacantha* Bertol., *Mikania laevigata* Sch.Bip. ex Baker e *Citrus x limon* (L.) Osbeck) – indicada 3 vezes; *gripe, tosse* (favacão, limão, alho e cebola, respectivamente: *Ocimum gratissimum* L. e *Citrus x limon* (L.) Osbeck. O alho e a cebola não foram coletados, pois os moradores compram esses ingredientes no supermercado) – indicada 2 vezes; *inchaço, machucadura; machucadura interna e externa* (erva-de-santa-maria, perta-ruão e mentruz, respectivamente: *Dysphania ambrosioides* (L.) Mosyakin & Clemants e *Piper mollicomum* Kunth. O mentruz não foi encontrado para ser coletado) – indicada 4 vezes; *tirar mau-olhado, energias ruins* (alecrim-cruzeiro, cambará-preto ou roxo, guiné e pimenta, respectivamente: *Aloysia gratissima* (Gillies & Hook.) Tronc., *Vernonanthura beyrichii* (Less.) H.Rob., *Petiveria alliacea* L. e *Capsicum* sp.) – indicada 4 vezes; *tosse e dor de garganta* (folhas de guaco, pitanga, poejo e casca de limão, respectivamente: *Mikania laevigata* Sch.Bip. ex Baker, *Eugenia uniflora* L., *Mentha pulegium* L. e *Citrus x limon* (L.) Osbeck) – indicada 12 vezes.

Seguindo a lógica de que elementos que tem o mesmo efeito vão agir com mais força se utilizados juntos, tem-se o uso da arruda (*Ruta graveolens* L.) ou da guiné (*Petiveria alliacea* L.), juntamente com palha de alho e pena do rabo de pato ou pintinho, para *espantar o mau, quebrar mandinga*.

O uso dessas plantas associado a outras espécies e aos componentes citados acima pode desencadear um efeito terapêutico maior dos preparos, seja por meio de diferentes extrações e veículos, da interação dessas substâncias com o corpo humano ou até pela interação entre as substâncias químicas das espécies vegetais e dos outros componentes adicionados ao preparo, promovendo assim um efeito sinérgico.³⁵ Contudo, para entendermos melhor os efeitos dos usos combinados desses elementos, os estudos clínicos deveriam levar em conta essa temática.

No entanto, a ideia de eficácia observada durante o trabalho de campo, não está relacionada apenas à eficácia terapêutica promovida pela administração dos possíveis compostos bioativos, mas também à eficácia proporcionada pela simbologia que as plantas e práticas de cura representam, assim como discutido por Lévi-Strauss (1991, p.215-236). Sendo assim, no capítulo abaixo serão discutidas outras questões que também contribuem para a eficácia no uso das espécies.

4.3 Elementos relacionados ao uso e à eficácia

Prestar a atenção num conhecimento muito diferente do nosso é uma lição de pluralismo, de diálogo, de democracia: não podemos tomar nossos conceitos como absolutos, e para transmiti-los é preciso tentar entender os outros.

Betty Mindlin

Nesse capítulo serão discutidos os elementos que contribuem para a eficácia dos tratamentos, quais são os papéis que as espécies vegetais têm nos efeitos proporcionados, quais são as estruturações e ordenações que compõem essas práticas, que significados elas têm, e quais são as características que justificam seus usos.

Para que uma planta seja usada no tratamento de uma determinada enfermidade, é necessário entender alguns pontos, como: qual é essa enfermidade? Por que ela se desencadeou? Que fatores podem contribuir para o seu tratamento? A partir dessas respostas, quais são as formas corretas de usá-las? Quais são os fatores envolvidos em seus usos?

As respostas a essas questões nos permitem discutir diferentes formas de ver e interpretar o mundo, e de compreender os sistemas de cura locais, incitando, assim, possíveis contribuições da ciência do Quilombo para as ciências biomédicas.

³⁵ O efeito de um agente é potencializado em combinação com outro

4.3.1 Entendendo as relações entre as enfermidades e os tratamentos

As indicações terapêuticas contemplam sinais e sintomas, órgãos, mal-estar e enfermidades expressas de diversas maneiras. A forma como essas indicações foram feitas demonstram que não há uma linearidade na construção dos conhecimentos. Pelo contrário, elementos provenientes de diferentes esferas são responsáveis por essa formação e contribuem para o dinamismo representado pelas mudanças que aconteceram até os dias de hoje e continuam acontecendo. Aspectos morfológicos, sensíveis, espirituais, intuições, o contato com outros conhecimentos vindos da mídia, de livros, de outras pessoas: todas essas referências compõem os conhecimentos dos quilombolas.

Dessa forma, para entender as condições para as quais as plantas são indicadas, se faz necessário compreender as relações entre esses elementos, e atentar-se à ideia de “equivocação controlada”, trazida por Viveiros de Castro (2004), uma vez que nossas conclusões sobre algo ou sobre a maneira que o outro vê e interpreta o mundo podem ir até determinado ponto, pois nunca saberemos o que é ver por meio dos olhos dos outros.

Segundo o autor, a comparação é a base de tudo na antropologia, é a principal ferramenta analítica, a matéria-prima e o fundamento final (VIVEIROS DE CASTRO, 2004). Dessa forma, “a antropologia se compara para traduzir e não para explicar, justificar, generalizar, interpretar, contextualizar, revelar o inconsciente, dizer o que é óbvio, e assim por diante” (VIVEIROS DE CASTRO, 2004, tradução da autora). O antropólogo defende que a arte da antropologia está em “controlar essa comparação translativa entre antropologias” (VIVEIROS DE CASTRO, 2004, tradução da autora).

A tradução nada mais é do que uma tentativa de mostrar algo pela visão do outro (antropólogo), ou seja, não é capaz de expressar as concepções pelo olhar do povo estudado (VIVEIROS DE CASTRO, 2004). Sendo assim, a equivocação surge na tentativa de dissolver a “equivocidade intercultural” (VIVEIROS DE CASTRO, 2004, tradução da autora). Nas palavras de Wagner (1981 apud VIVEIROS DE CASTRO, 2004, tradução da autora), é o “paradoxo criado pela imaginação de uma cultura para pessoas que não a imaginam para si mesmas”.

Contudo, para exemplificar a “equivocação controlada”, Viveiros de Castro (2004) aborda alguns casos dos povos ameríndios, em que de fato outra língua é usada e deve ser interpretada a fim de compreender as relações. No caso do quilombo, a língua falada é a portuguesa, o que dá outro caráter à equivocação. Uma vez que falam a mesma língua que nós pesquisadores, não é necessário traduzir, porém, ao mesmo tempo, deve-se prestar atenção em

cada termo, pois, por mais que soem semelhantes, muitas vezes não o são. Assim, da mesma forma, temos a responsabilidade de compreender qual é o significado daquilo para eles e quais são os elementos que compõem aquele termo. Ao fazermos uma pergunta, muitas vezes encontramos certa reatividade, pois responderam dizendo “é igual pra você”, “igual na cidade”, tornando difícil o entendimento e a investigação, uma vez que para eles está implícito que sabemos do que se trata e, de fato, as palavras são iguais, por mais que muitas vezes os significados não sejam. No caso de outra língua, por mais complexo que seja, entendo que seria mais normal para eles explicarem o significado de alguma palavra, mesmo que essa explicação não acessasse os elementos que a compõem. Contudo, quando questionamos uma palavra da mesma língua, muitos equívocos podem surgir, os mesmos que surgiriam com ainda maior frequência se não perguntássemos.

Nesse contexto, com o intuito de obter mais informações sobre como eram identificadas as doenças e acessar esse universo dos significados, questionamentos sobre as condições para as quais as plantas são indicadas foram endereçados, permitindo que alguns aspectos citados e observados fossem elencados em dois grandes sistemas: *Quentes x Frios* e *Tipos de Sangue*. Ambos serão tratados mais adiante como subitens do tema aqui discutido.

De acordo com os interlocutores, no passado algumas pessoas entendiam mais sobre as doenças, mas sempre as identificavam pelos seus sintomas. Alguns informaram que perguntavam para seus pais, mães, sogros e sogras, ou apenas generalizaram como “os mais velhos”. No entanto, alguns moradores do passado, que já faleceram, foram indicados como grandes entendedores de enfermidades, plantas e animais medicinais. É o caso do Sr. Zé Leopoldo, que foi citado por todos os moradores como sendo o maior conhecedor das doenças e seus tratamentos. Outras pessoas citadas foram o Sr. Dito Ribeiro e o Sr. Zé Basílico. Um dos interlocutores comentou: “O Sr. Zé Basílico já reconheceu gravidez de dois meses só de pegar no pulso da mulher.” De acordo com ele, no passado, algumas pessoas sabiam a doença que a pessoa tinha só de olhar. Isso se devia aos conhecimentos sobre as doenças, mas também à ajuda de energias e espíritos que as acompanhavam, o que também foi expresso por outra moradora: “O Sr. Leopoldo era espírita e tratava as pessoas durante seus trabalhos. Ninguém sabe o que iam nas suas garrafadas.”

O exemplo acima evidencia novamente que “a lógica do sensível” age no reconhecimento de elementos responsáveis pela composição do “inventário sistemático”, trazido por Lévi-Strauss (1989, p.33), que agrega qualidade como cheiros, cores e texturas, levando em consideração elementos da cosmologia, como as *energias* e *ajudas espirituais*.

O reconhecimento das doenças por seus sintomas foi apresentado diversas vezes ao longo do trabalho. A *pressão alta*, por exemplo, pode ser reconhecida pela fadiga, corpo mole e dor na nuca. Os moradores afirmaram que é igual a reconhecida pelos médicos, mas informaram que não tinha muito no passado. Segundo J.V.: “As pessoas não tinham muita pressão alta, não tinham derrame, mas as vezes as pessoas ficavam com a boca torta.”

Já a *icterícia*, pode ser identificada pelas cores dos olhos e da urina que ficam muito amarelos. Uma das interlocutoras disse que, hoje em dia, a *icterícia* é chamada de *patite* e inclui os sintomas enjoo e vômito. Outro exemplo é o *fúrunco*, que, de acordo com os moradores, é igual ao reconhecido pelos médicos. Segundo os interlocutores, o furúnculo não pode ser olhado por meio de um espelho, ou ele nunca irá embora por inteiro e reaparecerá. De acordo com J.V.: “Os médicos não sabem mas tem que espremer até sair o “carnegão”, “botãozinho branco” que sai depois de tirar todo o pus. “Se não tirar o carnegão o fúrunco volta.”

Nos casos citados acima, os termos correspondem às doenças reconhecidas pela biomedicina, e, assim como na ciência médica, a anamnese baseia-se na avaliação dos mesmos sinais e sintomas, como o cansaço, no reconhecimento da hipertensão, e a coloração do olho, no reconhecimento da icterícia e da hepatite. Contudo, além dos sintomas, outros elementos são levados em conta, como veremos mais abaixo.

Já em outros casos, não foram reconhecidos correspondentes *éticos* pelas explicações das doenças fornecidas pelos interlocutores. A *espinheira caída*, por exemplo, “é uma doença muito típica em crianças e em filhotes de macaco”. “Acontece quando corta um nervinho branco que tem embaixo do peito. Deixa uma perna mais curta que a outra.” Quando essa doença não é tratada corretamente ela evolui para o *bucho virado*, a qual apresenta os mesmos sintomas, porém exacerbados. Ambas devem ser tratadas por *benzimentos*.

Os *benzimentos* e *defumações* são realizados como forma de tratamento para diversas disfunções, que foram incluídas na categoria Doenças não reconhecidas pela Biomedicina, já que, como citado anteriormente, a Biomedicina não considera elementos espirituais como desencadeadores de doenças ou no tratamento das mesmas. Os usos das plantas para essas finalidades foram considerados nesse trabalho, pois, durante a *Troca de saberes*, os participantes vincularam os tratamentos de *mau-olhado*, *más energias*, *energias ruins* e *mandingas* ao bem-estar e à busca de um melhor estado de saúde, e consideraram o uso das plantas envolvidas como remédios. Ainda, por mais que esses usos estejam relacionados à eficácia simbólica, podem também representar uma eficácia em função de possíveis compostos bioativos administrados por meio da fumaça pela via inalatória, nos casos das

defumações, ou por outras vias de administração, como discutido em *Indicações e frequências de uso*.

A eficácia desses tratamentos, seja ela puramente simbólica ou também desencadeada pela presença de possíveis compostos bioativos, foi apresentada por diversos interlocutores ao longo da realização do trabalho. Uma das moradoras da comunidade relatou um episódio de quando estava constantemente se sentindo cansada. O Sr. Dito Ribeiro resolveu benzê-la com alfavaca (*Ocimum campechianum* Mill.), para ela ter mais disposição e conseguir realizar suas atividades diárias. Durante o *benzimento*, o galho foi murchando e ao final estava completamente murcho. Conforme o relato da moradora, no dia seguinte ela se sentiu normal, sem preguiça, pois o galho da planta tinha absorvido todas as *energias ruins* que estavam impedindo-a de estar bem-disposta.

Os interlocutores informaram que o *mau-olhado*, também reconhecido como *olhado*, *inveja*, *cobiça*, *querer o que o outro tem*, acaba gerando uma *energia ruim* e *azar* para o invejado. Essa *energia* produzida acaba atrapalhando a pessoa invejada a realizar suas atividades do dia a dia e a ter sucesso em seus objetivos, de modo que a pessoa invejada passa a ter *azar*, má sorte. Ambos, *mau-olhado* e *azar*, prejudicam inúmeras esferas da vida da pessoa que os tem, como vida profissional e afetiva, saúde e até o crescimento das plantas de sua roça. Outra moradora explicou o *olhado* da seguinte forma: “[...] pessoas invejosas, você tem alguma coisa que ele não tem. Olha como você é bonito. Queria ser como você. Bota olho grande e você fica desanimado, com dificuldade de dormir, depressão, não come. Tem que fazer benzimento. Depois que benzeu tem que tirar a roupa usada e lavar. Pegar outra roupa no final da tarde e usar para poder entrar em casa.”

Assim como para o *mau-olhado*, os *benzimentos* tem o intuito de quebrar *mandingas*. Para fazer uma *mandinga* não é necessário o uso de plantas ou animais. De acordo com um dos interlocutores, “é só na palavrar, no querer e no desejar. A inveja é a forma mais forte de *mandinga*”. Ou seja, a *mandinga* é algo desejado por outra pessoa. Pode ser um desejo bom ou ruim, mas sempre algo que alguém quis para uma única pessoa.

As *defumações* também são praticadas para *espantar o mau*, *quebrar mandingas*, *tirar o azar*, *tirar mau-olhado*, *espantar más energias*, *energias ruins*, e curar os efeitos causados pelo *derrame de ar*, condição que será discutida no subitem *Sistemas de Classificação Quentes x Frias*. As *defumações* são realizadas com as plantas secas. Deve-se atear fogo nas espécies vegetais escolhidas e passar a fumaça ao redor da pessoa que está sendo defumada, ou então, essa pessoa deve passar por cima da fumaça. Quando se deseja defumar um local, a fumaça deve ser passada em cruz no ambiente em questão.

No caso do *benzimento*, não é colocado fogo nas plantas. O benzedor deve segurar a planta e pedir para as *energias ruins* da pessoa benzida irem embora. Durante o *benzimento*, as *energias boas* do benzedor passam para a pessoa benzida e as *energias ruins* do benzido dissipam para o universo. Para isso, o benzedor tem que ter o *corpo fechado*, bloqueado, para que essa “carga ruim” não vá para ele. Se o benzedor não tem o *corpo fechado*, a *energia* pode ir para ele. Para realizar essa atividade, é necessário ter o dom, pois não se pode ter qualquer tipo de interesse, tem que ser feito por bondade. Se o benzedor tiver algum tipo de interesse pessoal, o *benzimento* não fará efeito. Deve-se amar a pessoa benzida e a si próprio, sem pensar em dinheiro.

Outra forma de espantar as *más energias* é plantar algumas espécies vegetais no quintal de casa, como no caso da espada-de-são-jorge (*Sansevieria trifasciata* Prain e *Sansevieria trifasciata* 'Laurentii'), do incenso (*Tetradenia riparia* (Hochst.) Codd) e da pita (cf. *Furcraea foetida* (L.) Haw.). Nesses casos, a presença da planta no terreno da casa já cumpre o papel de espantar as *energias ruins*.

Além de práticas como *benzimentos*, *defumações* e *mandingas*, os *despachos* podem ser realizados para *mandar energias ruins ou boas* para pessoas que querem o seu mal. Os *despachos* incluem deixar comidas e flores nas encruzilhadas e na cachoeira, por exemplo. A ideia é que essas oferendas sejam deixadas para um representante do plano espiritual que simbolize a pessoa que desejou o mal. Como dito pelo interlocutor, é sempre melhor devolver com o bem. Ainda, todas essas práticas funcionam melhor quando feitas às sextas-feiras, pois esse dia é um dia de grandes *trocadas de energia*, sendo mais fácil adquirir *energias boas* e mandar as *ruins* embora. Sábado e domingo são dias mais sagrados e não são bons para realizá-las. Também às sextas-feiras, deve ser realizada a *defumação* para *boca e mão tortas após derrame de ar*.

Os resultados obtidos por meio dessas práticas dependem das intenções das pessoas. Para explicar sobre as intenções, o mesmo senhor contou a história de um homem que tinha uma corcunda e foi até a figueira³⁶ para pedir que ficasse bom, sem a corcunda, e, como ele era uma pessoa boa, voltou curado para casa. Já seu irmão, que não era uma pessoa boa e tinha muita inveja de todos, foi até a figueira pedir coisas boas, porém ele não tinha nenhum problema de fato, só queria ainda mais coisas boas do que já tinha e acabou voltando com

³⁶ A figueira (*Ficus adhatodifolia* Schott) é uma árvore tida como “mágica” dentro do Quilombo. Está relacionada a inúmeras simpatias, despachos, milagres e assombrações, mostrando a agência dessa espécie. Tema que, embora presente durante as atividades de campo, não será aprofundado nesse trabalho.

uma corcunda para casa. Dessa forma, o resultado do que se obtém por meio de todas essas práticas, dependerá das suas intenções como ser humano e da *fé* nas plantas e nos tratamentos.

O termo *fé* foi empregado muitas vezes durante as atividades. Para os moradores do Quilombo da Fazenda, o uso das plantas e seus efeitos só se justificam quando há *fé*, já que se a pessoa não acreditar naquele tratamento, não crer no poder das plantas, não haverá eficácia. Ou seja, “a *fé* é acreditar que a planta faz efeito”, “a *fé* é o acreditar em alguma coisa e ter segurança que o tratamento vai funcionar”.

Todos os interlocutores disseram que no passado as pessoas entendiam mais sobre as doenças e infelizmente muitos não aprenderam com eles. Uma das moradoras contou que os benzedores tinham que passar seus conhecimentos para três pessoas antes de morrer, mas acredita que isso não foi feito por todos, como, por exemplo, pelo Sr. Dito Ribeiro, que era benzedor no Quilombo e virou evangélico antes de falecer, levando a maior parte do seu conhecimento consigo quando faleceu. Outra moradora afirmou que as oferendas encontradas na cachoeira são de turistas que as deixam lá. Explicou que não tem mais umbanda e candomblé no Quilombo, mas que ela ainda acende velas e tem plantas para proteger sua casa. Em outro momento, foi dito que os mais novos não têm mais interesse em saber essas coisas, porque não tem mais paciência. Vão na farmácia e compram o remédio que querem.

Embora essas observações remetam às mudanças que ocorreram e ocorrem ao longo do tempo, em função de inúmeros fatores, como a chegada de outras religiões – católica e evangélica –, a consequente incorporação de elementos dessas religiões, e o abandono, por alguns, das atividades e formas de expressão tidas como profanas por essas novas religiões, a presença dessas práticas demonstra como as formas de conhecer e se relacionar com o universo espiritual e com o mundo das plantas resistiu ao longo do tempo, permitindo que tais concepções continuem embasando o agir, o pensar e a organização da lógica do Sistema Médico presente na comunidade. Segundo uma das interlocutoras: “A igreja chegou depois da construção da estrada. Antes tinha umbanda, candomblé.”

Sendo assim, observa-se que a preferência pela realização dos *benzimentos* e *defumações* na sexta-feira, por exemplo, remete ao candomblé, pois esse dia da semana é o dia consagrado a Oxalá (DA SILVA, 2005). Ainda, no candomblé, segunda e sexta-feira são dias da semana consagrados a Exu, orixá das passagens e dos caminhos, cultuado nesses dias por determinarem o limite entre o trabalho (segunda-feira a sexta-feira) e o descanso (sábado e domingo) (DA SILVA, 2005). Observa-se ainda que os dias de descanso no candomblé também são considerados dias mais sagrados no Quilombo da Fazenda. Contudo, segundo da Silva (2005), a sexta-feira também remete ao dia em que Cristo foi crucificado, simbolizado

como um dia de morte, mas igualmente de esperança na ressurreição. De acordo com o autor, “sexta-feira pode indicar, portanto, uma aproximação estrutural tanto com Exu-Demônio, pelo seu simbolismo com a morte, como com Oxalá-Jesus, pelo seu simbolismo com a criação e transformação” (DA SILVA, 2005).

Embora muitos dos moradores do quilombo tenham passado a frequentar outras religiões, a presença dessas práticas e costumes evidencia que os saberes não foram esquecidos. Sofreram alterações, foram ressignificados e incorporaram outros conhecimentos, mas ainda estão presentes, fazendo parte dos tratamentos e das tomadas de decisões até os dias atuais, configurando assim a “cultura” como arma de resistência frente aos aspectos político-sociais vigentes (CARNEIRO DA CUNHA, 2007).

De acordo com Lévi-Strauss (1989, p.38) e como enunciado na *Introdução* desse trabalho, a ciência acadêmica e as tradicionais atribuem estruturas às observações do mundo de formas diferentes. O autor dá como exemplo o *bricoleur* e o engenheiro, e argumenta que, para o primeiro, as estruturas observáveis e sentidas dão origem aos fatos, enquanto que, para o segundo, as estruturas são originadas a partir dos fatos (LÉVI-STRAUSS, 1989, p.38). Ainda, as estruturas observadas e sentidas pelo *bricoleur*, que passam a compor um “inventário sistemático”, podem gerar inúmeros fatos, ou seja, são dados novos significados ao material disponível nesse inventário (LÉVI-STRAUSS, 1989, p.34). Dessa forma, o projeto do *bricoleur* nunca está terminado e a ele sempre são agregados elementos do próprio *bricoleur* (LÉVI-STRAUSS, 1989, p.37), ou seja, a mudança é contínua, assim como as significações dadas às estruturas.

Sendo assim, os dois tipos de conhecimento são válidos, e um pode auxiliar no desenvolvimento do outro, mas nem sempre eles se complementarão, pois são diferentes. Contudo, as descobertas das ciências tradicionais podem antecipar achados da ciência acadêmica, uma vez que, pelas palavras de Lévi-Strauss (1989, p.27):

[...] toda tentativa desse tipo, mesmo inspirada em princípios não-científicos, pode encontrar ordenações verdadeiras. Isso é previsível se se admite que, por definição, o número das estruturas é finito: a “estruturação” possuiria então uma eficácia intrínseca, quaisquer que fossem os princípios e os métodos nos quais ela se inspirasse (LÉVI-STRAUSS, 1989, p.27).

Dessa forma, os *benzimentos*, *defumações*, *mandingas*, e as doenças explicadas acima, na tentativa de expressar a visão dos moradores do Quilombo, representam os resultados de muita observação e reflexão, configurando assim um caráter científico que mantém um “compromisso entre a estrutura do conjunto e a do projeto” (LÉVI-STRAUSS, 1989, p. 31,

36). Assim, esse ato de fé nas “crenças mágicas” e nos ritos não poderia ser uma expressão de uma ciência ainda por nascer? (Lévi-Strauss, 1989, p. 26).

Por outro lado, por mais que discutamos as contribuições das ciências tradicionais para as ciências acadêmicas, em termos de uso dos possíveis compostos bioativos, já que configura o recorte deste trabalho, acredito que esta contribuição vá muito mais além, uma vez que percebemos que a cosmologia do quilombo, as formas de ver, de entender e, principalmente, de organizar o universo sensível se dão por outros caminhos, quando comparadas à biomedicina. Abrimos aqui espaço para o pluralismo, uma vez que, ao levar em consideração perspectivas diferentes sobre um mesmo assunto, realidades vistas de formas diversas, afastamo-nos de “uma versão monopolista da verdade” (MOL, 2007).

No capítulo *A eficácia simbólica*, Lévi-Strauss (1991) analisa o processo de cura de um parto difícil e guiado por um xamã da etnia Cuna. A descrição desse processo foi feita por Wassen e Holmer (1947 apud LÉVI-STRAUSS, 1991, p.215) e posteriormente interpretada por Lévi-Strauss (1991). Na cosmologia dos índios Cuna, a dificuldade do parto se dá devido a *Mu*, potência responsável pela formação do feto, ter ultrapassado suas atribuições e se apoderado da alma, *purga*, da futura mãe. Assim, a solução é buscar a alma perdida por meio da luta com animais ferozes e da ultrapassagem de diversos obstáculos. A luta estabelecida é contra os abusos de *Mu* e não diretamente com ele/a, já que tal potência é indispensável para a procriação.

Para ter êxito, o xamã designado pela palavra *nele* e possuidor de um conhecimento inato que permite ter a visão para descobrir imediatamente qual é a doença, ou seja, o arrebatamento das forças vitais pelos maus espíritos, evoca espíritos protetores que recebem a vitalidade e a resistência necessárias para o combate. Tais espíritos, os *nelegan*, são seres à imagem das pessoas, porém dotados de poderes excepcionais. Dessa forma, os espíritos protetores do xamã fazem uma viagem ao mundo espiritual para buscar a alma da doente que está com *Mu*, assegurando assim a cura. Observa-se no tratamento de cura que os espíritos protetores, assim como as forças atribuídas a eles pelo xamã, são convocados por meio dos cantos, das falas e do uso de plantas, como a fumaça do cacau que fortifica as vestimentas do xamã para encarar *Mu*. Dessa maneira, as imagens e símbolos representam a eficácia, assim como nas práticas citadas acima, e o uso das plantas simboliza a via pelas quais os *benzimentos*, *defumações* e outras formas de tratamento se tornam eficazes, por serem capazes de espantar *energias ruins*, desequilíbrios energéticos e sintomas mais concretos como gripe, por exemplo.

Contudo, alguns pontos-chave podem ser levantados desse processo de cura. Primeiro, a morada de *Mu* e a própria entidade representam literalmente o útero e o canal vaginal (LÉVI-STRAUSS, 1991, p.217). Não são míticos, não são uma crença, são reais para a concepção dos Cuna (LÉVI-STRAUSS, 1991, p.218). Segundo ponto, tudo é animado para os Cuna, “correspondem à noção platônica de ‘ideia’ ou de ‘arquétipo’, de que cada ser ou objeto é a realização sensível” (LÉVI-STRAUSS, 1991, p.218).

Continuando com o desenlace do parto difícil, para os Cuna, cada órgão tem sua alma, *purba*, e o conjunto de todos os *purba* forma *niga*. A dificuldade do parto se dá então pela desordem do *purba* do útero, ou seja, pela alma do útero ter desviado todas as outras almas, já que agem todas juntas – uma vez que uma volta à sua função, todas as outras voltarão. Ainda, outro ponto levantado por Lévi-Strauss (1991) é que perturbação fisiológica remete à consciência da paciente. Alma e corpo não se separam, assim como os *benzimentos* que tratam *mau olhado* e *azar*, ou seja, uma implicação enérgica, da alma, pode gerar um mal fisiológico como o cansaço.

Comparando-o à psicanálise, o autor demonstra que o processo de cura é embasado pela organização do pensamento e pelo entendimento sobre as causas do parto difícil, o que leva ao desenlace da cura (LÉVI-STRAUSS, 1991, p.215-236), assim como o entendimento sobre as doenças presentes no Quilombo, sobre suas causas e consequências, desencadeia o tratamento correto e assim sua eficácia.

Dessa forma, a eficácia simbólica representa a organização dos elementos estruturantes finitos que regem todos nós. Assim que os elementos que representam a causa da doença forem tratados – no caso, por meio do combate com os espíritos maus –, será estabelecido um desenlace da doença fisiológica, representando assim uma eficácia simbólica (LÉVI-STRAUSS, 1991, p.215-236). Constitui-se uma relação entre o simbólico e o fisiológico, as representações e o concreto. “É a eficácia simbólica que garante a harmonia do paralelismo entre mito e operações. E mito e operações formam um par onde se encontra sempre a dualidade do doente e do médico.” (LÉVI-STRAUSS, 1991, p.229)

Os cantos e a descrição dos obstáculos vencidos e das lutas travadas representam uma forma de manipulação do psicológico, assim como a cura que se dá nesse âmbito (LÉVI-STRAUSS, 1991, p.221). Tais elementos são empregados com o intuito de organizar o processo, permitindo assim o reconhecimento da causa, seu desenvolvimento e o desenlace favorável, representando a eficácia. Essa organização se dá pelas entradas e saídas das pessoas que acompanham o processo, fazendo com que a mulher doente reviva uma situação inicial e reconheça onde começou esse processo para que ele possa ser ordenado. Tudo acontece em

cima de passar do mito para a realidade, do abstrato para o concreto, do psicológico para o fisiológico, com o intuito de abolir a distinção entre os dois no corpo da paciente. Assim, o mito se torna real. O mito é a ferramenta que torna o problema claro e acessível ao pensamento consciente da paciente, pois carrega a estrutura do pensamento. Esse tornar real se dá por outros diversos elementos como a qualificação dos animais envolvidos, as características dos obstáculos que simbolizam as estruturas do corpo humano e a passagem dos estados não formulados para a expressão verbal (LÉVI-STRAUSS, 1991, p.228).

Deste jeito, o processo de cura permite um desfecho, uma eficácia. Se não propiciasse uma ordem, um final em que todos os protagonistas reencontram seus lugares, a eficácia seria questionada. De acordo com o autor, não importa se não existe uma realidade objetiva na mitologia do xamã. A importância é que “a doente acredita nela e ela é parte de uma sociedade que acredita” (LÉVI-STRAUSS, 1991, p. 228). Todos esses elementos que compõem o desenvolvimento do processo de cura se apoiam mutuamente e fazem parte de um “sistema coerente”, fundamentado na concepção que eles têm do universo (LÉVI-STRAUSS, 1991, p.228).

O antropólogo ainda faz um paralelo com a biomedicina, na qual as causas das doenças são explicadas muitas vezes pela presença de micróbios, vírus e secreções. Seriam eles tão diferentes dos monstros e espíritos? (LÉVI-STRAUSS, 1991, p.228). Contudo, diferentemente da biomedicina, na qual a relação micróbio-doente se deve a uma causa exterior ao espírito do paciente, a uma relação de causa e efeito, para os Cuna a relação monstro-doente se deve a uma causa interior ao espírito, em que se estabelece um significante e um significado (LÉVI-STRAUSS, 1991, p.228).

Da mesma forma, observa-se no Sistema Médico do Quilombo da Fazenda, que as práticas realizadas são fundamentadas por *energias*, por *intenções* e *intuições* do plano sensível, que simbolizam algo e devem ter suas causas bem estruturadas para que ordenação leve a eficácia. Por mais que não tenha sido possível acessar com maior profundidade os elementos que compõem essa simbologia, nota-se que há estruturas consolidadas que permeiam as causas das doenças, a escolha das plantas adequadas e as formas de tratamento empregadas. De acordo com Lévi-Strauss (1991, p.235), o “mundo do simbolismo é infinitamente diverso por seu conteúdo, mas sempre limitado por suas leis”.

Excluir a possibilidade de que haja uma eficácia terapêutica desencadeada por possíveis compostos ativos não é o caso, mas também não se deve excluir a possibilidade de que a eficácia corresponda a uma ordenação dos símbolos. Acredito que os dois agem juntamente e, por mais que não existam princípios ativos que justifiquem o sucesso desses

processos de cura, as eficácias simbólicas justificam-se por si só e os estudos sobre esse tema poderiam ser mais aprofundados pelas ciências biomédicas, que acima de tudo buscam as curas para as doenças. Assim, já que o intuito é encontrar tais curas, as mesmas não poderiam ser buscadas por outros meios de tratamentos? Não seria essa uma grande contribuição entre diversas áreas das ciências, tradicionais, humanas e biológicas? Os sistemas médicos tradicionais só fazem sentido como tratamentos alternativos e complementares ou são completos em seus fundamentos desde que se acredite neles? Como bem indagado:

[...] se o valor terapêutico da cura se deve ao caráter real das situações rememoradas, ou se o poder traumatizante destas situações não provém do fato de que, do momento em que se apresentam, o sujeito as experimenta imediatamente sob a forma de mito vivido (LÉVI-STRAUSS, 1991, p.233).

Um dos pontos já levantados, mas que vale ser ressaltado, é a base na qual essas ciências se constroem. Para o cientista, a construção fundamenta-se em conceitos e teorias, já o *bricoleur* baseia-se em signos pré-transmitidos (LÉVI-STRAUSS, 1989, p.35). A grande diferença então se estabelece, ao passo que os conceitos já são determinados, enquanto os signos podem derivar inúmeros conceitos (LÉVI-STRAUSS, 1989, p.35). Sendo assim, as construções que abarcam os conceitos são de outra ordem (LÉVI-STRAUSS, 1989, p.35). De acordo com o autor:

No eixo de oposição entre natureza e cultura, os conjuntos dos quais ambos se servem estão perceptivelmente deslocados. Com efeito, pelo menos uma das maneiras pelas quais o signo se opõe ao conceito está ligada a que o segundo se pretende integralmente transparente em relação à realidade, enquanto o primeiro aceita, exige mesmo, que uma certa densidade de humanidade seja incorporada ao real (LÉVI-STRAUSS, 1989, p.35).

Para exemplificar os elementos que compõem o conhecimento científico acadêmico, um paralelo pode ser estabelecido com a etnografia realizada por Latour e Woolgar (1997) em um laboratório. De acordo com os autores, os conceitos e as teorias nas quais o cientista se baseia provem da literatura, ou seja, conceitos já determinados que oferecem um princípio organizador, permitindo que seja atribuído sentido às observações (LATOUR; WOOLGAR, 1997). Contudo, embora tenham focado seus estudos no laboratório, a fonte de conceitos e teorias a partir da literatura são comuns a qualquer ciência acadêmica e não somente às realizadas em laboratórios.

Seguindo, os mesmos cientistas buscam dar significado aos resultados finais, gerados a partir de aparelhos criados por eles mesmos (ou outros cientistas), sem questionar os meios

pelos quais tais resultados foram obtidos, e deixando de lado a análise do processo como um todo. Em relação ao desenvolvimento dos aparelhos, exaustiva energia é gasta na criação dos mesmos para responder uma necessidade bem precisa (LATOUR; WOOLGAR, 1997). Após descreverem essa análise, estabelecem a seguinte comparação:

Enquanto outras tribos acreditam em deuses ou em mitologias complicadas, os membros desta tribo insistem no fato de que sua atividade não pode de modo algum ser assimilada a crenças, a uma cultura ou a uma mitologia (LATOUR; WOOLGAR, 1997, p.68)

Dessa forma, pensando nas diferentes formas de construir conhecimento a partir de signos, das diversas maneiras de se encontrar a eficácia por meio de símbolos, veremos a seguir alguns exemplos, classificações e interpretações do universo sensível que constituem arranjos bem estruturados e que puderam ser elencados por meio das observações em campo.

4.3.1.1 Tipos de sangue

A partir das informações coletadas sobre as doenças, sintomas e sinais que as distinguem, observou-se que o desenvolvimento de algumas enfermidades, assim como seus respectivos tratamentos, baseiam-se em algumas características do sangue, como *sangue fraco* ou *fino*, *bom* ou *forte*, *grosso* ou *ruim* e *doce*.

O sangue fraco ou fino pode ser reconhecido de diversas formas, mas principalmente por ser ralo, fino e ter uma coloração vermelha mais clara. Uma das moradoras informou que “quando fura o dedo o sangue sai sem parar”, “sai mais rápido”. O sangue fraco deixa as pessoas fracas, cansadas, com anemia. O cabelo fica fraco, o olho fica mais branco, a pele amarela e o portador desse *tipo de sangue* “desmaia toda hora”. O tratamento desse *tipo de sangue* exige uso de alimentos cheios de *vitaminas* que promovam o engrossamento do sangue. O uso de algumas espécies ajuda a fortificar o sangue, como: o chá da casca da canela-sassafráze (*Cryptocarya saligna* Mez); o chá do cipó-cravo (não coletado); a ingestão do inhame (*Colocasia esculenta* (L.) Schott); o chá do fruto da noz-moscada (*Cryptocarya mandioccana* Meisn.); a ingestão do exsudato e da casca do jatobá (*Hymenaea altissima* Ducke); a ingestão do *vinho* da massaranduba (família Sapotaceae); e, especificamente para crianças, a ingestão das ramas da mandioca-doce (*Manihot esculenta* Crantz). A administração dessas espécies pode ser usada como tratamento, porém seu uso está mais relacionado à prevenção, o que será discutido em *Melhor prevenir do que precisar tratar*.

De acordo com os interlocutores, esse *tipo de sangue* tem pouco ferro e, por isso, deve-se comer substâncias que tenham esse componente, como: o fígado de galinha, o sulfato de ferro e o feijão. Uma das moradoras contou que “no passado colocavam prego no feijão por causa do ferro”. Observou-se ainda que, para o engrossamento do sangue, são indicadas espécies de coloração vermelha e/ou roxa, como a urtiga-roxa (*Urera baccifera* (L.) Gaudich. ex Wedd. – Fotografia 13), o gondó (*Erechtites valerianifolius* (Wolf) DC. – Fotografia 14) e o ipê-roxo (*Handroanthus impetiginosus* (Mart. ex DC.) Mattos).

Fotografia 13 - Urtiga-roxa (*Urera baccifera* (L.) Gaudich. ex Wedd.).



Fotógrafa: Priscila Yazbek. Setembro de 2016.

O oposto do sangue fraco e fino é o sangue grosso ou ruim. Os moradores explicam que dá para ver se o sangue é grosso, pois quando fura o dedo é mais difícil de sair. Suas características também envolvem a coloração escura, “é quase preto”, e o fato de ser mais encorpado, grosso. Sendo assim, esse *tipo de sangue* não circula direito, causa varizes e machucados que não cicatrizam, “entope o coração, dá derrame”.

O sangue ser ruim explica o desenvolvimento de algumas condições como o *botão de fogo*. Quando a pessoa leva uma picada de borrachudo, coça e inflama, produz “aquela bolha que sai e depois vira uma ferida”. Essa bolha é conhecida como *botão de fogo* e é formada quando a pessoa tem sangue ruim. Uma das moradoras contou que, se o sangue não for ruim, a picada não vira ferida. Disse ainda que o avô dela tinha muitas varizes, e as picadas não

saíam. A *erisipela* e a *inzipa* também ocorrem porque o “sangue não circula na pele”. A última é um tipo de ferimento na perna que torna a pele irritada e vermelha. As veias ficam saltadas e a pessoa não consegue andar direito. De acordo com os colaboradores locais, não se pode lavar com água salgada, senão nunca mais melhora. Seu tratamento envolve lavar com o chá das folhas de urtiga-roxa ou branca (*Urtica baccifera* (L.) Gaudich. ex Wedd., *Urtica caracasana* (Jacq.) Griseb., *Boehmeria caudata* Sw.) e com o chá da casca de barbatimão (*Swartzia oblata* R.S.Cowan), e com *benzimentos*.

Fotografia 14 - Gondó (*Erechtites valerianifolius* (Wolf) DC.).



Fotógrafa: Priscila Yazbek. Outubro de 2016.

Quando o sangue está muito *grosso*, deve-se *afiná-lo* por meio da *depuração do sangue*, que pode ser feita por meio da ingestão de agrião-d’água (não coletado), do chá da casca da mamica-de-porca (*Zanthoxylum rhoifolium* Lam.), e dos chás de ipê-roxo (*Handroanthus impetiginosus* (Mart. ex DC.) Mattos) e sete-sangrias (*Cuphea carthagenensis* (Jacq.) J.F.Macbr.). Embora as duas últimas espécies citadas possuam flores roxas, alguns interlocutores asseguram que não se deve comer comidas roxas como beterraba e repolho roxo, pois isso *engrossa* ainda mais o sangue. Além disso, o consumo de muita *vitamina* e muita beterraba, por exemplo, pode ter sido o responsável por tornar o sangue *grosso*.

O sangue *bom* ou *forte* é o sangue *líquido*, circula bem. Evita problemas de cicatrização, problemas no rim e no coração. Não faz ferida após picadas de insetos. Já o *sangue doce* é o antigo nome dado a diabetes. O sangue é considerado doce por ter muito açúcar. O termo diabetes não existia no passado, mas de acordo com um dos interlocutores, “as pessoas que entendiam de doença sabiam reconhecer o que era”.

Conforme explicado durante a *Troca de saberes*, as pessoas já nascem com o sangue *fino* ou *grosso*, mas os alimentos contribuem. De acordo com o depoimento dado por R.V. durante a *Troca de saberes*, “quem tem sangue grosso e diabetes não pode comer muita beterraba porque engrossa mais ainda o sangue, porque ela é roxa. Muita farinha de milho também engrossa o sangue”.

Como observado na fala acima, uma analogia se faz presente entre as cores dos alimentos, suas texturas e suas funções para o corpo humano, no caso, em relação ao sangue. Seja para afinar ou engrossar o sangue, grande parte das espécies indicadas para essas finalidades possuem flores roxas ou vermelhas, como é o caso de gondó, ipê-roxo, urtiga-roxa, mandioca-doce e sete-sangrias.

De acordo com Descola (1996), a analogia, em meio a muitas outras, é uma forma de identificar e estruturar as experiências coletivas e individuais. A analogia descrita pelo autor é sustentada pela ideia de que as propriedades e características de certas entidades influenciam o destino dos seres humano ou são influenciadas pelos mesmos (DESCOLA, 1996). Quando em questão os sistemas médicos, Descola (1996) argumenta que as semelhanças entre os sintomas ou partes do corpo humano e certas substâncias determinam as terapias e etiologias das doenças, como é o caso da influência das plantas roxas e dos alimentos que “engrossam” a comida e, conseqüentemente, o sangue. Estabelece-se, assim, uma correspondência entre os efeitos gerados no sangue após o consumo dessas plantas, já que são caracterizadas pela cor roxa, mesma cor do *sangue grosso*, e também dos alimentos que tem a característica de “engrossar o caldo”, como a farinha.

Assim como as analogias descritas acima, outras foram citadas durante as atividades. No caso do uso das *cicas* (exsudato), por exemplo, nota-se que, por ser pegajosa e grudenta, seus usos estão associados a alguma ação aderente. Uma das interlocutoras afirmou que “as folhas do araçá e da goiaba-branca para diarreia fazer efeito por causa da cica que as folhas têm”. Já o uso da *cica* da banana (*Musa* sp.) é empregado para o estancamento de cortes, já que a característica pegajosa dessa substância possibilita que o sangue pare de sair. Ainda nesse exemplo, é dito pelos quilombolas que o exsudato pode entupir o sangue, por isso “tem que deixar sair um pouco do sangue pra depois cuidar”. Tal fato corrobora com a analogia entre a ação grudenta desse componente e sua ação adesiva.

Dessa forma, percebe-se que os conhecimentos obtidos por meio dos sentidos determinam muitos dos usos das plantas, como: a noz-moscada (*Cryptocarya mandioccana* Meisn.), que é adicionada à pinga devido ao seu “cheiro bom”; a beterraba, que é boa para

engrossar o sangue por ser roxa; o amargor das plantas, que determina as espécies que fazem bem para o estômago; e a textura da *cica*, que promove uma ação adesiva.

Observa-se, assim, que as experiências com as plantas levam ao aprendizado das funções e categorias estabelecidas pela cultura, e a partir de então as finalidades utilitárias passam a ser estabelecidas (FAX, 1953 apud LÉVI-STRAUSS, 1989, p.29). No caso das plantas amargas, por exemplo, um dos interlocutores informou que, se a planta é amarga, provavelmente ela é boa para o estômago; conseqüentemente, quando passarem a conhecer uma nova planta amarga, provavelmente seu uso será atribuído à dor de estômago.

Contudo, a rede de saberes que forma os conhecimentos dos moradores da comunidade não pode ser compreendida por apenas uma classificação ou por analogias que expliquem todas as concepções, uma vez que inúmeros fatos podem ser obtidos a partir das mesmas estruturas (LÉVI-STRAUSS, 1989, p.34). Várias formas de interpretar podem ser vistas e contribuem para as formas de saber e conhecer dos quilombolas. Ainda, esses conhecimentos não são vistos da mesma forma por todos. Cada um tem sua forma de compreender os eventos e organizá-los de acordo com suas experiências individuais.

Por mais que não haja uma relação entre as propriedades observadas pelo conhecimento científico acadêmico e as qualidades sensíveis, há pelo menos um fato em comum em meio a tantos eventos, e a extrapolação dessa relação pode fazer sentido por muito tempo, devido ao exercício do pensar que a embasou (LÉVI-STRAUSS, 1989, p.31). Nas palavras do autor:

Nem todos os sucos tóxicos são ardentes ou amargos, e a recíproca não é mais verdadeira; entretanto, a natureza é feita de maneira a ser mais vantajoso para a ação e o pensamento agir como se uma equivalência que satisfaz o sentimento estético correspondesse também a uma realidade objetiva. Sem que nos caiba aqui pesquisar por que, é provável que espécies dotadas de alguma característica digna de nota, como forma, cor ou cheiro, dêem ao observador o que se poderia chamar de "direito de seguir", ou seja, o de postular que essas características visíveis sejam o índice de propriedades igualmente singulares, porém ocultas. (LÉVI-STRAUSS, 1989, p. 31).

4.3.1.2 Sistema de classificação *Quentes x Frias*

Assim como os *tipos de sangue*, os relatos sobre os usos das plantas e as observações feitas em campo tornaram possível identificar que os moradores do quilombo têm um sistema de classificação para as doenças, plantas e banhas de animais. Essa classificação distingue-se entre *Quente e Não Quentes* ou *Frias*.

Observou-se que as doenças *frias* são geralmente causadas por *tomar friagem*, o que se define por: sair de casa no sereno, tomar chuva ou bebidas geladas, expor-se ao ventilador e ao ar condicionado. Durante a explicação sobre doenças *frias*, umas das moradoras do Quilombo disse: “O reumatismo, por exemplo, é uma doença que não gosta de friagem, quanto mais friagem pegar mais ataca a dor.”

A mesma explicou que algumas doenças não gostam de *frio* nem de *quente*, já as doenças *frias*, como a gripe ou *constipação* (exacerbação da gripe), tem que ser tratadas com remédios *quentes*. Outro exemplo é a *maleita*, doença mais *fria* que a gripe, e que faz com que as pessoas tenham tremores por causa do frio. A exposição de uma *doença fria* à *friagem* pode implicar em uma piora do quadro. Um dos interlocutores disse que “a friagem pode fazer a caxumba descer”. Ao usar o termo “descer”, o interlocutor referiu-se a doença atingir os testículos, ou seja, o fato de tomar *friagem* faz com que a enfermidade evolua negativamente, piore.

Essas doenças devem ser tratadas por plantas *quentes*, pois elas esquentam o corpo do paciente e expulsam sintomas como catarro, tosse, dor no corpo e febre. Quando utilizadas para o tratamento, o paciente não pode tomar *friagem*, banho frio ou qualquer bebida gelada. O tempo em que essas atividades não podem ser realizadas depende do quão *quente* a planta é. Existe uma graduação da temperatura do preparo, e quanto mais quente, mais tempo sem tomar *friagem* e mais fácil de adquirir um efeito adverso caso tome *friagem*. Essa graduação também influencia o quanto de *friagem* não pode ser tomada. De acordo com uma das moradoras, “têm plantas quentes que só não pode tomar bebidas geladas depois, mas pode sair de casa”. Ainda, quanto mais *quente* a planta, mais o paciente suará, e mais sairá a doença. As doenças *frias* também devem ser tratadas com repouso e banho quente.

De acordo com os moradores, a planta mais *quente* que existe é a folha da laranja (*Citrus sinensis* (L.) Osbeck), indicada para *gripe* e *tosse*. O chá dessa planta deve ser administrado à noite, e as pessoas têm medo de tomar pelo fato de ser muito *quente* e de a restrição em relação à *friagem* ser mais severa. Alguns indicam que o chá seja tomado embaixo do cobertor, para esquentar ainda mais e proteger a pessoa do frio, e que a *friagem* seja evitada por oito dias. Segundo uma das interlocutoras: “Uma vez um homem fez isso, tomou friagem depois e morreu. Quando a pessoa sua sai todo o resfriado.”

Por meio das classificações e das indicações relacionadas às plantas *quentes* e *não quentes*, percebeu-se que as plantas *quentes* são utilizadas para “expulsar” a doença e seus sintomas do corpo, ou para curar doenças causadas por friagem, como é o caso da dor de cabeça, de acordo com as entrevistas. Os casos para os quais são indicadas incluem resfriado,

bronquite, furúnculo, tosse, gripe, dor de cabeça, dor no corpo e febre. Todas incluem a presença de algo exterior, que não deveria estar lá e que deve ser expulso, como as secreções das vias aéreas, nos casos de resfriado, bronquite, tosse e gripe; o pus, no caso do furúnculo; a temperatura alta, na febre e nas dores. Os moradores explicam que as plantas quentes devem ser usadas para esquentar o corpo, fazendo com que o paciente sue, tenha febre e, por meio desses eventos, elimine a doença de si. No passado, essas eram as técnicas usadas para curar as doenças *frias*: “quando as pessoas ficavam muito resfriadas a gente colocava um tacho de água fervendo com as plantas quentes embaixo da cama do doente até a pessoa suar muito e expulsar a doença. Não podia tomar friagem por 3 dias.” Da mesma forma que em *A Eficácia Simbólica* (LÉVI-STRAUSS, 1991, p.220), quando o sangramento representa a vitória sobre *Mu*, no Quilombo o suor representa a eliminação da doença. O calor faz com que haja a eficácia e as plantas tem o poder de gerar esse calor.

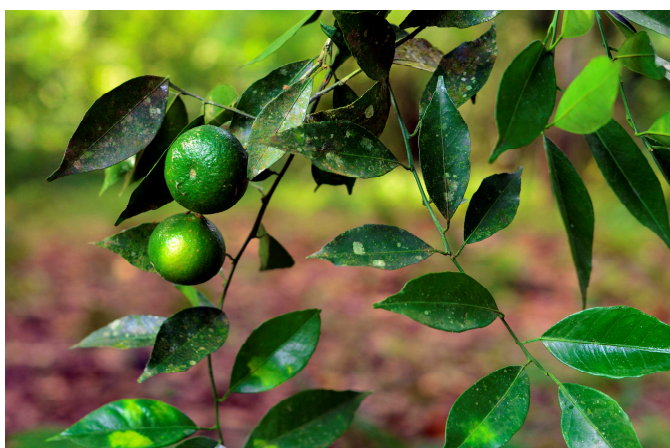
Uma das interlocutoras informou que, no passado, os *remédios quentes* eram usados de duas formas: com uma bacia de água fria nos pés para não esquentar demais ou embaixo do cobertor para suar mais e sair ainda mais a doença. De acordo com os moradores, se um remédio *quente* for tomado *frio* não fará o mesmo efeito, porém pode ser tomado para evitar que o paciente tenha que se prevenir da friagem. Se ingerido quente e a pessoa tomar água fria depois, ela fica rouca e pode ter um choque térmico. O fato é, como informado por L.V., que as plantas *quentes* administradas em uma temperatura alta causam “um efeito quente e por isso não pode tomar friagem depois”.

Quando o tempo em que não se pode tomar *friagem* não é respeitado ou quando ocorre um choque de temperaturas, o *derrame de ar* pode ser desencadeado. De acordo com J.V., o *derrame de ar* acontecia quando alguém tomava um remédio muito *quente* e pegava *friagem* depois; alguns exemplos dados pelo interlocutor são: “fazer o suador e depois tomar friagem” ou “torrar o café e depois lavar a mão com água fria”. Nesses casos, as pessoas podiam ficar tortas, “entorta a mão, a boca”. O tratamento era realizado por meio de uma única *defumação* com a casca do pau-d’alho (*Gallesia integrifolia* (Spreng.) Harms), que deveria ser realizada em uma sexta-feira. Outra opção era cozinhar a casca e colocar o rosto em cima do vapor para aquecer.

Alguns exemplos de plantas *quentes* são: caraguatá-de-gancho (*Bromelia antiacantha* Bertol.); erva-de-são-jão (*Ageratum conyzoides* L.); erva-lanceta (não coletada); erva-doce (*Foeniculum vulgare* Mill.); favação (*Ocimum gratissimum* L.); folha de ameixa (*Eriobotrya japonica* (Thunb.) Lindl.); folha de laranja (*Citrus sinensis* (L.) Osbeck – Fotografia 15); guaco (*Mikania laevigata* Sch.Bip. ex Baker); novalgina (*Pfaffia glomerata* (Spreng.)

Pedersen); e poejo (*Mentha pulegium* L.). As banhas de lagarto e de galinha, o mel e o açúcar também são considerados quentes. Além das substâncias *quentes*, a ação de esquentar uma substância *fria* torna-a *quente* ou menos *fria*. É o caso da água com sal, utilizada durante o *resguardo* para expulsar todas as impurezas deixadas durante a gravidez. Esse preparo deve ser usado para tomar banhos durante o *resguardo*, condição que deve ser tratada com plantas *quentes* e ausência de *friagens*. Outra situação consiste no uso do chá de poejo com banha de galinha (duas substâncias *quentes*), para expectorar a tosse. Como indicado, deve ser tomado frio, pois é uma substância *quente*, e se for administrada *quente*, a pessoa não pode pegar friagem, tomar coisas *frias*, etc. Se tomado *frio*, não há nenhuma precaução.

Fotografia 15 – Folhas da laranja (*Citrus sinensis* (L.) Osbeck). *Remédio mais quente de todos.*



Fotógrafa: Priscila Yazbek. Janeiro de 2017

O uso de outros elementos *quentes*, que representam o calor, também é empregado nessa lógica. O *cobrero* é uma doença *fria* em que “o corpo empipoca e espalha por tudo. Pega quando você deixa a roupa secando do varal e passa aranha, cobra, sapo, escorpião, por cima”. O interlocutor explicou que existem vários tipos de *cobrero*. “Cobrero de sapo, de cobra, de aranha, de lesma, só não tem de lagartixa”. Para se prevenirem dessa doença, as pessoas sempre passavam a roupa com ferro de passar visando a matar, por meio do calor, os microrganismos que ficavam nas vestimentas, impedindo assim que o *cobrero* se desenvolvesse. O uso das secadoras também evita que esses microrganismos se instalem nas roupas. Essa doença faz perder água, “os cobreros de sapo e aranha ficam mais úmidos, já o de cobra é mais seco”. Para tratar dessa enfermidade é indicado o *benzimento*. No caso do *cobrero* de aranha ou sapo, tipos em que há maior perda de água como relatado acima, pode-se usar uma chama acesa no momento do *benzimento*. Sendo assim, tanto a prevenção quanto

o tratamento dessa doença *fria* ocorrem por meio de elementos que representam o calor – ferro de passar, secadora de roupas e a chama do fogo – fazendo com que os microrganismos sejam expulsos.

Já as plantas *frias* foram indicadas para dores de barriga, diarreias, queimaduras, rim e feridas na perna. Contudo, de acordo com J.V., estão mais relacionadas às doenças de pele que, conforme o relato de alguns moradores, são adquiridas pelas *trocas de energia*. Tal informação remete ao fato de a pele ser o primeiro órgão de contato com o meio ambiente e a primeira barreira de proteção do corpo humano. Sendo assim, é a primeira parte do corpo que entra em contato com as variações de *energias*. No caso das queimaduras, a classificação como *quente* remete ao fato de ter sido propiciada pelo calor.

Controversamente, a cura das dores de barriga e diarreias também poderia estar ligada à expulsão das dores e das fezes, porém, na maioria dos casos, não se relacionou o tratamento dessas enfermidades à expulsão de algo ou algum “corpo estranho”, talvez devido ao fato de o aumento do número de evacuações também ser prejudicial para saúde e poder levar à desidratação e a outras consequências. Uma única exceção foi o uso da camomila (*Achillea millefolium* L.) para tratar a dor de barriga. Nesse caso, a dor de barriga esteve vinculada à presença de “bichos” que deveriam ser expulsos. Para isso, à decocção da planta acrescenta-se a *banha de galinha*, que é considerada *quente*. Ainda, diferente das dores de cabeça e no corpo, as dores de barriga e diarreias não foram relacionadas à exposição ao frio.

Esses preparos não podem ser usados *quente*. Podem ser feitos os chás, porém deve-se esperar que esfriem para tomar ou *fazer o banho*. Alguns exemplos de plantas *frias* são: araçá (*Psidium cattleianum* Sabine); camomila (*Achillea millefolium* L.); cedro-rosa (*Cedrela fissilis* Vell.); chapéu-de-couro (*Echinodorus grandiflorus* (Cham. & Schltdl.) Micheli); erva-fogo (*Polygonum* sp.); folha da goiaba (*Psidium guajava* L.); folha da pitanga (*Eugenia uniflora* L.); melissa (*Lippia alba* (Mill.) N.E.Br. ex P.Wilson); perta-ruão (*Piper mollicomum* Kunth); quebra-pedra branco (*Phyllanthus niruri* L.) e roxo (*Euphorbia thymifolia* L.); e urtigas (*Urtica baccifera* (L.) Gaudich. ex Wedd.; *Urtica caracasana* (Jacq.) Griseb. e *Boehmeria caudata* Sw.). De acordo com os alguns moradores, todos os preparos para dor de barriga e diarreia devem ser usados quando frios.

O sal também é considerado uma substância *fria*, e seu uso é incluído em alguns preparos para cortes, machucados e manchas no corpo, em acordo com o uso dos componentes *frios* para doenças de pele. No caso do banho de água e sal utilizado durante o *resguardo*, o preparo deve estar *quente*, pois a condição exige tratamentos com plantas *quentes*, como citado acima. Porém, o sal pode ser usado na forma *quente*, quando adicionado

ao chá da erva-de-são-jão (*Ageratum conyzoides* L.) para fazer a menstruação descer. Esse uso justifica-se pelo fato do atraso da menstruação poder ser causado pelo excesso de *friagem*, de modo que o uso de preparos *quentes* faz com que a menstruação desça.

De acordo com os moradores, a distinção entre *quentes* e *frias* foi adquirida por meio dos ensinamentos das gerações mais antigas. Todos os entrevistados afirmaram que aprenderam com seus pais e com os mais velhos quais são as plantas *quentes* e quais são as *frias*. Contudo, observou-se que componentes não utilizados antigamente e recém-incorporados ao Sistema Médico do Quilombo passaram a ser organizados dentro da lógica dos *quentes* e dos *frios*, devido às analogias com os produtos anteriormente empregados, como é o caso do óleo de cozinha, que passou a ser usado no lugar das banhas de galinha.

Assim sendo, esses conhecimentos estão em constante mutação, em função do acesso à cidade, ao conhecimento acadêmico, à incorporação de outros conhecimentos, às experiências individuais de cada pessoa, às percepções sensíveis, entre outros fatores. Talvez essas mudanças e experiências individuais sejam responsáveis por algumas classificações que não se encaixam na lógica apresentada acima ou pelas dúvidas sobre a classificação de algumas plantas, como é o caso do sabugueiro (*Sambucus* cf. *canadensis* – Fotografia 16) e da noz-moscada, que foram categorizados como *quentes* por alguns e *frios* por outros, mas, de qualquer forma, continuam mantendo a lógica do *quente* e do *frio*. Contudo, os dados informados pelos moradores salientam que o principal é a temperatura na qual será realizado o preparo. Como dito anteriormente, plantas *quentes* podem ser administradas *frias*, possibilitando que o paciente *tome friagem*, porém o efeito não será o mesmo. Outro exemplo é a sinusite que, de acordo com raciocínio seguido acima, deveria ser classificada como uma doença fria, mas que, de acordo O. O., “a sinusite não gosta de calor nem de frio.”

A classificação utilizada pelas comunidades tradicionais é um modo de organizar o mundo, a partir de seus fatores bióticos e abióticos, e de seus comportamentos e percepções acerca desses elementos, ou seja, da forma como são vistos e identificados por essas pessoas. A compreensão de como são feitas essas classificações contribui para o entendimento da cosmovisão dessas comunidades, impactando na forma como são criadas as relações entre pessoas, plantas e animais. Tais entendimentos são de fundamental importância, pois contribuem para entender o motivo de determinadas plantas e animais, por exemplo, serem usadas para condições específicas, ou seja, é uma maneira de compreender a seleção das plantas para uma determinada finalidade (REYES-GARCÍA, 2010). Sendo assim, de acordo com Reyes-García (2010), o entendimento dessas relações e das classificações abordadas por essas pessoas amplia questões da etnofarmacologia, movendo o foco dos estudos de “quais

plantas são utilizadas pelas comunidades?” para “por que essas espécies são selecionadas e utilizadas?”.

Fotografia 16 – Sabugueiro (*Sambucus* cf. *canadenses*). Espécie reconhecida como *fria* por uns e como *quente* por outros.



Fotógrafa: Priscila Yazbek. Novembro de 2016.

Assim como no conhecimento científico acadêmico, a categorização não ocorre apenas para as espécies vegetais e animais, por meio de suas características físicas e metabólicas, mas também para as doenças e remédios utilizados para seus tratamentos. Tal classificação permite que a escolha do remédio correto não ocorra somente em função dos princípios ativos presentes naquela espécie, mas também da forma como essas espécies se encaixam aos sistemas classificatórios (REYES-GARCÍA, 2010).

Uma das formas de classificação observada em inúmeras culturas na América Latina (CASAGRANDE, 2002; BERLIN et al., 2002 apud CASAGRANDE, 2002; WELLER, 1983) e na China (ANDERSON, 1987) é o Sistema Médico Humoral, que admite que as doenças e a saúde dependem de um equilíbrio corpóreo entre características opostas – frio versus quente, seco versus molhado – presentes no corpo, nas comidas e nas plantas medicinais (FOSTER, 1994 apud CASAGRANDE, 2002). Dessa forma, o tratamento e/ou a prevenção das enfermidades inclui o uso de substâncias que tenham a característica oposta (ANDERSON, 1987; WELLER, 1983), assim como ocorre no Quilombo da Fazenda. Uma doença *fria* é causada pelo excesso de *friagem* e deve ser tratada ou prevenida com plantas e outras substâncias ditas *quentes*; já para as doenças *quentes*, usam-se as substâncias *frias*.

Um estudo realizado por Leonti, Sticher e Heinrich (2002) com índios da Papolouca, no México, buscou entender os critérios utilizados para caracterizar e selecionar plantas medicinais por meio das percepções de cheiro e gosto das plantas. Os autores observaram que as plantas utilizadas como medicinais geralmente eram reportadas como tendo odor e paladar determinados, além de serem classificadas como *quentes* ou *frias*. As plantas não medicinais usualmente não possuíam sabor e odor característicos e também não eram classificadas dentro do Sistema Humoral. Ainda, observaram que as características organolépticas e o sistema humoral estavam relacionados, já que as espécies consideradas *quentes*, geralmente amargas e vermelhas, são utilizadas para tratar doenças causadas por agentes *frios* e, conseqüentemente, *frias*, como dores de estômago, cólicas, problemas menstruais e dores no geral. Já as doenças *quentes*, como a febre, são tratadas por plantas *frias*, que geralmente são azedas e têm folhas grandes e verdes. Na comunidade estudada também foram encontradas as plantas não classificadas como *quentes* ou *frias*, que possuem sabor adstringente e estão relacionadas ao tratamento de diarreias, disenterias e feridas.

Tais constatações demonstram a complexidade das classificações êmicas e as inter-relações entre inúmeros fatores, como as características organolépticas; os sistemas humorais que se aplicam às doenças, plantas, comidas e animais; os sistemas simbólicos; e as formas de observar e organizar o mundo. Elementos que necessitam de profunda observação para que possam ser entendidos, relacionados, a fim de se compreender o uso das plantas, assim como sua eficácia dentro de um contexto que não considera apenas os princípios ativos ali presentes.

Outro tipo de classificação existente em muitas sociedades diz respeito aos modelos aditivos e subtrativos de doenças e tratamentos, que em alguns aspectos assemelham-se ao observado na comunidade quilombola estudada. O modelo aditivo acredita na presença de “algo estranho” que deve ser expulso, podendo ser um corpo estranho, uma *energia* que não deveria estar lá, algum tipo de dor, entre outros elementos. Para esse tipo de doenças, faz-se necessário um tratamento subtrativo, que busca expulsar esse algo que não deveria estar presente. Essa expulsão pode ser realizada por meio da flatulência, da eructação e do espirro, condutas utilizadas nas sociedades tradicionais da Europa; da lavagem, do purgativo e da sangria, métodos empregados na medicina até a metade do século XIX; e até mesmo a retirada de órgãos por métodos cirúrgicos nos dias de hoje (LAPLATINE, 1991).

Em oposição, está o modelo subtrativo das doenças caracterizadas pela falta de algo que deveria estar presente, mas que foi subtraído ou “escapou” do paciente, ou seja, o que está a menos deve ser restituído. Para isso empregam-se os modelos aditivos de tratamento, como

a prescrição de dietas ricas em calorias e vitaminas; as cirurgias de enxertos de órgãos, o uso de medicamentos alopáticos que impedem a saída de algo que não deveria estar sendo perdido no caso dos antidiarreicos, adstringentes e hemostáticos; entre outros (LAPLATINE, 1991).

Considerando os modelos subtrativos e aditivos de tratamentos, uma analogia poderia ser feita com os *remédios quentes* e *frios*, respectivamente, empregados nos tratamentos das doenças *frias* e *quentes* do Quilombo da Fazenda. Como explicado acima, os remédios *quentes* são geralmente utilizados para expulsar sintomas e sinais que não deveriam estar presentes, como o catarro – nos casos de bronquite e resfriado –, o pus dos furúnculos e as dores no corpo e a febre. Já as plantas *frias* são utilizadas para diarreias e queimaduras, por exemplo, eventos que se assemelham aos citados no parágrafo anterior, já que, no caso da diarreia, o alto número de evacuações poderia comprometer a hidratação corpórea que seria perdida e assim deveria ser restituída. Já as queimaduras caracterizam-se pela alta perda de calorias e, principalmente, pela perda da pele, primeiro órgão de proteção do corpo e de contato com o meio ambiente, de modo que também deveria ser recomposto por meio de uma terapia aditiva.

Ainda, tem-se em comum as relações dos opostos. Doenças *frias* sendo tratadas por *remédios quentes*, doenças *quentes* por *remédios frios*, modelos aditivos sendo compensados pelos subtrativos e vice-versa.

Encontramos aqui mais uma forma de ordenar os elementos do plano sensível pelos moradores do Quilombo, dessa vez por um critério de temperatura. Vemos que a base dos conhecimentos tradicionais aqui descritos é constituída pela ordem, assim como é o conhecimento científico acadêmico (LÉVI-STRAUSS, 1989, p.25). Características em comum entre as plantas estabelecem um critério de classificação que é empregado no campo prático, definido pelo tratamento das enfermidades, devido às oposições *quente* e *frio*. Segundo Lévi-Strauss (1989, p.25), a percepção dessas características em comum nos leva a entender “formas de pensamento que nos parecem muito estranhas”.

4.3.1.3 O Resguardo

O *resguardo* foi uma condição citada muitas vezes durante as entrevistas e o trabalho de campo e, por esse motivo, escolhida para exemplificar os inúmeros fatores relacionados a sua compreensão, assim como os tratamentos envolvidos para seu desenlace.

Tal prática deve ser realizada pelas mães após o parto, durante 41 dias. Nesse tempo, ela não pode fazer muita força, carregar peso, *tomar friagem*³⁷ e comer comidas *remosas*,³⁸ como carne vermelha, carne de porco e *peixes brabos* (peixes com gosto muito forte e que soltam muito sangue, como peixe espada, cara-pau, carapeva e serrinha). A mãe e o pai do bebê não podem ter relações sexuais. Durante esse período é recomendado que a mulher que passou pelo trabalho de parto tome banhos com plantas *quentes*.

Os banhos recomendados envolvem: folhas de algodão (*Gossypium* sp.), que devem ser cozidas em aproximadamente dois litros de água, usados, ainda quente, para tomar banho, entre o 39º e o 41º dia do resguardo, ou em duas ocasiões, no 20º e no 41º dia; folhas do picão (*Bidens pilosa* L.), as quais devem ser usadas para fazer um chá com água suficiente para o banho, que pode ser conduzido quantas vezes quiser durante os 41 dias, com a água quente; ou o fruto da noz-moscada (*Cryptocarya mandioccana* Meisn. – Fotografia 17), com o qual se deve preparar e tomar um banho no 20º e no 41º dia. Adicionalmente aos banhos, a mulher deve queimar açúcar em uma panela “até virar um caramelo”, adicionar picumã, uma noz-moscada e pinga, e tomar, via oral, um copo, apenas uma vez, em algum dia entre o 15º e o 20º dia do *resguardo*. Alguns recomendam que, apenas no último dia de *resguardo*, a mãe tome, via oral, meio copo de chá, ainda quente, de quatro frutos de noz-moscada pulverizados, três colheres de açúcar queimado e picumã. Caso a mulher tome *friagem*, o que deve ser evitado durante esse período, deve-se fazer a decocção de 10 a 12 folhas da erva-de-são-jão (*Ageratum conyzoides* L.), para uma caneca d’água. Tomar quente, via oral, duas vezes ao dia (manhã e noite), principalmente à noite.

Fotografia 17 - Fruto da noz-moscada (*Cryptocarya mandioccana* Meisn).

³⁷ Termos utilizados pelos moradores da comunidade durante as entrevistas e conversas informais. Explicados na em *Sistema de classificação Quentes x Frias*.

³⁸ Comidas identificadas como *brabas*, de difícil digestão por serem gordurosas, como: carnes vermelhas e de porco.



Fotógrafa: Priscila Yazbek. Junho de 2017.

O uso desses preparos tem o intuito de “sair tudo, limpar tudo de dentro”, como dito por uma das interlocutoras. No mesmo dia, ela comentou que algumas pessoas recomendam o uso de água quente com sal para tomar banho e disse: “Uma vez uma mulher tomou com o preparo frio e ficou muito inchada.” Os moradores alertam que esses usos não podem ser feitos por mulheres grávidas, já que o efeito de “limpar tudo” é abortivo. O picumã, por exemplo, é considerado uma substância abortiva e não deve ser ingerido por mulheres grávidas. Já que o objetivo dos banhos e chás é fazer com que tudo que acabou sendo gerado dentro do corpo da mãe durante a gravidez saia, a recomendação de todos os banhos, incluindo as plantas, é a temperatura *quente*, com exceção do sal que é uma substância *fria*. De acordo com as moradoras da comunidade, o uso das plantas e preparos quentes ajuda a cicatrizar tudo por dentro e por fora.

A prática do *resguardo* não é mais realizada no Quilombo da Fazenda. Alguns banhos e o uso de algumas plantas medicinais ainda ocorrem, porém o ciclo dos 41 dias já não é seguido rigorosamente como no passado. As mulheres do Quilombo dizem que essa prática ocorria porque as mulheres tinham que se cuidar e “limpar tudo de dentro”. Quando não realizavam o conjunto de atividades recomendadas, a cura da mãe após o parto ocorria mais lentamente, e o corpo ficava debilitado. Muito envergonhada, uma das interlocutoras informou que a ingestão de *peixes brabos* durante o *resguardo* faz a mulher ter muita flatulência com odores fétidos.

A partir do momento em que as mães ganham seus bebês no hospital e fazem uso dos medicamentos lá disponibilizados, acreditam que o médico já tomou todos os cuidados essenciais, sendo desnecessária a prática. Uma das interlocutoras contou que hoje em dia ninguém respeita o tempo do *resguardo*, “a mulherada sai do hospital e já tá pulando no rio”.

A prática complexa do resguardo também foi identificada por Valentim e Trindade (2011), em um estudo realizado sobre as *Memórias Sociais da Gravidez e do Parto entre quilombolas do Sapê do Norte/ ES*. Assim como observado no Quilombo da Fazenda, o resguardo pelos quilombolas de Sapê do Norte envolve a prescrição de remédios e banhos, restrições alimentares e a limitação de certas atividades, como carregar peso. Os autores também identificaram que a quebra do resguardo se relaciona ao enfraquecimento da saúde das mulheres e ocorre com mais recorrência nos dias atuais, acarretando em “problemas de esquecimento, falta de juízo e outros problemas da cabeça” (VALENTIM; TRINDADE, 2011). As participantes do estudo comentaram que, assim como no Quilombo da Fazenda, as mães saem do hospital, depois de seis dias já realizam atividades que não deveriam e, antes do término do resguardo, já comem de tudo (VALENTIM; TRINDADE, 2011).

Assim como observado na comunidade estudada, a análise das mudanças e das práticas não mais realizadas com tanto afincio demonstram um papel menos relevante das terapias de dimensão cosmológica e coletivas, e das prescrições (VALENTIM; TRINDADE, 2011). Contudo, a presença de outras práticas, como os *benzimentos* e *defumações*, demonstram a resistência desses saberes e o potencial de ressignificação dos mesmos.

Como citado acima, o consumo de *comidas brabas* deve ser evitado durante o *resguardo*. A ingestão dessas comidas também não deve ocorrer quando a pessoa tem algum machucado ou entra algum espinho no corpo. Segundo os entrevistados, o consumo desses alimentos faz com que a inflamação aumente. No caso das carnes vermelhas e dos *peixes brabos*, caracterizados por terem cheiros fortes e soltarem muito sangue, a necessidade de cessar o consumo pode estar relacionada à analogia da ação que a ingestão desses alimentos provocará no sangue do paciente. Pela lógica explicada em *Tipos de sangue*, o consumo de substância vermelhas e roxas propicia o engrossamento do sangue. Nesse sentido, o *sangue grosso* pode entupir o coração, provocar derrame e causar varizes e machucados que não cicatrizam, pois o *sangue grosso* não circula direito. Dessa forma, o consumo desses animais durante o *resguardo* dificulta a cicatrização do corpo, buscada por meio da administração de componentes *quentes*.

A restrição de alimentos *remosos* em quadros de infecção e inflamação, e pós-operatórios também é comum em comunidades ribeirinhas da Amazônia (SILVA, 2007; MURIETTA et al. 2008 apud BRITO JÚNIOR; ESTÁCIO, 2013). O consumo desses alimentos poderia exacerbar os processos inflamatórios, aumentando os danos teciduais e gerando formação de pus. A fim de entender a restrição desses alimentos nos casos citados

acima, Brito Júnior e Estácio (2013) propuseram duas hipóteses teóricas baseadas nos fundamentos de imunologia.

A primeira diz que os alimentos ditos *remosos* poderiam ativar a resposta imune inata por meio do mecanismo de Padrões Moleculares Associados a Patógenos (PAMPs). Mesmo que cozidos, as estruturas moleculares (lipopolissacarídeos, resíduo de manose e ácidos teicoicos) presentes nas superfícies de micro-organismos não são destruídas e estão viáveis para ativar a resposta imune inata, exacerbando o processo inflamatório. A segunda hipótese diz respeito a uma possível reação de hipersensibilidade imediata, causada pela interação entre o alérgeno do alimento e a imunoglobulina E. As hipóteses não foram testadas, mas a segunda delas geraria urticária, devido à liberação de histamina e à síntese de derivados do ácido araquidônico, evento que não foi reportado pelos moradores do Quilombo.

De qualquer forma, tal exemplo demonstra como as ciências tradicionais, mesmo que não embasadas por conceitos, tem o potencial de antecipar achados da ciência acadêmica. Assim como questionado por Lévi-Strauss (1989, p. 26):

Não se podem, todavia, isolar esses resultados de tantas outras abordagens do mesmo tipo que a ciência considera ilusórias. Mas não seria o pensamento mágico, "essa gigantesca variação sobre o tema do princípio da causalidade", diziam Hubert e Mauss (1950,61), menos diferente da ciência por ignorância ou desprezo pelo determinismo do que por uma exigência de determinismo mais imperiosa e mais intransigente, e que a ciência pode, quando muito, julgar insensata e precipitada? (Lévi-Strauss, 1989, p. 26).

Por outra visão que não a da ciência biológica, a prática do *resguardo* demonstra como cada elemento das concepções dos moradores da comunidade envolve diversos fatores que contribuem para a estruturação do todo. Como pode ser visto com esse exemplo, as indicações medicinais, restrições, analogias e outras características do modo de organizar os signos e as ideias dos moradores – como os efeitos sobre o sangue e das plantas *quentes* e *frias* – não agem sozinhas nem de forma linear. Pelo contrário, um aspecto afeta o outro, e todos agem em conjunto, de forma integral, assim como no parto difícil dos índios Cuna, analisado por Lévi-Strauss (1991), no qual foi observado que, no plano espiritual, *niga* é responsável pelo organismo inteiro e forma-se a partir da união da alma de cada órgão, de todos os *purba* unidos. Quando um dos *purba* se desvia, o organismo inteiro se desequilibra (LÉVI-STRAUS, 1991).

A questão do *resguardo* poderia ser analisada de diversas formas separadas, poderíamos estabelecer isoladamente as relações com as plantas quentes e frias, ou com os efeitos das *comidas brabas* sobre o sangue, mas observamos que há múltiplas “realidades

performadas” (MOL, 2007). Como Mol (2007) argumenta, essas multiplicidades “podem colaborar e mesmo depender umas das outras”. Assim, essas diversas classificações não coexistem separadamente. Pelo contrário, fazem parte umas das outras, formando um sistema bem estruturado.

4.3.2 A relevância do quanto e como usar

Durante as conversas informais e entrevistas, foi possível observar que, embora as quantidades para o preparo e a posologia das plantas medicinais não tenham sido informadas com exatidão, sendo muitas vezes indicadas por expressões como “um pouco”, “algumas vezes ao dia”, “por quanto tempo quiser” e “até melhorar”, tem-se a ideia de que as doses devem ser diferentes para pessoas menores e crianças. Em muitas situações, os entrevistados reportaram: “quanto maior a pessoa, maior a colher” ou então “para crianças a dose é menor. Para todos os remédios é assim. A dose também é diferente para adultos e para mais velhos”. Ainda, ligada à ideia da segurança da posologia, insere-se a questão de observar os efeitos proporcionados pelo uso da planta medicinal e avaliar se a dose deve aumentar ou diminuir. Como informado por um dos entrevistados, “todos os remédios são por três dias. Espera o resultado e vê o que acontece. Pode não ter resultado nenhum. Quando é assim pode aumentar a dose e avaliar de novo”.

Assim como observado por Gakuubi e Wanzala (2012), em estudo conduzido no Kenya, os interlocutores informaram que, para chegar na correta dose dos remédios, muitas pessoas tiveram que testá-las por meio de tentativa e erro. No mesmo estudo, os autores identificaram que as posologias dependiam de algumas características, como idade, massa corpórea, condição de gravidez ou lactação, e gravidade da enfermidade. Da mesma forma, notou-se que os entrevistados do Quilombo da Fazenda se preocupam com a segurança das preparações ingeridas e com a individualização do tratamento, já que sabem que a posologia é diferente para pessoas menores ou maiores, e crianças ou adultos.

Embora a dosagem e a frequência de uso das plantas medicinais tenham sido indicadas aproximadamente em muitos casos, e tenha havido grande variação em relação à posologia apontada por um entrevistado e outro, assim como observado por Gakuubi e Wanzala (2012) e Coelho-Ferreira (2009), as indicações das plantas medicinais sempre estiveram acompanhadas de falas como: “não adianta saber qual é a planta se não souber o jeito e quantidade certa de usar”, “toda planta usada como remédio tem uma quantidade certa para ser usada”, “tem que saber a planta, usar do jeito certo e na quantidade certa”.

No caso da erva-baleeira (*Varronia curassavica* Jacq.), uma das entrevistadas comentou que “é um antibiótico então não pode tomar muito. Tem que tomar por até três dias e ver se melhora”; o mesmo foi dito por outra entrevistada em relação ao saião (*Kalanchoe pinnata* (Lam.) Pers.). Já o uso da carobinha (*Jacaranda puberula* Cham. – Fotografia 18) para *coceira*, *ferida*, e da urtiga-roxa (*Urera baccifera* (L.) Gaudich. ex Wedd.) para *reumatismo*, por exemplo, é indicado por três dias, e deve-se analisar o efeito depois desse tempo. A observação dos resultados/efeitos obtidos remete à autoanálise exigida para que os efeitos sejam mensurados. Sendo assim, tal recomendação requer uma percepção apurada das consequências positivas e negativas do uso do remédio, demonstrando que, por terem “escolhido” as plantas medicinais e outros compostos bioativos ao longo dos anos, houve a necessidade de se atentarem com maior cautela aos possíveis efeitos negativos e à eficácia das plantas consumidas, para que o uso não fosse repetido ou voltasse a ser administrado, respectivamente.

Fotografia 18 - Carobinha (*Jacaranda puberula* Cham.).



Fotógrafa: Priscila Yazbek. Novembro de 2016

Alguns desses efeitos já foram constatados, e cuidados especiais são tomados quanto à administração de certas espécies. A erva-de-são-joão (*Ageratum conyzoides* L.), por exemplo, é conhecida por seu efeito abortivo, o que se relaciona ao seu uso *para fazer a menstruação descer*. Já o chá da carqueja (*Baccharis* L. Sect. Caulopterae DC.) não pode ser tomado em grande quantidade, pois “afeta o fígado”.

De acordo com Ferrari (1974), o conhecimento popular não pode ser reduzido a uma formulação geral, porém organiza-se a partir das experiências do sujeito cognocente e de seus

valores. Manuela Carneiro da Cunha (2007) diz: “[...] ambos (conhecimentos científicos acadêmicos e tradicionais) são formas de procurar entender e agir sobre o mundo. E ambas são também obras abertas, inacabadas, sempre se fazendo.” O que pôde ser percebido no contato com os moradores do Quilombo da Fazenda é que eles têm uma ligação profunda com os seus próprios corpos, permitindo-os observar e constatar as mudanças que ocorrem fisiologicamente a partir da ingestão dos preparos medicinais. Tais observações levam então à adequação das formas de uso, mostrando que as posologias também não são estáticas, definidas, adaptando-se de acordo com as observações.

Em uma das conversas com um dos colaboradores locais, a seguinte frase foi pronunciada:

Antigamente as pessoas caçavam por necessidade. Hoje em dia não há mais necessidade. Se as pessoas pudessem caçar, a caça seria predatória e as pessoas as venderiam, pois necessitam de dinheiro. Assim como a caça era uma necessidade, o uso das plantas como remédios também era. As pessoas não tinham outra alternativa e testavam quais plantas podiam ser usadas. Se alguém morresse, já sabiam que aquela planta não podia ser usada. Infelizmente grande parte desse conhecimento foi perdido. Se eles comessem a testar as plantas muita gente morreria.³⁹

A questão da observação dos efeitos proporcionados pelos remédios e os “testes” conduzidos para avaliarem os benefícios e malefícios do uso das plantas medicinais sempre estiveram presentes, com o grande papel de avaliação da eficácia e da segurança do uso das plantas. Entretanto, assim como reportado por Ferrari (1974), o intuito não era criar uma hipótese sobre as plantas que podiam ser usadas ou não. Assim, por mais que esses testes não tenham sido estabelecidos com o objetivo de gerar uma hipótese, as espécies vegetais medicinais, os detalhes envolvidos em seus usos e as características observadas dos efeitos proporcionados demonstram o cuidado e o empenho quanto às observações que estabeleceram esses usos. Conforme observado por Lévi-Strauss (1989, p.23) sobre o uso dos produtos naturais pelos povos siberianos: “[...] o cuidado, a engenhosidade, a atenção ao detalhe e a preocupação com as diferenças que devem ter empregado os observadores e teóricos nesse tipo de sociedade [...]” Dessa forma, o autor observa que a utilidade dessas espécies vegetais e animais ocorre porque são, antes de tudo, conhecidas (LÉVI-STRAUSS, 1989, p.24).

Como pôde ser evidenciado pelo depoimento acima, nos dias de hoje os moradores têm receio de preparar certos remédios, pois já não sabem com tanta segurança como prepará-los e administrá-los. Sendo assim, acreditam que podem fazê-lo incorretamente e as pessoas podem passar mal e até morrer. Tal questão também pôde ser observada, ao analisar-se que a

³⁹ Depoimento do colaborador local para a gravação do documentário em 3 de fevereiro de 2017.

maioria das plantas utilizadas como alimento e como medicinais são cultivadas nas roças e nas áreas ao redor das casas. Embora a comunidade esteja localizada em uma região de imensa biodiversidade, poucas são as plantas retiradas da floresta, não abrangendo tanto essa variedade. De acordo com os moradores, as espécies da floresta não são mais usadas, pois eles não sabem mais quais são seguras e, como dito acima, têm medo de que o uso dessas espécies que passaram a ser menos conhecidas por eles acarrete em algum mal para saúde. Somada à essa ideia, insere-se a questão de que as espécies cultivadas, que cresceram sob o olhar de seus cuidadores, os quais acompanharam todas as suas etapas de desenvolvimento, são mais seguras de serem administradas quando comparadas às que cresceram sozinhas, na mata, desprovidas de um acompanhamento, mais distantes, por não terem sido observadas durante o período de crescimento. Tais exemplos demonstram que a utilidade procede do conhecimento.

De acordo com um dos interlocutores, os moradores sempre usaram mais as plantas que crescem na roça, enquanto a floresta sempre foi mais fonte de lenha e madeira. Outro interlocutor informou que eles sempre usaram mais as plantas cultivadas, pois não sabem “procurar no mato o que é bom para que”. Também informaram que foi o que aprenderam, por isso assim o fazem. Uma das interlocutoras disse: “quando eles não tinham alguma planta na roça, procuravam no mato. O cará tinha muito na mata. As plantas medicinais tinham mais nas roças porque eles plantavam”.

O uso das plantas medicinais cultivadas, em relação às que crescem espontaneamente, também foi maior na comunidade rural da Chapada do Araripe, Ceará (ZANK; HANAZAKI, 2017), na comunidade Q’eqchi Maya de Livingston, Izabal (MICHEL et al., 2011) e em comunidades rurais da Mata Atlântica em Santa Catarina (TRIBESS et al., 2015). Zank e Hanazaki (2017) relacionam o maior uso das plantas medicinais cultivadas às condições ambientais e à história de cada região. Contudo, a relação entre cuidar das plantas e usá-las como remédios não foi endereçada nos estudos acima e poderia ser mais profundamente analisada em futuros estudos a serem realizados no Quilombo da Fazenda.

Sabe-se que preferem cultivar as plantas mais utilizadas como medicinais, para não terem que buscar no meio da floresta em caso de emergência, porém, muitas pessoas deixaram de cultivar as espécies vegetais pela possibilidade de comprar os fitoterápicos e as plantas secas nas farmácias. Segundo uma das moradoras da comunidade, “antigamente todo mundo tinha camomila e hoje em dia ninguém mais tem. Todos compram na farmácia”.

O fato de deixar de cultivar as plantas conhecidas ao longo do tempo pode ter culminado no abandono de tal prática e, conseqüentemente, no esquecimento de quais plantas

eram utilizadas para determinadas enfermidades. Sendo assim, como comentado acima, o “medo” de testar novas plantas pode ter resultado na restrição do número de espécies na farmacopeia local. No entanto, essa questão não pode ser tratada somente por uma visão instrumental. Tais hipóteses são apenas algumas das que poderiam explicar os fatos observados, contribuindo para o entendimento dessa questão multifatorial.

Por último, a eficácia do uso das plantas medicinais também se relaciona à forma correta de administração. Alguns preparos utilizados topicamente devem ser complementados por sua administração por via oral. De acordo com os entrevistados, a erva-baleeira (*Varronia curassavica* Jacq.) e o cipó-chumbo (*Cuscuta obtusiflora* Kunth), para *machucados* e *sarna*, respectivamente, devem seguir essa lógica. Uma das entrevistas disse a seguinte frase: “Tudo que usa do lado de fora tem que tomar um pouquinho para curar por dentro e pra doença não virar interna. A cura é de dentro pra fora.” A ação de administrar o remédio também por via oral não se relaciona apenas à cura interna e a uma dose mais alta do possível princípio ativo, mas também à prevenção da expansão da doença.

Dessa forma, a posologia administrada e a forma de administração são essenciais para o sucesso do tratamento. Como dito por J.V.: “Tem que saber a planta, usar do jeito certo e na quantidade certa. Conhecimento é saber com responsabilidade.”

4.3.3 Melhor prevenir do que precisar tratar

O uso das plantas medicinais, na maioria das vezes, está mais relacionado à prevenção do que ao tratamento. Pôde-se notar que muitas das plantas indicadas como medicinais são citadas como *boas* para algo ou para alguma parte do corpo, sem que seu uso esteja vinculado a um processo patológico. Essa forma de expressão não ocorre ao acaso, o uso dessas plantas na forma de chá é feito muitas vezes buscando o fortalecimento do sistema imunológico e não apenas o tratamento após a doença ter sido adquirida. Um dos moradores, por exemplo, informou que faz uso dos chás todas as semanas, em dias aleatórios, mas frequentemente. Ele alerta que tomar os chás o deixa mais forte, impedindo-o de ficar doente. A ingestão dos alimentos cheios de *vitaminas* também faz parte dessa prevenção e, de acordo com os moradores, prepara o organismo para o combate às doenças. Dessa forma, tem-se claro entre os moradores do quilombo que a boa alimentação é uma forma de ter forças para trabalhar, realizar as atividades diárias e combater as possíveis doenças.

O uso preventivo das plantas medicinais é constantemente citado nos estudos etnofarmacológicos. Um estudo realizado na Guiana Francesa buscou listar os tratamentos

com plantas medicinais utilizadas para malária e identificou o uso preventivo de 20 espécies vegetais, por meio de 38 formas diferentes de preparo e administração (VIGNERON et al., 2005).

Ferreira Júnior et al. (2015) levantam a ideia de que o consumo de recursos nutritivos que auxiliam no tratamento e na prevenção de doenças pode ter contribuído para a evolução humana. Populações consideradas as mais bem nutridas da história, como populações de caçadores-coletores, possuíam como alimento uma grande variedade de espécies, com diversas substâncias que não só saciavam a fome, mas também tratavam e/ou preveniam doenças (ETKIN, 2006).

Além da possível representação da profilaxia para o desenvolvimento do ser humano, o uso preventivo de espécies vegetais pode ter contribuído para a seleção de espécies terapêuticas ao longo dos anos, já que as pessoas podem ter associado o uso de determinadas espécies à prevenção de alguma doença ou dor específica (HART, 2005). Sendo assim, se certa planta fosse usada como alimento, seguido da atenuação de incômodos ou dores, a pessoa voltaria a utilizar a mesma planta se o mesmo desconforto fosse sentido (HART, 2005).

No entanto, o processo contrário também pode acontecer. Em conversa com uma das moradoras do Quilombo, comentou-se que no passado algumas plantas eram usadas só como medicinais e não como tempero. É o caso da hortelã-de-bicha (*Mentha* sp. – Fotografia 19), usado para *gripe* e *para tirar o verme das crianças*. De acordo com a interlocutora, essa planta era utilizada apenas como remédio, mas depois viram que ela fazia bem para a saúde, além de dar um ótimo sabor para comida, e passaram a usá-la como tempero. A moradora ainda comentou que o mesmo processo aconteceu com várias espécies, porém não deu mais exemplos. Ainda falando da hortelã, outra moradora enfatizou, em uma das entrevistas, que o uso dessa espécie pode ser preventivo e terapêutico, ou seja, uma mesma planta pode ter diversos usos.

Fotografia 19 – hortelã-de-bicha (*Mentha* sp.) indicada como *remédio* e comida.



Fotógrafa: Priscila Yazbek. Janeiro de 2017.

Etkin e Elisabetsky (2005) alertam para a necessidade de se estudar mais detalhadamente a relação da ingestão de fitoquímicos na forma de alimentos com a prevenção das enfermidades e melhorias das funções corporais. Tais análises podem levar a constatações que embasam o consumo de determinados alimentos dietéticos pelos sistemas médicos indígenas (ETKIN; ELISABETSKY, 2005). Ainda, as autoras refletem que a rápida aceitação e o aumento da comercialização de nutracêuticos representam, “um retorno aos paradigmas de saúde anteriores, em que se fazia pequena distinção entre alimentos e remédios”. Contudo, de acordo com o que já foi discutido anteriormente, essas constatações são necessárias? Poderiam sim ilustrar que os conhecimentos tradicionais muitas vezes adiantam as descobertas biomédicas, porém, mesmo sem essa comprovação, os sistemas médicos tradicionais já demonstram suas riquezas pelas formas e cuidados com que empregam o observado, o sentido.

Algumas espécies foram indicadas como alimento pelos quilombolas, porém vinculadas a um possível benefício para saúde. Nesses casos, os entrevistados ficaram em dúvida se essas plantas deveriam ser consideradas remédios ou alimentos, pois seu consumo na forma de alimento também acarreta um bem para a saúde, além dos benefícios em resposta à ingestão de polissacarídeos, proteínas e lipídios.

O uso dessas espécies como alimento está associado ao tratamento de alguma enfermidade e à prevenção de algum distúrbio, como a ingestão da salada de serralha (*Emilia sonchifolia* (L.) DC.), indicada para *estômago*, *gastrites*; das folhas do gondó (*Erechtites valerianifolius* (Wolf) DC.), para *inímia*, *desnutrição* e *bom pro sangue*; e do agrião-d’água (não coletado), para *depuração do sangue*, *inímia*. Essa análise sugere uma relação entre os usos medicinal e alimentar das plantas. Como investigado por Johns (1999), tal relação pode

sugerir que o uso das plantas como alimentos desencadeou o uso medicinal, pois, a partir da alimentação, foi possível perceber os benefícios das *vitaminas* e nutrientes no alívio de sintomas e doenças.

Contudo, Moerman (1996) defende que o uso das espécies medicinais e alimentares evoluiu independentemente uma da outra, já que, durante o estudo do uso de 3895 espécies de plantas, por 291 comunidade norte americanas, foi observado que apenas 29% das espécies eram usadas como comida e remédio. Tal resultado levou-o a crer que o uso medicinal não foi originado a partir da alimentação, já que um número maior de espécies usadas para ambas as finalidades era esperado e, além disso, muitas vezes as partes usadas como remédio eram diferentes das usadas na alimentação.

No entanto, há evidências de que muitos alimentos possuem constituintes químicos com importante atividade farmacológica, e o consumo dos mesmos pode ter um papel importante na manutenção da saúde de quem os consome (JOHNS, 1999; FERREIRA JÚNIOR et al., 2015, p.176). Sendo assim, o uso de certas espécies na alimentação foi importante para as pessoas perceberem seus potenciais usos medicinais, influenciando na evolução dos sistemas medicinais (FERREIRA JÚNIOR et al., 2015, p.178).

Contudo, de acordo com o observado no quilombo, e segundo as falas dos interlocutores, o oposto foi notado. O uso de algumas espécies como alimento foi posterior ao uso como medicinal, como é o caso da hortelã-de-bicha (*Mentha* sp.), que passou a ser usada como tempero devido aos bons resultados como medicinal. Anterior ou posterior, não é possível estabelecer uma ordem cronológica com os fatos aqui observados. Provavelmente alguns usos medicinais foram desencadeados pela alimentação; em outros casos, possivelmente o uso alimentar estabeleceu-se antes. De qualquer forma, o que não há como negar é que diversas finalidades podem ser designadas às espécies conhecidas, assim como o *bricoleur* que gera diversos produtos a partir das mesmas matérias-primas (LÉVI-STRAUSS, 1989, p.35).

4.3.4 A influência do sol, da lua e do sereno

No Quilombo da Fazenda, os moradores dizem que para os usos das plantas medicinais fazerem efeito é necessário saber como usá-las e usá-las com sabedoria. Afirmam que “a fé conta muito, que sem fé o remédio não faz efeito”. Além de acreditar no poder curativo das plantas, deve-se ter *fé* na atuação de outros fatores – como o sol, as fases da lua e o sereno – sobre os efeitos gerados.

De acordo com Fabrega (1974; 1975 apud REYES-GARCÍA, 2010), os sistemas médicos tradicionais têm uma natureza holística e normalmente contemplam as inter-relações entre a natureza, a sociedade, os espíritos e o individual, para o estabelecimento das doenças, das curas e da fisiologia humana. A autora argumenta que as medicinas tradicionais não são formadas de peças isoladas de informação, e sim construídas por um complexo conjunto de conhecimentos que só faz sentido quando olhado de forma geral, em sua completude (REYES-GARCÍA, 2010).

Sendo assim, é provável que um possível composto bioativo não faça o efeito esperado, se utilizado fora do contexto local, que abarca os valores e práticas locais para dar “significado” à espécie (MOERMAN, 2007). Nesse sentido, torna-se difícil testar a eficácia das espécies quando excluídas desses contextos de cura, pois podem não agir separadamente de seus significados culturais. Por muitas vezes serem testados separadamente desses contextos, os resultados podem ser erroneamente interpretados como falta de eficácia, não considerando que as metodologias propostas não incluíram as práticas e as concepções presentes nos sistemas de conhecimentos tradicionais. (REYES-GARCÍA, 2010).

Da mesma forma que espécies vegetais podem não ter compostos ativos e mesmo assim apresentar efeitos de cura quando empregadas em seus contextos simbólicos, observa-se o efeito placebo nas culturas ocidentais, onde medicamentos sem compostos ativos demonstram efeitos curativos devido ao seu “significado” cultural (MOERMAN, 2002; 2007; MOERMAN; JONAS, 2002). Moerman (2007) expressa a ideia da seguinte forma:

[...] a eficácia destas plantas como medicamentos não é simplesmente uma consequência da sua farmacologia; não são pastilhas disfarçadas de ervas. A eficácia medicinal botânica é inevitavelmente uma combinação variável de farmacologia e significado. Desconsiderar qualquer aspecto dessa eficácia é fornecer apenas uma visão parcial e, portanto, errônea do assunto (MOERMAN, 2007, tradução da autora).

Um exemplo da influência dos fatores abióticos foi expresso por meio da indicação do ipê-roxo (*Handroanthus impetiginosus* (Mart. ex DC.) Mattos) para *depuração do sangue, dor de cabeça e virose*. De acordo com o entrevistado, a casca a ser usada no preparo do chá deve ser retirada da árvore do lado que o sol nasce. Quando perguntado o porquê, a seguinte frase foi obtida como resposta: “O lado que o sol nasce tem uma visão, o outro tem um lado sombrio.” O entrevistado também explicou que a retirada do lado que o sol nasce tem a intenção de proteger a árvore, pois a recomposição da casca retirada é mais rápida no lado referente ao do sol. De acordo com o morador, as árvores estão quase acabando porque as

peessoas tiram a casca da forma errada. O uso da casca do lado que o sol nasce só foi indicado para o ipê-roxo, porém durante as caminhadas foi constatado que muitas cascas retiradas foram extraídas do lado que o sol nasce. Também foi possível notar que algumas árvores, como o jatobá que é um ponto de referência para os moradores, está seriamente machucado, pois a casca foi incorretamente retirada. Sendo assim, de acordo com o que pôde ser observado, um dos elementos que está relacionado à retirada da casca do lado que o sol nasce é a conservação da espécie.

No entanto, de acordo com a indicação do ipê-roxo para *dor de cabeça* – doença considerada *fria* –, pode-se traçar uma possível relação entre o uso da casca do lado que o sol nasce, o calor gerado pelo sol e o tratamento de uma doença fria. Porém, em nenhum momento foi relatado que o ipê-roxo é uma planta quente. Contudo, como explicado no item *Sistema de classificação Quentes x Frias*, a ação de esquentar uma substância confere a ela um caráter *quente*. Dessa forma, além da relação com a conservação da espécie, explicitada por um dos moradores da comunidade, estabelece-se aqui um elo com a ação quente do sol para o tratamento de uma doença *fria*.

O uso da casca da árvore do lado que o sol nasce também foi observado por Turner e Hebda (1990), em estudo conduzido com anciãos Salishan, da ilha sudeste de Vancouver, no Canadá. As pessoas indicaram esse lado específico pois a cura é mais rápida, tanto da árvore quando da enfermidade do paciente. A autora acredita que o uso terapêutico da casca desse lado ocorre em função das pessoas da comunidade terem observado que a casca do lado que o sol nasce se recompõe mais rapidamente, sendo assim, a doença também será curada mais prontamente ao se administrar o preparo feito com a casca que tenha essa condição específica (SHELDON; BALICK; LAIRD, 2007, p.26). Ainda, de acordo com Ed. Smith (apud SHELDON; BALICK; LAIRD, 2007, p.27), é amplamente aceito que a casca das árvores das espécies do gênero *Prunus*, do lado que o sol nasce, produzem um efeito mais significativo quando utilizadas como tratamento para tosse.

Em outros casos, desta vez durante o preparo do chá, a decocção da caninha-do-brejo (*Costus arabicus* L.), indicada para *pedra no rim*, e do saião (*Kalanchoe pinnata* (Lam.) Pers.), para *ulça*, deve ser feita durante a noite e deve passar a madrugada no sereno, para absorver a *energia da noite*. O entrevistado complementou que deixar o preparo do lado de fora, no sereno, faz mais efeito do que deixar no quente, dentro de casa. Sendo assim, o *frio* representado pelo sereno é responsável pela maior eficácia dessa planta medicinal. Tal fato é corroborado pelo fato de essas plantas serem classificadas pelos moradores como *não quentes*.

ou *frias*. Dessa forma, a ação de serem ainda mais “resfriadas” pela *energia* da noite atua na potencialidade do efeito do preparado.

Ainda, a fase da lua foi indicada como uma condição para a retirada do exsudato no caso do jatobá (*Hymenaea altissima* Ducke – Fotografia 20). O *vinho* utilizado como vitamina e “bom pra tudo”, como informado pelos entrevistados, deve ser retirado da árvore na primeira lua cheia de janeiro. Tal fato remete a duas possibilidades, que se basearam nas experiências de campo. Primeira, o exsudado tem mais efeito terapêutico quando extraído na primeira lua cheia do ano. Segunda, o fato de poder ser retirado apenas em uma fase da lua do ano é uma forma de conservar a espécie vegetal, pois permite que em um ano a árvore se recupere da “lesão” sofrida. Entretanto, uma das interlocutoras disse: “[...] diziam que em outras épocas do ano a árvore não tinha vinho.” Dessa forma, a retirada da substância nessa época específica está atrelada aos conhecimentos consolidados a partir da observação da espécie, já estabelecido pelos antepassados, e ainda podem remeter às causas naturais relacionadas às épocas de maior produção do exsudato, ou, como observado por Coelho-Ferreira (2009), maior volume do exsudado, devido à maior diluição em função da época de chuva.

De acordo com Descola (1996, tradução da autora), não há como determinar uma fronteira entre “o que diz respeito à natureza e o que diz respeito à cultura”. A determinação de uma função biológica ou de uma causa natural leva a uma “perda de complexidade”, uma vez que “não permite de maneira alguma explicar a diversidade das formas instituídas” (DESCOLA, 1996, tradução da autora). Para o autor, a distinção entre “interioridade” – representada pelos atributos subjetivos associados ao espírito, à alma e à intencionalidade – e “materialidade” – constituída pela forma, pelos processos motores, sensoriais, fisiológicos e perceptivos – foi concebida por uma visão etnocêntrica própria do Ocidente, na qual alma e corpo não interagem e não se conectam (DESCOLA, 1996). Essa visão é diferente do que foi observado em campo, onde não há discriminação entre alma e corpo, interioridade e materialidade. Todos agem juntos e dependem uns dos outros, assim como já discutido em *O Resguardo*.

Fotografia 20 – Jatobá (*Hymenaea altissima* Ducke) indicado “pra tudo”.



Fotógrafa: Priscila Yazbek. Novembro de 2016.

Também sob a influência da lua agem algumas espécies parasitárias como a lombriga. De acordo com uma das interlocutoras, sua sobrinha de 2 anos faleceu *por causa de vermes, durante a lua cheia*. A mesma explicou que a *energia* da lua cheia faz os vermes subirem para cabeça, principalmente a lombriga. “Quando as crianças tomam o chá de camomila e a lua cheia passa elas estão curadas dos vermes.” Assim, a fase da lua também pode incitar se o chá de camomila (*Achillea millefolium* L.) fez efeito contra os vermes, já que se a próxima fase da lua chegar e a criança estiver bem, subentende-se que o remédio fez efeito e a criança está curada.

Um estudo realizado por Marques (2007) analisou a influência da lua nas práticas agrícolas da Aldeia Indígena Tupinambá de Serra do Padeiro, Buerarema, na Bahia, e notou que, de acordo com os índios, o uso de remédios para vermes é recomendado durante a lua nova, mesma época em que não se recomenda cortar madeira no povoado, bem como não se recomenda o plantio de nenhuma espécie vegetal no Quilombo da Fazenda. De acordo com os moradores, quando se planta algo na lua nova dá muito *bicho*. Segundo Rodrigues (1998), o transporte de seiva é influenciado pelas fases da lua. Em pesquisa realizada pela autora, percebeu-se que, durante a lua nova, a seiva concentra-se mais no caule, em direção aos ramos, favorecendo o crescimento das plantas, principalmente das folhas.

Já em 1926 se realizavam estudos para avaliar a influência da luz da lua sobre o crescimento das espécies vegetais, por meio da medida do alongamento das raízes, a cada 24 horas. Macht (1926) analisou o crescimento de semente de *Lupinus albus* na presença da luz polarizada durante a noite, mimetizando a luz da lua, e observou que as sementes expostas à luz polarizada cresceram mais do que as não expostas. Contudo, Wright (1927) contestou que a luz da lua não é polarizada.

De qualquer forma, estudos já observaram a influência dos ciclos circadianos sobre o metabolismo secundário das espécies vegetais (GOBBO-NETO; LOPES, 2007; RUEDA et al., 2007). Rueda et al. (2007) quantificaram os metabólitos secundários de *Lippia alba* coletada em diferentes horas do dia e concluíram que as concentrações variam dependendo da hora de coleta do material vegetal. A carvona, por exemplo, foi observada em maiores concentrações quando coletada à noite. Já as concentrações de cardenolídeos nas folhas de *Digitalis obscura* foram menores na primavera, com um rápido acúmulo no verão, seguido de um decréscimo no outono (ROCA-PÉREZ et al., 2004).

Sendo assim, os ciclos circadianos, a hora de coleta e outros fatores, como temperatura, altitude e sazonalidade, podem influenciar nas concentrações finais dos metabólitos secundários nas plantas medicinais, devendo ser levados em consideração para a realização de estudos farmacológicos e fitoquímicos, e para o consequente valor terapêutico na produção de fitoterápicos (GOBBO-NETO; LOPES, 2007).

Observa-se aqui a postura científica dos moradores do quilombo frente à árdua observação do “inventário sistemático”, das relações estabelecidas e dos resultados alcançados, como é o caso dos índios *blackfoot*, que observavam os fetos de bisão e, dependendo de seu grau de desenvolvimento, sabiam quando chegaria a primavera (LÉVI-STRAUSS, 1989, p. 26).

Essa postura é particularmente importante: não se trata aqui, como muitos cientistas condescendentemente pensam, de simples validação de resultados tradicionais pela ciência contemporânea, mas do reconhecimento de que os paradigmas e práticas de ciências tradicionais são fontes potenciais de inovação da nossa ciência (CARNEIRO DA CUNHA, 2007).

O intuito aqui não é validar os conhecimentos tradicionais, mas sim mostrar que os sistemas simbólicos, as práticas e os saberes envolvidos nos tratamentos e nas curas podem agir como indicativos de eficácia, e devem ser levados em consideração quando se tem o intuito de estudar farmacologicamente o uso das plantas com potenciais bioativos. A visão em

relação à natureza-cultura enquanto um conjunto, e não como esferas distintas, enriquece ainda mais o olhar do cientista que busca inovações.

5. Conclusão

As entrevistas geraram 279 indicações de 112 plantas com possíveis compostos bioativos. Essas indicações foram agrupadas em 14 categorias éticas de uso, permitindo o aprofundamento dos temas, de acordo com as categorias mais indicadas, as partes de uso, as formas de preparo, a administração e o uso das espécies com outros componentes. As identificações botânicas propiciaram a análise das espécies e famílias mais presentes nos tratamentos do quilombo e a distribuição das espécies.

A participação dos moradores na realização do estudo possibilitou diversas discussões sobre as trocas de experiência entre os conhecimentos científicos acadêmicos e tradicionais, as limitações do estudo participativo, as formas de transmissão de conhecimento e as relações entre as vontades dos moradores e as questões político-sociais, além de propiciar a elaboração de um livro contendo os usos das plantas e de um documentário, ambos desenvolvidos de acordo com os desejos dos moradores, fortalecendo os conhecimento e os modos de conhecer dos quilombolas.

A vivência em campo e a etnografia realizada permitiram estabelecer elos entre o uso das espécies medicinais e as concepções quilombolas – por meio da identificação de sistemas classificatórios e da descrição de outros elementos que compõem os conhecimentos dos moradores –, assim como a ordenação e a estruturação desses saberes.

Acima de tudo, o estudo demonstrou que as contribuições dos conhecimentos tradicionais para a ciência acadêmica vão muito além da utilidade das plantas, uma vez que a forma como são compostos esses conhecimentos já são uma ciência por si só, pois exprimem outras formas de ver e se relacionar com o mundo. Contudo, se o objetivo for a busca por compostos bioativos, diversos outros elementos aqui elencados devem ser levados em consideração na condução dos estudos farmacológicos e fitoquímicos.

Por último, diversas hipóteses foram levantadas ao longo do texto, porém, devido às limitações do estudo e ao recorte estabelecido, não foram mais aprofundadas. Assim, novos estudos devem ser realizados a fim de analisar tais hipóteses e avaliar a transferibilidade das suposições aqui trazidas.

Referências bibliográficas

- ALBUQUERQUE, U.P. The use of medicinal plants by the cultural descendants of African people in Brazil. *Acta Farmacéutica Bonaerense*, v. 20, n. 2, p. 139-144, 2001.
- ALEXIADES, M.N.; SHELDON, J.W. *Selected Guidelines for Ethnobotanical Research: A field manual*. New York: The New York Botanical Garden, 1996, 306p.
- ANDERSON, E.N. Why is humoral medicine so popular?. *Social Science & Medicine*, v. 25, n. 4, p. 331-337, 1987
- APYKÁ, L.E., PACHECO, D. *Ywyrá Rogwé/ Ywyrá Rapó: Djaropyy Djiwy Nhanémoã Nhanderekó*. São Paulo: Comissão Pró-Índio, 2014.
- ASHBY, J. Uniting science and participation in the process of innovation. In: POUND, B. et al. *Managing natural resources for sustainable livelihoods: uniting science and participation*. London, Ottawa: Earthscan, International Development Research Centre (IDRC), p. 1-15, 2003.
- ATHAYDE, S.F. et al. Participatory research and management of *Arumã (ischnosiphon gracilis [rudge] köern., marantaceae)* by the kaiabi people in the brazilian Amazon. *Journal of Ethnobiology*. v. 26, n. 1., p. 36-59, 2006.
- AZEVEDO, V.M. *Recursos vegetais utilizados pelos quilombolas de Machadinha, Quissamã, RJ*. 2008. 119 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Biológicas) - Universidade Federal do Rio De Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, 2008.
- BALANDRIN, M.F.; KINGHORN, A.D.; FARNSWORTH, N.R. Plant-derived natural products in drug discovery and development. In: KINGHORN, A.D. et al. *Human medicinal agents from plants*. v. 534. Washington, DC: American Chemical Society. p. 2-12, 1993.
- BALICK, M.J.; COX, P.A. *Plants, people, and culture: The Science of Ethnobotany*. New York: Scientific American Library, 1996. 227 p.
- BARBOZA DA SILVA, N.C. et al. *Uso de plantas medicinais na comunidade quilombola da Barra II-Bahia, Brasil*. *Boletín Latinoamericano y del Caribe de Plantas Medicinales y Aromáticas*. v.11, n. 5, p. 435-453, 2012.
- BARROSO, R.M.; REIS, A.; HANAZAKI, N. *Etnoecologia e etnobotânica da palmeira juçara (Euterpe edulis Martius) em comunidades quilombolas do Vale do Ribeira, São Paulo*. *Acta botanica brasílica*. v. 24, n. 2, p. 518-528, 2010.
- BERLIN, B.; BREEDLOVE, D.E.; RAVEN, P.H. Folk taxonomies and biological classification. *Science*, v. 154, n. 3746, p. 273-275, 1966.
- BENTO, A.C.A. *O Quilombo da Fazenda: atravessamentos do dispositivo de inclusão*. 2014. 202 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP, 2014.
- BERNARD, H.R. *Research methods in cultural anthropology*. California: Sage Publications, 1988. 520 p.
- BERNHOF, A. A brief review on bioactive compounds in plants. *Bioactive compounds in plants-benefits and risks for man and animals*, v. 50, p. 11-17, 2010.
- BEUTLER, J. A. *Natural Products as a Foundation for Drug Discovery, Current protocols in pharmacology*. p. 9-11, 2009.
- BOULOGNE, I. et al. *TRAMIL ethnopharmacological survey in Les Saintes (Guadeloupe, French West Indies): a comparative study*. *Journal of ethnopharmacology*, v. 133, n. 3, p. 1039-1050, 2011.
- BRASIL. Lei nº 13.123, de 20 de maio de 2015. Dispõe sobre o acesso ao patrimônio genético, sobre a proteção e o acesso ao conhecimento tradicional associado e sobre a repartição de benefícios para conservação e uso

Sustentável da biodiversidade. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13123.htm> Acesso em: 10 de março de 2017.

_____. Lei no 9.985, de 18 de julho de 2000. Institui o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza e dá outras providências. Disponível em: <<http://www.mma.gov.br/port/conama/legiabre.cfm?codlegi=322>> Acesso em: 19 de junho de 2018.

BRASÍLIA. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Vocabulário Controlado de Formas Farmacêuticas, Vias de Administração e Embalagens de Medicamentos, 1ª. ed. Brasília: Anvisa, 2011. 56p

BRITO JÚNIOR, L.C. de; ESTÁCIO, A.G. Tabus alimentares em medicina: uma hipótese para fisiopatologia referente aos alimentos remosos. Revista da Associação Médica Brasileira, v. 59, n. 3, p. 213-216, 2013.

CABRAL DE OLIVEIRA, J. Entre plantas e palavras. Modos de constituição de saberes entre os Wajãpi (AP). 2012. 282f. Tese (Doutorado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

CALVET-MIR, L.; REYES-GARCÍA, V.; TANNER, S. Is there a divide between local medicinal knowledge and Western medicine? a case study among native Amazonians in Bolivia. Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine. v. 4, n. 1, p. 18, 2008

CAMARGO, M.T.L.A. Plantas medicinais e de rituais afro-brasileiros I. São Paulo: Almed, 1988. 98 p.

CAMMACK, R. et al. Oxford Dictionary of Biochemistry and Molecular Biology. 2.ed. Oxford University Press, 2006. 736p.

_____. Plantas medicinais e de rituais afro-brasileiros II. São Paulo: Ícone, 1998. 232 p.

CARNEIRO DA CUNHA, M. "'Cultura' e cultura: conhecimentos tradicionais e direitos intelectuais" In: _____. Cultura com aspas. São Paulo: Cosacnaify: São Paulo, 2009. p.311-374.

_____. Relações e dissensões entre saberes tradicionais e saber científico. Revista USP, n. 75, p. 76-84, 2007.

CASAGRANDE, D.G. Ecology, cognition, and cultural transmission of Tzeltal Maya medicinal plant knowledge. 2002. 307 f. Tese (Doutorado em filosofia) - University of Georgia, Athens, Georgia. 2002.

CASTRO, L.M.O. Ecoturismo e Inserção Comunitária em Unidades de Conservação: Uma análise comparativa entre as comunidades tradicionais do Núcleo Picinguaba do Parque Estadual Serra do Mar (PESM) – Ubatuba, SP. 2015. 137 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade do Estado Do Rio De Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, 2015.

CEBALLOS, N.Z. et al. Espacios ecológico-culturales en un territorio mapuche de la región de la Araucanía en Chile. Chungará (Arica). v. 44, n. 2, p. 313-323, 2012.

COELHO-FERREIRA, M. Medicinal knowledge and plant utilization in an Amazonian coastal community of Marudá, Pará State (Brazil). Journal of Ethnopharmacology, v. 126, n. 1, p. 159-175, 2009.

COLLIER, C.A. et al. Integrated approach to the understanding of the degradation of an urban river: local perceptions, environmental parameters and geoprocessing. Journal of ethnobiology and ethnomedicine, v. 11, n. 1, p. 69, 2015.

COMTE, A. Os pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1978, 637p.

CONSERVAÇÃO INTERNACIONAL, 2009. Disponível em: <<http://www.conservation.org.br/como/index.php?id=11>> Acesso em: 15 de junho de 2017.

CRAGG, G. M.; NEWMAN, D. J. Natural Products: a continuing source of novel drug leads. Biochimica et Biophysica Acta (BBA)-General Subjects. v. 1830, n. 6, p. 3670-3695, 2013.

CREPALDI, M.O.S. Etnobotânica na Comunidade Quilombola Cachoeira do Retiro, Santa Leopoldina, Espírito Santo, Brasil. 2007. 65 f. Dissertação (Mestrado em Botânica) - Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio De Janeiro, Rio de Janeiro. RJ, 2007.

CUNNINGHAM, A.B. Applied ethnobotany: People, wild plant use and conservation. London: Earthscan. p. 1-8, 2001.

DA SILVA, V.G. Concepções religiosas afro-brasileiras e neopentecostais: uma análise simbólica. Revista USP, n. 67, p. 150-175, 2005.

DE BRITO, M.R.; DE SENNA-VALLE, L. Plantas medicinais utilizadas na comunidade caiçara da Praia do Sono, Paraty, Rio de Janeiro, Brasil. Acta Botanica Brasilica, v. 25, n. 2, p. 363-372, 2011.

DE-LA-CRUZ, H.; VILCAPOMA, G.; ZEVALLOS, P.A. Ethnobotanical study of medicinal plants used by the Andean people of Canta, Lima, Peru. Journal of Ethnopharmacology, v. 111, n. 2, p. 284-294, 2007.

DERAK, M.; CORTINA, J. Multi-criteria participative evaluation of Pinus halepensis plantations in a semiarid area of southeast Spain. Ecological Indicators, v. 43, p. 56-68, 2014.

DESCOLA, P. As duas naturezas de Lévi-Strauss. Sociologia & Antropologia, v. 1, n. 2, p. 35-51, 2011.

_____. Mas allá de la naturaleza y de la cultura. Cultura y Naturaleza. Tradução de Estela Abreu. p. 76-96, 1996.

ETKIN, N.L. Edible medicines: an ethnopharmacology of food. Tucson: The University of Arizona Press, 2006. 304 p.

ETKIN, N.L.; ELISABETSKY, E. Seeking a transdisciplinary and culturally germane science: The future of ethnopharmacology. Journal of ethnopharmacology, v. 100, n. 1, p. 23-26, 2005.

FABRICANT, D.S.; FARNSWORTH, N.R. The value of plants used in traditional medicine for drug discovery. Environmental Health Perspectives. v. 109, n. 1, p. 69-75, 2001.

FARNSWORTH, N.R. et al. Medicinal plants in therapy. Bulletin of the world health organization. v. 63, n. 6, p. 965-881, 1985.

FERRARI, A.T. Metodologia da ciência. Rio de Janeiro: Kennedy, 1974. 242 p.

FIOCRUZ. Protocolo de Nagoya. Disponível em: <<https://portal.fiocruz.br/pt-br/content/protocolo-de-nagoya>> Acesso em: 05 de junho de 2017.

FONSECA-KRUEL, V.S. Etnobotânica nas restingas no Centro de Diversidade Vegetal de Cabo Frio, Rio de Janeiro, Brasil. 2011. 192 f. Tese (Doutorado em BOTÂNICA) - Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio De Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, 2011.

FONSECA-KRUEL, V.S.; PEIXOTO, A.L. Etnobotânica na Reserva Extrativista Marinha de Arraial do Cabo, RJ, Brasil. Acta Botanica Brasilica. v. 18, n. 1, p. 177-190, 2004.

FRANCO, E.A.P.; BARROS, R.F.M. Uso e diversidade de plantas medicinais no Quilombo Olho D'água dos Pires, Esperantina, Piauí. Revista Brasileira de Plantas Medicinais. v. 8, n. 3, p. 78-88, 2006.

FREITAS, A.V.L. et al. Plantas medicinais: um estudo etnobotânico nos quintais do Sítio Cruz, São Miguel, Rio Grande do Norte, Brasil. Revista Brasileira de Biociências. v. 10, n. 1, p. 48-59, 2012.

FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES. Disponível em: <<http://www.palmares.gov.br/>> Acesso em: 15 de novembro de 2015.

FUNDAÇÃO INSTITUTO DE TERRAS DO ESTADO DE SÃO PAULO "JOSÉ GOMES DA SILVA". Assistência a Quilombos. Disponível em: <http://www.itesp.sp.gov.br/br/info/acoes/assistencia_quilombos.aspx> Acesso em: 19 de junho de 2018.

FUNDAÇÃO SOS MATA ATLÂNTICA. Disponível em: <<http://www.sosma.org.br/nossa-causa/a-mata-atlantica/>> Acesso em: 10 de março de 2017.

GAKUUBI, M.M.; WANZALA, W. A survey of plants and plant products traditionally used in livestock health management in Buuri district, Meru County, Kenya. *Journal of ethnobiology and ethnomedicine*. v. 8, n. 1, p. 39, 2012.

GAZZANEI, L.R.S.; LUCENA, R.F.P. de; ALBUQUERQUE, U.P. Knowledge and use of medicinal plants by local specialists in an region of Atlantic Forest in the state of Pernambuco (Northeastern Brazil). *Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine*, v. 1, n. 1, p. 9, 2005.

GILMORE, M.P.; YOUNG, J.C. The use of participatory mapping in ethnobiological research, biocultural conservation, and community empowerment: a case study from the Peruvian Amazon. *Journal of Ethnobiology*. v. 32, n. 1, p. 6-29, 2012.

GIRALDI, M.; HANAZAKI, N. Uso e conhecimento tradicional de plantas medicinais no Sertão do Ribeirão, Florianópolis, SC, Brasil. *Acta Botanica Brasilica*, v. 24, n. 2, p. 395-406, 2010.

GIOVANNINI, P. et al. Do pharmaceuticals displace local knowledge and use of medicinal plants? Estimates from a cross-sectional study in a rural indigenous community, Mexico. *Social Science & Medicine*. v. 72, n. 6, p. 928-936, 2011.

GOEBEL, A. Process, perception and power: Notes from 'participatory' research in a Zimbabwean resettlement area. *Development and Change*. v. 29, n. 2, p. 277-305, 1998.

GOBBO-NETO, L.; LOPES, N.P. Plantas medicinais: fatores de influência no conteúdo de metabólitos secundários. *Química nova*. v. 30, n. 2, p. 374-381, 2007.

GOLDMAN, M. Os tambores do antropólogo: antropologia pós-social e etnografia. *Ponto Urbe. Revista do núcleo de antropologia urbana da USP*. n. 3, 2008.

GOLLIN, L.X. Subtle and profound sensory attributes of medicinal plants among the Kenyah leppo'ke of east Kalimantan, Borneo. *Journal of Ethnobiology*. v. 24, n. 2, p. 173-201, 2004.

GOMES, T.B.; BANDEIRA, F.P.S.F. Uso e diversidade de plantas medicinais em uma comunidade quilombola no Raso da Catarina, Bahia. *Acta Botanica Brasilica*. v. 26, n. 4, p. 796-809, 2012.

GUAADAOU, A. et al. What is a bioactive compound? A combined definition for a preliminary consensus. *International Journal of Nutrition and Food Sciences*. v. 3, n. 3, p. 174-179, 2014.

GYLLENHAAL, C. et al. Ethnobotanical approach versus random approach in the search for new bioactive compounds: support of a hypothesis. *Pharmaceutical biology*, v. 50, n. 1, p. 30-41, 2012.

HANAZAKI, N.; LEITÃO-FILHO, H.F.; BEGOSSI, A. Uso de recursos na mata Atlântica: o caso da ponta da Almada (Ubatuba, Brasil). *Interciência*. v. 21, n. 6, p. 268-276, 1996.

HANAZAKI, N. et al. Diversity of plant uses in two Caiçara communities from the Atlantic Forest coast, Brazil. *Biodiversity and Conservation*. v. 9, p. 597-615, 2000.

HART, B.L. The evolution of herbal medicine: behavioural perspectives. *Animal Behaviour*, v. 70, n. 5, p. 975-989, 2005.

HONDA, S. Importância da identificação correta das plantas e nomenclatura botânica. In: HARAGUCHI, L.M.M.; DE CARVALHO, O.B. *Plantas Medicinais: do curso de plantas medicinais*. São Paulo: Divisão Técnica Escola Municipal de Jardinagem, 2010. p. 41-50.

INGOLD, T. Da transmissão da representação à educação da atenção. *Educação*. v. 33, n. 1, p. 6-25, 2010.

- JARVIS, K.A.; STEARMAN, A.M. Geomatics and Political Empowerment: The Yuqui. *Cultural Survival Quarterly*. v. 18, n. 4, p. 58–61, 1995.
- JOHNS, T. The chemical ecology of human ingestive behaviors. *Annual Reviews Anthropology*. v. 8, p. 27–50, 1999.
- JOHNSON, N. et al. The practice of participatory research and gender analysis in natural resource management. *Natural Resources Forum*. v. 28, p. 189–200, 2004.
- FERREIRA JÚNIOR, W.S., et al. Biological and Cultural Bases of the Use of Medicinal and Food Plants. In: ALBUQUERQUE, U.P.; MEDEIROS, P. M.; CASAS, A. *Evolutionary Ethnobiology*. Springer International Publishing, 2015. p. 175-184.
- KALIBO, H. W.; MEDLEY, K.E. Participatory resource mapping for adaptive collaborative management at Mt. Kasigau, Kenya. *Landscape and Urban Planning*. v. 82, p. 145-158, 2007.
- KINGSTON, D.G.I. Modern Natural Products Drug Discovery and its Relevance to Biodiversity Conservation. *Journal of natural products*. v. 74, n. 3, p. 496–511, 2011
- LANNA, M. Sobre Marshall Sahlins e as "cosmologias do capitalismo". *Mana*, v. 7, n. 1, p. 117-131, 2001.
- LAPLATINE, F. *Antropologia da doença*. São Paulo: Martins Fontes, 1991. 274 p.
- LATOURE, B; WOOLGAR, S. Visita de um antropólogo ao laboratório. In: LATOURE, B; WOOLGAR, S. *A vida de laboratório: a produção dos fatos científicos*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1997. p. 35-100.
- LEITÃO, et al. Medicinal plants traded in the open-air markets in the State of Rio de Janeiro, Brazil: an overview on their botanical diversity and toxicological potential. *Revista Brasileira de Farmacognosia*. v. 24, n. 2, p. 225-247, 2014.
- LEONTI, M.; STICHER, O.; HEINRICH, M. Medicinal plants of the Popoluca, México: organoleptic properties as indigenous selection criteria. *Journal of ethnopharmacology*. v. 81, n. 3, p. 307-315, 2002.
- LÉVI-STRAUSS, C. A ciência do concreto. In: LÉVI-STRAUSS, C. *O Pensamento Selvagem*. Campinas: Papirus, 1989. p. 15-50.
- _____. A Eficácia Simbólica. In: LÉVI-STRAUSS, C. *Antropologia Estrutural*. 4. ed. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 1991. p. 215-236.
- LINS, J. et al. Construindo uma proposta metodológica de pesquisa participativa a partir do diálogo entre Educação do Campo e Etnobiologia. *Revista Dialogos*, v. 12, p. 47-56, 2011.
- MACÊDO, G.S.S.R. Espécies hortícolas alimentares da população caiçara do sertão de Ubatumirim, litoral norte de São Paulo: manejo e paisagem. 2014. 193 f. Dissertação (Mestrado em Agronomia) - Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Botucatu, SP. Faculdade de Ciências Agrônômicas, Botucatu, 2014.
- MACHT, D.I. Concerning the influence of polarized light on the growth of seedlings. *The Journal of General Physiology*. v. 10, n. 1, p. 41-52, 1926.
- MADEIRA, V.G. Abordagem etnobotânica de plantas alimentícias utilizadas pela comunidade quilombola de Curiaú de Dentro, Macapá-AP, Brasil. 2005. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Ciências Biológicas) - Universidade Federal do Amapá, Macapá, AP, 2005.
- MALINOWSKI, B. O objeto, método e alcance dessa pesquisa. In: GUIMARÃES, A.Z. *Desvendando as máscaras sociais*. 3. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, p. 39-61, 1990.
- MARSHALL, C.; ROSSMAN, G.B. *Designing qualitative research*. 6. ed. Beverly Hills: Sage publications, 2014. 352p.
- MARTIN, G.J. *Ethnobotany: a methods manual*. Reino Unido: Routledge, 2004. 296 p.

MARQUES, C.T.S. et al. Influência lunar nas práticas agrícolas da Aldeia Indígena Tupinambá de Serra do Padeiro, Buerarema-BA. *Revista Brasileira de Agroecologia*. v. 2, n. 2, 2007.

MEDLEY, K.E.; KALIBO, H.W. An ecological framework for participatory ethnobotanical research at Mt. Kasigau, Kenya. *Field Methods*. v. 17, n. 3, p. 302-314. 2005.

MICHEL, J. et al. Q'eqchi ethnobotany and ethnopharmacology: results of an investigation on women's health and implications for youth engagement towards the conservation of traditional medicine. In: GHAEMGHAMI, J. et al. *International Symposium on Medicinal and Aromatic Plants IMAPS2010 and History of Mayan Ethnopharmacology IMAPS2011* 964, 2011. p. 235-250.

MILLER-KEANE, O.M.; O'TOOLE, M. *Miller-Keane encyclopedia and dictionary of medicine, nursing, and allied health*. A Book. 7. ed. Philadelphia: Saunders, 2003. 2344p

MINISTÉRIO DA CULTURA. Ponto de Cultura, 2015. Disponível em: <<http://www.cultura.gov.br/pontos-de-cultural1>> Acesso em: 14 de junho de 2017.

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. A Convenção sobre Diversidade Biológica – CDB. Cópia do Decreto Legislativo no. 2, de 5 de junho de 1992. Brasília - DF MMA 2000. Disponível em: <<file:///C:/Users/TEMP/Downloads/cdbport.pdf>>. Acesso em: 24 de abril de 2018.

_____. Conselho de Gestão do Patrimônio Genético. Disponível em: <<http://www.mma.gov.br/patrimonio-genetico/conselho-de-gestao-do-patrimonio-genetico>> Acesso em: 10 de maio de 2017.

MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL - PROCURADORIA DA REPÚBLICA EM CARAGUATATUBA. Inquérito Civil Público nº 1.34.033.000081/2013-50. Assunto: Regularização fundiária do território da Comunidade Quilombola Fazenda Picinguaba, no Município de Ubatuba/SP, 2013. Disponível em: <http://www.mpf.mp.br/atuacao-tematica/ccr6/dados-da-atuacao/acoes-coordenadas/audiencia-publica-mpf-em-defesa-das-terras-quilombolas/docs_terras_quilombolas/recomendacao-3-picinguaba-recomendacao-incra-itesp-fcp-seppir> Acesso em: 19 de junho de 2018.

MOERMAN, D.E. Agreement and meaning: Rethinking consensus analysis. *Journal of Ethnopharmacology*. v. 112, p. 451-460, 2007.

_____. An analysis of the food plants and drug plants of native North America. *Journal of Ethnopharmacology*. v. 52, p. 1-22, 1996

_____. The meaning response and the ethics of avoiding placebos. *Evaluation & the Health Professions*. v. 25, n. 4, p. 399-409, 2002.

MOERMAN, D.E.; JONAS, W.B. Deconstructing the placebo effect and finding the meaning response. *Annals of Internal Medicine*. v. 136, n. 6, p. 471-476, 2002.

MOL, A. Política ontológica: algumas ideias e várias perguntas. In: NUNES, J.A., ROQUE, R. (Org.). *Objectos impuros: experiências em estudos sociais da ciência*. Porto: Afrontamento, 2007. p. 63-75.

MONTEIRO, J.M. et al. Use patterns and knowledge of medicinal species among two rural communities in Brazil's semi-arid northeastern region. *Journal of Ethnopharmacology*, v. 105, n. 1, p. 173-186, 2006.

MONTELES, R.; PINHEIRO, C.U.B. Plantas medicinais em um quilombo maranhense: uma perspectiva etnobotânica. *Revista de Biologia e Ciências da Terra*. v. 7, n. 2, p. 38-48, 2007.

MORI, S.A. et al. *Manual de manejo do herbário fanerogâmico*. Ilhéus: Centro de Pesquisas do Cacau. 1985.

MOSSE, D. People's knowledge, participation and patronage: operations and representations in rural development. In: COOKE, B. et al. *The New Tyranny?* New York: Zed Books, p. 16-35, 2001.

NASCIMENTO, A.R.T. Riqueza e etnobotânica de palmeiras no território indígena Krahô, Tocantins, Brasil. *Floresta*. v. 40, n. 1, p. 209-220, 2010.

PARQUE ESTADUAL SERRA DO MAR. Disponível em: <<http://www.parqueestadualserradomar.sp.gov.br/pesm/nucleos/picinguaba/sobre/>> Acesso em: 15 de maio de 2017a.

_____. Disponível em: <<http://www.parqueestadualserradomar.sp.gov.br/pesm/sobre/>> Acesso em: 15 de maio de 2017b.

PASA, M.C. et al. A etnobotânica na comunidade quilombola em Nossa Senhora do Livramento. Mato Grosso, Brasil. *Biodiversidade*. v. 14, n. 2, p. 2, 2015.

PARAVATI, L.C. Aspectos Comunicativos e Culturais nos Hábitos Culinários Caiçara da Comunidade Quilombola da Fazenda Picinguaba, Ubatuba – SP. 2014. 143 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) - Universidade Metodista e São Paulo, São Bernardo do Campo, SP, 2014.

PEIRANO, M. Etnografia, ou a teoria vivida. *Ponto Urbe. Revista do núcleo de antropologia urbana da USP*, n. 2, 2008.

PEREZ, C.S.B. Entre a serra e o mar: memória, cultura, tradição e ancestralidade no ensinar-aprender entre as gerações do Quilombo da Fazenda - Ubatuba/SP. 2014. 173 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, 2014.

PHILLIPS, O.L. Some Quantitative Methods for Analyzing Ethnobotanical Knowledge. In: ALEXIADES, M.N.; SHELDON, J.W. *Selected Guidelines for Ethnobotanical Research: A field manual*. New York: The New York Botanical Garden, p. 171-197, 1996.

POOLE, P. Land-based Communities, Geomatics, and Biodiversity Conservation. *Cultural survival quarterly*. v. 18, n. 4, p. 74-76, 1995.

PRANCE, G.T. What is ethnobotany today? *Journal of Ethnopharmacology*. v. 32, n. 1-3, p. 209-216, 1991.

QUEIROZ, J.F. Projetos ambientalistas em Ubatuba: Circulação de capitais sociais entre estado, ONGs e populações tradicionais. 2015. 140 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, SP, 2015.

QUILOMBO DA FAZENDA. Disponível em: <<https://quilombodafazenda.org.br/>> Acesso em: 16 de maio de 2017.

RASKIN, I. et al. Plants and human health in the twenty-first century. *Trends Biotechnology*. v. 20, p. 522-531, 2002.

REIS, E.; ESTEVAN, L. *O Artesanato Tradicional: tecendo saberes*. Ubatuba: Instituto Capiá, 2016. 142 p.

REIS, J.J. Quilombos e revoltas escravas no Brasil. *Revista USP*, n. 28, p. 14-39, 1996.

REYES-GARCÍA, V. The relevance of traditional knowledge systems for ethnopharmacological research: theoretical and methodological contributions. *Journal of ethnobiology and ethnomedicine*, v. 6, n. 1, p. 32, 2010.

ROCA-PÉREZ, L. et al. Seasonal cardenolide production and Dop5βr gene expression in natural populations of *Digitalis obscura*. *Phytochemistry*. v. 65, n. 13, p. 1869-1878, 2004.

ROCHA, J.A. Quilombo São José da Serra: o etnoconhecimento na perspectiva socioambiental. 2014. 353f. Tese (Doutorado em Meio Ambiente) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, 2014.

RODRIGUES, L. *Relato sobre a Influência da Lua na Agricultura*. Vitória, 1998. 20p.

RUEDA, C.Y.R.M.S.D. Estudio del ciclo circadiano de la carvona em Las hojas de Lippia Alba (Verbeneceae). 2006. 184p. Trabalho de conclusão de curso. - Universidad Industrial de Santander, Bucaramanga, Espanha. 2007.

SALGADO, C.L.; GUIDO, L.D.F.E. O Conhecimento Popular sobre Plantas: um Estudo Etnobotânico em Quintais do distrito de Martinésia, Uberlândia – MG. 2006. Disponível em: <<http://anppas.org.br/encontro4/cd/ARQUIVOS/GT3-806-504-20080510195009.pdf>. > Acesso em: 26 de junho de 2017.

SAMPAIO, R.L.M. Aspectos ambientais e sociais de uso do solo em área de Mata Atlântica. 2013. 83 f. Tese (Doutorado em Ciências Ambientais e Florestais) - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, RJ, 2013.

SANZ-BISET, J. et al. A first survey on the medicinal plants of the Chazuta valley (Peruvian Amazon). Journal of Ethnopharmacology, v. 122, n. 2, p. 333-362, 2009.

SANTANA, B.F. de. Diáspora etnobotânica: conhecimentos e usos de plantas medicinais pelos quilombolas em uma região litorânea da Bahia. 2015. 106 f. Dissertação (Mestrado em Botânica) Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, BA, 2015.

SÃO PAULO. Plano de Manejo do Parque Estadual Serra do Mar. Instituto Florestal e Secretaria do Meio Ambiente. 2006. Disponível em: <<http://www.mma.gov.br/areas-protegidas/unidades-de-conservacao/plano-de-manejo>> Acesso em: 15 de junho de 2017.

_____. Relatório pede reconhecimento de área quilombola em Ubatuba, 2007. Disponível em: <<http://www.saopaulo.sp.gov.br/spnoticias/ultimas-noticias/relatorio-pede-reconhecimento-de-area-quilombola-em-ubatuba/>> Acesso em: 15 de agosto de 2017.

SCHULTES, R.E. The Role of Ethnobotanist in the Search for New Medicinal Plants. Lloydia. v. 25, p. 257-266, 1962.

SETTI, K. Ubatuba nos cantos das praias: estudo do caçara paulista e de sua produção musical. São Paulo: Ática, 1985.

SHELDON, J.W.; BALICK, M.J.; LAIRD, S.A. Medicinal plants: can utilization and conservation coexist? Bronx, New York: New York Botanical Garden, 1997. 104 p.

SIEBER, S.S. Diagnóstico etnobotânico participativo sobre o uso de plantas medicinais e representações da paisagem em uma área do semi-árido de Pernambuco (Nordeste do Brasil). 2009. 107 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Florestais) - Universidade Federal Rural de Pernambuco, PE, 2009.

SILLITOE, P.; ALSHAWI, A.A.; HASSAN, A.K.A. Challenges to conservation: land use change and local participation in the Al Reem Biosphere Reserve, West Qatar. Journal of ethnobiology and ethnomedicine. v. 6, n. 1, p. 28, 2010.

SILVA, C.S.P. de As plantas medicinais no município de Ouro Verde de Goiás, GO, Brasil: uma abordagem etnobotânica. Dissertação (Mestrado em Botânica) - Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

SILVA, N.C.; REGIS, A.C.; ALMEIDA, M.Z. Estudo Etnobotânico em Comunidades Remanescentes de Quilombo em Rio de Contas–Chapada Diamantina-Bahia. Revista Fitos Eletrônica. v. 7, n. 2, 2013.

SIMÕES, E. Territórios em Disputa: do impasse ao jogo compartilhado entre técnicos e residentes no Parque Estadual Serra do Mar. São Paulo: Annablume/FAPESP, 2015.

_____. O dilema das decisões sobre populações humanas em Parques= jogo compartilhado entre técnicos e residentes no Núcleo Picinguaba. 2010. 405 f. Tese (Doutorado em Ambiente & Sociedade) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2010.

SOUSA, M.P. Estudos antropológicos e etnobotânicos das plantas utilizadas de forma medicinal e mágico-religiosa na comunidade de Quilombo de São-Félix - BA. 2013. 58 f. Trabalho de Conclusão e Curso (Bacharelado em Biologia) - Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Cruz das Almas, BA, 2010

SOUZA, M.R.M. 11196 - Metodologias participativas e o resgate de plantas tradicionais locais. *Cadernos de Agroecologia*. v. 6, n. 2, 2011.

STUDDERT, V.P.; GAY, C.C.; BLOOD, D.C. *Saunders Comprehensive Veterinary Dictionary*. 4.ed. UK: Elsevier Health Sciences, 2011. Disponível em: <<https://www.amazon.com/Saunders-Comprehensive-Veterinary-Dictionary-4e/dp/0702047430>> Acesso em 19 de maio de 2018.

TESSER, C.D.; LUZ, M.T. Racionalidades médicas e integralidade. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 13, p. 195-206, 2008.

TRIBESS, B. et al. Ethnobotanical study of plants used for therapeutic purposes in the Atlantic Forest region, Southern Brazil. *Journal of ethnopharmacology*. v. 164, p. 136-146, 2015.

TURNER, N.J.; HEBDA, R.J. Contemporary use of bark for medicine by two Salishan native elders of southeast Vancouver Island, Canada. *Journal of Ethnopharmacology*. v. 29, n. 1, p. 59-72, 1990.

URIARTE, U.M. O que é fazer etnografia para os antropólogos. *Ponto Urbe. Revista do núcleo de antropologia urbana da USP*. n. 11, 2012.

VALENTIM, R.P.F. de; TRINDADE, Z.A. Memórias Sociais da Gravidez e do Parto entre quilombolas do Sapê do Norte/ES. *Revista Psicologia e Saúde*, v. 3, n. 2, p. 55-61, 2011.

VALLE, I.C. *Comunidades Tradicionais e Áreas Protegidas: Relações de Governança e Etnoconservação*. 2016. 128 f. Tese (Doutorado em Ecologia e Conservação da Biodiversidade) - Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, BA, 2016.

VASCONCELLOS, M.C. Um olhar etnobotânico para os usos dos recursos vegetais dos terreiros de uma comunidade remanescente de quilombos do Vale do Ribeira, SP. 2004. 141 f. Dissertação (Mestrado em Agronomia) - Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho". Faculdade de Ciências Agrônômicas, Botucatu, SP, 2004.

VIGNERON, M. et al. Antimalarial remedies in French Guiana: a knowledge attitudes and practices study. *Journal of Ethnopharmacology*, v. 98, n. 3, p. 351-360, 2005.

VIVEIROS DE CASTRO, E. *Perspectival anthropology and the method of controlled equivocation*. Tipití: Journal of the Society for the Anthropology of Lowland South America, v. 2, n. 1, p. 1, 2004.

VOEKS, R.A. *Sacred leaves of Candomblé: African magic, medicine and religion in Brazil*. Austin: University of Texas, 1997. 265 p.

VOLPATO, G. et al. Uses of medicinal plants by Haitian immigrants and their descendants in the Province of Camagüey, Cuba. *Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine*. v. 5, n. 1, p. 16, 2009.

WELLER, S.C. New Data on Intracultural Variability: The Hot-Cold Concept of Medicine and Illness. *Human Organization* v. 42, n. 3, p. 249-257, 1983.

WRIGHT, F.E. Polarization of light reflected from rough surfaces with special reference to light reflected by the moon. *Proceedings of the National Academy of Sciences*. v. 13, n. 7, p. 535-540, 1927.

ZANK, S.; HANAZAKI, N. The coexistence of traditional medicine and biomedicine: A study with local health experts in two Brazilian regions. *Plos one*, v. 12, n. 4, p. e0174731, 2017.

ZHANG, M.M. et al. Using natural products for drug discovery: the impact of the genomics era. *Expert Opinion on Drug Discovery*. v. 12, n. 5, p. 475-487, 2017.

Anexos

ANEXO A - Cadastro no SISBIO (Para coleta e transporte de material biológico - plantas)



Ministério do Meio Ambiente - MMA
Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade - ICMBio
Sistema de Autorização e Informação em Biodiversidade - SISBIO

Autorização para atividades com finalidade científica

Número: 51199-1	Data da Emissão: 30/09/2015 14:10	Data para Revalidação*: 29/10/2016
* De acordo com o art. 28 da IN 03/2014, esta autorização tem prazo de validade equivalente ao previsto no cronograma de atividades do projeto, mas deverá ser revalidada anualmente mediante a apresentação do relatório de atividades a ser enviado por meio do Sisbio no prazo de até 30 dias a contar da data do aniversário de sua emissão.		

Dados do titular

Nome: Eliana Rodrigues	CPF: 115.061.578-82
Título do Projeto: Etnobotânica Participativa: conservação e desenvolvimento local no Parque Estadual da Serra do Mar ? Núcleo Picinguaba, Ubatuba, SP, Brasil.	
Nome da Instituição : UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO - UNIFESP	CNPJ: 60.453.032/0001-74

Cronograma de atividades

#	Descrição da atividade	Início (mês/ano)	Fim (mês/ano)
1	levantamento etnobotânico nas 2 comunidades Quilombolas do PESM - Picinguaba	11/2015	12/2016
2	diagnóstico do estado de conservação das plantas	06/2016	12/2017
3	devolutiva para a comunidade e planejamento das próximas fases do projeto maior: desenv. local	12/2017	06/2018



SISBIO/ICMBio <sisbio@ibama.gov.br>

08/11/2016 ☆

para mim ▾

Priscila Baptistella Yazbek,

Seu nome foi incluído como membro da equipe da seguinte solicitação:

Nº da solicitação: 51199

Tipo da solicitação: Autorização para atividades com finalidade científica

Título da solicitação: Etnobotânica Participativa: conservação e desenvolvimento local no Parque Estadual da Serra do Mar ? Núcleo Picinguaba, Ubatuba, SP, Brasil.

Pesquisador Titular: Eliana Rodrigues

E_mail: 68.eliana@gmail.com

Caso você não tenha sido informado previamente de sua inclusão, solicitamos entrar em contato com o pesquisador titular para esclarecimentos. Caso persistam dúvidas, favor entrar em contato conosco por meio do email atendimento.sisbio@icmbio.gov.br

Cordialmente,
Equipe do SISBIO

ANEXO B - Autorizações INICIAL da Comissão Técnico-Científica do Instituto Florestal (COTEC) (Para coletar plantas e realizar pesquisa no Parque Estadual Serra do Mar)



SECRETARIA DO MEIO AMBIENTE

INSTITUTO FLORESTAL

Rua do Horto, 931 – CEP 02377-000 – S. Paulo, SP - Brasil - Fone: (0xx11) 2231-8555
www.iflorestal.sp.gov.br

*PROCESSO SMA Nº.
INTERESSADO
ASSUNTO*

: 260108 – 009.510/2015
: Eliana Rodrigues
: Etnobotânica Participativa: conservação e desenvolvimento local no Parque Estadual da Serra do Mar – Núcleo Picinguaba, Ubatuba, SP, Brasil

EQUIPE

: Eliana Rodrigues, Fernando C. S. Machado, Glyn Mara Figueira, Larissa de Souza Pereira, Sidney Raimundo, Bruno Esteves Conde, Ricardo José Francischetti Garcia e Sônia Aragaki

VIGÊNCIA

: Novembro de 2015 a novembro de 2017

Carta COTEC nº 17/2016 D174/2015 TN

São Paulo, 13 de janeiro de 2016

Senhora

Eliana Rodrigues

Rua Barra do Campo, 86

São Paulo-SP

CEP: 03.129-020

Tel.: (11) 9-7238-3880

E-mail: 68.eliana@gmail.com

ANEXO C - Autorizações FINAL (incluindo os novos membros da equipe) da Comissão Técnico-Científica do Instituto Florestal (COTEC)



*PROCESSO SMA Nº.
INTERESSADO
ASSUNTO*

EQUIPE

VIGÊNCIA

SECRETARIA DO MEIO AMBIENTE

INSTITUTO FLORESTAL

Rua do Horto, 931 – CEP 02377-000 – S. Paulo, SP - Brasil - Fone: (0xx11) 2231-8555
www.iflorestal.sp.gov.br

: 260108 – 009.510/2015

: Eliana Rodrigues

: Encaminha o Projeto de Pesquisa: "Etnobotânica Participativa: conservação e desenvolvimento local no Parque Estadual da Serra do Mar – Núcleo Picinguaba, Ubatuba, SP, Brasil"

: Eliana Rodrigues, Fernando C. S. Machado, Glyn Mara Figueira, Larissa de Souza Pereira, Sidnei Raimundo, Bruno Esteves Conde, Ricardo José Francischetti Garcia, Sônia Aragaki, Priscila Yazbek, Tamara Sauini, Fernanda Frago, Stephanie Hoehne, Lucas Antal Cruz e Felipe Passero

: Novembro de 2015 a novembro de 2017

Carta COTEC nº 272/2017 D174/2015 PH

São Paulo, 10 de Março de 2017.

Senhora
Eliana Rodrigues
Rua Barra do Campo, 86
São Paulo-SP
CEP: 03.129-020
Tel.: (11) 9-7238-3880
E-mail: 68.eliana@gmail.com

**ANEXO D - Autorização do Comitê de Ética em Pesquisa da UNIFESP/EPM
(CEP/EPM) (Para a realização desta pesquisa na UNIFESP)**

The screenshot displays the 'Plataforma Brasil' web interface. At the top, there is a header with the 'Saúde' logo and 'Ministério da Saúde' text. Below this, a navigation bar includes the 'Plataforma Brasil' logo, a 'principal' button, and a 'sair' button. A secondary navigation bar features three tabs: 'Público', 'Pesquisador' (which is active), and 'Alterar Meus Dados'. On the right side of this bar, the user's name 'Priscila Baptista Yazbek - Pesquisador | V3.0' and a session expiration notice 'Sua sessão expira em: 30min 36' are visible. The main content area is titled 'DETALHAR PROJETO DE PESQUISA'. It contains a section 'DADOS DA VERSÃO DO PROJETO DE PESQUISA' with the following information: 'Título da Pesquisa: Levantamento Etnobotânico Participativo entre os moradores do Quilombo da Fazenda, Núcleo Picinguaba, Ubatuba, SP, Brasil.', 'Pesquisador Responsável: Priscila Baptista Yazbek', 'Área Temática:', 'Versão: 1', 'CAAE: 57305016.2.0000.5505', 'Submetido em: 24/06/2016', 'Instituição Proponente: UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO', 'Situação da Versão do Projeto: Aprovado', 'Localização atual da Versão do Projeto: Pesquisador Responsável', and 'Patrocinador Principal: Financiamento Próprio'. To the right of this text is a circular stamp that reads 'COORDENADOR' and 'PLATAFORMA BRASIL'. Below the text, there is a 'Comprovante de Receção' icon and the file name 'PB_COMPROVANTE_RECEPCAO_732853'. A second section, 'DOCUMENTOS DO PROJETO DE PESQUISA', is partially visible at the bottom.

ANEXO E – Cadastro no SisGen (para acesso ao conhecimento tradicional associado aos recursos genéticos)



Ministério do Meio Ambiente CONSELHO DE GESTÃO DO PATRIMÔNIO GENÉTICO

SISTEMA NACIONAL DE GESTÃO DO PATRIMÔNIO GENÉTICO E DO CONHECIMENTO TRADICIONAL ASSOCIADO

Comprovante de Cadastro de Acesso

Cadastro nº A648D14

A atividade de acesso ao Conhecimento Tradicional Associado, nos termos abaixo resumida, foi cadastrada no SisGen, em atendimento ao previsto na Lei nº 13.123/2015 e seus regulamentos.

Número do cadastro:	A648D14
Usuário:	Eliana Rodrigues
CPF/CNPJ:	115.061.578-82
Objeto do Acesso:	Conhecimento Tradicional Associado
Finalidade do Acesso:	Pesquisa

E espécie

ainda em processo de identificação taxonômica

Fonte do CTA

CTA de origem identificável diretamente com provedor

Provedor

José Pedro Braga
Vinturante Manoel de Assunção
Cirillio da Conceição Braga
Onófria de Oliveira
Luciana Vieira
Aparecida de Oliveira Braga
Maria Aparecida Vieira
Maria Aparecida de Serqueira Braga
Maria Alice dos santos
Alcides Alves Jorge
Crenilda Pereira da Cruz
Maria Angélica Silva Gomes
Domingos Lucio de Abreu
Moisés Firmino Soares
Euclides Lúcio Júnior
Osiel Soares
Maximiano Firmino Soares
Isac Soares
Eliete Soares
Silvestre Braga

Ginacil dos Santos

Luciano Vieira

José Firmino

Título da Atividade:

Etnobotânica Participativa: conservação e desenvolvimento local no Parque Estadual da Serra do Mar – Núcleo Picinguaba, Ubatuba, SP, Brasil.

Equipe

Eliana Rodrigues	Universidade Federal de São Paulo
Ricardo Garcia	Herbário Municipal (PMSP) – Secretaria Municipal do Ver
Sumiko Honda	Herbário Municipal (PMSP) – Secretaria Municipal do Ver
Sonia Aragaki	Instituto de Botânica (IBt)
Glyn Mara Figueira	UNICAMP - CPQBA
Fernando Cassas Salles Machado	UNIFESP
Bruno Conde	UNIFESP
Viviane Kruel	Jardim Botânico do Rio de Janeiro
Fernanda Fragoso	UNIFESP
Thamara Sauini	UNIFESP
Priscila Matta	USP
Priscila Baptistella Yazbek	UNIFESP

ANEXO F – Ficha de dados pessoais dos entrevistados

Código: _____

Nome: _____

Sexo: () F () M Idade: _____ Escolaridade: _____

Com quem aprendeu sobre o uso das plantas/animais: _____

Ocupação: _____

Data: _____ Obs: _____

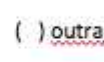
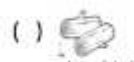
ANEXO G – Ficha de dados etnobotânicos

Data: _____

Código (o mesmo número da coleta da planta): _____

Nome popular da planta: _____

Parte(s) utilizada(s):



Uso:

☐ comida/tempero☐ remédio☐ artesanato☐ construção de casas☐ construção de barcos ☐ canoas ☐ remos☐ perfumes☐ tintura/corante☐ combustível (lenha/óleo)☐ cosmético (shampoo, creme, hidratante)☐ ornamental (enfeita a casa)☐ outro qual? _____

Tem algum preparo antes do uso? _____

Como coleta a parte a ser utilizada: _____

Tem fase da lua certa para coletar esta planta? ☐ sim ☐ não. Se sim: ☐ cheia ☐ nova ☐ minguante ☐ crescente
Por que? _____Tem época do mês certa para coletar esta planta? ☐ sim ☐ não. Se sim, qual e por que? _____Tem época do ano certa para coletar esta planta? ☐ sim ☐ não. Se sim, qual e por que? _____Homens ou mulheres podem coletar esta planta? ☐ sim ☐ não. Se não, por que? _____Tem dificuldade em encontrar esta planta para coleta? ☐ sim ☐ não. Se sim, gostaria de ter ela perto da sua casa? ☐ sim ☐ não

Obs: _____

ANEXO H – Ficha de dados botânicos - Quilombo da Fazenda

Código da planta: _____

Data da coleta: _____

Nome do Coletor(a): _____

Local de coleta: _____

Ambiente: roça () mata () quintal () brejo/beira de rio ()

mangue () restinga () trilha/beira de estrada/caminhos ()

Nome(s) popular(es) planta: _____

Ocorrência: espontânea () cultivada () rara () frequente ()

Observações sobre propagação: sementes () estacas ()

Aroma (parte) _____

Sabor (parte) _____

Substância exsudada (parte): _____ (cor): _____

(aroma): _____ (consistência): _____

Hábito: árvore () arbusto () Herbácea () Epífita () Aquática () trepadeira () outra (). Se árvore, qual a altura? _____

Flor: mês(es) _____ cor _____

Fruto: mês(es) _____ cor _____

Foto(s) sim () não ()

Obs: _____

Nome científico: _____**Família:** _____**Origem:** () exótica () nativa**Nº de registro no herbário:** _____**Lat/Long:** _____

ANEXO I – Ficha de dados sobre as plantas medicinais - Quilombo da Fazenda

Data da entrevista: _____

Código: _____

Nome da planta utilizada: _____

Indicação terapêutica: _____

Parte(s) utilizada(s): _____

Quantidade: _____

Modo de preparo: _____

Via de administração: _____

Dose: _____

Duração de uso: _____

Contra-indicações: _____

Efeito adversos: _____

Existe algum alimento que você não pode comer quando consome essa planta?

ANEXO J – Termo de autorização do uso de imagem

Eu, _____,

portador(a) de cédula de identidade n.º _____

e CPF n.º _____

AUTORIZO a gravar em vídeo ou fotografia e veicular minha imagem e depoimentos em qualquer meio de comunicação para fins didáticos, de pesquisa e divulgação de conhecimento científico sem quaisquer ônus e restrições.

Fica ainda **autorizada**, de livre espontânea vontade, para os mesmos fins, a cessão de direitos da veiculação, não recebendo para tanto qualquer tipo de remuneração.

_____, ____ de _____ de 2016
